

D.M.  
PIRE/A.1

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA**

**A PERCEPÇÃO QUE A MÃE TEM DO TEMPERAMENTO DO BEBÉ:**

**DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO E A SUA RELAÇÃO COM A IRRITABILIDADE  
DA MÃE**

**Tese de Mestrado em Psicologia da Educação**

**Apresentada por António Augusto Pazo Pires**

**Sob a direcção do Prof. Doutor Frederico Pereira**

**Fevereiro de 1994**

Reg. 8383  
Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
**BIBLIOTECA**

C.

## RESUMO

A revisão de literatura que forma a primeira parte deste trabalho inclui dois temas principais. O primeiro é o temperamento infantil. Nesta parte é definido temperamento infantil e temperamento difícil; são revistas as principais teorias e instrumentos para o medir; discutida a sua origem e estabilidade temporal; e revista a relação entre temperamento e comportamento da mãe. Por fim é discutido o significado do temperamento infantil enquanto avaliação feita através de questionários preenchidos pelos pais e enquadrada esta discussão nas teorias existentes sobre percepção interpessoal. O segundo tema é a irritabilidade. Define-se irritabilidade em geral e são revistas as principais teorias existentes para depois se definir irritabilidade parental e fazer a revisão de literatura sobre este tema. Finalmente é discutida a relação entre percepção de temperamento e irritabilidade maternal.

Após esta revisão crítica da literatura são formuladas as principais questões e predições deste estudo que se prendem com o desenvolvimento da percepção de temperamento nos primeiros seis meses e com a relação entre esta variável e a irritabilidade maternal.

Foi delineado um estudo longitudinal com 60 mães primíparas entre os 21 e 35 anos, contactadas em escolas de preparação para o parto e os seus bebés, metade de cada sexo. Todas as mães foram contactadas 4 vezes nas suas próprias casas. O primeiro contacto foi feito no terceiro trimestre de gravidez e serviu para recolher dados socio-familiares. Os contactos seguintes foram feitos no 1º, 3º e 6º mês após o parto. Nestas ocasiões foram preenchidas uma escala de impaciência/irritabilidade maternal e parte de um questionário de temperamento infantil existente para os 4-7 meses.

O estudo permitiu verificar que é possível contruir um questionário de temperamento para os primeiros meses preenchendo uma lacuna entre os questionários já existentes para o período neonatal e os questionários para os 6 meses. A Análise de Componentes Principais evidencia no nosso estudo um conjunto de 3 dimensões semelhantes às encontradas por outros autores em estudos anteriores. A solução encontrada para os três momentos de avaliação é semelhante e as diferenças revelam alguma modificação da estrutura do temperamento. As duas dimensões principais estão relacionadas com o temperamento difícil sendo numa delas predominante o choro e noutra a previsibilidade dos ritmos biológicos do bebé. A estabilidade temporal destas medidas de temperamento é moderada. A impaciência/irritabilidade da mãe também se encontra associada à percepção de temperamento. As mães mais impacientes acham os filhos mais chorões e imprevisíveis. Estes resultados são interpretados à luz dos temas dominantes na literatura.

## AGRADECIMENTOS

Várias foram as pessoas e instituições que colaboraram neste trabalho ou contribuíram para que se realizasse e sem a ajuda das quais ele não seria possível.

Um agradecimento ao Professor Doutor Frederico Pereira pela orientação do trabalho.

Um agradecimento às mais de 150 mães que contactei ao longo destes últimos 6 anos, em estudos preparatórios, no estudo piloto e na recolha final. Em especial, um agradecimento aquelas que contactei desde o fim da gravidez até aos seis meses de vida do bebé, pela sua paciência, disponibilidade, por terem partilhado comigo algo das suas vidas e dos seus bebés, por me terem proporcionado uma experiência gratificante e de grande aprendizagem.

Percorri um longo caminho até encontrar os locais ideais para contactar os sujeitos da amostra. Neste percurso, foram contactadas muitas pessoas, muitos responsáveis por instituições e serviços que autorizaram o meu trabalho e colaboraram ou permitiram a colaboração de pessoal desses sectores. A todos os que se seguem o meu agradecimento: Responsável pelo serviço de Obstetrícia do Hospital de Santa Maria; Responsável pelo serviço de Obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa; Responsável pelo serviço de Psicologia Clínica da Maternidade Alfredo da Costa; Responsável pelo Serviço Social da Maternidade Alfredo da Costa; Responsáveis pelas escolas de preparação para o parto "Descansauna"; "Físico e Forma"; "Varepique" e "Physical"; Dr. Macedo Dória, Dra. Odete, Enfermeira Marina Montargil. Um agradecimento especial à Dra. Graça Mexia.

Ao longo destes últimos anos vários foram os colaboradores que comigo contactaram as mães e me ajudaram a introduzir dados no computador. A todos os que se seguem o meu agradecimento: Chiara Marantonio; Carlos Carreira; Teresa Condeço; Alda Fonseca; Fátima Navarro; José Pedro; Paula Ferreira e Rita Inácio.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Jesús Palacios, Catedrático de Psicologia Evolutiva da Universidade de Sevilha, pelas sugestões prestadas.

O meu agradecimento aos responsáveis pelo ISPA, instituição onde trabalho por me ter dispensado das aulas para que me dedicasse inteiramente à redacção da tese neste último ano.

Finalmente, um agradecimento especial à minha família pela compreensão e paciência e também pelo carinho que me proporcionaram mesmo quando eu, para escrever mais umas linhas, deixava de estar ao pé deles.

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
 <b>CAPÍTULO I: TEMPERAMENTO INFANTIL</b>	
<b>1</b> Definição do conceito e teorias .....	8
Definição do Conceito .....	8
A teoria de Thomas e Chess .....	9
A teoria de Buss e Plomin .....	11
A teoria de Rotharth e Derryberry .....	12
A teoria de Goldsmith e Campos .....	14
<b>2</b> Medição do Temperamento .....	16
Infant Temperament Questionnaire (ITQ) .....	18
Infant Behavior Questionnaire (IBQ) .....	20
Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) .....	22
<b>3</b> Origem genética do Temperamento .....	25
Herdabilidade .....	25
Métodos da genética comportamental utilizados para estudar o temperamento .....	28
Tipos de variância genética .....	29
Avaliação pelos pais e observação directa do comportamento .....	32
<b>4</b> Estabilidade versus mudança no temperamento .....	34
Estabilidade em diversas dimensões de temperamento .....	37
<b>5</b> Temperamento e interacção mãe-criança .....	42
Modelo homeostático .....	42
Modelo de ajustamento .....	45
Emocionalidade negativa e comportamento da mãe .....	50

## **CAPÍTULO II: PERCEPÇÃO E ATRIBUIÇÃO INTERPESSOAL VS PERCEPÇÃO DO TEMPERAMENTO**

1	Um pouco de história - Heider .....	58
2	A teoria da inferência por correspondência ou analogia - E. Jones .....	60
3	O modelo da covariância - Kelly .....	64
4	O modelo da atribuição em duas etapas - Yaacob Trope .....	66
5	Discussão das várias teorias.....	68
6	O significado do temperamento avaliado pelos pais. Percepção do temperamento vs percepção social .....	73

## **CAPÍTULO III: IRRITABILIDADE/IMPACIÊNCIA**

1	Aspectos históricos .....	85
2	Definições recentes do conceito de irritabilidade e teorias.....	87
	(2.1) Teoria de Spielberger .....	88
	(2.2) Teorias cognitivistas .....	90
	Concepção do rótulo atribucional .....	90
	Teoria de Bernard Weiner.....	91
	Teoria de Reimond Novaco .....	94
	O Modelo de Oatley e Johnson-Laird.....	99
	(2.3) Teoria cognitivo neoassociacionista de Berkowitz.....	101
	(2.4) Perspectiva sociológica de Terry Warner .....	104

## **CAPÍTULO IV: IRRITABILIDADE PARENTAL**

1	O afecto nas relações parentais .....	110
2	O modelo de Theodore Dix .....	112
	(2.1) Processos de activação .....	112
	Efeitos dos interesses e expectativas sobre a emoção .....	112
	Efeitos das avaliações sobre a emoção .....	115
	Os skills comportamentais dos pais.....	117
	As características da criança .....	119
	Os determinantes contextuais .....	120
	(2.2) Processos de participação e organização.....	122
	Efeitos da emoção sobre a percepção e cognição .....	123
	Efeitos da emoção sobre a motivação .....	126
	Efeitos da emoção sobre o comportamento expressivo .....	129
	Efeitos da emoção sobre as tendências comportamentais.....	130
	(2.3) Processos de regulação.....	131

## **CAPÍTULO V: RELAÇÃO ENTRE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE MATERNA E TEMPERAMENTO DA CRIANÇA**

1	O comportamento da criança afecta a emoção da mãe .....	133
2	As emoções da mãe moldam o comportamento da criança.....	135
3	A percepção da mãe afecta a sua emoção.....	136
4	A emoção da mãe afecta a sua percepção.....	142
5	Efeitos de interacção.....	144

## **CAPÍTULO VI: OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO E PREDIÇÕES**

1	Estrutura do temperamento nos primeiros seis meses.....	147
---	---	-----

2	Estabilidade do temperamento nos primeiros seis meses .....	148
3	Relação entre as características demográficas e outras variáveis do bebé e da mãe e a variável temperamento.....	150
4	Relação entre Impaciência/Irritabilidade materna e temperamento da criança.....	152
5	Síntese das questões de investigação e predições .....	153

## **CAPÍTULO VII: MÉTODO**

1	Visão geral sobre a metodologia .....	154
2	Sobre o estudo piloto .....	154
3	Sujeitos.....	156
4	Procedimento .....	156
5	Instrumentos .....	158

## **CAPÍTULO VIII: RESULTADOS**

1	Estatísticas descritivas sobre os dados demográficos.....	162
2	Análise da escala de temperamento: Análise da estrutura factorial.....	166
3	Análise da escala de temperamento: Consistência interna.....	177
4	Análise da escala de temperamento: Estabilidade temporal.....	179
5	Análise da escala de temperamento: Estatísticas descritivas .....	182

6	Análise da escala de irritabilidade: Consistência interna .....	187
7	Análise da escala de irritabilidade: Estabilidade temporal .....	187
8	Análise da escala de irritabilidade: Estatísticas descritivas .....	189
9	Relação entre as variáveis demográficas, gravidez, parto e características do recém-nascido, e a impaciência e percepção de temperamento maternas.....	189
10	Relação entre a percepção de temperamento e a impaciência/irritabilidade maternas ....	190

## **CAPÍTULO IX: CONCLUSÃO**

1	Sobre a estrutura do temperamento .....	192
2	Sobre a estabilidade temporal do temperamento .....	195
3	Relação entre características demográficas, e outras variáveis do bebê e da mãe com o temperamento infantil e irritabilidade maternal .....	196
4	Relação entre temperamento e irritabilidade .....	197

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	201
--------------------------	-----

## **ANEXOS**

<b>Anexo A:</b> Questionário de Temperamento (Infant Characteristics Questionnaire. Bates et al., 1979).....	225
<b>Anexo B:</b> Escala de Impaciência/Irritabilidade (EMKK, Codreanu, 1984; e Engfer, 1984).....	229
<b>Anexo C:</b> Questionário sobre dados sociofamiliares .....	230
<b>Anexo D:</b> Dados Brutos .....	233

## ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

### FIGURAS:

<b>Figura II(1):</b> Modelo de Heider sobre o sucesso ou falhanço .....	59
<b>Figura II(2):</b> Modelo de Heider sobre a Percepção Interpessoal .....	59
<b>Figura II(3):</b> Modelo de Jones sobre a inferência por correspondência.....	62
<b>Figura II(4):</b> Modelo da covariância de Kelly .....	65
<b>Figura II(5):</b> Modelo de atribuições disposicionais de Trope .....	67
<b>Figura III(1):</b> Modelo Atribucional sobre a motivação e emoção de B. Weiner (1986) .....	93
<b>Figura V(1):</b> Modelo de Dix sobre a relação entre emoções negativas e atribuições de intenção e disposições.....	140

### QUADROS:

<b>Quadro nº 1:</b> Estatísticas descritivas de variáveis do bebê, mãe, e demográficas. ....	163
<b>Quadro nº 2:</b> Estatuto Profissional. Distribuição de frequências. ....	164
<b>Quadro nº 3:</b> Habilitações da mãe. Distribuição de frequências. ....	164
<b>Quadro nº 4:</b> Como decorreu a gravidez. Distribuição de frequências. ....	164
<b>Quadro nº 5:</b> Tipo de parto. Distribuição de frequências. ....	165
<b>Quadro nº 6:</b> Habilitações do pai. Distribuição de frequências. ....	165

<b>Quadro nº 7:</b> Resumo da distribuição dos itens pelos diversos factores de acordo com a Análise de Componentes Principais após Rotação Varimax.....	167
<b>Quadro 7a):</b> Matriz dos factores após rotação varimax para os itens da escala de temperamento - 1º mês. ....	168
<b>Quadro 7b):</b> Matriz dos factores após rotação varimax para os itens da escala de temperamento - 3º mês. ....	168
<b>Quadro 7c):</b> Matriz dos factores após rotação varimax para os itens da escala de temperamento - 6º mês. ....	169
<b>Quadro nº 8:</b> Distribuição dos itens da escala de Bates e col. (1979) de acordo com a análise de componentes principais após rotação varimax efectuada neste estudo. Apresentam-se os resultados dos estudos de Bates e col., 1979 e de Kohnstamm (1984) para comparação.....	174
<b>Quadro nº 9:</b> Comparação da consistência interna verificada neste estudo e nos estudos de Bates e de Kohnstamm. ....	178
<b>Quadro nº 10:</b> Comparação da estabilidade temporal verificada neste estudo e nos estudos de Bates e de Kohnstamm. ....	179
<b>Quadro nº 11:</b> Opção da distribuição dos itens de temperamento por 2 factores. ....	181
<b>Quadro nº 12:</b> Estatísticas descritivas das variáveis de temperamento nos três momentos de avaliação.....	183
<b>Quadro nº 13:</b> Estatística descritiva dos itens de temperamento no 1º, 3º e 6º mês. ....	186
<b>Quadro nº 14:</b> Valores de teste-reteste para a variável irritabilidade. ....	187
<b>Quadro nº 15:</b> Estatísticas descritivas da variável de irritabilidade nos três momentos de avaliação. ....	188
<b>Quadro nº 16:</b> Correlação entre a escala Chorão/Difícil e a escala de Irritabilidade.....	190

## INTRODUÇÃO

Todas as crianças são diferentes à nascença. Distinguem-se nos padrões de sono e vigília, no nº total de horas que estão acordadas, no tempo total de choro por nº de horas em que estão acordadas, na atenção que dão ao que as rodeia, na maior ou menor facilidade com que são acalmadas, na intensidade das reacções e adaptação aos estímulos, além da sua aparência física, sexo, peso, etc. Tais características, comportamentos ou particularidades da criança correspondem ao seu temperamento. O **temperamento** consiste em diferenças individuais nas tendências comportamentais que se apresentam precocemente e são relativamente estáveis através das situações e ao longo do tempo.

Thomas e Chess (1977) foram os primeiros autores a definirem temperamento difícil, de acordo com eles uma criança com **temperamento difícil** caracterizar-se-ia por apresentar com frequência afectos negativos (ex:choro), por irregularidade nos padrões de sono, alimentação e eliminação; reacção intensa e adaptação lenta a novos estímulos. Assim algumas crianças seriam mais difíceis de lidar do que outras. É admitido que uma criança com temperamento difícil tem mais probabilidades de contribuir de modo aversivo para a interacção com a sua mãe enquanto que uma criança com temperamento compatível (ou fácil) terá tendência a elicitar uma responsividade maior por parte da mãe.

O instrumento utilizado neste estudo para medir o temperamento, Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de John Bates (et al., 1979) e em particular a subescala "Chorão-Difícil" deste questionário mede o conceito de criança difícil ou criança problemática, que nos primeiros meses de idade corresponde a uma criança que chora muito e que é difícil de acalmar. A subescala "Imprevisível" mede também o conceito de criança difícil

na medida em que é imprevisível quanto a uma ou mais funções fisiológicas. Este questionário é preenchido pela mãe e o seu resultado é produto de três aspectos - as características próprias da criança, a subjectividade da mãe e o erro psicométrico (Bates, 1980). O facto de ser preenchido pela mãe revela-se o seu maior defeito ou principal vantagem conforme o ponto de vista. Consideramos que o comportamento dos sujeitos para com os outros se baseia no modo como eles os vêem ou percebem mais do que no que eles são ou fizeram. Assim o facto deste questionário medir exactamente o que a mãe vê na criança é para nós uma vantagem. Neste estudo vamos pois considerar sempre o resultado do questionário como uma **percepção** da mãe independentemente da diferença que esta percepção apresente em relação às características "reais" da criança. Essa percepção da mãe como foi referido anteriormente é o produto do comportamento que ela observa na criança combinado com aspectos da subjectividade da mãe.

As mães formam rapidamente uma percepção do comportamento da criança. Logo dois ou três dias após o nascimento já nos dizem por exemplo, que o bebé é muito calmo, ou que é muito caladinho, que chora muito, etc. Esta percepção resulta em parte da observação do comportamento da criança, da comparação deste comportamento com o de outros bebés que estão na maternidade ou até com aquilo que esperavam vir a ser o bebé. Após estes primeiros contactos a ideia da mãe tem oportunidade de se manter ou alterar e até expandir em função de alterações do comportamento da criança ou de novos comportamentos no repertório do bebé resultantes do seu desenvolvimento. A maioria dos estudos que encaram os relatos dos pais sobre a criança como uma percepção social têm utilizado mães cujos filhos têm 4 ou mais meses de idade. Os próprios instrumentos sobre o temperamento infantil a preencher pelos pais, com a excepção da adaptação da escala de Brazelton por Tiffany Field (Field et al., 1978), são aplicáveis apenas a partir do 4 ou 6 meses. Daqui resulta um desconhecimento e uma necessidade de saber como se **desenvolve** a percepção dos pais nos 1ºs meses.

As mães também não são todas iguais. Algumas serão mais influenciadas pelo bebê do que outras, em função das suas características de personalidade, crenças sobre como deve reagir para com a criança, expectativas sobre o que esperava vir a encontrar, experiências anteriores de maternidade, condições físicas em que se encontra após o parto, o apoio ou stress a que está sujeita, as atitudes e sentimentos que tem em relação ao papel parental e em relação ao bebê, etc. Uma das características que tem recolhido pouca atenção dos investigadores na primeira infância é a irritabilidade maternal. A **irritabilidade maternal** poderá ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela (Pires, 1992). Esta irritabilidade parental pode ter origem tanto nas características e comportamento da criança como em factores que lhe são totalmente exteriores. Por exemplo, os bebés com temperamento difícil elicitam maior activação do sistema nervoso e perturbação nas pessoas que cuidam deles do que os bebés que não são difíceis (Boukydis e Burgess, 1982). Num estudo de Engfer (1986) observou-se que aos 4 meses o choro frequente estava associado nos pais a sentimentos de frustração e tendência para punir a criança. Por outro lado as crianças que eram descritas como difíceis de acalmar provocavam sentimentos de impaciência e irritabilidade, de frustração e propensão para punir a criança. As mães que tenham a crença de que não podem controlar, ou de que não são capazes de controlar o choro do bebê podem experimentar elevada activação e irritabilidade quando ouvem o bebê chorar. A irritabilidade também pode surgir por características dos pais como expectativas inadequadas ou demasiada concentração em si próprios. Os pais têm valores, objectivos e planos sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções decorram. Se o comportamento da criança ou a interacção não cumpre esses objectivos ou planos, não promove esses valores, os pais tendem a apresentar emoções negativas de desapontamento ou irritação. Em alguns pais estas expectativas, planos e objectivos (interesses) sobre o comportamento da criança são demasiado altos ou irrealistas e as

crianças não os podem promover ou cumprir. Outros pais estão mais centrados nos seus interesses do que nos da criança, esperam que os seus interesses sejam realizados e aborrecem-se com o facto de a criança prejudicar, dificultar ou interferir na promoção desses interesses. Seja qual for a razão, a irritabilidade da mãe poderá influenciar a percepção do temperamento que a mãe tem da criança. Admite-se que as emoções negativas (como a irritabilidade) aumentam as expectativas negativas, assim como as percepções e avaliações negativas e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança (Bugental et al., 1989; Dix e Lochman, 1990; Dix e Reinhold, 1991; Dix et al., 1986; 1989).

Os estudos realizados até agora sobre a relação entre as características da mãe, nomeadamente a irritabilidade, e a percepção que ela tem do bebé são escassos. Torna-se por este motivo pertinente estudar esta relação e em particular nas idades mais precoces.

Se os resultados existentes parecem confirmar, embora de modo ténue, uma relação entre ver a criança como chorona ou difícil e sentimentos ou atitudes negativas, no entanto, torna-se difícil dizer até que ponto a percepção da dificuldade é um antecedente ou consequência desses sentimentos e acções. Como refere Engfer, achar a criança difícil pode ser um meio de a mãe justificar a sua incapacidade para acalmar a criança (Engfer, 1984). Também existe a possibilidade de ambos os factores dependerem de terceiro factor comum. A direccionalidade destes efeitos entre sentimentos de irritabilidade da mãe e a percepção que ela tem do temperamento da criança só poderá ser percebida através de estudos feitos ao longo do tempo.

## OBJECTIVOS

Assim os objectivos deste estudo são, por um lado, conhecer como se desenvolve a percepção que a mãe têm do temperamento do seu bebé nos primeiros 6 meses de vida da criança, e por outro, identificar que relação existe entre esta percepção e a irritabilidade da mãe. Poderíamos, em termos mais gerais, conceber este segundo objectivo como uma relação entre percepção social e afecto ou emoção.

Para atingir este objectivo começámos por no **primeiro capítulo** falar sobre o temperamento: (1) definir o que entendemos por temperamento infantil recorrendo aos vários modelos existentes e salientando o que há de comum e de diferente entre eles; (2) descrever os instrumentos utilizados para medir o temperamento nomeadamente os usados para medir o temperamento difícil; (3) discutir se o temperamento tem ou não uma base genética e os processos utilizados para a medir; (4) discutir o significado da falta de estabilidade temporal das dimensões de temperamento; (5) descrever dois modelos teóricos que se centram sobre a influência que o temperamento pode ter na interacção mãe criança, e rever a relação entre emocionalidade negativa do bebé e o comportamento da mãe.

No **segundo capítulo**, são revistos modelos teóricos sobre a percepção e atribuição interpessoal: (1) O modelo de Heider; (2) A teoria da inferência por correspondência de Ernest Jones; (3) O modelo da covariância de Kelly; e (4) o modelo da atribuição em duas etapas de Yaacob Trope; (5) são discutidos estes diferentes modelos, e finalmente, (6) é discutido o significado do temperamento infantil enquanto avaliação feita pelos pais.

No **terceiro capítulo** começamos a falar sobre a Irritabilidade. Depois de referir (1) alguns aspectos históricos; (2) é definido o conceito através das principais teorias

como a de (2.1) Spielberger; (2.2) as teorias cognitivas do Rótulo Atribucional e as teorias atribucionistas de Bernard Weiner, Reimond Novaco e Oatley e Johnson-Laird; (2.3) a teoria neoassociacionista de Berkovitz; e (2.4) a teoria sociológica de Terry Warner.

No **quarto capítulo** é definida a irritabilidade parental e feita a revisão de literatura sobre este tópico à luz da teoria de Theodore Dix sobre as emoções que os pais sentem na sua relação com os filhos. Inicia-se com uma breve nota sobre (1) o afecto nas relações parentais; Através do modelo de Dix descrevemos (2.1) os processos de participação, ou seja, como é que os interesses e expectativas, as avaliações, e os skills educativos dos pais, as características da criança, e os determinantes contextuais activam ou determinam as emoções, nomeadamente a irritabilidade ou impaciência da mãe; (2.2) os processos de participação e organização, i. e., como é que as emoções, entre as quais a irritabilidade, uma vez activadas, influenciam as cognições e percepções, a motivação e comportamento expressivo; e finalmente os processos de regulação.

No **quinto capítulo** é revista a bibliografia sobre a relação entre temperamento infantil e impaciência/irritabilidade maternal. Numa antecipação do capítulo sobre a formulação do problema são revistas teorias como a de Rothbart, a de Bugental e Shennum e a de Theodore Dix que podem servir como modelos de interpretação da relação entre os dois conceitos.

No **sexto capítulo**, são apresentados os objectivos e predições da investigação começando com o desenvolvimento da percepção de temperamento nos primeiros meses: (1) estrutura do temperamento e (2) estabilidade do temperamento; para a seguir colocar o prolema da (3) relação entre temperamento e irritabilidade maternal; e finalmente (4) sintetizar as questões e predições.

O **sétimo capítulo** trata da metodologia utilizada neste estudo. Os sujeitos, o procedimento e os instrumentos são descritos e detalhados. É ainda acrescentada uma descrição do estudo piloto que serviu para preparar esta investigação e uma visão geral sobre a metodologia.

O **oitavo capítulo** descreve os resultados. É apresentada uma análise sobre o constructo da variável temperamento através de Análise de Componentes Principais e feitas comparações com os resultados encontrados por outros autores; são apresentados dados sobre as características métricas dos instrumentos incluindo a análise da consistência interna e cálculo da estabilidade temporal; são apresentados dados descritivos sobre as várias variáveis; e sobre a relação entre as variáveis de temperamento e a variável de impaciência/irritabilidade.

O **capítulo nove** faz a conclusão do trabalho discutindo os resultados à luz das perspectivas dominantes na literatura.

# **CAPÍTULO I**

## **TEMPERAMENTO INFANTIL**

## (1) DEFINIÇÃO DO CONCEITO E TEORIAS

### **Definição do conceito**

O Temperamento é um conceito antigo na filosofia e psicologia mas recente na investigação sobre o desenvolvimento humano. Allport definiu temperamento como os fenómenos de natureza emocional do indivíduo, incluindo a susceptibilidade em se emocionar, a força e rapidez habituais das suas respostas, a qualidade prevalente do humor e as suas flutuações e intensidade; estes fenómenos eram considerados dependentes da constituição do indivíduo, e portanto em grande medida de origem hereditária (Allport, 1937). Nas últimas décadas a literatura sobre o desenvolvimento infantil revelou um aumento exponencial na utilização de conceitos de temperamento. Este facto deveu-se a vários factores entre os quais a descoberta das competências do recém-nascido, mas um dos factores mais citados corresponde ao trabalho pioneiro realizado por Thomas et al. (Thomas et al. 1963; Thomas e Chess 1977).

Existem vários conceitos de temperamento e várias definições do conceito sendo portanto difícil encontrar aquilo que é comum a todas elas. Uma definição "fixa" de temperamento é provavelmente impossível de acordo com Hinde (em Goldsmith et al. 1987). Contudo a definição mais geral de temperamento consiste em diferenças individuais nas disposições ou tendências comportamentais que surgem num período precoce da vida do indivíduo e que são relativamente estáveis através de situações e ao longo do tempo (Goldsmith et al., 1987, Bates, 1987). Os três aspectos gerais que são estudados como temperamento correspondem à actividade, qualidades comportamentais das emoções e qualidades comportamentais da atenção. A actividade inclui a frequência e vigor da actividade motora, e adequação da auto-modelação da actividade; as qualidades comportamentais das emoções incluem se as respostas emocionais em geral

são positivas ou negativas, como são as respostas emocionais a novos estímulos em geral, respostas emocionais a pessoas conhecidas e desconhecidas em particular e respostas emocionais em situações de impedimento ou confinamento; finalmente, as qualidades comportamentais da atenção incluem os padrões da atenção como a capacidade para se auto-acalmar quando perturbado e a facilidade com que se distrai.

### **A Teoria de Thomas e Chess**

Thomas e Chess desenvolveram a sua teoria através da análise de conteúdo de entrevistas feitas a pais num estudo longitudinal. Para estes autores o temperamento é o "**como**" do comportamento. Por exemplo, todas as crianças choram e este comportamento não constitui em si um elemento do temperamento. O que se pode considerar temperamento é o facto da criança tender a chorar com muita ou pouca frequência, se habitualmente chora alto ou baixo e se chora ou não com facilidade perante contrariedades. Depreende-se que o temperamento corresponde aos **parâmetros de intensidade e temporais do comportamento**. Os autores afirmam que pode ser equacionado como o estilo do comportamento (behavioral style) e pode diferenciar-se da habilidade, que diz respeito ao quê e ao quão bem (how well) do comportamento, e da motivação que diz respeito ao porquê as pessoas fazem isto ou aquilo (Thomas e Chess, 1977).

Os autores identificaram nove dimensões de temperamento:

- (1) Nível de actividade - Relaciona-se com a tonicidade; maior ou menor número de movimentos, vigor ou placidez destes, i. e. espernear, mover os braços, ou a ausência destes comportamentos e ainda o vigor com que chucha.
- (2) Ritmicidade - Relaciona-se com o grau de regularidade dos ciclos de sono/vigília, fome e eliminação e com os padrões de alimentação.

(3) Aproximação/Afastamento - Corresponde à natureza da resposta a estímulos novos. Novos alimentos, pessoas, locais, situações, 1º banho e objectos. Aproximação significa respostas motoras ou expressões emocionais positivas e Afastamento significa respostas negativas.

(4) Adaptabilidade - Tempo que a criança demora até reagir a situações novas como se elas fossem conhecidas. Adaptação a alterações na rotina, nos padrões habituais; habituação a situações novas, pessoas ou objectos.

(5) Limiar de resposta - Relaciona-se com a intensidade que um estímulo deve ter para desencadear uma resposta, i. e. se o sujeito reage a estímulos pouco intensos ou apenas a estímulos muito intensos. E se reage ou não a alterações na intensidade de estímulos conhecidos.

(6) Intensidade das reacções - Vigor das respostas, em particular se chora com muita força em face de um acontecimento e também o vigor do riso e sorriso.

(7) Humor - Balanço de afectos positivos e negativos. Quantidade de afectos positivos e negativos em geral e incluindo situações novas, desagradáveis, limitantes para o bebé.

(8) Distractibilidade - Eficácia de um estímulo para interromper um comportamento (atenção a um objecto, choro, rabugice) da criança.

(9) Concentração/Persistência - Duração da atenção para uma actividade e manutenção da actividade em face de obstáculos.

Um dos aspectos determinantes da teoria é defender uma perspectiva interaccionista dos processos de desenvolvimento. Os autores utilizam o conceito do "**melhor ajustamento**" (goodness of fit). O melhor ajustamento ocorre quando as propriedades do meio, as suas expectativas e exigências estão de acordo ou vão ao encontro às capacidades, características e estilo de comportamento do organismo. Assim, para se saber se o temperamento observado precocemente prediz o comportamento futuro é necessário considerá-lo no contexto das reacções e expectativas dos pais e outros agentes de socialização (Thomas e Chess 1977). Por exemplo, um traço da criança que seja

desagradável para a mãe pode encontrar da parte desta um esforço no sentido de modificar o meio de modo a que esse traço não se manifeste ou condicionar a criança para evitar este traço. De um ou outro modo, a expressão desse traço será menos frequente no futuro.

Através da análise dos perfis das crianças nas nove dimensões os autores (Thomas, Chess e Birch; 1968) identificaram o conceito de temperamento difícil. A criança com temperamento difícil seria caracterizada por um padrão consistindo em frequente afecto negativo; irregularidade na alimentação, sono, e eliminação; intensas reacções aos estímulos; e aversão inicial aos estímulos novos e adaptação lenta às mudanças do meio. Descrevem o temperamento difícil como uma qualidade da criança que por vezes estaria associada a psicopatologia mas só no caso de haver uma resposta adversa continuada por parte dos pais para com esta "maneira de ser" da criança.

### **A Teoria de Buss e Plomin**

Buss e Plomin (1975, 1984) são outros dois autores que desenvolveram uma teoria de temperamento. Para os autores o temperamento deve ter uma origem hereditária e não deve ser considerado constitucional porque isso inclui influências não hereditárias, perinatais por exemplo. Consideram que o temperamento deve revelar uma estabilidade considerável mas reconhecem que as influências ambientais acabam por moldar os traços de temperamento. Sugerem que existem 3 conceitos básicos de temperamento: emocionalidade, actividade, e sociabilidade (Buss e Plomin, 1984). A **emocionalidade** refere-se à activação do afecto e comportamento em resposta aos acontecimentos. Esta activação geral ou emocionalidade nos primeiros meses corresponde à perturbação (distress), mas aos 2, 3 meses diferencia-se também em medo e aos 7 meses em raiva. Nas crianças de elevada emocionalidade a emoção dominante poderá ser o medo

associado a elevada perturbação e noutras a raiva associada a baixa perturbação. A predominância de um ou do outro tipo de afecto negativo seria uma função da aprendizagem social ou da interacção com outros traços de temperamento. Estas crianças de elevada emocionalidade negativa poderão responder com mais facilidade a estímulos minimamente aversivos e serem mais dificilmente modificáveis do que outras crianças. Caracterizar-se-iam por uma dominância do sistema nervoso simpático em oposição ao parassimpático. As crianças com baixa emocionalidade apresentariam baixa perturbação, medo e raiva. A **actividade** refere-se às variáveis tempo e energia dispendida. A criança activa explora energicamente o ambiente, utilizando muitos movimentos e prefere jogos ou actividades vigorosas. Os autores referem que as medidas de actividade só são estáveis a partir do 1 ano de idade. O terceiro conceito, a **sociabilidade**, é definida pelo nível de preferência pela recompensa em estar com os outros. As recompensas incluem aspectos como a presença e atenção dos outros, e a interacção. Um bebé sociável será aquele que inicia com frequência contactos com outras pessoas em geral, que não gosta de estar sozinho, e que responde de modo caloroso.

### **A Teoria de Rothbart e Derryberry**

Rothbart (1987) vê o temperamento e personalidade como domínios de estudo sobrepostos, formando o temperamento a base biológica para o desenvolvimento da personalidade. Os autores definem temperamento como as diferenças individuais na reactividade e auto-regulação. Estas diferenças teriam uma base constitucional, isto é, constituição (makeup) biológica que é relativamente estável e influenciada ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência (Rothbart e Derryberry, 1981).

A **reactividade** inclui a actividade motora, afecto e respostas autónomas e endócrinas; pode ser avaliada através de parâmetros de limiar de resposta, latência, intensidade, tempo até atingir o pico de intensidade da reacção e tempo de recuperação. Existem duas formas iniciais de reactividade: positiva e negativa. A primeira é vista no recém-nascido pelas respostas de aproximação reflexa, e outros componentes mais tardios aparecem aos 2-3 meses e incluem movimentos dos braços e pernas (cycling), sorriso, riso e vocalizações. Aos 6 meses a reactividade positiva é revelada por expressões faciais de afecto positivo e/ou vocalizações e movimentos do corpo em direcção aos objectos recompensadores, i. e., aproximação. A reactividade negativa é vista no recém-nascido através da resposta de evitamento reflexa e perturbação (distress) no recém-nascido, e mais tarde por expressões faciais de afecto negativo e/ou vocalizações e movimentos corporais para se afastar dos objectos punitivos, i. e., evitamento. As crianças de 3 meses por exemplo, olham para um objecto novo de modo intenso, ficam cada vez mais excitadas, com os braços e pernas a mexer, vocalizações e sorrisos. No entanto os parâmetros referidos anteriormente variam fazendo com que as diferentes crianças expressem esta reactividade de modo diferente. Algumas ficam excitadas mais rapidamente, e atingem níveis de intensidade elevada mais rapidamente, enquanto outras reagem mais lentamente. Para algumas se a estimulação continuar, a reacção inicial positiva transforma-se eventualmente em perturbação à medida que fica sobrestimulada.

A **auto-regulação** refere-se aos processos que podem modelar, isto é, facilitar ou inibir, a reactividade, ou por outras palavras aumentar, manter ou diminuir a reactividade inicial. Incluem a atenção, a aproximação e afastamento motores, ataque, inibição do comportamento e capacidade para se auto-acalmar. Um dos processos comuns de autoregulação nas crianças pequenas consiste em olhar para o lado ou afastar-se do estímulo para evitar a sobreestimulação. Portanto a direcção e orientação da atenção assim como a locomoção em direcção aos objectos ou para longe destes fazem parte dos aspectos de auto-regulação.

Esta teoria de temperamento é uma das que dá mais relevo ao desenvolvimento do temperamento. O desenvolvimento do temperamento é visto como uma utilização progressiva de controlos de auto-regulação sobre a reactividade inicial (Rothbart, 1988). Com o desenvolvimento do funcionamento cortical, o bebé seria cada vez mais capaz de regular as suas respostas ao meio, por exemplo, através da deslocação da atenção, modificando o próprio meio, ou através de esforços para se acalmar. Por outro lado, os sujeitos variam não só nas suas características de reactividade inicial e na capacidade para utilizar mecanismos de auto-regulação, mas também no momento em que as características de reactividade tardias aparecem (idade em que surge o sorriso por exemplo).

**Em síntese**, as crianças diferem nas respostas motoras, atenção e emoções que apresentam perante um estímulo. Aquelas diferenças registam-se ao nível da reactividade, i. e., de parâmetros como o limiar de resposta, tempo de latência, intensidade, tempo até atingir o pico de intensidade da reacção e tempo de recuperação. Estas características podem ser modeladas ou auto-reguladas, isto é, mantidas, aceleradas ou diminuídas através da orientação da atenção para esse estímulo ou para outros estímulos, e movimentos de aproximação ou afastamento desses estímulos.

### **A teoria de Goldsmith e Campos**

Goldsmith e Campos (1982) definem temperamento como estruturas que organizam a expressão dos afectos. O temperamento consiste nos parâmetros de intensidade e temporais da expressão dos afectos. Os autores referem que o temperamento se encontra em padrões de comportamento e para nós observarmos padrões é necessário que eles apresentem alguma estabilidade. No entanto, acham que uma dimensão de temperamento pode mostrar elevada consistência dumas situações para as outras enquanto outra

dimensão mostra pouca. Do mesmo modo acham que algumas dimensões podem mostrar elevada consistência ao longo das diferentes idades e outras dimensões revelarem baixa consistência. Em suma não acham que este critério, a estabilidade, seja fundamental na definição do temperamento, o mesmo se passando com o critério de herdabilidade. Não propõem uma lista de dimensões de temperamento, no entanto só admitem incluir no temperamento os afectos sendo de excluir os aspectos cognitivos e sociais.

**Em síntese, o que há de comum e de diferente entre estas 4 perspectivas teóricas?**

Aquilo que é comum poderá resumir-se na definição de temperamento escrita no início deste capítulo. Isto é, todos os autores vêm o temperamento como diferenças individuais no modo como os indivíduos fazem as coisas ou se expressam, as dimensões de temperamento são inferidas através do comportamento, e referem-se mais a disposições ou tendências comportamentais do que a aspectos específicos; todos consideram que estas diferenças individuais têm uma origem hereditária ou pelo menos constitucional; no entanto todos admitem uma influência maior ou menor dos factores do meio sobre o temperamento; e uma necessidade maior ou menor de estabilidade nas dimensões de temperamento.

Os aspectos que diferenciam as teorias são essencialmente três. Primeiro, a ênfase dada ao papel do meio, à hereditariedade e ao critério de estabilidade não é o mesmo em todas as teorias. Buss e Plomin dão maior ênfase à necessidade das dimensões serem hereditárias para poderem ser consideradas como temperamento; Goldsmith e Campos colocam menor ênfase na estabilidade e hereditariedade.

Segundo, os autores divergem também naquilo que deve ser considerado como temperamento (conteúdos). Por exemplo, Goldsmith e Campos só incluem aspectos relacionados com o afecto no temperamento, excluindo a actividade e sociabilidade.

Terceiro, também são diferentes as operacionalizações ou medições que construíram para avaliar o temperamento. Por exemplo, Goldsmith e Campos (1982) sublinham que muitas das escalas de temperamento têm uma componente de expressão de emoções mas que nalguns casos a emoção é avaliada por variáveis molares e noutros por variáveis moleculares. Por exemplo, a perturbação (distress) em face de limitações de Rothbart é muito mais específica que a dimensão de emocionalidade de Buss e Plumin. Por outro lado, nalguns casos estão a avaliar-se conteúdos e noutros casos parâmetros do temperamento. O sorriso e riso de Rothbart correspondem a conteúdos emocionais, e a dimensão intensidade de Thomas e Chess mede um parâmetro do afecto evidenciado em diversas modalidades de resposta).

## (2) MEDIÇÃO DO TEMPERAMENTO

Como é que se tem medido o temperamento infantil até agora? Por entrevista, questionários ou escalas preenchidos pelos pais e por observação directa. Vamos descrever 3 escalas: o Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt, (1978); o Infant Behavior Questionnaire (IBQ) de Rothbart (1981); e o Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979). Todas elas são escalas preenchidas pelos pais. Este capítulo sobre instrumentos vai ser útil para completar a definição de temperamento iniciada no capítulo anterior e para definir "temperamento difícil".

O primeiro instrumento utilizado para medir o temperamento na infância foi a **entrevista** desenvolvida por Thomas e colaboradores (1963, 1968) no NYLS (New York Longitudinal Study).

A entrevista contruída por Thomas e colaboradores é morosa e não admira por isso que tenham surgido **questionários** e escalas procurando substituí-la. Existe hoje em dia mais de uma dezena de instrumentos medindo o temperamento desde a infância até à idade escolar. A maioria é preenchida pelos pais mas em alguns casos também são avaliadas as percepções de temperamento dos professores. Os questionários preenchidos pelos pais e baseados no modelo de Thomas e Chess são a medição operacional de temperamento mais utilizada até hoje.

A utilização de observadores para registarem directamente o temperamento da criança em meio natural tem sido quase inexistente e o maior esforço nesse sentido foi realizado por Bates e al. (1982). A **observação directa** do temperamento em meio natural pode utilizar quer itens moleculares de comportamento que vão sendo registados à medida que ocorrem (medições de frequências ou do tempo) quer recorrendo ao preenchimento de alguns itens das escalas ou questionários preenchidos pelos pais. Não existe no entanto nenhuma "grelha" de itens de observação directa para medir o comportamento. A observação directa tem-se debruçado sobre um número restrito de itens de comportamento com a finalidade exclusiva de validar ou confirmar as avaliações feitas pelos pais, por exemplo, Bates et al. (1979, 1982) utilizaram a observação de episódios de choro com esse propósito.

Nesta parte sobre medidas de temperamento vamos referir-nos exclusivamente a instrumentos que tenham sido construídos para aplicações na idade mais precoce, entre os 3 ou 4 meses e os 9 meses. Não vamos analisar aqui escalas que podem ser aplicadas em fases ainda mais precoces como a de Brazelton, (NBAS - 1973) e Field e col. (MABI1978) mas que não são aplicáveis após o primeiro mês.

Assim, vamos referir 3 escalas: o Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt, (1978); o Infant Behavior Questionnaire (IBQ) de Rothbart (1981); e o

Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979); Todas elas são preenchidas pelas mães.

### **Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt, (1978)**

O original do Infant Temperament Questionnaire foi construído por Carey em 1970 (Carey, 1970) com base na entrevista de Thomas e al. (1963, 1968). Foi construído como um instrumento clínico de despistagem a partir de uma pequena amostra (101) da classe média. Foi delineado para representar os dados recolhidos por entrevista no NYLS e para obter scores para as suas nove dimensões: nível de actividade, ritmicidade, aproximação-afastamento, adaptabilidade, limiar de resposta, intensidade das reacções, qualidade do humor, distractibilidade e concentração/persistência. Tinha 70 itens e era aplicável entre os 4 e os 8 meses. É o instrumento mais utilizado até hoje em estudos sobre temperamento e tem versões estrangeiras como a Australiana, Canadiana e da Formosa.

Este instrumento tinha contudo limitações conceptuais e psicométricas que obrigaram à sua revisão por Carey e McDevitt (1978). Passou a ter 95 itens que descrevem comportamentos específicos do bebé em situações específicas e tem 6 alternativas de resposta. Vejamos alguns exemplos de itens como ilustração; "a criança move-se bastante (contorcer o corpo, esticões, pontapés) quando está deitada no berço - nível de actividade; "à noite, o bebé fica com sono mais ou menos sempre à mesma hora" - ritmicidade; "a criança aceita a introdução de novos alimentos imediatamente, comendo-os prontamente" aproximação/afastamento; "a criança continua estranha ou com medo de estranhos depois de estar 15 minutos com eles" - adaptabilidade; "o bebé apresenta expressões intensas (riso ou choro vigorosos) quando lhe mudam a fralda ou a vestem" - intensidade; "o bebé choraminga quando acorda e quando o deitam" - humor; "a criança

brinca com um brinquedo por um minuto e depois procura outro brinquedo ou actividade" - persistência; "a criança olha para um objecto que lhe oferecem mesmo que já tenha outro na mão" - distractibilidade. Obtem-se um score global para cada uma das dimensões referidas atrás e além disso é pedido aos pais para fazerem uma apreciação global para cada uma das nove dimensões e ainda uma sobre se o seu filho é fácil, difícil ou médio. Através do resultado em seis das nove escalas é possível identificar as 4 categorias de crianças referidas por Thomas e Chess (1977). As crianças difíceis apresentariam arritmicidade, afastamento, baixa adaptabilidade, elevada intensidade e humor negativo; as crianças fáceis apresentariam as características opostas, i. e., isto é, regularidade nas funções biológicas (elevada ritmicidade); tenderiam a aproximar-se e a ter respostas positivas para os estímulos novos (aproximação); adaptação rápida a novas situações ou alterações na rotina (adaptabilidade); reacções emocionais de baixa intensidade (baixa intensidade); tenderiam a ser sorridentes e palradoras (humor). Existiriam também dois grupos intermédios. No estudo de Carey e McDevitt são encontradas 9% de crianças difíceis e 42% de crianças fáceis.

Subsistem algumas limitações nesta escala que vamos passar a enumerar. Parece não haver uma distinção conceptual precisa entre algumas das escalas. Por exemplo, o item 27 "a criança sorri e ri quando está pela primeira vez num sítio estranho (noutra casa, numa loja)" é considerado pelos autores como um item avaliando o humor mas ao mesmo tempo consideramos que podia ser um item de aproximação/afastamento. Segundo, existe pelo menos um caso em que o conteúdo dos itens e o nome da dimensão em que estão agrupados não se ajustam. A maioria dos itens que avaliam a distractibilidade, são de facto itens sobre a capacidade para se acalmar (soothability), por exemplo, "a criança continua a chorar quando lhe mudam a fralda apesar dos esforços para a distrair com jogos, objectos, ou cantar". Seria mais adequado dar outro nome a esta dimensão. Terceiro, faz falta na escala uma coluna em que as mães possam referir "não se aplica", já que alguns itens não parecem ajustados, pelo menos para todas

as crianças dos 4 meses, por exemplo, "a criança continua a tentar alcançar um objecto que está fora do seu alcance, por dois minutos ou mais". Quarto, a análise factorial dos itens da escala também não confirma os nove factores ou dimensões (Sanson et al. 1987). E por último, a sua larga utilização deixa-nos perplexos se tivermos em conta que as suas características psicométricas (estudo original, Carey e McDevitt, 1978) não abonam nada a seu favor; os valores de consistência interna das várias escalas varia entre .49 e .71. Alguns são inaceitáveis como o da Distractabilidade - .49; Humor - .53; Intensidade - .56; Adaptabilidade - .57; Limiar de resposta - .57; Persistência - .62; os outros são apenas aceitáveis, Actividade - .64; Ritmicidade - .65; e Aproximação - .71. A baixa consistência interna da escala de distractabilidade, por exemplo, poderá ser justificada pela mistura de aspectos que são agrupados nesta dimensão. Esta dificuldade resulta da definição de distractibilidade - "a maior ou menor capacidade de um estímulo para interromper um comportamento da criança (atenção a um objecto, choro)". Parar de chorar porque lhe cantam uma canção (item 15) pouco tem de comum com parar de brincar quando alguém passa por ela (item 21) ou ainda com continuar a não querer tomar o remédio apesar de a tentarem distrair com jogos e truques (item 68). A facilidade em ser acalmado e a facilidade em distrair a criança do aspecto a que está a tomar atenção são dois aspectos importantes que podem diferenciar as crianças mas não deveriam em princípio fazer parte da mesma escala.

### **Infant Behavior Questionnaire (IBQ) de Rothbart (1981)**

É aplicável a crianças dos 3 aos 12 meses e contém 5 escalas:

**nível de actividade** - motricidade global da criança, incluindo movimento dos braços e pernas, contorcer-se e locomoção;

**sorriso e riso** - sorriso e riso da criança em qualquer situação;

**perturbação e tempo de latência na aproximação a estímulos novos ou súbitos** - Perturbação da criança em face de mudanças súbitas na estimulação e perturbação e latência dos movimentos face a novos objectos sociais ou físicos;

**perturbação face a limitações** - Choramingar, chorar ou mostrar perturbação quando a) espera pelo comer, b) recusa comida, c) está retido num local ou posição, d) está a ser vestido ou despido e) não lhe é permitido alcançar um objecto para o qual a criança atraiu a sua atenção;

**duração da atenção** - Vocalizações, olhar e/ou interacções com um objecto por extensos períodos de tempo quando não tenha havido mudanças súbitas de estimulação.

O questionário contém 94 itens em que é pedido aos pais para referirem a frequência de certas reacções das crianças através de uma série de situações. Existem 6 situações - alimentação, sono, banho e vestir, jogo, actividades diárias e técnicas para acalmar a criança. Vejamos um exemplo de item: "Quando colocada de costas, com que frequência a criança (item 63) choramingou ou protestou? (perturbação em face de limitações) (64) sorriu ou riu? (sorriso e riso) (65) manteve-se quieto? (actividade) (66) agitou os braços e pontapeou? (actividade) (67) contorceu-se ou virou-se? (actividade). Cada item tem uma escala de 1 (nunca) até 7 (sempre).

A consistência interna das 6 escalas é elevada para os 3, 6, 9 e 12 meses; varia entre .67 e .85.

### **Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979).**

O ICQ de Bates <sup>Freeland e Lounsbury</sup> e al. (1979) foi desenvolvido para avaliar a noção de criança difícil. O ICQ de Bates é apropriado para investigadores que queiram medir as percepções que os pais têm da dificuldade dos filhos. É aplicável a crianças entre os 4 e os 7 meses, "embora a maioria das crianças nos estudos de validação estivesse próximo dos 6 meses, sentimos que a escala dos 6 meses é relevante para pais de crianças entre os 4 e os 7 meses" (Bates, sem data).

Os itens utilizados na escala correspondem a comportamentos que tinham sido identificados como importantes na distinção de bebés e crianças pequenas, "os itens foram sugeridos pelas dimensões de temperamento de Thomas e al. (1963, 1968), pelas variáveis de alteração no humor e capacidade para se acalmar de Prechtl (1963), e pelas variáveis de rabugice e sociabilidade de Robson e Moss (1970)" Bates et al. (1979).

O principal factor extraído do ICQ, que foi designado por "Fussy/difficult", é uma medida de emocionalidade negativa incluindo o choro e rabugice da criança, humor negativo, i. e., suas variações e intensidade do protesto, facilidade em se acalmar, e uma avaliação do grau de dificuldade médio da criança. Uma criança difícil é aquela que as mães vêem como choramingona e difícil de acalmar, a criança fácil é uma criança que não é chorona e é fácil de acalmar.

O segundo factor, designado por "Unadaptable" inclui itens sobre as respostas da criança a novos acontecimentos, pessoas e coisas.

O terceiro factor é designado por "Dull" (Apático). Inclui vários itens que avaliam essencialmente emocionalidade positiva, i. e., sorriso e vocalizações positivas, e excitação durante o jogo, e um item sobre actividade. Na amostra entre os 4 e os 7

meses os dois itens de emocionalidade positiva estavam negativamente relacionados com a medida de actividade, i. e., os bebés vistos como mais positivos emocionalmente eram também vistos como mais activos.

O quarto factor (Unpredictable) inclui itens sobre a maior ou menor dificuldade em prever as necessidades da criança como a fome ou sono ou o que a incomoda quando está a rabujar ou chora.

Os valores de consistência interna (aos 6 meses) para as 4 escalas no estudo de Bates et al. (1979) são os seguintes: Fussy/Difficult - .79; Unadaptable - .75; Dull - .39; e Unpredictable - .50.

**Em síntese, o que há de comum e de diferente entre estes três instrumentos?** (1) Os processos de construção dos 3 instrumentos foram diferentes. Por exemplo, o Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt foi delineado para representar os dados recolhidos por entrevista no New York Longitudinal Study e obter scores para as suas nove dimensões. O Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates foi construído por análise factorial com o intuito principal de construir um instrumento que medisse o temperamento difícil. (2) Também diferem no número e natureza das dimensões incluídas, o I Temperament Q tem 9 dimensões, o I Behavior Q de Rothbart 5 e o I Characteristics Q apenas 4 dimensões. (3) Tanto o I Temperament Q como o I Characteristics Q medem o conceito de temperamento difícil mas este conceito no ITQ é mais abrangente; é constituído por uma combinação particular de 5 das 9 dimensões - baixa ritmicidade, elevado afastamento, baixa adaptabilidade, elevada intensidade e humor negativo. No ICQ aparecem 3 destas dimensões, adaptabilidade, imprevisibilidade (corresponde à dimensão ritmicidade do ITQ), e humor. (humor positivo mais actividade) No entanto, não existe em nenhum dos casos uma coincidência perfeita entre os conteúdos da mesma dimensão numa e outra escala. Por exemplo, na análise factorial

feita por Bates e colaboradores o nível de actividade aparece associado ao humor e portanto constituem uma única escala (Dull). Para além disso existe uma 4ª escala - Chorão/Difícil que é o primeiro factor da escala ICQ e que inclui variações e intensidade do humor negativo (choro e rabugice) e dificuldade em se acalmar. (4) Os valores de consistência interna nas 3 escalas também são distintos. São em geral baixos nas escalas do I Temperament Q, e elevados nas escalas do I Behavior Q e em 2 das 4 escalas do I Characteristics Q. (5) As implicações para efeitos de investigação também são distintas. De acordo com Hubert et al.,(1982) os estudos que se centrem sobre a relação entre o temperamento e aspectos da interacção mãe-criança podiam utilizar instrumentos que já mostraram ser sensíveis a estes aspectos como a escala de Brazelton e o Infant Temperament Questionnaire (ITQ). Por outro lado, "nos estudos onde o principal objectivo é encontrar variáveis correlacionadas com o temperamento difícil, o uso do factor Chorão/Difícil do Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) é recomendada devido à qualidade dos dados para esta porção da escala" (Hubert et al., 1982). (6) Por fim, a validade da grande maioria dos questionários de temperamento não foi ainda totalmente avaliada. A investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates et al., 1979, 1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil.

### **(3) ORIGEM GENÉTICA DO TEMPERAMENTO**

Pretendemos com este estudo procurar a relação entre dois aspectos - a irritabilidade da mãe e a percepção que ela tem do temperamento da criança. Se o temperamento infantil fosse unicamente, (100%), determinado por factores hereditários, o significado daquela relação seria diverso do significado que atribuiríamos à relação se a determinação hereditária fosse nula. Justifica-se portanto avaliar a influência genética existente no temperamento.

As características temperamentais têm ou não uma origem hereditária? Algumas dimensões temperamentais sofrem maior influência genética do que outras? E qual é a grandeza dessa influência? Para respondermos a estas questões vamos definir influência genética ou herdabilidade, os tipos de influência genética que existem, descrever os métodos da genética comportamental utilizados para estudar o temperamento (estudo dos gémeos, de adoptados e de famílias) e ainda avaliar as diferenças de resultados em termos de herdabilidade resultantes dos diferentes modos de avaliação do temperamento (observação directa do comportamento versus avaliação pelos pais, e medidas moleculares versus molares).

#### **Herdabilidade**

A herdabilidade corresponde à variância fenotípica associada a diferenças genéticas entre os indivíduos de uma população. Ou seja, as diferenças de comportamento entre os indivíduos que não são atribuíveis a influências do meio ambiente. Herdabilidade e hereditariedade não são a mesma coisa. Por exemplo, se numa população todos os sujeitos tiverem olhos castanhos a herdabilidade será nula ou zero porque não existe qualquer variação. Diríamos que a variância fenotípica explicada por diferenças genéticas não é nenhuma. No entanto, todos compreendemos que aquela característica, olhos

azuis, é herdada, ou seja, geneticamente determinada. Em suma, podemos dizer que a ausência de herdabilidade numa característica não significa que essa característica não seja herdada, ou de outra forma, que uma característica pode ser herdada, determinada geneticamente, e ainda assim não revelar qualquer herdabilidade. A herdabilidade constitui, no fim de contas, um processo para determinar indirectamente o efeito da hereditariedade. De toda a variação ou variância existente numa população para uma dada característica (variância total), podemos dizer que ela é composta por três partes. Uma parte da variância é atribuível a variância genética (herdabilidade); outra parte da variância total é atribuída a variância ambiental; e finalmente, uma terceira parte resulta das diferenças genéticas não reagirem do mesmo modo ao meio (efeito de interacção).

$$H = \frac{V_g}{V_g + V_a + V_i}$$

**H** = herdabilidade

**V<sub>g</sub>** = variância atribuível a variabilidade genética

**V<sub>a</sub>** = variância atribuível a variabilidade ambiental

**V<sub>i</sub>** = variância atribuível a interacção

Para precisar o conceito de herdabilidade no âmbito do temperamento é necessário definir imediatamente algumas das ideias erradas que existem. Primeiro, mesmo um comportamento ou traço comportamental fortemente herdado pode estar sujeito a modificação por acção do meio, se o meio favorecer a manifestação das diferenças genéticas a herdabilidade evidenciada será máxima, se o meio restringir a expressão das diferenças genéticas a herdabilidade será menor e será maior a variação explicada pelo meio; segundo, mesmo que uma característica seja fortemente herdada não significa necessariamente que esteja presente à nascença, ou mesmo durante a infância; terceiro, padrões de mudança numa característica comportamental, ao longo do tempo, podem estar geneticamente determinados, esta conclusão resulta do facto dos padrões de mudança ao longo do tempo verificados nos gémeos verdadeiros serem mais parecidos que os padrões de mudança nos gémeos fraternos; quarto, os resultados sobre

herdabilidade não são necessariamente generalizáveis de umas populações para as outras, isto é, o facto de se demonstrar que uma característica é fortemente herdada numa população inglesa não significa que esse traço seja fortemente herdado numa população japonesa.

A maioria dos autores defende a ideia de que o temperamento tem uma base genética. Por exemplo Bates (1989) vê no conceito de temperamento três níveis - comportamental, neurológico e constitucional (incluindo genético). A utilidade de um critério deste tipo, "geneticamente determinado", na definição do conceito de temperamento, parece ter resultado da necessidade ou interesse em ter uma medida que fosse independente de variações do meio, isto é, que revelasse estabilidade através de uma variedade de contextos ou situações. No entanto Hinde (1989) e Goldsmith et al. (1987) defendem que é preferível definir o temperamento apenas em termos de diferenças individuais dadas as dificuldades e limitações que o critério de determinação genética levanta: a) os pontos de corte ou limites requeridos para a herdabilidade (heritability), para que o critério "geneticamente determinado" seja atingido são arbitrários; b) Os valores de herdabilidade variam com a idade e com a amostra ou o contexto estudados; c) As influências no desenvolvimento podem ser genéticas mas não haver herdabilidade; d) as influências perinatais podem não ser nem genéticas nem herdadas; e) as contribuições biológicas nuns casos impõe constrangimentos sobre o que é aprendido, não especificando um fenótipo particular, enquanto que noutros casos poderão existir influências mais directas sobre o comportamento.

## Métodos da Genética Comportamental utilizados para estudar o temperamento

Como é que se determina a influência genética (herdabilidade) sobre um comportamento ou uma dimensão comportamental?

O método mais importante é o dos **gêmeos**. Os gêmeos verdadeiros têm uma estrutura genotípica idêntica, partilham 100% da variância genética, enquanto que os gêmeos fraternos não são mais semelhantes entre si do que outros dois irmãos quaisquer. Alguns gêmeos fraternos (ou alguns irmãos) são mais parecidos entre si do que outros, mas em média eles partilham 50% dos genes. A partir destes elementos alguns autores constroem um modelo que a seguir explicamos. Primeiro, se os gêmeos verdadeiros são supostamente iguais em termos do meio a que estão sujeitos e iguais em termos genéticos e os gêmeos fraternos são supostamente iguais em termos do meio e diferentes em termos genéticos então o que os diferencia é a influência genética. Segundo, se os gêmeos fraternos partilham 50% dos genes e os gêmeos iguais 100% não é de esperar, segundo o modelo que hajam diferenças entre os valores de correlação de um e outro tipo de gêmeos superiores a 50 pontos. Este modelo é no entanto simplista. Primeiro, porque assume que o meio é igual para cada um dos elementos do par de gêmeos. Segundo, por desconhecer os efeitos de interacção e em face desse desconhecimento construir um modelo que não inclui, ou não conta com a interacção.

Outro dos métodos utilizados é o uso de crianças **adoptadas**. O objectivo poderá residir em comparar os sujeitos adoptados com os seus pais biológicos e com os pais adoptivos para saber com quem eles são mais parecidos. É aconselhável utilizar um grupo de controlo de famílias sem adoptados porque isso permite comparar a semelhança entre irmãos biológicos criados na mesma família com a de crianças não familiares criadas na mesma família. Uma das limitações destes estudos reside na colocação selectiva, isto é, as agências de adopção procuram encontrar famílias de adopção semelhantes às famílias de origem, e isso inflaciona os efeitos quer genéticos quer ambientais. Os resultados dos

estudos de adoção em geral indicam menos semelhança entre os familiares biológicos do que os estudos com gémeos. Dos estudos sobre adoções só o Colorado Adoption Project (Plomin e Defries, 1985) avaliou o temperamento na infância.

O estudo de **famílias** é o terceiro exemplo de método utilizado pela genética comportamental. Podem ser comparados sujeitos com maior ou menor semelhança genética (genes partilhados): Pais com filhos ou irmãos entre si; meios irmãos, sobrinhos com tios, avós e netos; e primos em primeiro grau. A teoria genética prevê uma diminuição regular na semelhança de temperamento com a diminuição de semelhança genética.

Uma limitação importante deste método para estudar o temperamento consiste em identificar traços de personalidade nos adultos que tenham uma correspondência em características temperamentais nas crianças. Para isso é necessário conhecer como é que uma determinada característica temperamental na criança se desenvolve e dá origem, ou é integrada num determinado traço de personalidade do adulto.

### **Tipos de variância genética**

A variância genética total pode ser subdividida em três tipos. Os **Efeitos Genéticos Aditivos** podem ser conceptualizados como efeitos "principais". Ou seja, um determinado traço não é influenciado apenas por um gene mas por vários. Por outro lado, estes genes, cada um por si, não têm o mesmo peso ou influência. Adicionando todos estes efeitos simples obtemos uma média que corresponde ao efeito genético aditivo. Para além dos efeitos principais temos os efeitos de "interacção" que podem ser subdivididos em dois tipos de acordo com a fonte de interacção: (1) interacção entre dois genes alternativos com a mesma localização cromossómica, chamada **Dominância**

genética (é o caso dos genes dominantes e recessivos em relação à cor dos olhos ou em relação aos tipos de sangue); (2) interacção entre genes de diferente localização cromossómica, chamada **Epistase**.

Em estudos humanos, a dominância e epistase são assinaladas por maior semelhança fenotípica do que a esperada pelos efeitos genéticos aditivos só por si. Por exemplo, se as correlações entre gémeos idênticos for superior ao dobro da correlação encontrada para os gémeos fraternos essa excessiva semelhança pode ser devida a efeitos genéticos interactivos. No entanto, existem outras explicações possíveis: (1) Algo específico à relação entre os gémeos idênticos ou ao ambiente; (2) Efeito de contraste em relação aos gémeos fraternos (por exemplo, as pessoas que avaliam os gémeos fraternos acentuarem as diferenças existentes); (3) Emparelhamento positivo na geração dos pais (As pessoas tendem a juntar-se pelo facto de terem algumas características temperamentais semelhantes (emparelhamento positivo). Se isto acontecer os seus filhos serão mais semelhantes entre si, e mais semelhantes com os próprios pais e os resultados de herdabilidade serão mais altos para essas características; os dados de questionários de auto-preenchimento revelam correlações positivas embora baixas para os traços de personalidade dos esposos (Price & Vandenberg, 1980) e existe evidência de que este facto se deve mais a um emparelhamento inicial do que ao facto de viverem juntos (Buss, 1984; Mascie-Taylor, 1989); (4) Enviesamento das amostras; em especial pelo facto de se utilizarem amostras pequenas.

Alguns estudos com gémeos encontraram maior diferença entre os gémeos idênticos e fraternos do que seria de esperar em função apenas dos efeitos genéticos aditivos. No estudo de Torgensen e Kringlen (1978), por exemplo, os gémeos idênticos eram muito mais semelhantes entre si do que os gémeos fraternos: Isto acontecia em 3 variáveis aos 2 meses, e em todas as nove variáveis aos 9 meses. No entanto a amostra era pequena e poderá ter havido enviesamento. As correlações médias em quatro estudos realizados

com crianças pequenas por Plomin (Buss & Plomin, 1984) revelaram os seguintes resultados: A emocionalidade, actividade e sociabilidade apresentavam respectivamente .63, .62 e .53 para os gémeos verdadeiros e .12, -.13 e -.03 para os gémeos fraternos. Neste caso o estudo incluía 400 pares de gémeos e portanto, o erro de amostragem não pode explicar porque é que a correlação para os gémeos fraternos é menos de metade do que a que se verifica com os gémeos idênticos. Plomin sugere que a explicação mais provável é um enviesamento do género efeito de contraste, isto é, os avaliadores poderem acentuar as diferenças dos gémeos fraternos e as semelhanças dos idênticos (Plomin, 1977, citado em Goldsmith, 1989). De acordo com Goldsmith (1989) alguns tipos de escalas poderão ser mais sujeitas a enviesamentos, exagero nas diferenças, por parte das mães devido ao formato das respostas. Em alguns estudos na infância feitos por Goldsmith com o Infant Behavior Questionnaire (IBQ) e o Toddler Behavior Assessement Questionnaire (TBAQ - Goldsmith, H. H., Elliott, T. K. e Jaco, K. L. 1986) esta diferença exagerada não aparecia (Goldsmith & Campos, 1986; Goldsmith, Jaco e Elliott, 1986). O formato de resposta nestas escalas exige que os sujeitos avaliem a frequência de certos comportamentos. Pelo contrário, em estudos com o Childhood Behavior Questionnaire (CBQ) os autores identificaram grandes diferenças entre os dois tipos de gémeos devido a correlações muito baixas nos gémeos fraternos. Estas escalas, tal como as utilizadas por Plomin, solicitam ao respondente para avaliar frases em termos do seu grau de veracidade ou falsidade.

Outra explicação poderá estar relacionada com a idade das crianças, o CBQ e as escalas de Plomin servem para avaliações a partir dos 3 anos e a IBQ e TBAQ para idades mais precoces, talvez os efeitos genéticos não aditivos se observem apenas a partir dos 3 anos, a questão continua em aberto, (Goldsmith, 1989). Temos que frisar no entanto que o autor não avança qualquer explicação teórica para esta diferença em função da idade.

## **Avaliação pelos pais e observação directa do comportamento**

Os valores de herdabilidade evidenciados nos estudos usando escalas preenchidas pelos pais e nos estudos de temperamento através de observação directa não são coincidentes. Em qual deles se observam valores mais altos?

Nos estudos usando **avaliações pelos pais** as correlações entre gémeos verdadeiros é em média .50 e a dos gémeos fraternos é mais baixa do que .30, e com frequência negativa. Lyon e Plomin (1980), num estudo com 60 MZ e 51 DZ pares de gémeos entre os 2 e os 6 anos e utilizando a escala EASI Temperament Survey (Buss e Plomin 1975), encontraram uma correlação média para 11 escalas igual a .56 para os gémeos MZ e -.12 para os DZ. Plomin e Rowe (1977) num estudo com a CCTI (Colorado Childhood Temperament Inventory - uma amálgama da EASI e de factores derivados do New York Longitudinal Survey) em crianças entre os 1 e 7 anos (36 MZ e 31 DZ) encontrou uma correlação média de .60 para os MZ e .06 para os DZ.

Os estudos de **observação directa do comportamento** evidenciam resultados muito diversos, alguns itens registam correlações moderadas para os dois tipos de gémeos enquanto outros itens evidenciam correlações muito distintas. Plomin (1981) refere que estes resultados podem estar confundidos devido à não distinção de medidas molares (generalizações sobre mais do que um comportamento, para várias situações e ao longo do tempo como acontece na maioria das dimensões das escalas de temperamento preenchidas pelas mães) e medidas moleculares (comportamentos específicos observáveis num curto intervalo de tempo e dando origem a contagens ou avaliações). Para o autor as medidas moleculares tendem a produzir correlações mais altas no caso das avaliações por escalas preenchidas pelos pais (.80 MZ e .30 DZ) do que as medidas molares, sejam preenchidas pelos pais (.50 MZ e .30 DZ), sejam por observação directa (.50 MZ e .00 DZ), (Plomin, 1981). Por outro lado, o autor refere também que para as

escalas da avaliação molares preenchidas pelos pais não existe herdabilidade diferencial (uns traços de temperamento terem um valor mais alto de herdabilidade do que outros), (Plomin 1981). A afirmação é contudo excessiva para a escassa base empírica que existe.

**Em síntese**, recordemos que: todas as características temperamentais têm uma origem herdada e uma origem de influência do meio; mesmo aquelas características temperamentais em que se manifesta uma forte influência hereditária podem ser modificáveis pelo meio; o meio pode favorecer ou contrariar a importância das contribuições genéticas; algumas características podem ser geneticamente determinadas e não estar presentes à nascença; a mudança ao longo do tempo de uma característica temperamental pode resultar de influência genética; o método principal para calcular a herdabilidade ou influência genética é o dos gémeos mas o desconhecimento de quais são os efeitos de interacção torna este método por enquanto infrutífero. Como conclusão desta parte sobre a origem genética do temperamento e em resposta às questões colocadas inicialmente, temos de admitir que estamos longe de ter respostas precisas. Há ainda muito pouca informação sobre a origem genética do temperamento porque são poucos os estudos feitos com gémeos e ainda menos os que utilizaram medidas de temperamento na infância. Para dificultar ainda mais, poucas vezes se avaliou simultaneamente o temperamento por observação directa e por avaliações feitas pelos pais para determinar se há uma diferença típica entre os dois processos. As conclusões que se podem tirar têm escassa base empírica. Primeiro, as dimensões de temperamento têm todas uma base genética como a diferença entre as correlações entre gémeos verdadeiros e fraternos parece indicar. No entanto as variações situam-se entre .00 e .50 nuns casos e entre .30 e .50 noutros casos, sendo necessário ainda esclarecer se estas diferenças de estudo para estudo se devem a diferenças na metodologia usada para medir o temperamento (observações vs avaliações pelos pais), a efeitos genéticos indirectos (de interacção) combinados com diferenças de idade dos sujeitos utilizados, ou simplesmente à utilização de conceitos e instrumentos de temperamento diferentes. Em segundo lugar,

para todos os efeitos não existe, de momento, informação disponível sobre os padrões de mudança geneticamente determinada para exemplos específicos de dimensões de temperamento. Não existe informação que nos diga, por exemplo, se as dimensões de temperamento "Difícil/Chorão" ou "Imprevisibilidade" criadas por John Bates e colaboradores (1979) têm um padrão de mudança entre os 3 e os 6 meses geneticamente determinado e qual é esse padrão. O conhecimento não atingiu ainda semelhante detalhe.

#### **(4) ESTABILIDADE VS MUDANÇA NO TEMPERAMENTO**

É necessário que uma característica seja estável no tempo para ser considerada como temperamento? O que significa a falta de consistência ou estabilidade temporal de uma dimensão de temperamento? Algumas dimensões de temperamento são mais estáveis do que outras? São estas algumas das questões a que vamos tentar responder nesta parte do trabalho.

A maioria dos investigadores afirmam que os traços de temperamento deviam ser relativamente estáveis mas ao mesmo tempo admitem a ideia de que são alteráveis quer por pressões do meio (Thomas e Chess, 1977) por mudanças ontogénicas na organização comportamental (Rothbart e Derryberry, 1981) ou ainda por acção genética retardada (Goldsmith e Campos, 1982). Em todo o caso nenhum autor definiu até agora até que ponto um determinado traço deve ser estável para ser considerado como temperamento. Por outro lado, a ênfase no temperamento como traços do indivíduo levou os investigadores a enfatizarem a estabilidade do temperamento em vez do seu desenvolvimento (Buss e Plomin, 1984).

Rutter (1989) refere que a especificação da noção de estabilidade na definição de temperamento resulta do requisito de origem constitucional, mas que no entanto, aquela

especificação constitui um engano. Os dois argumentos que utiliza para justificar esta afirmação são os seguintes: Por um lado, mesmo aquelas características que têm uma base fortemente biológica, têm probabilidade de ser influenciadas pelo meio, como o mostra o estudo de Tizard (1975, citado em Rutter, 1989) sobre a altura ou estatura ou o estudo de Rutter (1985, citado em Rutter, 1989) sobre a inteligência; por outro lado, como defendeu Plomin (1986), as características genéticas também determinam padrões de mudança ao longo do tempo e não apenas estabilidade.

De acordo com Prior et al. (1989) a instabilidade temporal pode ser devida a características estruturais. Os autores referem que a maioria dos estudos sobre a estabilidade utilizaram questionários baseados nas nove dimensões temperamentais de Thomas e Chess e existe pouca evidência de que estas dimensões comportamentais sejam comparáveis em idades diferentes. Torna-se difícil interpretar com confiança os resultados porque não é possível ter a certeza de que a baixa estabilidade encontrada seja função da instabilidade inerente ao temperamento (instabilidade individual), aos próprios questionários, (instabilidade estrutural) ou devida à descontinuidade da estrutura do temperamento (Prior et al., 1989). Isto é, é impossível dizer se é a criança que muda, se é o instrumento que muda (não se usarem exactamente os mesmos itens para medir a mesma dimensão em idades diferentes), ou se as próprias dimensões variam de estrutura duma idade para a outra, isto é, como indica Hinde (1989), um item pode estar fortemente correlacionado com outros numa determinada idade mas noutra idade diferente estar pouco ou nada correlacionado com esses itens ou estar mais correlacionado com itens de outra dimensão comportamental. Este facto resulta do facto das dimensões de temperamento serem um conjunto de vários comportamentos. Vejamos o que diz Hinde (1989) a este respeito. As dimensões de temperamento são inferidas através do comportamento. A avaliação de uma dimensão depende sempre da recolha de dados sobre mais do que um comportamento. Sendo assim Hinde (1989) argumenta que a) as correlações entre os itens realmente observados e as dimensão de

temperamento podem variar com o tempo e com a situação; b) O mesmo item de comportamento pode estar relacionado com duas ou mais dimensões de temperamento; c) Uma mesma dimensão pode ser inferida a partir de um conjunto de itens diferentes consoante a situação ou a idade; e) as várias dimensões de temperamento podem ter correlações entre si que variem com a idade e a situação.

Têm sido utilizados dois processos para avaliar a estabilidade do temperamento. O mais usado, corresponde à correlação entre duas medidas tomadas em dois momentos diferentes. Este método dá-nos uma indicação geral, embora não indique a direcção da mudança, nem se a mudança ocorrida se deve a uma pequena alteração na maioria dos indivíduos ou a uma grande mudança num pequeno grupo. Outro processo consiste em dividir a amostra em quartis com base nos scores obtidos na primeira avaliação e identificar em que quartil as crianças se encontram na segunda avaliação. No estudo de Prior et al. (1989) os autores encontraram maior estabilidade nos extremos, no 1 e 4º quartil do que nos dois quartis intermédios. De acordo com os autores, isto pode significar que as crianças com temperamentos mais moderados possam ser mais influenciados pelo contexto ambiental.

Rutter (1987) sumaria as variedades de estabilidade do desenvolvimento através de 5 tipos:

- (1) Estabilidade como invariância - Isto é, como ausência de mudança no desenvolvimento.
- (2) Como regularidade num padrão de mudança - Como a evidenciada pela análise de gémeos homozigóticos e dizigóticos. As medidas de temperamento obtidas numa idade não prevêm medidas subsequentes, mas pode ser demonstrado que os gémeos homozigóticos revelam mudanças semelhantes ao longo do tempo.
- (3) Estabilidade normativa - Corresponde ao grau em que os indivíduos mantêm a sua posição dentro de um grupo ao longo do tempo.

(4) Estabilidade intra-individual (ipsative) - regularidade nas características predominantes (em comparação com as outras características) do indivíduo. A frequência e intensidade da emocionalidade negativa, incluindo o choro, podem diminuir ao longo do tempo e aumentar a emocionalidade positiva mas ainda assim o primeiro aspecto continuar predominante em relação ao segundo.

(5) Estabilidade de processos, estruturas ou mecanismos - Isto é, poderá haver um mesmo processo que esteja na base simultaneamente de dois comportamentos distintos e distanciados no tempo. A estes cinco tipos de estabilidade referidos por Rutter poderíamos acrescentar um sexto: estabilidade de uma característica através de diferentes contextos e situações.

Hinde e Bateson (1984) definem 5 tipos de descontinuidade: descontinuidade normativa; intraindividual; instabilidade através do aparecimento de um novo padrão de comportamento como o aparecimento do sorriso; instabilidade através do aumento súbito na frequência de um comportamento como o aumento do sorriso entre os 2 e 3 meses; e instabilidade através de mudanças nas correlações entre conjuntos de comportamentos entre duas idades diferentes. Um exemplo de instabilidade deste tipo foi evidenciada por Wolff (1987). O autor mostrou que o nível de actividade estava relacionado positivamente com a perturbação (distress) durante os primeiros meses e aparecia mais tarde relacionado também positivamente com o afecto positivo.

### **Estabilidade em diversas dimensões de temperamento**

**Emocionalidade Negativa** - Os dois tipos mais comuns de emocionalidade negativa estudados são a irritabilidade (choro) e a incapacidade para se acalmar. Birns (1965) desenvolveu procedimentos estandardizados para a avaliação temperamental no período neonatal incluindo encostar um objecto frio ao corpo do bebé e retirar-lhe a chucha.

Num estudo longitudinal utilizou estas medidas no período neonatal, no 1, 3 e 4 mês. Nestas duas últimas avaliações foram usados também procedimentos para medir a emocionalidade positiva (Birns et al., 1969). Os autores descobriram que a irritabilidade e incapacidade para se acalmar revelavam estabilidade desde o período neonatal até aos 4 meses. A irritabilidade neonatal provocada pelo objecto frio não estava apenas relacionada com as medidas de irritabilidade posteriores mas também estava relacionada negativamente com a responsividade social, avaliada pela quantidade e vigor dos sorrisos e respostas vocais a estímulos sociais, medida aos 3/4 meses.

No estudo de gémeos de Louisville verificou-se que a irritabilidade neonatal e a resistência para se acalmar prediziam a emocionalidade negativa aos 9 meses (Matheney et al., 1985). Os recém-nascidos mais irritados também se mostravam mais perturbados, menos atentos aos estímulos e menos responsivos para os avaliadores aos 24 meses (Riese, 1987). No entanto as medidas revelavam pouca estabilidade do período neonatal para os 12 e 18 meses.

Larson e colaboradores (1987, citado em Rothbart, 1989) encontraram alguma estabilidade para a emocionalidade negativa medida no recém-nascido pela escala de Brazelton (NBAS-K). As avaliações neonatais de irritabilidade, baixo estado de alerta, e dificuldade na avaliação prediziam os resultados nas escalas Chorão/Difícil, Não Sociável e Não Adaptável da escala de Bates (ICQ - Bates et al., 1979) aos 15 meses. Curiosamente, St James-Roberts e Wolke (1986) encontram uma correlação apenas baixa, entre .30 e .40, entre duas avaliações feitas pela escala de Brazelton entre o 2º e o 5º dia pós-parto. É portanto, por enquanto, difícil perceber como é que os valores da escala Brazelton estão associados a valores de outras escalas avaliadas aos 6 meses, se os valores do próprio teste-reteste da NBAS são tão baixos com apenas 4 dias de intervalo.

Os estudos longitudinais sobre o humor na primeira infância também revelam alguma estabilidade. McDevitt e Carey (1981) referem estabilidade no humor entre os 4 - 8 meses e 1 - 3 anos. e Peters-Martin e Wachs (1984) entre os 6 e os doze meses. No estudo de Rothbart o medo e frustração avaliadas pelo IBQ revelavam correlações significativas entre 3, 6, 9, e 12 meses ( Rothbart, 1981, 1986, 1987).

**Em síntese**, existe alguma estabilidade nas medidas de emocionalidade negativa entre o período neonatal e os primeiros 12 meses.

**Nível de actividade** - Alguns estudos de observação directa não evidenciam estabilidade entre as medidas de actividade no período neonatal e idades posteriores mas revelam alguma estabilidade para medidas a partir do 1 mês. Birns et al. (1969) não encontraram estabilidade entre o período neonatal e os 3 e 4 meses. No entanto existia alguma estabilidade entre o 1 mês e os 4 meses. Rothbart (1986) também encontra estabilidade entre os 6 e os 9 meses através de observações feitas em casa.

As medidas obtidas por avaliações feitas pelos pais revelam resultados contraditórios. Mcdevitt e Carey (1981) referem estabilidade entre os 4-8 meses e 1 a 3 anos de idade e Peters-Martin e Wachs (1984) entre os 6 e os 12 meses no Infant Temperament Questionnaire (ITQ) e Toddler Temperamnent Scale (TTS); e Rothbart (1981) entre os 3 e os 12 meses (Infant Behavior Questionnaire (IBQ); Hagekull e Bohlin (1981) encontraram uma relação entre a intensidade-actividade avaliada aos 36 meses e aos 11-15 meses.

Thomas et al. (1968) não encontraram estabilidade no nível de actividade entre os primeiros meses e os 2 anos, o mesmo acontecendo com Kagan (1971) entre os 8 e os 27 meses.

A revisão de Buss e Plomin (1975) sugere que as medidas de actividade só são estáveis a partir do 1 ano. Uma das explicações para esta falta de estabilidade poderia ser o facto de que as medidas de actividade necessitem de ser agregadas ao longo de um longo período de tempo para serem representativas da criança. Outra explicação poderá ser a sobreposição entre perturbação e actividade, por exemplo o nível de actividade não deve ser avaliado por medidas dos movimentos dos braços quando a criança chora.

Em face destas contradições são necessários mais estudos longitudinais para determinar melhor o grau de estabilidade ou instabilidade do nível de actividade.

**Atenção** - O estudo de Birns et al. (1969) não revela estabilidade entre as medidas sobre o estado de alerta do período neonatal para os 3 e 4 meses.

McDevitt e Carey (1981) revelam estabilidade do tempo de atenção/persistência entre os 4-8 meses e 1-3 anos. Rothbart (1981) encontra estabilidade para algumas medidas entre os 3 e os 12 meses.

**Aproximação/Afastamento** - McDevitt e Carey (1981) encontraram estabilidade para esta variável entre os 4-8 meses e 1-3 anos; Petters-Martin e Wachs (1984) entre os 6 e os 12 meses; e Hagekull e Bohlin (1981) entre os 3 e os 12 meses.

**Emocionalidade positiva** - Moss (1967) refere uma estabilidade das 3 semanas até aos 3 meses no sorriso do bebé evidenciado durante a interacção. McDevitt e Carey (1981) e Rothbart (1981 e 1986) também encontram alguma estabilidade no sorriso, riso e humor entre os três meses e 1 ano. Rothbart encontrou também estabilidade numa medida composta incluindo sorriso, riso, actividade motora e vocalização entre os 3 e os 9 meses. Rothbart (1987) encontrou ainda estabilidade em relação ao sorriso e riso entre os 3 e os 13 meses avaliados em laboratório.

**Em suma**, os resultados apontam para alguma estabilidade no 1 ano pelo menos para o sorriso.

**Em síntese, vamos sublinhar alguns dos aspectos acerca da estabilidade temporal das dimensões de temperamento.**

Primeiro, tudo indica que nos encontramos numa fase de transição e que os estudiosos do temperamento, no futuro, acentuarão muito menos a necessidade de uma característica ser estável para ser considerada como temperamento. Isto deve-se em parte ao reconhecimento de que os factores genéticos também podem determinar padrões de mudança.

Segundo, quanto às diversas dimensões de temperamento existem mais exemplos de estabilidade do que do contrário, pelo menos nos primeiros 12 meses.

Terceiro, são contudo escassos os estudos que avaliaram a consistência temporal para observações directas do temperamento.

Quarto, a estabilidade poderá ser maior nos extremos, valores mais altos e mais baixos, de uma dimensão de temperamento do que nos valores intermédios.

Quinto, é importante recordar que a baixa estabilidade temporal poderá estar relacionada com o facto das próprias dimensões de temperamento variarem de estrutura duma idade para a outra.

Sexto, a informação disponível prende-se com a estabilidade normativa, sendo necessário fazer estudos que avaliem outros tipos de estabilidade.

Sétimo, a baixa ou apenas moderada estabilidade temporal encontrada é um dos elementos que nos permitem dizer que o temperamento não deve ser encarado como um traço.

## **(5) TEMPERAMENTO E INTERACÇÃO MÃE-CRIANÇA**

Vamos referir dois modelos teóricos que procuram descrever a influência ou o papel do temperamento da criança na interacção mãe-criança. Estas perspectivas são o modelo "homeostático" e o modelo do "melhor ajustamento". A seguir vamos rever a relação entre o comportamento interactivo da mãe num caso específico de temperamento - a emocionalidade negativa.

### **Modelo homeostático**

Rothbart (1989) procura fazer uma integração dos estádios de desenvolvimento de Sander (1969) e do modelo homeostático de Bell (1974) à luz das diferenças individuais no temperamento dos bebés. Recordemos que para Rothbart o temperamento corresponde a diferenças individuais entre os bebés em aspectos como a perturbação, capacidade para se acalmar, actividade, orientação e atenção, aproximação//afastamento, sorriso, riso e vocalizações. Os bebés diferem quer na expressão das suas reacções quer na capacidade para autoregularem essas reacções.

O modelo de Bell consiste no seguinte: é assumido que os participantes numa interacção social têm limites superiores e inferiores quanto à frequência, intensidade e adequação situacional dos comportamentos evidenciados pelo outro. Quando o limite superior de um dos participantes é atingido, ele provavelmente reage de modo a redirigir ou reduzir o comportamento excessivo ou inapropriado do outro (reacção de controlo do limite

superior). Quando o limite inferior é atingido, o participante desenvolve reacções para estimular ou por qualquer meio aumentar o comportamento insuficiente ou inexistente do outro (reacção de controlo do limite inferior).

Sander (1962, 1969) especifica duas fases ou etapas de desenvolvimento nos primeiros seis meses. Na primeira, até aos 3 meses, fase de "**regulação inicial**" os aspectos principais que a mãe e o bebé encontram e que têm de coordenar são a regulação dos processos biológicos como a alimentação, sono, manutenção da postura, eliminação e modelação dos estados incluindo a necessidade de ser estimulado quando está com sono ou de ser acalmado quando está demasiado excitado. A autora especifica os componentes de temperamento de que a criança disporia nesta fase para influenciar a mãe. A partir do período neonatal, a perturbação (distress) e a capacidade para se acalmar, a actividade, orientação e estado de alerta, e por último a aproximação/afastamento.

As características de temperamento mais importantes nesta fase seriam a susceptibilidade para a perturbação (emocionalidade negativa) e a capacidade para se acalmar. As diferenças individuais na facilidade com que ficam perturbados influenciará a frequência com que choram. Por outro lado, a facilidade em se acalmarem influenciará a facilidade ou dificuldade da mãe em acalmar a criança quando está a chorar ou acalmá-la quando está demasiado excitada para dormir. As crianças que choram com mais frequência ou mais difíceis de acalmar têm mais probabilidade de atingir os limites superiores dos pais.

A segunda fase de adaptação entre a mãe e a criança segundo Sander (1962, 1969) ocorreria entre os 4-6 meses e é designada por "**troca recíproca**". Os componentes de temperamento de que a criança disporia nesta fase para influenciar a mãe seriam todos os da fase anterior e ainda o sorriso, o riso, a vocalização, procura e evitamento de estímulos e frustração. Segundo Sander (1969) nesta fase do desenvolvimento os

comportamentos do bebé que seriam coordenados com as acções da mãe seriam o sorriso e a actividade motora e vocal em sequências ou trocas afectivas de "diálogo" com a mãe. As actividades como vestir e comer tornam-se também coordenadas reciprocamente. Durante os diálogos com a criança, a mãe é capaz de usar o afastamento do olhar do bebé como uma indicação de que o seu limite superior está a ser atingido (Rothbart, 1989). Se isso não acontecer o bebé poderá ficar sobreexcitado (atingir o seu limite superior). Poderíamos acrescentar que se a criança for muito activa pode aproveitar todas as oportunidades em que a mãe a quer vestir para se virar, rastejar, pôr-se de gatas, etc. e portanto não coordenar a sua acção com a da mãe. Neste caso o limite superior da mãe tenderia a ser atingido, levando a mãe a agir para controlar o comportamento da criança.

Segundo Rothbart, o temperamento regula e é regulado pelas acções dos outros desde as primeiras horas (Rothbart, 1989). Assim, crianças com temperamentos diferentes exerceriam influências diferentes sobre as pessoas que cuidam deles. A mãe utilizaria sobretudo estratégias para acalmar a criança. Parte da constatação de que o recém-nascido tem uma certa falta de mecanismos de auto-regulação e que as mães, compensam este aspecto utilizando a perturbação (distress) da criança como guia para intervir acalmando-a. Acalmar a criança incluiria pegar-lhe ao colo, estimulação táctil e movimentos rítmicos (Bell e Ainsworth, 1972; Korner e Thoman, 1972). Algumas crianças, através das suas características temperamentais teriam mais probabilidades de atingir os limites dos pais. As crianças muito calmas e pouco activas, por seu lado, raramente atingiriam estados de sobreexcitação, e acalmar-se-iam mais rapidamente dando pouca oportunidade aos pais de atingirem os seus limites superiores.

### **Modelo de ajustamento (Goodness of Fit)**

O modelo surge da necessidade de encontrar uma explicação para certas regularidades encontradas na prática clínica. "Estávamos impressionados, na nossa prática clínica, pela inadequação dos conceitos dominantes sobre a etiologia das desordens de comportamento, que focava quase exclusivamente o papel dos determinantes do meio. Supunhamos que o temperamento era uma variável significativa e que o desenvolvimento saudável dependia em grande medida do ajustamento (goodness of fit) entre o temperamento e o meio" (Thomas e Chess, 1977). Ao analisar a natureza dos processos de interação entre o temperamento e o meio, os autores acharam que o conceito de "goodness of fit" elaborado por Henderson (1913, citado em Thomas e Chess, 1977) e as ideias de consonância e dissonância eram particularmente importantes para explicar o desenvolvimento. "O ajustamento resulta quando as propriedades do meio e as suas expectativas e exigências estão de acordo com as capacidades, características e estilo de comportamento do organismo. Quando existe consonância entre o organismo e o meio o desenvolvimento positivo ocorre. Inversamente, o desajustamento envolve discrepâncias e dissonâncias entre as oportunidades e exigências do meio e as capacidades e características do organismo de tal modo que o desenvolvimento distorcido e funcionamento desadaptado ocorrem" (Thomas e Chess, 1977). O ajustamento não implica ausência de stress e conflito. Pelo contrário. Eles são concomitantes inevitáveis do processo de desenvolvimento, nos quais novas expectativas e exigências de mudança e níveis de funcionamento progressivamente superior ocorrem continuamente à medida que a criança se desenvolve. As exigências, stress e conflitos, quando consonantes com o potencial de desenvolvimento e capacidades para dominar as dificuldades, podem ser construtivas nas suas consequências e não devem ser consideradas como causas inevitáveis de distúrbios de comportamento. O distúrbio de comportamento estaria associado ao stress excessivo resultante de um fraco ajustamento (poorness of fit) e dissonância entre as expectativas, exigências do meio e as capacidades da criança. Assim

a criança que tem um padrão regular de sono, alimentação e eliminação tenderá a produzir um efeito diferente sobre os pais que privilegiam as rotinas regulares, daquele que produziria sobre pais que não têm estes hábitos regulares. A criança irregular poderá estar na origem de relações parentais negativas e de pior ajustamento se os seus pais privilegiam a rotina e poderá não afectar a relação com pais que não gostam de rotinas fixas e pré-estabelecidas. Da mesma maneira, uma criança muito activa pode ser uma origem de conflito para pais que privilegiam o sossego e esperavam ter filhos sossegados e não aborrecer uma família que espera e deseja que a criança seja enérgica. Uma criança muito calma, pode ser considerada excessivamente passiva pelos pais que esperavam e desejam uma criança mais enérgica. Como se verifica, o modelo não pressupõe a necessidade, ou mesmo que seja desejável uma semelhança de temperamento entre os pais e a criança (Thomas e Chess, 1977). Se uma mãe é pouco activa mas gostaria de ser mais activa pode desejar que a sua criança seja activa.

Windle e Lerner (1986) são dois autores que sublinham os processos de interacção que ocorrem no ajustamento ou desajustamento entre as características da criança e do meio. Sublinham que foi a noção de funções circulares de Schneirla que proporcionaram a Thomas e Chess (1970, citado em Windle e Lerner, 1986) o conceito de "goodness of fit" sobre as relações entre o temperamento e o contexto. Para Shneirla (1957, citado em Windle e Lerner, 1986) as características estruturais e funcionais do organismo servem a adaptação através da influência que estas características exercem sobre o contexto social; estas características evocam ou modelam as reacções dos membros do contexto social e estas reacções funcionam como feedback que proporciona experiências influenciando o curso do desenvolvimento do organismo. O conceito de "goodness of fit" representa uma tentativa para dar conta do conteúdo do feedback (de valência positiva ou negativa) que o organismo recebe como consequência dos efeitos que as suas características individuais exercem sobre o contexto social. Para Windle e Lerner (1986) o grau de

ajustamento existente resulta do processo relacional organismo-meio que contem três elementos:

- (1) Certo grau de correspondência entre as características do indivíduo (o seu temperamento) e as exigências do contexto social sobre o temperamento da criança (por exemplo, os pais preferirem que a criança evidencie determinado estilo de comportamento);
- (2) Interação entre a criança e o meio social. Esta interação contem o estilo comportamental ou temperamento da criança, e as reações dos pais às características temperamentais da criança. Estas reações ou feedback dos pais contêm uma valência positiva ou negativa.
- (3) O funcionamento revelado pelo sujeito devia covariar positivamente com o conteúdo do feedback dirigido à criança e com o grau de consonância entre a individualidade da criança e as exigências do meio.

De acordo com Chess e Thomas (1989) o ajustamento (Goodness of Fit) resulta quando as capacidades, motivações e temperamento da criança são adequadas para dominar as exigências, expectativas e oportunidades proporcionadas pelo meio. Esta consonância entre a criança e o meio promove um desenvolvimento positivo. O desajustamento (Poorness of Fit), resulta quando as características da criança são inadequadas para dominar os desafios do meio e isto leva a um funcionamento desajustado e um desenvolvimento distorcido. Ajustamento e desajustamento só têm sentido quando vistos em termos dos valores e exigências de um determinado grupo socio-económico e cultural. Para os autores o modelo de ajustamento pode ser comparado ao da selecção natural na teoria da evolução (Chess e Thomas, 1989). Nenhum dos conceitos especifica que só um ou dois mecanismos podem determinar uma adaptação favorável ou desfavorável; em vez disso incluem a possibilidade de múltiplos, variados e imprevisíveis tipos de interação entre a espécie e o meio poderem ser adaptativas ou desadaptativas.

Tanto o desenvolvimento saudável como o não saudável pode resultar de padrões de interacção múltiplos, variados e imprevisíveis.

Notemos que apesar do ajustamento significar um encaixe de duas peças, em que uma tem as características requeridas ou que completam a outra, e de desajustamento significar o inverso, o modelo parece implicar apenas, pelas palavras dos autores referidas acima, se a criança tem ou não as características que os pais exigem ou desejam. Isto é, não é sublinhada a plasticidade ou capacidade dos pais para se adaptarem às necessidades da criança. É sempre enfatizada a influência que a criança exerce sobre os pais e a possibilidade do inverso é omitida embora os autores admitam que o desenvolvimento resulta de um processo interactivo ou transaccional, "o ajustamento ou consonância entre o indivíduo e o meio, pode mudar mesmo qualitativamente de um estágio de desenvolvimento para outro, à medida que novos aspectos do meio influenciem as respostas do indivíduo", (Thomas e Chess, 1977). Esta ênfase na influência da criança sobre os pais revela-se na explicação dos processos de interacção como a seguir se analisa. Para Thomas e Chess (1989) o temperamento da criança pode influenciar o comportamento da mãe através da influência que exerce sobre a sua auto-estima. O temperamento do bebé é um factor importante no desenvolvimento inicial da sua personalidade, através do efeito que produz na auto-imagem parental, que por sua vez influencia o modo como os pais lidam com a criança (Thomas e Chess, 1989). Os autores, acham que o temperamento do bebé pode influenciar as atitudes, comportamentos e afectos que os pais sentem em relação à criança. Se a criança tem temperamento fácil, e o processo de socialização decorre suavemente os pais tendem a interpretar estes resultados como significativos de que eles são bons pais, de que são sensitivos. Este sucesso parental pode aumentar a sua auto-estima, mesmo que o temperamento da criança também tenha contribuído para este resultado positivo. Este efeito positivo sobre a auto-imagem dos pais também pode aumentar o afecto que sentem pela criança e a sua tolerância por enganos ou julgamentos incorrectos de menor

importância (minor misjudgements). Se pelo contrário a criança é difícil, o processo de socialização tende a ser agitado, sob stress e dificuldades umas atrás das outras. As mães tenderão a julgar-se como incompetentes, ou até inconscientemente a tornar-se hostis para a criança. As reacções de culpabilidade são comuns o que só ajuda a confundir os pais e agravar as suas dificuldades (Thomas e Chess, 1989).

**Em síntese**, de acordo com o modelo homeostático, o temperamento regula e é regulado pelas acções dos outros desde as primeiras horas. Crianças com temperamentos diferentes exerceriam influências diferentes sobre as pessoas que cuidam deles. A interacção entre a criança e a mãe seria determinada pelos aspectos que a díade tem de coordenar em cada fase de desenvolvimento do bebé através de um mecanismo geral que evitaria os extremos ou reperia o equilíbrio (reacção de controlo dos limites superior e inferior). Embora a autora enfatize uma perspectiva de influência bidireccional, e especifique os comportamentos da criança e da mãe, não identifica no entanto que os pais podem ter diferentes limites inferiores ou superiores e o que determina estas diferenças individuais nos pais.

O modelo tem algumas semelhanças com o modelo de "goodness of fit": admite que as crianças com temperamentos diferentes exercem influências diferentes sobre os que cuidam delas, e a noção de limites superiores ou inferiores poderia corresponder às exigências do meio no modelo de goodness of fit.

O modelo do melhor ajustamento acentua a ideia de bidireccionalidade na interacção, o comportamento dos pais influi no comportamento e desenvolvimento dos filhos mas o comportamento dos filhos também influi no dos pais. Por outro lado, a influência que o comportamento da criança exerce sobre os pais não depende exclusivamente das características da criança mas da compatibilidade destas com as expectativas e características dos pais.

## Emocionalidade Negativa e Comportamento da mãe

Vamos agora rever estudos que avaliam a relação entre alguns aspectos de emocionalidade negativa na infância e o comportamento da mãe.

A **emocionalidade negativa** tem sido medida quer por observação directa (quantidade de choro) quer através de escalas de temperamento preenchidas pelas mães medindo diversas dimensões: "difícil", "humor negativo", "irregularidade quanto às funções biológicas", "perturbação em face de limitações" ou "afastamento". Os **comportamentos da mãe** estudados incluem a frequência de respostas dadas à criança, estimulação sensorial e social, sensibilidade às pistas da criança, comportamento restritivo e punitivo, frequência com que lhe pega ao colo, envolvimento, contacto afectuoso, estimulação com objectos e tempo necessário para conseguir acalmar o bebé. A questão de partida consiste em saber se de um modo geral as mães que têm crianças evidenciando emocionalidade negativa reagem para ela com mais atenção, estimulação e afecto ou pelo contrário se respondem menos, se são mais punitivas e menos afectuosas; por outro lado, também seria importante esclarecer a questão da direcionalidade dos efeitos, é o temperamento da criança que afecta o comportamento da mãe ou o comportamento da mãe é que molda o temperamento da criança?

Dos estudos existentes, nove evidenciam uma associação entre emocionalidade negativa da criança e menor responsividade e contacto menos estimulante por parte das mães.

Os primeiros quatro estudos evidenciam correlações entre medidas concorrentes. No estudo de Kelly (1976) utilizando observações feitas em casa, os bebés identificados como difíceis (numa versão modificada do ITQ- Infant Temperament Questionnaire, Carey e McDevitt, 1978) aos 4 meses recebiam respostas negativas das mães quando choravam. No estudo de Milliones (1978) o temperamento difícil (numa versão modificada do ITQ) de crianças com cerca de um ano de idade estava moderadamente e

negativamente correlacionada com a responsividade da mãe. Nos estudos de Donovan as mães que achavam os seus bebés mais difíceis eram menos sensíveis às pistas e sinais das crianças (Donovan e col, 1978). O estudo de Peters-Martin e Wachs (1984) avaliou bebés com 12 meses e o comportamento materno aos 12 meses através da escala HOME de Caldwell. Maior intensidade no TTS (Toddler Temperament Scale de Fullar, McDevitt e Carey, 1984) aos 12 meses estava associada a menor envolvimento por parte da mãe avaliado pela escala HOME. O humor negativo estava mais uma vez associado a maior restrição e punição por parte da mãe.

Nos estudos concorrentes torna-se difícil saber quais são as causas e quais são os efeitos porque a correlação é obtida sobre duas medidas recolhida na mesma altura. Os estudos que utilizam recolhas de informação com algum tempo de intervalo tornam-se por isso mais úteis.

Os três estudos seguintes são longitudinais e utilizam tanto medidas concorrentes como preditivas entre o temperamento da criança e o comportamento da mãe. Campbell (1979) avaliou o temperamento de crianças com 3 meses através do ITQ e efectuou observações sistemáticas da díade aos 3 e 8 meses. As mães que acharam os seus bebés mais irregulares quanto às funções biológicas passavam menos tempo a brincar e eram menos responsivas ao choro das suas crianças tanto aos 3 como aos 8 meses. No estudo de Klein (1984) as mães avaliaram as crianças no ITQ aos 6 meses e foram feitas observações da interacção aos 6 e 12 meses. As crianças com humor mais negativo recebiam menos estimulação sensorial e social tanto aos 6 como aos 12 meses. No estudo de Lee e Bates (1985) o temperamento difícil aos 6, avaliado pelo ICQ (Infant Characteristics Questionnaire; Bates, Freeland e Lounsbury, 1979) e aos 13 meses avaliado pelo CCQ (Child Characteristics Questionnaire; Bates, Freeland e Lounsbury, 1979) predizia a utilização de técnicas disciplinares de afirmação de poder

por parte da mãe aos 2 anos. Quando as crianças eram vistas como difíceis as mães exerciam mais controlo intrusivo.

Temos de salientar que todas as medidas de temperamento utilizadas nestes estudos correspondem a relatos das mães não sendo portanto medidas de temperamento independentes. Por um lado, elas medem tanto as características das crianças como as percepções que as mães fazem dessas características, por outro lado, o temperamento da criança quando é avaliado pode já ser em parte um produto de características originais da criança e da interacção com o comportamento da mãe. Mesmo a utilização de medidas longitudinais com a avaliação do temperamento infantil anterior à avaliação do comportamento maternal, só por si não resolvem o problema (Crockenberg, 1986). Para avaliarmos se as características da criança influenciam o comportamento da mãe necessitamos de medidas de temperamento independentes da influência do comportamento da mãe e estas só podem ser obtidas no período neonatal.

Estas limitações foram tidas em conta nos dois estudos que referimos a seguir. No estudo de Linn e Horowitz (1983) o temperamento infantil e o comportamento da mãe foram avaliados no período neonatal. Os bebés mais fáceis de avaliar e mais reforçadores na escala Brazelton NBAS-K eram pegados com maior frequência pelas mães quando os alimentavam. O estudo de Crockenberg e Acredolo (1983) analisa a associação entre o temperamento avaliado pela escala NBAS (Neonatal Brazelton Assessment Scale) e o comportamento do bebé e a mãe no 1º e 3º mês e o temperamento avaliado aos 3 meses (IBQ, Infant Behavior Questionnaire; Rothbarth, 1981, 1986). Os resultados indicam que a perturbação em face de limitações, uma avaliação do IBQ que corresponde a emocionalidade negativa, estava correlacionada negativamente com o contacto maternal no 1º e no 3º mês.

Os estudos anteriores revelam a seguinte associação: A emocionalidade negativa do bebé está associada a menor responsividade e envolvimento por parte da mãe. No entanto, as limitações metodológicas de alguns estudos anteriores dificultam a interpretação sobre a relação entre temperamento infantil e comportamento maternal.

Existem também estudos que não revelam uma relação entre o temperamento e comportamento maternal. Rothbart (1986) não encontrou uma relação significativa entre o temperamento percebido pela mãe e o comportamento da mãe aos 3-9 meses, Matheney, Wilson e Thoben (1987) e Daniels, Plomin e Greenhalgh (1984) também não encontraram nenhuma relação aos 12-24 meses. O mesmo aconteceu no estudo de Vaughn et al., 1981.

Por outro lado, existem estudos cujos resultados contradizem aquela relação, isto é, mostram que os bebés difíceis ou irritáveis recebem maior envolvimento por parte das mães. Vamos referir 6 destes estudos. No estudo de Caron e Miller (1981, citado em Crockenberg, 1986) as mães das crianças avaliadas pelos pediatras como mais irritáveis entre 8 e os 11 meses respondiam mais às crianças quando elas choravam aos 9 meses. Bates et al. (1982) utilizou uma medida composta de "dificuldade" a partir de avaliações do ICQ e de observações independentes de rabugice (fussy) de bebés de 6 meses e do comportamento das mães e encontrou uma correlação positiva ligeira entre os dois aspectos. As crianças difíceis recebiam mais contacto afectuoso e mais estimulação com objectos por parte da mãe. A associação era semelhante quando os bebés tinham 13 meses (Pettit e Bates, 1984). Klein (1984) encontrou os mesmos resultados, as crianças que aos 6 e 12 eram avaliadas como mais difíceis pelo ITQ recebiam mais estimulação sensorial e social das suas mães. Fish e Crockenberg (1981) observaram que a quantidade de choro no 1 e 3 mês e o tempo necessário para conseguir acalmar o bebé estavam associados a mais cuidados maternos e mais interacção social durante observações efectuadas aos 9 meses. Crockenberg e Smith (1982) verificaram que os

bebés mais irritáveis no período neonatal obtinham mais contacto das mães quando tinham 3 meses. No estudo de Peters-Martin e Wachs (1984) os bebés que aos 6 meses eram avaliados com valores mais altos em "afastamento" (RITQ) recebiam mais respostas verbais e emocionais e menos restrição e punição do que os bebés com valores altos em aproximação.

Assim enquanto alguns estudos verificam que as mães interagem mais com os bebés difíceis ou irritáveis outros evidenciam o oposto. Crockenberg (1986) avança algumas explicações para estas contradições. Em primeiro lugar os resultados podem evidenciar flutuações aleatórias e por essa razão nuns casos apontam num sentido e noutros apontam noutro sentido. Em segundo lugar, a inconsistência poderá estar associada à utilização de diferentes amostras conjugada com uma relação curvilínea. Esta relação curvilínea poderia ocorrer se as mães de modo típico aumentassem as suas respostas e envolvimento em função das necessidades, do choro, do bebé e só diminuíssem essas respostas no caso dos bebés serem muito irritáveis ou difíceis. Assim, se num estudo o grupo de crianças mais difíceis apresentar apenas uma dificuldade moderada poderemos observar um aumento de respostas da mãe, portanto uma associação positiva; se noutra amostra, de outro estudo, o grupo de crianças mais difíceis for extremamente difícil a associação com as respostas seria inversa à anterior, seria negativa, ou seja as mães responderiam menos às crianças. A terceira explicação consiste em admitir que outras variáveis, ou terceiras variáveis podem jogar um papel na relação entre a emocionalidade negativa do bebé e as respostas das mães. Por exemplo, em alguns grupos as mães de crianças difíceis poderão aumentar as suas repostas em virtude das suas crenças educativas. Até agora, apenas um estudo analisou esta possibilidade. No estudo de Crockenberg e Smith (1982) verificou-se que a irritabilidade neonatal estava associada positivamente às respostas das mães aos 3 meses mesmo depois de controlar os efeitos de atitudes educativas avaliadas antes do parto, além do tipo de alimentação, paridade e tempo que a criança estava acordada. Uma quarta possibilidade reside no facto da

irritabilidade do bebê poder exercer efeitos diferentes na mãe consoante a idade da criança. As mães podem ser inicialmente responsivas quando o bebê chora, mas se a criança continua chorona ao longo do tempo e a paciência e energia da mãe se esgotam as mães poderão diminuir ou alterar as suas respostas (Crockenberg, 1986). Dois dos estudos revistos anteriormente produzem resultados que apoiam esta perspectiva. Lee e Bates (1985) observaram crianças aos 6, 13 e 24 meses de idade. Nas primeiras idades as crianças as choronas/difíceis recebiam mais contacto afectuoso e estimulação com objectos (Bates et al., 1982, Pettit e Bates, 1984). Aos 2 anos os bebês avaliados como difíceis obtinham com mais frequência controlo intrusivo por parte das mães do que as crianças avaliadas como fáceis ou médias. Peters-Martin e Wachs (1984) referem que as dimensões de temperamento difícil avaliadas no 1 e 6 mês estavam associadas a cuidados maternos mais favoráveis, mas aos 12 meses ocorria o inverso.

Por último, vamos rever alguns estudos que relacionam a emocionalidade negativa e comportamentos da mãe mas sob o efeito **mediador** de outras variáveis.

No estudo de Crockenberg e Smith (1982) havia uma associação positiva e significativa entre a irritabilidade do bebê e as respostas ao choro por parte da mãe. No entanto os resultados indicam uma resposta diferente em função do sexo da criança; as mães respondiam mais ao choro das raparigas mais irritáveis do que ao choro dos rapazes mais irritáveis. Por outro lado, as mães com atitudes menos responsivas (esta atitude foi avaliada no pré-parto) respondiam mais lentamente ao choro dos bebês mas só no caso dos bebês que tinham scores abaixo da média em irritabilidade neonatal (NBAS). Para Crockenberg estes resultados são consistentes com a teoria de Buss e Plomin (1984) sobre a influência do temperamento sobre o meio, que defende que os sujeitos com valores medianos em qualquer dimensão de temperamento têm mais probabilidades de ser influenciados pelo meio, enquanto que os indivíduos com valores extremos tendem a influenciar o meio.

Bates et al. (1982) estudaram a relação entre emocionalidade negativa e duas variáveis contextuais - classe social e paridade. A choraminguice do bebé estava associada positivamente a contacto afectuoso da mãe: no caso dos primeiros filhos, e mais no estatuto socioeconómico mais alto do que no médio.

Crockenberg e McCluskey (1985, citado em Crockenberg, 1986) encontram uma relação entre outra variável contextual, o apoio social, e a sensibilidade maternal evidenciada na situação estranha de avaliação de attachment. O apoio social estava associado à sensibilidade das mães aos 12 meses apenas no caso dos bebés com irritabilidade neonatal (NBAS) elevada.

**Em síntese**, podemos dizer que tanto existem estudos a revelar que as mães respondem mais e de modo positivo à emocionalidade negativa da criança como estudos que revelam o contrário, menos respostas e respostas mais negativas. Sendo assim, é por enquanto difícil interpretar estes dados e a solução pode estar em relações mais complexas do que se possa imaginar à primeira vista. Alguns aspectos merecem ser explorados. Primeiro, as respostas das mães podem variar de modo diferente consoante a emocionalidade negativa da criança seja apenas ligeira ou acentuada. Segundo, podem variar em função também do sexo da criança, de características da mãe como as suas atitudes educativas, ou do apoio a que estão sujeitas. Terceiro, poderão variar consoante se analise o temperamento através de observação directa ou através da avaliação da mãe, curiosamente, dos estudos revistos e que revelam mais respostas e respostas positivas para os bebés com emocionalidade negativa existe uma maioria de casos de observação directa do temperamento, nos casos de associação negativa, i. e., em que as mães respondem e se envolvem menos com as crianças de emocionalidade negativa existe uma maioria de medidas de temperamento por avaliação das mães (6 em 9). Este facto apontaria, à primeira vista para uma relação entre a maneira como a mãe vê o bebé e o modo como o trata por um lado, e uma relação entre o comportamento

do bebé e o modo como ela o trata por outro. Para sabermos se o modo como a mãe vê o bebé é independente do comportamento deste, era necessário incluir no mesmo estudo as três variáveis, temperamento ou comportamento do bebé observado directamente, avaliação temperamental do bebé feita pela mãe e comportamento da mãe obtido também por observação directa. Por último, seria necessário ter mais estudos para poder fazer uma comparação e avaliar a tendência sem ter que meter no mesmo "saco" estudos feitos com instrumentos bastante diferentes.

## **CAPÍTULO II**

### **PERCEPÇÃO E ATRIBUIÇÃO INTERPESSOAL VS PERCEPÇÃO DO TEMPERAMENTO**

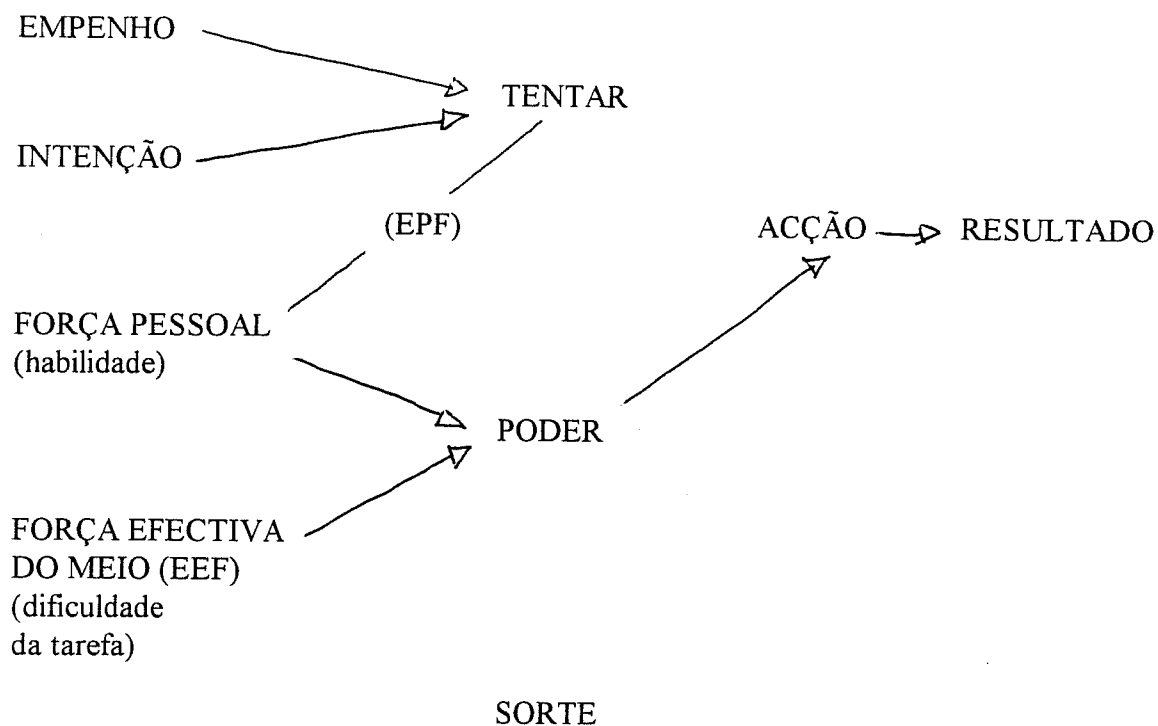
Neste capítulo são revistos modelos teóricos sobre a percepção (ou atribuição) interpessoal e por último procura-se mostrar que o temperamento infantil enquanto avaliação feita pelos pais pode ser visto como um exemplo de percepção social.

A percepção social implica perceber ou conhecer o que os outros são, o que fazem e porque o fazem. Grande parte deste conhecimento passa pela observação do outro como actor e da interpretação que é feita dos seus comportamentos. Perceber os outros é sinónimo de dar sentido aos seus comportamentos, e esta actividade habitualmente envolve encontrar a causa ou causas desses comportamentos. O sujeito que percepção começa por adquirir alguma compreensão do que o actor estava a tentar alcançar para passar rapidamente a considerar quais serão os motivos do actor. Estes motivos sugerem traços, valores, crenças ou atitudes estáveis? Isto é, muitas vezes o sujeito que percepção procura encontrar causas apropriadas nas características do actor, disposições que justifiquem porque é que o actor se comportou desta ou daquela maneira.

### **(1) UM POUCO DE HISTORIA - Heider**

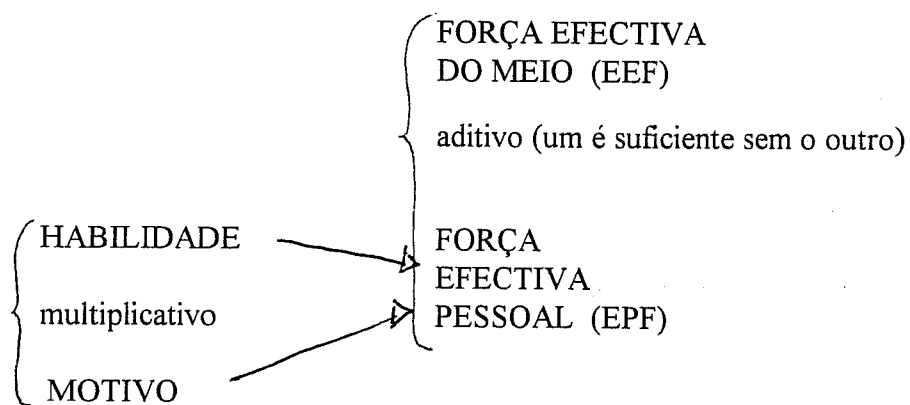
Em 1944 Heider revela a importância da atribuição causal, o que ele designa por causalidade fenomenológica ou experienciada. A sua premissa básica era que o comportamento dos outros está ligado perceptivamente, e toma o seu significado a partir das suas causas (Heider, 1944). O modelo mais conhecido de Heider é o modelo sobre o sucesso ou falhanço. De acordo com Heider para atingir um resultado não basta tentar, isto é não basta a intenção e o empenho; também é necessário poder (ou ser capaz), isto é, é necessária alguma habilidade e que a tarefa não seja demasiado difícil; para além disso ainda é necessária alguma sorte.

**Figura II (1): Modelo de Heider sobre o sucesso ou falhanço**



O modelo que mais nos interessa aqui é, no entanto, o modelo sobre a percepção interpessoal que representamos a seguir.

**Figura II(2): Modelo de Heider sobre a Percepção Interpessoal**



Mas o que é que uma acção nos revela da personalidade do actor? Como é que se decide se o acto foi acidental ou intencional? De acordo com a teoria de Heider o sujeito tenderá a considerar dois aspectos: as características do actor e as circunstâncias do meio. No modelo as características da criança estão representadas por E.P.F. (Effective Personal Force) e as características do meio por E.E.F. (Effective Environment Force). O facto destes dois elementos serem considerados aditivos significa que o sujeito que percebe pode atribuir a causa a um só dos elementos (ou à combinação dos dois).

**Em síntese**, os dois aspectos fundamentais da teoria de Heider são, por um lado, afirmar que perceber o comportamento do actor é perceber as causas desse comportamento, por outro lado, identificar dois elementos que são tidos em conta na atribuição causal - o sujeito e o meio. O percebedor infere ou não intencionalidade através do peso que atribui às características pessoais ou às circunstâncias do meio.

## **(2) TEORIA DA INFERÊNCIA POR CORRESPONDÊNCIA OU ANALOGIA - E. Jones**

A questão central da percepção interpessoal é como é que as pessoas caracterizam os outros quando observam o seu comportamento. Para começar, os vários comportamentos não nos dão todos a mesma informação. Os comportamentos efectuados livremente são mais informativos do que aqueles que são requeridos pela situação. O comportamento é informativo na medida em que é visto como envolvendo uma escolha entre alternativas. Por outro lado um comportamento tende a ter mais do que um efeito e portanto o significado desse acto também tem de entrar em linha de conta com o ou os efeitos que o actor pretendia atingir. As outras alternativas de comportamento não escolhidas também têm por sua vez consequências que podem ser comparadas com as consequências atingidas pelo comportamento escolhido.

Uma inferência correspondente é aquela em que o sujeito que percebe dá à acção do actor um valor facial; é uma extrapolação directa do comportamento observado (Jones e Davies, 1965, citado em Jones, 1990). O comportamento é visto como correspondendo ou reflectindo uma disposição subjacente do actor, e as consequências da acção não são vistas apenas como intencionais mas também como uma característica representativa do sujeito, caracterizam o actor como pessoa. O sujeito que faz uma inferência correspondente essencialmente aplica o mesmo rótulo à acção e à disposição, por exemplo, dizer que alguém é hostil (disposição) quando o viu tomar uma atitude hostil (acção). Vejamos alguns exemplos de inferências correspondentes: Por exemplo, "a Isabel está a chorar ... é chorona", "o Pedro entornou o copo, é desastrado"; e alguns exemplos de inferências não correspondentes, "o Pedro entornou o copo ... acontece, foi um acidente"; "a Isabel está a chorar ... deve estar com fome", como alternativa a mãe poderia dizer ou pensar, "... já lhe passa, os bebés são mesmo assim" ou "... faz sempre uma birrinha a esta hora", ou "está a chorar...porque eu não sou boa mãe".

Jones (1990) diz-nos que um comportamento é informativo na medida em que é visto como envolvendo uma escolha entre alternativas; quem percebe antevê qual das alternativas o actor vai escolher em função da situação em que se encontra. Se o actor faz aquilo que toda a gente está à espera a surpresa é pequena, ou seja, a probabilidade antecipada é elevada, é trivial. Se o actor faz aquilo que ninguém estava à espera a surpresa é grande e a probabilidade antecipada é pequena, torna-se intrigante.

Por outro lado, o comportamento é informativo porque produz uma ou mais consequências. Quem percebe avalia as diversas consequências da acção do actor. Se existe apenas uma consequência possível da acção, então a ambiguidade é baixa, é claro, se existem muitos efeitos distintos para essa acção, deixa de ser claro e passa a ser ambíguo.

Do cruzamento destes dois aspectos surge um modelo interpretativo.

**Figura II (3): Modelo de Jones sobre a inferência por correspondência**

		Probabilidade antecipada (ou grau de surpresa)	
		trivial (pouca surpresa)	intrigante (muita surpresa)
Grau de clareza (ou nº de efeitos ou consequências da acção)	ambíguo (muitos efeitos)	<b>ambiguidade trivial</b> toda a gente esperaria mas é ambíguo nas suas consequências	<b>ambiguidade intrigante</b> ninguém esperaria e é ambíguo nas suas consequências
	claro (um efeito)	<b>clareza trivial</b> toda a gente esperaria e é claro nas suas consequências	<b>elevada correspondência</b> ninguém esperaria mas é claro nas suas consequências

Vejamos alguns exemplos:

**ambiguidade trivial** - o Primeiro Ministro demitiu o ministro porque este, no seu discurso, cometeu uma gafe que foi muito criticada por todos (já quase todas as pessoas esperavam que ele o fizesse, no entanto é incerto se será uma medida a favor da credibilidade do governo).

**clareza trivial** - fechou a janela quando estava a limpar a criança depois do banho (qualquer um teria agido da mesma forma, o objectivo é evitar que a criança se constipe).

**ambiguidade intrigante** - rejeitou uma bolsa no estrangeiro para se alistar nos boinas verdes em Lamego (ninguém esperaria, portanto este acto já nos proporciona bastante

informação sobre o sujeito, as consequências possíveis da acção são contudo diversas lançando alguma incerteza).

**elevada correspondência** - quando a mãe lhe disse que arrumasse o quarto como lhe ordenara porque caso contrário lhe batia, a criança disse preferir que lhe batesse (ninguém esperaria que a criança preferisse esta alternativa, e a consequência dificilmente será outra além da vontade de se opôr.

**Em síntese**, na teoria de Jones a atribuição de intencionalidade e/ou disposições está dependente da informação que o comportamento do actor fornece. O comportamento é informativo na medida em que é visto como envolvendo uma escolha entre alternativas. E por outro lado é informativo na medida em que produz uma ou mais consequências entre outras possíveis.

Quando o actor tem várias possibilidades à sua escolha e opta por um comportamento que ninguém esperaria isso aumenta as probabilidades de se fazerem atribuições ao sujeito. Se, por outro lado, o comportamento selecionado só pode ter uma única consequência então, este aspecto, combinado com o anterior proporcionam a máxima informação possível sobre o actor e levam-nos a inferir que aquele acto foi intencional e caracteriza o actor como pessoa (inferência correspondente).

### (3) O MODELO DA COVARIÂNCIA - Kelly

As palavras chave deste modelo são: pessoa e situação, (dois tipos de atribuição), e distintividade, consenso e consistência (três tipos de condições). Quem percebe, atribui as acções do actor às influências do contexto ou **situação** e/ou às suas características como **pessoa**. Assim de acordo com Kelly (1967) o comportamento é atribuído, determinado, pela natureza da situação ou reflete predilecções do actor (pessoa). Quanto mais se atribui a um menos se atribui ao outro e um ou o outro tipo de atribuição depende das 3 condições referidas acima: distintividade, consenso e consistência (Kelly, 1971). Por exemplo, um amigo foi ver um filme e disse maravilhas dele. Começamos a pensar se havemos de ir ver o filme. Consideramos se este amigo diz maravilhas de todos os filmes que vê (baixa distintividade); ou se pelo contrário nunca o tínhamos visto gabar um filme (elevada distintividade). Podemos pôr também à consideração se já ouvimos quase toda a gente dizer bem do filme (elevado consenso). Este amigo entretanto leu o livro que deu origem ao filme e agora ainda gaba mais o filme (elevada consistência).

Se o sujeito só diz bem deste filme (elevada distintividade); se todo os outros dizem bem do filme (elevado consenso); e se ele mantém a sua opinião ao longo do tempo e através das situações (elevada consistência) então começamos a pensar que o filme é mesmo bom e que não se trata apenas de um gosto particular do nosso amigo. Concluimos que o filme é que é bom, e que não é o amigo que tem a mania de dizer bem de tudo e de todos.

Se o sujeito diz bem de todos os filmes (baixa distintividade); se nem todos os outros dizem bem do filme (baixo consenso); e se ele mantém a sua opinião ao longo do tempo e através das situações (elevada consistência) então fazemos uma atribuição à pessoa e não à entidade.

Assim,

**Figura II(4): Modelo da covariância de Kelly**

Condições			Atribuições
Distintividade	Consenso	Consistência	
1 Alta	Alta	Alta	Entidade
2 Baixa	Baixa	Alta	Pessoa
3 Alta	Baixa	Alta	Pessoa x Entidade
4 Baixa	Alta	Alta	Pessoa + Entidade
5 Baixa ou Alta	Baixa ou Alta	Baixa	Circunstâncias

Vejamos de novo o exemplo referido acima.

**Distintividade e Consenso** (supondo que a consistência é sempre alta) :

- 1 Só deste filme é que ele diz bem; mas todos os outros também dizem bem deste filme - **Entidade**.
- 2 Ele diz bem de todos os filmes; As pessoas em geral uns dizem bem outros mal - **Pessoa**.
- 3 Só deste filme é que ele diz bem; As pessoas em geral uns dizem bem outros mal - **Pessoa x Entidade**.
- 4 Ele diz bem de todos os filmes; mas todos os outros dizem também bem do filme - **Pessoa + Entidade**.

**Em síntese**, de acordo com Kelly o comportamento é atribuído, determinado, pela natureza da situação ou reflecte predilecções do actor (pessoa). Quanto mais se atribui a

um menos se atribui ao outro e um ou o outro tipo de atribuição depende de 3 condições: distintividade, consenso e consistência. Existe elevada distintividade se o actor só tem aquela reacção perante esta pessoa, entidade ou situação; existe elevado consenso se os outros também reagem da mesma maneira perante aquela pessoa, entidade ou situação; finalmente existe elevada consistência quando perante aquela pessoa, entidade ou situação o actor reage sempre daquela maneira.

#### **(4) O MODELO DE ATRIBUIÇÃO EM DUAS ETAPAS - Yaacob Trope**

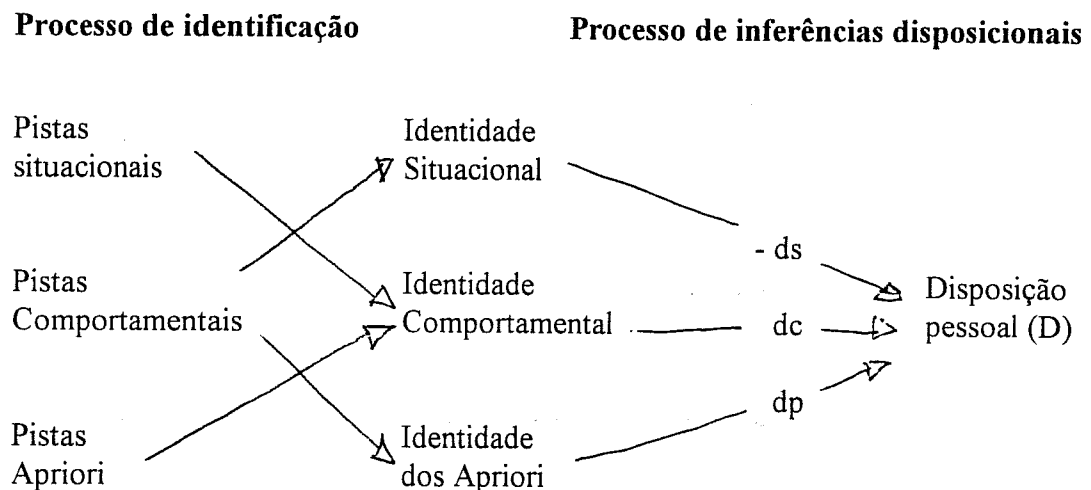
Trope constroi uma teoria que considera o processo perceptivo (ou de identificação) como distinto e precedendo o processo inferencial ou atributivo (de inferências disposicionais), (Trope, 1986).

Trope preocupou-se sobretudo com a atribuição de disposições aos outros. Parte do princípio que o sujeito que percebe trabalha com três fontes de informação: o comportamento; a situação e os apriori (priors). O sujeito que percebe atribui um significado em função da interacção daqueles três aspectos. Um dos argumentos importantes é que estas categorias servem de contexto umas às outras.

Por exemplo, o comportamento tem mais probabilidade de ser interpretado como amigável se ocorrer numa situação em que as pessoas são geralmente amigáveis. Os apriori também podem servir como contexto; se a pessoa alvo é amigável, (conhecimento prévio que temos dela) teremos mais tendência a decidir que um comportamento ambíguo que ela apresente é um comportamento amigável. Assimilamos o comportamento às nossas expectativas sobre o que era mais provável de acontecer. O próprio comportamento pode servir de contexto para ajudar a estabelecer o significado da situação e das pistas apriori. Quando vemos o jogador de futebol a chorar no fim de

um jogo que perdeu inferimos que era um jogo importante. E quando vemos alguém que pensávamos ser uma pessoa sisuda, a rir-se com algo que não é particularmente hilariante, poderemos rever os nossos pressupostos apriori. Portanto, em suma, as pistas menos ambíguas proporcionam o contexto para compreender o significado das pistas mais ambíguas. Se a situação é mais clara que o comportamento, a situação molda a percepção do comportamento mais do que o inverso. Se o comportamento é claro e a situação incerta o comportamento molda o significado da situação. A combinação destes três tipos de identificações são a primeira etapa e constituem o ponto de partida para a segunda etapa do modelo: O processo de inferência disposicional. Neste processo a atribuição disposicional (D) está relacionada positivamente com a identificação do comportamento e dos apriori e negativamente com a identificação da situação. O comportamento identificado como, por exemplo, amigável dá origem a uma atribuição do tipo "é uma pessoa amigável" na medida em que tivermos visto essa pessoa a agir amigavelmente no passado (os apriori criam a expectativa de comportamento amigável), e na medida em que não tenhamos identificado esta situação como uma situação que leve qualquer um a comportar-se amigavelmente.

**Figura II(5): Modelo de atribuições disposicionais de Trope**



**Em síntese**, Trope preocupou-se sobretudo com a atribuição de disposições aos outros. A primeira novidade do modelo esboçado por Yacob Trope sobre a atribuição de disposições às pessoas a partir do seu comportamento é ter duas etapas.

A primeira etapa consiste no processo perceptivo ou de identificação, o observador identifica, por exemplo, o comportamento que está em causa; a segunda etapa corresponde ao processo de inferência da disposição. Tanto o primeiro como o segundo processo são construídos com base na informação sobre o comportamento em si, a situação em que ele foi apresentado, e o conhecimento prévio que se tem dessa pessoa.

A segunda novidade deste modelo consiste na ideia de que cada um destes elementos serve de contexto aos outros, tanto na fase de identificação como na fase de atribuição de disposições. Os elementos menos ambíguos determinam o significado dos mais ambíguos.

Tendemos a atribuir uma determinada disposição pessoal a um actor idêntica ao comportamento por ele apresentado, se o comportamento anterior do actor também já apontar no mesmo sentido e se considerarmos que não é a situação que justifica aquele comportamento.

A teoria deixa em termos vagos o verdadeiro peso que podem ter os aprioris.

## **(5) DISCUSSÃO DAS VÁRIAS TEORIAS**

Vamos agora analisar em que medida as várias teorias da percepção e atribuição interpessoal podem contribuir para percebermos melhor a percepção do temperamento infantil no caso específico do temperamento Difícil e Chorão.

Começemos pela teoria de Heider. Vejamos um exemplo, A Isabel, uma bebé de três meses começa a chorar. Após várias tentativas para a acalmar ela recomeça sempre a chorar. A que é que a mãe atribui o comportamento da criança? De acordo com a teoria de Heider a mãe tenderá a considerar dois aspectos: as características da criança e as circunstâncias do meio. Este é um aspecto essencial, que vai ser comum a todas as teorias mas que só por si não nos produz grande informação.

Passemos agora ao modelo de Jones sobre a teoria da inferência por correspondência. Voltemos ao exemplo do choro. A inferência correspondente é intrigante, ninguém estaria à espera, e clara nas suas consequências, só produz um efeito. Nesta perspectiva conclui-se que para uma mãe achar o bebé chorão quando ele chora é necessário que ela ache que a maioria (ou pelo menos nem todos os bebés) não choraria nas mesmas circunstâncias (baixa probabilidade antecipada) e que considere que existe apenas uma consequência para o choro. Qual?

Jones (1990) diz-nos que um comportamento é informativo na medida em que é visto como envolvendo uma escolha entre alternativas. É discutível se o choro da Isabel é uma escolha mas analisemos por enquanto as alternativas. Quais são as alternativas ao choro da Isabel, bebé de 3 meses? Estar calada, esbracejar, sorrir e palrar. E quais são as consequências? Em 1º lugar, elas são sobre o próprio sujeito que percebe e não apenas sobre terceiros. A mãe é ao mesmo tempo o observador e "percebedor" da acção da criança, e o principal elemento sobre quem recaiem as consequências da acção da criança. A maioria das teorias sobre a percepção social centram-se sobre a interpretação feita pelo observador das acções do actor. Têm em conta as alternativas que o actor tinha à sua disposição e as consequências que a acção produz sobre terceiros. No entanto, a possibilidade do observador ser ao mesmo tempo o principal recipiente das consequências da acção são pouco exploradas. No presente estudo interessa-nos muito a relação entre as consequências da acção e a percepção interpessoal. No entanto

começamos por constatar que no modelo de Jones o observador que identifica as consequências da acção do actor e em função disso o caracteriza, é um observador "neutro", isto é, que não influenciou o agente e que não é influenciado por ele, trata-se de um observador independente. Ora, no caso do choro da criança e percepção da mãe ficamos com a sensação que ela "sofre" primeiro as consequências do choro e depois é que avalia a criança; isto leva-nos a pensar que ela poderá avaliar a criança sob o efeito das consequências do choro. Seja como for, de acordo com as previsões da teoria a atribuição disposicional seria máxima se o choro, ou não se calar, fosse um comportamento que poucas crianças apresentariam naquela situação (baixa probabilidade antecipada) e se o choro só tivesse uma consequência (elevada clareza). Resta saber qual é que podia ser essa consequência única.

A teoria da inferência por analogia é um modelo que representa um racional em relação ao qual se pode avaliar os enviesamentos que as pessoas fazem nas suas atribuições. A teoria sugere como é que as pessoas deviam idealmente comportar-se, se tivessem tempo e recursos cognitivos suficientes. O modelo é útil porque permite perceber, em muitas ocasiões, como é que as pessoas fazem atribuições mas também ajuda a identificar em que é que erraram ao fazer a atribuição (Jones, 1990). Significa que as previsões da teoria por vezes errariam porque as pessoas tendem a fazer vieses. No exemplo da Isabel de 3 meses que chora imaginamos que, se os pais acharem que a maioria das crianças naquela situação não choraria, e por outro lado, se só virem uma consequência e essa consequência for, por exemplo, a criança querer fazê-los perder a paciência, este tipo de enviesamento poderá produzir consequências consideráveis sobre o afecto da mãe.

Analisemos agora o modelo da covariância de Kelly. Vejamos cada uma das combinações do modelo para o exemplo do choro da Isabel.

Distintividade	Consenso	Atribuição
1 Nunca chora, só a seguir ao banho	mas todos os bebés chorariam nesta situação	Entidade
2 Chora por tudo e por nada, tanto a seguir ao banho como...	uns bebés chorariam outros não	Pessoa
3 Nunca chora, só a seguir ao banho	só agora é que está a chorar	Pessoa x Entidade
4 Chora por tudo e por nada, tanto a seguir ao banho como...	todos os bebés chorariam	Pessoa + Entidade

De acordo com esta teoria prevê-se que a mãe ache que o bebé que em determinada ocasião esteja a chorar é chorão se: Achar que ele chora por tudo e por nada e se ao mesmo tempo achar que os outros bebés nas mesmas circunstâncias, pelo menos bastantes deles, não chorariam.

O interesse desta teoria está em mostrar-nos que são necessários dois tipos de comparação. Um, do comportamento actual do actor com o seu comportamento passado (comparação intraindividual - para determinar o grau de distintividade e de consistência), outro, do actor com outros sujeitos (normativa - para determinar o grau de consenso).

Em relação ao choro, isto significa que a mãe compara o comportamento actual da criança com o seu comportamento passado e na falta de conhecimento de outros bebés a mãe pode comparar o bebé com o que lhe dizem que os outros bebés fazem ou com o

que ela espera que os bebês façam.

Passemos agora por fim ao modelo de atribuições disposicionais de Trope. Voltemos ao caso da da Isabel de 3 meses que está a choramingar. O interessante no choro, ou choramingos, é que ele pode representar vários choros: Choro de fome, de dor, de sede, de mal estar, de sono, etc. Nem sempre é fácil determinar a razão pela qual a criança está a chorar. Portanto o comportamento em si não é claro e a situação (ou os apriori) é que moldam o significado do comportamento. Como foi referido anteriormente, se o comportamento não é claro e a situação é clara, a situação molda a percepção do comportamento. Mas provavelmente nalguns casos em que a criança chora nem o comportamento em si nem a situação em si são claros ou dão pistas suficientes. Neste caso as mães podem ser levadas a concentrar-se numa disposição pessoal. Que tipo de informação pode influenciar a mãe a fazer uma atribuição disposicional do tipo " ela é chorona, é difícil"? Vamos supor que a Isabel chora com alguma facilidade (pista apriori?). A mãe com base neste facto já pode vir para esta situação com uma certa expectativa de que ela chore (Apriori), já achar que ela é um bocado chorona. Este apriori já serve de contexto para a identificação do comportamento. Entretanto estes choramingos lembram à mãe que ela chorou muito no dia anterior e portanto o comportamento serve de contexto para reforçar a ideia apriori. Por outro lado a mãe dá-se conta de que foram sair à tarde e que isso pode ter cansado a bebé e que além disso, num dia "normal" ela a esta hora já comeu e já está a dormir (pistas situacionais). A partir daqui é feita a inferência. Se a mãe não der suficiente desconto devido às pistas situacionais ou se elas não lhe ocorrerem vai atribuir uma disposição à criança.

Nos primeiros meses de vida do bebé os apriori, moldados possivelmente nas expectativas da mãe, poderão ter mais peso e servir de contexto aos comportamentos e situações, para posteriormente, a relação entre os três aspectos se modificar.

Como última nota refira-se que os vários modelos abordam as atribuições para um comportamento concreto mas não explicam como é que o sujeito passa de atribuições específicas a um comportamento a uma percepção estável, ou da atribuição de uma disposição num momento para uma atribuição de disposição estável. A percepção de temperamento tal como ela é avaliada pelos pais quando os pais preenchem um questionário corresponde mais a uma atribuição disposicional ou percepção estável ou típica que os pais têm sobre a criança do que a uma percepção sobre um comportamento particular porque nessa situação não estão a avaliar um comportamento concreto mas sim a "dizer" como a criança é habitualmente

#### **(6) O SIGNIFICADO DO TEMPERAMENTO AVALIADO PELOS PAIS. PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO VS PERCEPÇÃO SOCIAL**

O temperamento avaliado pelos pais representa as características da criança? Se o comportamento avaliado pelos pais não mede (ou não mede apenas) as características da criança então é necessário perceber o que é que mede, em que é que os pais se baseiam para fazer essa apreciação e que relação existe entre essa avaliação dos pais e as características da criança. São estes os aspectos que vamos discutir neste capítulo.

A investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates et al., 1979, 1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil. Para determinar a validade de um instrumento é necessário compará-lo com critérios exteriores. Bates utilizou dois tipos de comparação: comparação dos relatos feitos pelas mães com os relatos feitos por outras pessoas como os pais ou investigadores (processo de determinação da fiabilidade como meio indirecto de obter a validade) e comparação do

relato ou questionário preenchido pela mãe com o próprio comportamento da criança.

Veamos o significado do factor ou dimensão "Chorão/Difícil" através das investigações de Bates em que comparou as avaliações feitas pelas mães com as avaliações feitas pelos pais e também por observadores. Isto é, **mães, pais e observadores preencheram a escala ICQ**. Os autores encontraram correlações (feitas com base em scores factoriais) moderadas (.61) entre as avaliações feitas pela mãe e pelo pai. As correlações entre as avaliações da mãe ou do pai com as dos observadores no factor Difícil/Chorão eram baixas (respectivamente .34 e .40).

Porque é que existe uma limitada convergência entre os resultados na escala preenchida pela mãe (ou pai) e os resultados na mesma escala preenchida por observadores? Bates et al. (1979) avançam algumas hipóteses: 1) Os observadores não viram o suficiente do comportamento da criança para que as suas observações possam ser comparáveis ao conhecimento que a mãe tem da criança; 2) Erros de medição 3) As variáveis de observação não terem em conta pistas comportamentais usadas pelas mães nas suas avaliações, 4) As mães terem uma base de comparação restrita por não conhecerem outras crianças (ou um número razoável de outras crianças). Na revisão feita sobre os métodos de medição em 1987, Bates (1987) acrescenta outros aspectos: 5) A interpretação dos itens feita pelos observadores e pelos pais ser diferente 6) Haver um enviesamento na percepção dos pais tal como tentar descrever a criança de modo socialmente aceitável (Bates e Bayles, 1984, Goldsmith e Campos, 1982); Outros exemplos de enviesamentos podiam ser acrescentados; as auto-avaliações de ansiedade das mães tendem a estar ligeiramente correlacionadas com uma percepção negativa do temperamento da criança (Bates e Bayles, 1984; Sameroff et al., 1982; Vaughn et al., 1987), o que leva a concluir que as características dos pais podem influenciar, em parte, as percepções de temperamento que têm da criança.

Analisemos o significado da primeira afirmação (grau de conhecimento diferente) do autor. Isto significa que os observadores poderiam ter, eventualmente, uma percepção diferente se lhes fosse dada a oportunidade de fazer uma observação mais extensa do que a que fizeram (no estudo de Bates et al., 1979, duas observações de 3 horas feitas com alguns dias de intervalo quando as crianças tinham 5-6 meses). Ao mesmo tempo significa que o comportamento da criança nos momentos de observação não foi "típico", ou não caracterizou todas as manifestações, ou intensidades que se poderiam encontrar na criança. A nossa experiência mostra-nos que algumas mães fazem afirmações concordantes com esta ideia, por exemplo: "sim, mas ele geralmente não é assim" ou "isto não é nada, às vezes chora muito mais". Os resultados do estudo de Bates et al., (1979), também permitem a mesma interpretação, já que a estabilidade do comportamento entre os dois dias de observação era apenas entre baixa e moderada. A observação mais extensa que as mães fazem pode proporcionar-lhes quer uma "média" de comportamento menos dependente de observações esporádicas, quer a observação de alguns exemplos de comportamento atípico na criança que por serem raros não são observados pelos observadores mas que também são tidos em conta na opinião que as mães formam. (Este último aspecto, relaciona-se também com a 3ª explicação - utilização de pistas diferentes - avançada por Bates). Em todo o caso, Field e Greenberg (1982) revelam que a convergência entre as avaliações feitas pelos pais e pelos educadores das crianças que estavam com eles durante todo o dia, não eram mais altas que as habitualmente encontradas entre pais e observadores. Por último, a quarta explicação avançada por Bates, (falta de conhecimentos de outras crianças), também merece ser investigada. Na nossa experiência algumas mães referiram espontaneamente ter alguma dificuldade em dizer se as suas crianças faziam isto ou aquilo mais ou menos do que a maioria das crianças por não conhecerem outras crianças. No entanto estes casos eram a exceção e não a regra o que significa que as mães tem uma representação sobre o que é a criança "média" ou o que faz "a maioria das crianças" que é pouco questionada.

Que significado poderá ter a moderada (.60) convergência entre a percepção da mãe e do pai? Para Bates uma das possíveis explicações poderá residir no facto dos maridos basearem as suas avaliações nas opiniões das mulheres (Bates et al., 1979). De facto, a avaliação deles pode ser baseada naquilo que as mães comentam sobre o bebé na presença do pai. Este argumento é confirmado por Wolke e St. James-Roberts (1986).

Se perguntarmos porque é que a convergência entre os pais é maior do que a encontrada entre a mãe e o observador a justificação mais provável é a mãe e o pai terem um background de observação mais semelhante entre si do que o da mãe e observador. Se, por outro lado, perguntarmos porque é que as avaliações da mãe e do pai não são ainda mais convergentes, então a resposta pode estar não só na diferença nesse background de observação, ainda assim a mãe tem habitualmente mais contacto com a criança, como na experiência de um e de outro, i. e., "cuidar de" proporciona provavelmente uma percepção diferente da obtida por uma pessoa que ouve, vê, convive, etc., mas não tem a responsabilidade dos cuidados diários, como ainda em aspectos subjectivos comuns como os que influenciam dois quaisquer observadores. A este propósito seria interessante verificar se os pais que têm maior participação nos cuidados prestados à criança têm uma percepção mais semelhante à das suas esposas do que os pais que participam menos nos cuidados à criança.

Bates usou também a **observação directa de comportamentos específicos** como meio de comparação com as medidas obtidas por preechimento das suas escalas pelas mães. As observações incluíam entre outras medidas a frequência de choro, avaliações subjectivas sobre a intensidade do choro, a frequência do sorriso, das vocalizações positivas, resposta negativa ao ser-lhe mudada a fralda, e o tempo que a criança levava a acalmar-se após intervenção da mãe, etc. Foi feita uma análise factorial com estes itens e encontrados 3 factores. Dois dos factores, "Choramingar" e "Dificuldade em se acalmar" tinham correlações baixas com o Factor "Chorão/difícil" resultante da avaliação da mãe.

Bates (1987) concluiu que a quantidade de choro é central na definição de temperamento difícil através do ICQ (Infant Characteristics Questionnaire), uma vez que existem correlações baixas mas replicáveis das avaliações das mães com os itens de choro/rabugice obtidos por observação directa (Bates et al., 1979; Bates et al. 1982; Pettit e Bates, 1984).

Outro tipo de informação sobre a componente objectiva da medida de temperamento difícil diz respeito às qualidades do choro do bebé independentemente da sua frequência. Com base na percepção de dificuldade de acordo com a mãe, Lounsbury e Bates (1982) seleccionaram exemplos de três tipos de crianças, difíceis, médias e fáceis, e gravaram amostras dos seus choros de fome. Um grupo de mães ouviu estas gravações e avaliou como mais irritante e mimado o choro das crianças difíceis. Os espectogramas dos choros também revelavam aspectos diferentes nestes três grupos. O choro das crianças difíceis tinha pausas mais longas entre os sons de choro e os volumes mais altos tinham picos mais altos (made higher-pitched sounds at volume peaks). Boukydis e Burgess (1982) chegaram aos mesmos resultados e também mostraram que as avaliações eram acompanhadas por activação (arousal) psicofisiológica nos adultos que ouviam os choros.

Deste modo, os resultados de Bates e colaboradores (Bates et al., 1979; Lounsbury e Bates, 1982) sugerem que a percepção de dificuldade é determinada em parte por componentes objectivos como a frequência e intensidade do choro e rabugice. Mas ao mesmo tempo as baixas correlações levam Bates a concluir que as avaliações da mãe não podem ser vistas como um substituto das observações directas (Bates et al., 1979).

No entanto, existem outros aspectos para além do choro que determinam a percepção de dificuldade. A percepção de exigência, sensação de que a criança exige mais atenção e estimulação e se entretém pouco sozinha é outro aspecto que determina a sensação de

dificuldade (Bates, 1987). Esta relação foi encontrada no estudo de Bates et al. 1982. Estes estudos revelam a preocupação de Bates em validar a sua escala de temperamento. A observação directa de itens de choro serviram como um meio de validar a sua escala de temperamento, nomeadamente da subescala Chorão/Difícil. Enquanto para Carey (1983) e Thomas et al., (1982) os relatos dos pais são informações válidas das características da criança, e para Vaughn et al. (1981) reflectem atributos dos pais e não das crianças, para Bates (1980) a informação obtida nas escalas de temperamento preenchidas pelos pais devem ser encaradas como uma percepção social e incluem um componente objectivo, um componente subjectivo e um erro de medição (Bates e Bayles, 1984).

Para Wolke e St. James-Roberts (1986) insistir na ideia de que existe uma componente objectiva (os relatos dos investigadores) e outra subjectiva (os relatos dos pais) tem sido mais prejudicial do que benéfico porque impediu que se compreendesse que os relatos dos pais e dos investigadores são ambos percepções sociais. Medir o temperamento através de uma escala de avaliação envolve uma cognição por parte do observador, envolve processar informação. As percepções sociais são inferências activas das propriedades psicológicas (dos outros) feitas a partir de várias pistas que são pesadas numa sequência de processamento de informação complexa de modo a formar uma impressão ou representação cognitiva. Esta percepção social tem, segundo Wolke e St. James-Roberts (1986) algumas características: 1) constitui uma simplificação, o temperamento constitui um constructo psicológico, uma abstracção, representa uma súmula, simplificação ou categorização que os pais fazem a partir de um conjunto vasto e complexo de comportamentos que a criança apresenta em diversas situações e ao longo do tempo; 2) não deve ser equacionada como projecção enviesada por parte dos pais; 3) como percepção social este temperamento não pertence à criança, (não é uma característica da criança) nem à mãe mas é algo que está entre elas.

St. James-Roberts e Wolke acentuam a ideia de que os processos pelos quais os pais abstraem características de temperamento da criança ainda não foram estudados e que correlacionar os relatos de temperamento dos filhos que os pais fazem com as suas características de personalidade (Sameroff, et al. 1982) não chega para conhecer esses processos (St. James-Roberts e Wolke, 1986 e Wolke e St. James-Roberts, 1986). Na tentativa de conhecer os processos St. James-Roberts e Wolke fazem uma investigação sobre o comportamento difícil, (choramingar, choro, incapacidade para se acalmar e organização pobre do comportamento) no período neonatal e às sete semanas utilizando um vasto conjunto de medidas incluindo uma entrevista para saber a que é que a mãe atribuiu um exemplo específico de choro da criança, que escolhas de acção a mãe anteviu, como é que ela de facto actuou, que resultados obteve e as atribuições que fez para esse resultado. Uma das principais conclusões do estudo é que na sua percepção as mães "impõem" maior consistência ao comportamento da criança do que aquela que pode ser vista através de outros métodos (St. James-Roberts e Wolke, 1986). Esta conclusão é retirada do facto de, independentemente do método usado para recolher a informação, a convergência entre as várias medidas da mãe ser entre moderada (.40) e alta (.80), ao passo que a convergência entre as medidas das mães com as de outros avaliadores ser apenas baixa (entre .30 e .40); "mothers are systematic, internally reliable data sources" (Wolke e St. James-Roberts, 1986). Entre outros resultados os autores verificaram que as mães que atribuíam o facto do bebé parar de chorar durante uma refeição na primeira semana de vida ao facto de a criança ser habitualmente fácil de acalmar, que intervinham mais rapidamente quando o bebé chorava e que precisavam de prestar pouca estimulação táctil e vocal, tendiam a achar as suas crianças "fáceis" às 7 semanas. Os pais tendiam a achar as crianças fáceis às 7 semanas quando na primeira semana de vida os bebés faziam poucas refeições por noite, tinham uma esposa com confiança nas suas capacidades maternais e que intervinha prontamente quando o bebé chorava. Os autores concluem que as opiniões dos pais reflectem não as características dos recém-nascidos, mas o bem estar das esposas, as descrições que elas fazem dos

bebés e as suas atribuições precoces. St. James-Roberts e Wolke (1986) defendem que cada vez existe mais evidência (Hagekull e Bohlin, 1986; Klein, 1984; Wolke e St James-Roberts, 1986; Vaughn et al., 1987; Zeanah et al., 1986) de que as mães abordam os seus recém-nascidos com expectativas e disposições perceptuais que influenciam as suas percepções dos filhos e o seu comportamento em relação a eles. "Dada a elevada instabilidade no comportamento do recém nascido, não seria surpresa se essas pré-concepções jogassem um papel preponderante nas representações que as mães formam das características dos seus bebés... as avaliações das mães compreendem um componente atribucional significativo assim como um componente do comportamento da criança" (St James-Roberts e Wolke, 1986).

Vejamos alguns exemplos de estudos que abordam a questão da validade dos relatos dos pais como medidas de temperamento da criança. Vários deles (Bates et al. 1979; Crockenberg e Acredolo, 1983; Hagekull e Bohlin, 1986; Sameroff et al., 1982) revelam que as avaliações de temperamento feitas pelos pais estão mais relacionadas com o seu próprio comportamento ou características do que com o comportamento da criança.

No estudo Bates et al., (1979) características de personalidade como a extroversão, o Estatuto Socio-económico e se a criança era primeiro ou segundo filho, prediziam melhor as avaliações das mães (subescala Chorão/Difícil) do que o comportamento da criança (choro).

No estudo de Crockenberg e Acredolo (1983) as avaliações do temperamento aos 3 meses no IBQ (Rothbart, 1981) estão relacionadas de modo consistente com o comportamento da mãe no 1º e 3º meses. Os autores avançam duas explicações: primeiro, poderá haver outros factores para além das características da criança que justifiquem esta relação. Por exemplo, uma mãe que esteja particularmente satisfeita e optimista com a sua criança tem mais probabilidades, por uma lado, de avaliar a sua

criança como sorridente (mesmo que ela não o seja particularmente), e por outro lado, sorrir mais para a criança. Segunda explicação, a mãe pode moldar as características da criança e depois avaliá-las correctamente. A autora considera que esta explicação é mais consistente com os dados uma vez que o comportamento da mãe no 1º mês prediz melhor as avaliações de temperamento no IBQ aos 3 meses do que o comportamento da mãe aos 3 meses. Quanto a nós parece-nos que esta 2ª hipótese, para poder ser confirmada, exigia que o comportamento da mãe no 1º mês previsse ou estivesse relacionado (moldasse) com o comportamento da criança aos 3 meses e que, por outro lado, o comportamento da criança aos 3 meses estivesse associado à avaliação que a mãe faz no IBQ aos 3 meses (avaliação correcta). Os autores não nos dão informação sobre o primeiro aspecto e a própria autora refere não se confirmar o segundo aspecto.

No estudo de Hagekull e Bohlin (1986) os comportamentos evidenciados pelas mães na interacção em casa com as suas crianças (15 meses) não eram preditas pelo comportamento evidenciado pela criança durante a observação mas estavam mais relacionadas com a avaliação de temperamento - uma ideia geral que a mãe tinha sobre o humor, persistência e concentração da criança. Para estes autores, as avaliações das mães, independentemente da sua origem, podem ser preditores importantes do comportamento da mãe por representarem a perspectiva consciente que as mães têm da sua criança e porque é de esperar que as mães ajam de acordo com as suas ideias.

No estudo de Klein (1984), as avaliações de Distractibilidade (ITQ, Carey e McDevitt, 1978) aos 6 meses estavam moderadamente correlacionadas (.54). com respostas contingentes ao "distress". Isto é, as mães que respondiam de modo mais contingente ao choro/desconforto (distress) do bebé avaliavam-nos como mais fáceis de consolar (recordamos que grande parte dos itens de distractibilidade são itens sobre a facilidade com que se acalma a criança).

Sameroff et al., (1982) verificaram que o comportamento da criança não predizia as avaliações de temperamento no ITQ aos 4 meses mesmo quando as variáveis maternas eram controladas. O estatuto social das mães, ansiedade e saúde mental das mães estavam mais relacionados com as avaliações de temperamento do que o comportamento da criança. Estes resultados levam os autores a considerar que em face do comportamento lábil do bebé as respostas dos pais aos questionários devem reflectir mais a estabilidade das suas atribuições do que a instabilidade do comportamento da criança. Acrescentam que seria de esperar que as projecções das pessoas de menor saúde mental ou E.S.E. mais baixo sejam enviesadas no sentido negativo. Por outro lado, descobrir que as avaliações de temperamento reflectem características das mães não significa que não tenham valor, a longo prazo as percepções dos pais podem ter maior impacto no desenvolvimento da criança do que o temperamento real da criança.

Alguns estudos chegaram mesmo a verificar que algumas características que as mães revelavam no período da gravidez prediziam melhor a avaliação de temperamento que elas fazem do bebé depois deste nascer do que o próprio comportamento evidenciado pela criança.

Zeanah abordou a polémica sobre se os questionários que avaliam a percepção de temperamento dos pais são medidas válidas de características próprias da criança (Zeanah et al., 1986). Fez uma aplicação do ITQ (Carey e McDevitt, 1978) no período pré-parto. Para isso foram feitas algumas modificações nas instruções, era pedido aos pais para responderem aos itens indicando com que frequência eles imaginavam que o comportamento das suas crianças ia ser como o descrito em cada item. Foram feitas também aplicações no 1º e 6º meses, (no pré-parto e 1 mês não puderam ser utilizadas todas as escalas). Verificaram que a percepção pré-natal estava associada à percepção aos 6 meses. Isto leva o autor a concluir da existência dum componente subjectivo na avaliação; a subjectividade na avaliação de temperamento está patente na estabilidade

temporal do temperamento (ou percepção de temperamento) que se desenvolveu num momento em que a mãe dispunha apenas de informações limitadas e ambíguas sobre a criança (Zeanah et al., 1986). Por outro lado, aos 6 meses a investigação revela que as avaliações de temperamento eram baseadas em parte no comportamento da criança, os bebés avaliados como difíceis pelas mães mostravam ser menos responsivos para as mães ( $r=-.58$ ; avaliações feitas pelos observadores). Como curiosidade acrescenta-se que as mães que referiram que o parto tinha corrido de modo diferente do que tinham esperado modificavam com mais probabilidade a sua percepção do pré-parto para o 1º mês.

Para Vaughn et al. (1987) as mães avaliadas no pré-parto como ansiosas, desconfiadas, irritadas e impulsivas tendem a descrever os seus bebés (4 e 6 meses) como difíceis quando respondem ao ITQ-R (Carey e McDevitt, 1978). (Neste estudo os resultados do BDI de Beck aos 6 e 12 meses mostravam uma diferença significativa entre os bebés fáceis e os difíceis. As mães dos 1ºos tinham scores mais baixos no BDI). Estes resultados levam o autor a concluir que as características das mães podiam ser consideradas a principal fonte das diferenças individuais no temperamento das crianças em vez de características endógenas dos próprios bebés (Vaughn et al., 1987).

**Em síntese**, é discutida a relação entre a percepção de temperamento que a mãe tem e o comportamento da criança.

Para Bates as avaliações feitas pelas mães são medidas válidas do temperamento da criança uma vez que existem correlações baixas mas replicáveis das avaliações das mães tanto com os itens de choro/rabugice obtidos por observação directa como com as avaliações das escalas preenchidas por observadores (Bates et al., 1979; Bates et al. 1982; Pettit e Bates, 1984).

Para Wolke e St James-Roberts o temperamento, enquanto avaliação pelos pais, é um exemplo de percepção social, e é uma simplificação; os pais têm uma representação da criança que "aplicam aos instrumentos" dando origem a uma ideia de consistência nas características da criança que não é possível observar por outras formas de recolha dos dados diferentes dos relatos dos pais; por último, estas percepções sociais podem ser construídas com base tanto no comportamento observado como nas percepções e atribuições precoces que a mãe faz para além das expectativas pessoais ou em opiniões que os outros têm sobre a criança.

Tanto Bates como St. James-Roberts e Wolke consideram as avaliações feitas pelos pais como percepções sociais mas enquanto Bates prefere insistir que estas avaliações têm 3 componentes, objectivo, subjectivo e erro psicométrico, e que, portanto em certa medida, avaliam características da criança, St. James-Roberts e Wolke preferem enfatizar a falta de conhecimento que existe sobre os processos utilizados pelos pais nessa percepção.

A maioria dos estudos revistos revelam que as avaliações de temperamento feitas pelos pais estão mais relacionadas com o seu próprio comportamento ou características do que com o comportamento da criança. Isto acontece para os vários instrumentos de temperamento incluindo o ICQ (Bates et al., 1979).

Em suma, o temperamento, enquanto avaliação feita pelos pais, é uma percepção social, não pertence à criança nem aos pais, é uma "percepção" de temperamento.

## **CAPÍTULO III**

### **IRRITABILIDADE / IMPACIÊNCIA**

## (1) ASPECTOS HISTÓRICOS

O que entendemos hoje por emoções era, até ao séc. XVIII, designado genericamente por "paixões", pelas quais a personalidade podia ser "aprisionada" (Averill, 1974). A ira ou irritabilidade (*anger*) é talvez o modelo destas paixões, na medida em que obscurece a razão e conduz a actos impulsivos; ficar irritado parece significar perder o controlo de si próprio, ficar à mercê de forças selvagens que devem, em última análise, ser reprimidas (Novaco e Welsh, 1989). Esta perspectiva da irritabilidade como uma paixão que se apodera da personalidade tem origem na Filosofia Clássica. Em "Timaeus", Platão (Publicações Europa-América, 1982), opera a distinção entre a alma imortal, localizada na cabeça e contendo a razão, e a alma mortal, localizada no tronco, apresentando-se irracional e contendo as paixões; o pescoço seria a fronteira. As paixões estariam localizadas nas regiões viscerais, superior e inferior. A irritabilidade encontrar-se-ia na região superior, sendo o coração o órgão central, beneficiando assim de algum controlo da cabeça e refrigeração dos pulmões. A região inferior compreenderia os impulsos da fome, sexo e avareza.

Esta ligação das emoções a regiões corporais e a modificações fisiológicas foi assinalada por Averill (1974) e designada por "simbolismo psicofisiológico", o qual, defende o autor, obscurece a compreensão das emoções, impedindo-nos de observar a sua construção social. Segundo a divisão platónica "alma imortal vs alma mortal", a irritabilidade estaria dissociada das faculdades intelectuais. Reflectindo sobre problemas de vontade ou volição, Aristóteles afirmou, na sua "Ethica Nicomachea": "a escolha não é comum às criaturas irracionais, mas o desejo e a ira são... pois os actos devidos à ira são considerados inferiores a quaisquer outros objectos de escolha" (Ross, 1963, citado em Novaco e Welsh, 1989). Em "Physiognomica", diz ainda Aristóteles: "quando somos assolados por um acesso de temperamento tornamo-nos mais obstinados e totalmente

intratáveis; ficamos indomáveis e violentos e fazemos o que quer que o nosso temperamento nos leve a fazer" (Ross, 1963, citado em Novaco e Welsh, 1989).

Na Antiguidade supunha-se que a irritabilidade se apoderaria do controlo da personalidade, e, pela sua separação do intelectual, ela é claramente perspectivada como problema. Marco Aurélio declarou que "aquele que é excitado pela ira parece afastar-se da razão" (Brun, 1986). Para os Estóicos, as paixões perturbavam a harmonia da alma e constituíam distúrbios que podiam tornar-se doentios se a pessoa se entregasse constantemente a eles. Enquanto Platão e Aristóteles defendiam que as emoções deviam ser reguladas, os Estóicos acreditavam que elas deviam ser completamente subordinadas à razão - as paixões, como a ira, constituíam potenciais distúrbios mentais que se impunha prevenir, evitar, e suprimir se e quando experienciados.

Para Seneca, a irritabilidade não tinha qualquer valor e devia ser completamente evitada; nada a justificaria, o que não implicava dar sempre "a outra face", pois que "A retaliação pode ser feita sem ser confundida pela paixão... não num ímpeto de paixão mas em honra e consciência. Não há qualquer necessidade de ira onde a razão faz a mesma coisa" (Brun, 1986).

Esta perspectiva manteve-se no tempo, encontrando, por exemplo, eco nas palavras de Descartes (1973, Clássicos Sá da Costa), que acreditava que a irritabilidade era quase sempre acompanhada do desejo de agredir; no seu tratado sobre "As Paixões da Alma" afirma: "A ira é também uma espécie de ódio ou aversão contra os que prejudicaram ou tentaram prejudicar, não indiferentemente esta ou aquela pessoa, mas nós próprios. Por isso ela contém tudo o que entra na indignação... mas é incomparavelmente mais violenta que aquelas três outras paixões, porque o desejo de repelir as cousas nocivas e de tirar vingança é o mais forte de todos". A irritabilidade seria uma paixão poque em vez de produzir acções voluntárias compelia o indivíduo a agir "involuntariamente".

De acordo com Novaco e Welsh (1989), esta perspectiva da irritabilidade como uma paixão que se apodera da personalidade, constituindo um distúrbio mental e conduzindo a actos agressivos coloca-nos alguns problemas, com que ainda hoje nos defrontamos: em primeiro lugar, define a irritabilidade exclusivamente em termos negativos, ignorando as suas funções positivas; em segundo lugar, a sobrevalorização do comportamento agressivo e da violência ao considerar os efeitos maléficos da irritabilidade pode alhear-nos do facto de os problemas mais comuns associados à irritabilidade crónica (chronic anger) envolverem danos para o bem-estar psicológico e físico do próprio. As relações interpessoais e a "performance" profissional também sofrem com episódios recorrentes ou prolongados de irritabilidade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, de um quotidiano fértil em pressões e constrangimentos, adquire papel de relevo a capacidade de gerir a irritabilidade; mas não se trata só da sua intensidade, também a frequência, duração e modo de expressão representam dimensões deste problema. De uma forma geral, a irritabilidade que ocorre muito frequentemente, ou permanece por muito tempo, é indicadora de desadaptação (Novaco e Welsh, 1989).

**Em síntese**, da antiguidade a Descartes é realçado na irritabilidade o seu carácter incontrollável, ficar irritado significa perder o controlo, é um acto irracional, i. e., o indivíduo poderá agir com consequências que são contrárias aos seus próprios objectivos. A irritabilidade faria o sujeito ficar obstinado, intratável, violento.

## **(2) DEFINIÇÕES RECENTES DO CONCEITO DE IRRITABILIDADE E TEORIAS**

O que é a irritabilidade? Como se distingue de outros conceitos? Qual é origem da irritabilidade? As cognições são ou não antecedentes da emoção de irritabilidade? As cognições são necessárias para que a emoção de irritabilidade apareça? Existe uma reacção fisiológica específica a cada emoção? Estes são alguns dos aspectos que vamos desenvolver.

### **(2.1) Teoria de Spielberger**

O que é a irritabilidade?, O que a distingue da hostilidade e agressão?, O que é um indivíduo irritável? Como exprimimos a irritabilidade? Estas são algumas das questões a que Spielberger procura responder.

Embora a presença e importância da irritabilidade em quadros psicopatológicos, como por exemplo a depressão, ou na etiologia das doenças coronárias seja reconhecida com frequência, o estudo deste conceito como um constructo isolado tem sido praticamente inexistente, e a sua distinção dos conceitos de hostilidade e agressão é raramente efectuada. Como o aponta Spielberger a definição destes conceitos tem sido ambígua e mesmo contraditória (Spielberger et al., 1983). Na sua tentativa de clarificar os conceitos este autor considera que a irritabilidade (*anger*) se refere habitualmente a um estado emocional que consiste em sentimentos que variam em intensidade desde uma ligeira irritação ou contrariedade até à fúria ou raiva. A hostilidade, embora envolvendo sentimentos de irritabilidade, teria a conotação de um conjunto complexo de atitudes que motivam o comportamento agressivo dirigido à destruição de objectos ou a maltratar alguém. Por outro lado, enquanto a irritabilidade e hostilidade se referem a sentimentos e atitudes, o conceito de agressão na generalidade implica destruição ou comportamentos punitivos dirigidos a outras pessoas ou objectos. Para Berkowitz e Heimer (1989) a hostilidade é vista como um julgamento ou opinião desfavorável sobre alguém.

Spielberger sublinha ainda a necessidade de distinguir, conceptualmente e empiricamente, a experiência da irritabilidade como um estado emocional, das diferenças individuais na susceptibilidade para se irritar como um traço de personalidade e da expressão da irritabilidade (Spielberger, C., et al. 1983; 1985; e 1988).

A irritabilidade de estado (S-anger) é definida como um estado ou condição que consiste em sentimentos subjectivos de irritação (irritation), contrariedade (annoyance), fúria e raiva e concomitante activação do sistema nervoso autónomo; varia de intensidade e flutua ao longo do tempo em função de afrontas, ataques ou ameaças injustas, ou de frustração resultante de obstrução ou impedimento de comportamentos motivados (Spielberger, et al. 1988).

A irritabilidade de traço (T-anger) é definida em termos de diferenças individuais na frequência com que a irritabilidade de estado é experimentada ao longo do tempo. Supõe-se que as pessoas com elevada irritabilidade de traço tenham maior probabilidade de perceber uma vasta gama de situações como irritantes, frustrantes ou contrariedades; respondam a essas situações com um aumento de irritabilidade de estado, além de se irritarem com mais frequência.

A expressão da irritabilidade, por sua vez, inclui duas vertentes. Os indivíduos são considerados "anger out" se exprimem a sua irritabilidade em direcção a outras pessoas ou objectos. Esta maneira de se exprimir envolve um aumento da "irritabilidade de estado" e a manifestação de comportamentos agressivos. A irritabilidade dirigida para o exterior pode exprimir-se por actos físicos tais como agredir outras pessoas, destruir objectos, bater com as portas ou então tomar uma forma verbal: crítica, ameaça verbal ou insulto. Por outro lado, são considerados "anger in", se tendem a suprimir a sua irritabilidade (Spielberger et al., 1985); a supressão da irritabilidade é experimentada conscientemente como um estado emocional, "irritabilidade de estado" (Spielberger et al. 1988).

**Em síntese**, a teoria de Spielberger não se debruça sobre a origem da irritabilidade. Em vez disso, distingue este conceito de outros - a irritabilidade é uma emoção, a hostilidade uma atitude e a agressão implica comportamentos punitivos ou destrutivos; faz uma

distinção entre irritabilidade de traço e irritabilidade de estado, o indivíduo irritável (irritabilidade de traço) é aquele que se irrita com mais facilidade, mais intensamente ou com mais frequência; e distingue dois tipos de pessoas quanto à expressão da irritabilidade, os "anger out" e os "anger in".

## **(2.2) Teorias cognitivistas**

As teorias cognitivistas sobre as emoções atribuem um papel essencial à cognição como determinante da irritabilidade mas divergem no modo como os processos cognitivos exercem essa influência.

### *Concepção do rótulo atribucional*

Para a teoria dos dois factores de Schachter (Schachter e Singer, 1962; Schachter, 1964) uma experiência emocional específica é determinada pelo rótulo que a pessoa excitada (aroused) aplica às suas sensações corporais. Isto é, primeiro surge um estado de activação afectiva neutro e depois as cognições modelam esse estado dando origem a uma determinada emoção; os indivíduos sob esse estado de activação referido anteriormente, utilizam as pistas situacionais e a sua experiência passada para inferir qual deve ser a sua experiência emocional. É necessário que algo no contexto dê ao sujeito uma razão para acreditar que está irritado antes que ele se sinta irritado e aja agressivamente. Schachter rejeita explicitamente a ideia de James-Lange de que cada emoção está associada a um padrão específico de reacções fisiológicas. No entanto Epstein (1984) demonstrou que a irritabilidade e outras emoções estão associadas a sensações corporais distintas.

**Em síntese**, o estado de activação fisiológica surgiria primeiro e seria neutro e idêntico para qualquer emoção, a seguir as cognições determinariam que emoção estaria em causa. No entanto Epstein (1984) demonstrou que a irritabilidade e outras emoções estão associadas a sensações corporais distintas.

### *A Teoria de Bernard Weiner*

A teoria de Weiner consiste numa abordagem cognitivista da emoção, pois considera que o que pensamos influencia o que sentimos. Não nega que as emoções possam ser elicitadas sem a intervenção dos pensamentos ou que as emoções também influenciem os processos cognitivos. Apenas é postulado que, de modo típico, as cognições precedem e determinam as emoções.

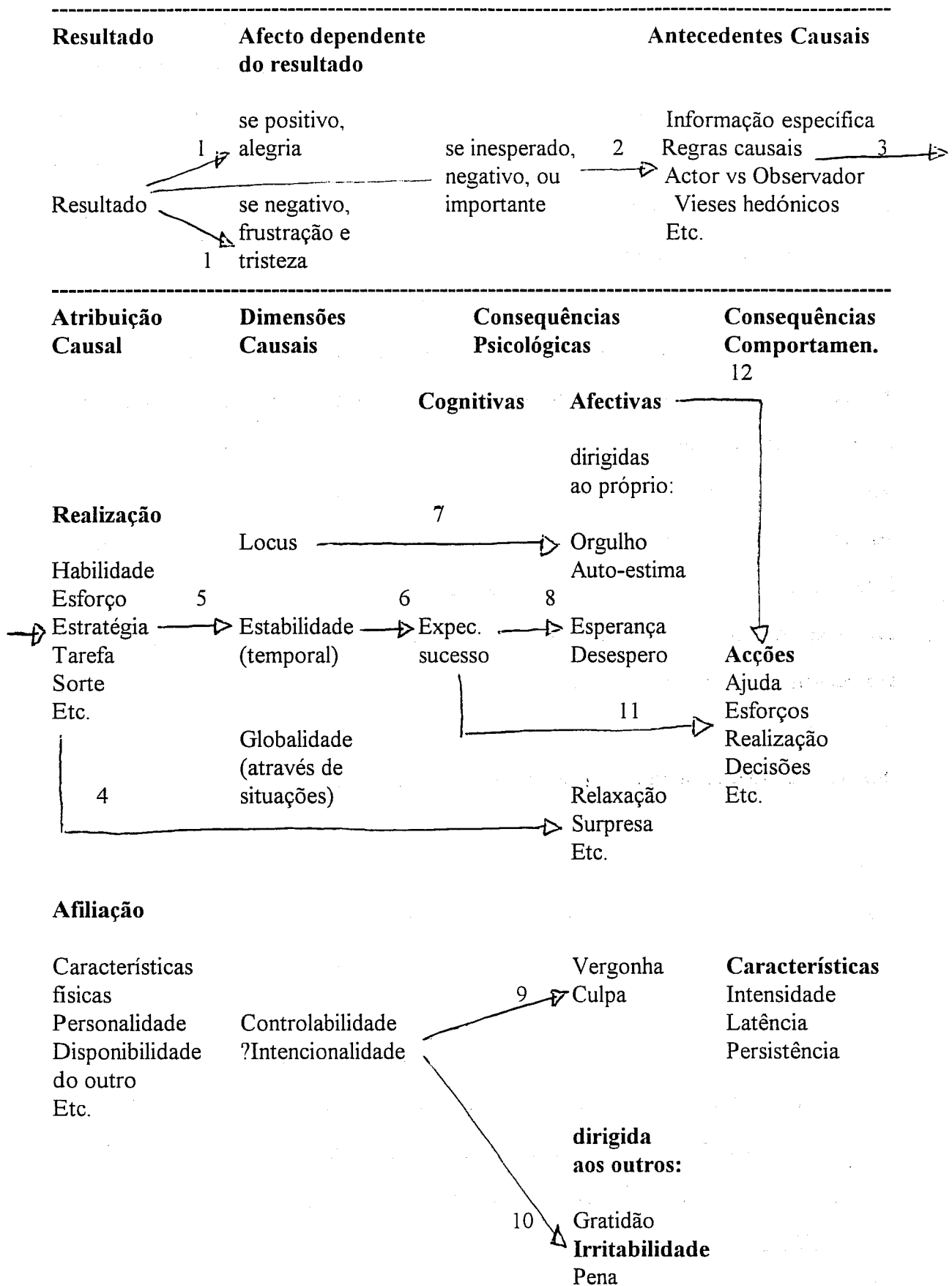
A activação fisiológica e as expressões faciais ou posturais não são relevantes nesta teoria.

Weiner (1982; 1985; 1986; Weiner, Graham e Chandler, 1982) defende que a primeira etapa na formação de emoções negativas surge pela ocorrência de um acontecimento desagradável. A emoção específica que surge a partir daí depende da atribuição que o sujeito faz para essa ocorrência. A irritabilidade é sentida quando um acontecimento negativo é atribuído a factores controláveis daquilo ou daquele que é visto como agente causal. Isto é, as pessoas têm mais probabilidade de se irritar quando acreditam que aquele acontecimento negativo se deve à acção deliberada ou negligente de outro sujeito. Esta perspectiva é semelhante à de Averil (1982, 1983), para quem a irritabilidade habitualmente surge da percepção de maldades ou más acções realizadas deliberadamente por outras pessoas. Para Weiner a dimensão estável-instável também tem influência. Se a causa do insucesso é atribuída a um factor estável além de controlável a irritabilidade resultante tende a ser exacerbada.

O autor admite que nem sempre as pessoas se sentem irritadas ou zangadas quando existem interferências controladas por outros, e também admite que a teoria não dá conta da raiva dirigida a si próprio. De acordo com o modelo atribucional sobre a motivação e emoção delineado por Weiner a sequência motivacional ou afectiva é iniciada por um resultado que o sujeito interpreta como positivo ou negativo. Alguns afectos estão directamente ligados à percepção do resultado ou avaliação primária, como o contentamento ou alegria se o resultado é percebido como positivo e a frustração ou tristeza se o resultado é visto como negativo (associação representada pelo nº1 na figura). A seguir, se o resultado for importante, inesperado ou negativo, é iniciada uma busca causal para determinar porque é que ocorreu aquele resultado. A atribuição é influenciada por uma série de antecedentes como a experiência pessoal do sujeito a performance de outros, etc. As causas a que o resultado é atribuído podem ser a habilidade, esforço, personalidade do causador do resultado, etc. Estas causas são localizadas numa das dimensões, Locus (ou seja Interno-Externo), Estabilidade, etc. O autor admite que a Intencionalidade possa ser uma das dimensões. A identificação das dimensões tem consequências psicológicas relacionadas com expectativas e afectos. Por exemplo, entre o afecto "dirigido ou sentido em relação aos outros", um falhanço pessoal atribuído ao controlo de outros produz raiva ou irritabilidade. Finalmente a expectativa e afecto são supostas determinar a acção:

No que diz respeito às emoções salientamos que neste modelo algumas emoções (caso da alegria, frustração, e tristeza) são desencadeadas imediatamente pela percepção ou avaliação (positiva ou negativa) do resultado enquanto que outras dependem das dimensões (Locus, Estabilidade, Contrabilidade, etc.) em que se enquadram as atribuições efectuadas. Frizamos sobretudo a especificidade das relações entre atribuição e emoção. Um falhanço pessoal atribuído a uma causa interna e controlável promove um sentimento de culpa, se a atribuição for interna e incontrolável causa vergonha. O falhanço dos outros, quando atribuído a causas incontroláveis produz pena, o falhanço pessoal quando atribuído ao controlo de terceiros causa irritabilidade, etc.

Figura III (1): Modelo Atribucional sobre a motivação e emoção de B. Weiner (1986)



Existem pelo menos dois aspectos importantes que esta teoria deixa indeterminados. (1) ver um acontecimento ou resultado como negativo ou positivo (nº 1 da figura III (1)) já é em si uma percepção ou avaliação, e a teoria não explica porque é que alguns sujeitos tendem a avaliar mais facilmente um acontecimento como negativo enquanto outros tendem a avaliar mais facilmente qualquer acontecimento como positivo. (2) O autor diz que o falhanço pessoal quando atribuído ao controlo de terceiros causa irritabilidade, no entanto, alguns sujeitos atribuem mais facilmente o falhanço pessoal ao controlo de terceiros do que outros. Porque é que isto acontece?

**Em síntese**, a teoria de Weiner consiste numa abordagem cognitivista da emoção, pois considera que o que pensamos influencia o que sentimos. Não nega que as emoções possam ser elicitadas sem a intervenção dos pensamentos ou que as emoções também influenciem os processos cognitivos. Apenas é postulado que, de modo típico, as cognições precedem e determinam as emoções. A irritabilidade é sentida quando um acontecimento negativo é atribuído a factores controláveis daquilo ou daquele que é visto como agente causal.

#### *A teoria de Reimond Novaco*

É um exemplo de perspectiva cognitiva que incorpora elementos das perspectivas do rótulo atribucional e das teorias da avaliação (Novaco, 1985). Para Novaco a irritabilidade é um estado emocional definido pela presença de activação fisiológica (physiological arousal) e cognições de antagonismo. As operações cognitivas são centrais na instigação da raiva, assim como na sua manutenção e dissipação. A irritabilidade não é de modo nenhum uma resposta automática, reflexa, aos acontecimentos provocadores. A excitação de irritabilidade é um processo mediado cognitivamente por expectativas e avaliações.

A teoria é designada por "mecanismo de activação da irritabilidade por não confirmação das expectativas". Os elementos do modelo são: expectativa inicial - exigência do meio - discrepância entre expectativa do meio e a expectativa de performance mais as pistas contextuais de antagonismo e contrariedade - resposta de irritabilidade. Assim, o sujeito teria sempre uma expectativa em relação a como as coisas se irão passar ou deviam passar. Quando surge uma exigência do meio o sujeito avalia a situação e forma uma expectativa de como será a sua performance (como é que me vou sair desta?). Se existir uma discrepância ou diferença entre a expectativa inicial e a performance actual surgirá uma activação (arousal). Se se acrescentar a isto o facto de estarem presentes pistas contextuais que signifiquem frustração ou contrariedade, então o sujeito vai sentir-se irritado.

Vejamos um exemplo. Combinámos um encontro com outra pessoa. No entanto há muito mais trânsito do que esperávamos para esta hora do dia e estamos presos num engarrafamento quando já faltam poucos minutos para a hora marcada e não há qualquer esperança das coisas melhorarem e de chegar a tempo. Primeiro, existe um objectivo ou expectativa inicial - chegar a horas; segundo, surge uma exigência do meio ou contrariedade - engarrafamento, não pode passar; terceiro, depara-se com uma contrariedade - acha que vai chegar muito atrasada ao encontro; existem pistas contextuais de contrariedade - aquelas obras na estrada nunca mais estão prontas; fica tensa, com vontade de rogar pragas ao presidente da câmara, ao governo, etc. Portanto, um aspecto fundamental nesta teoria é que a relação entre o acontecimento exterior e a irritabilidade é sempre mediada cognitivamente por avaliações e expectativas.

Podem ser apontadas algumas críticas e limitações a esta teoria. Não diz que características devem ter as pistas contextuais para poderem significar frustração ou contrariedade; não é dado sequer um exemplo destas pistas. Por outro lado, o modelo seria enriquecido se incluísse expectativas sobre a performance dos outros. O modelo

baseia-se em expectativas sobre a performance ou comportamento do próprio, quando muitos dos exemplos de irritabilidade ocorrem com expectativas que temos sobre o comportamento dos outros (por exemplo, comportamento irritável para com os filhos). Por último, não explora uma explicação sobre as diferenças individuais de irritabilidade embora admita a influência da experiência individual como causa. Aquilo que falta em Weiner, (i. e., porque é que os sujeitos avaliam um acontecimento ou resultado como positivo ou negativo) talvez se possa encontrar neste modelo de Novaco - o sujeito teria sempre uma expectativa em relação a como as coisas se irão passar ou deviam passar; uma discrepância ou diferença levaria o sujeito a avaliar o resultado como negativo. No entanto, em 1989 Novaco põe de parte esta perspectiva da não confirmação das expectativas para sublinhar sobretudo o carácter automático da mediação cognitiva na percepção, assim como a função dos "scripts" cognitivos. Para o autor, a mediação cognitiva não devia ser entendida apenas como um processo intermediário interposto entre a exposição a um estímulo e a resultante reacção fisiológica e comportamental; a mediação cognitiva devia ser entendida como uma parte automática e intrínseca do processo perceptual, tanto como um pensamento explícito ou operação consciente que possa estar envolvido na sequência acontecimento - pensamento - reacção (Novaco e Welsh, 1989). A irritabilidade surgiria de processamentos cognitivos automáticos que seriam enviesados como o falso consenso, erro fundamental de atribuição, etc.

Vejamos o que isto significa. A procura dos determinantes cognitivos da irritabilidade pode beneficiar com uma análise do processamento da informação (Novaco e Welsh, 1989). Ingram e Kendall (1986) propõem uma taxonomia cognitiva que inclui quatro categorias principais de actividade cognitiva: estruturas, proposições, operações e produtos. As estruturas cognitivas são mecanismos funcionais para armazenar informação; as proposições cognitivas são o conteúdo dessas estruturas; as operações cognitivas são os procedimentos pelos quais a informação é processada (atenção, codificação, recordação); os produtos cognitivos são os pensamentos resultantes da

interacção da informação, estruturas, proposições e operações. Os principais vieses cognitivos que originam a irritabilidade recaem na 2ª e 3ª categorias, ou seja, das proposições (erro fundamental de atribuição, falso consenso e efeitos de "ancoragem") e das operações cognitivas (predisposição da atenção e harmonia perceptiva) (Novaco e Welsh, 1989).

Nisbett e Ross (1980, citado em Novaco e Welsh, 1989) referem que um pressuposto básico da abordagem do processamento de informação é o de que poucos estímulos são apreendidos, pelos adultos, de um modo original: pelo contrário, são processados pelo recurso a sistemas de crenças, conhecimentos e proposições pré-existentes. Estes recursos cognitivos, designados por "esquemas", influenciam o tipo de estímulos a que damos atenção, a forma como eles são codificados e armazenados na memória, e como esses estímulos transformados são evocados para interpretar nova informação. Em geral, tais estruturas ajudam as pessoas a processar rapidamente a informação. O preço dessa economia mental constitui, no entanto, um potencial viés nos julgamentos e/ou manifestações comportamentais adversas induzidos pela activação e aplicação de estratégias simplistas ou normativamente inapropriadas (Nisbett e Ross, 1980). O processamento cognitivo que predispõe à irritabilidade pode, deste modo, ser perspectivado em termos de cinco tipos de vieses: erro de atribuição, falso consenso, efeitos de "ancoragem", predisposição da atenção e harmonia perceptiva (Novaco e Welsh, 1989).

- **Erro de atribuição ("attribution error")**: O erro fundamental de atribuição refere a tendência para sobrevalorizar determinantes disposicionais, em detrimento dos situacionais, na avaliação do comportamento dos actores (Nisbett e Ross, 1980 citado em Novaco e Welsh, 1989). Isto é, os sujeitos em geral tendem a acreditar que os outros agiram de acordo com as suas características de personalidade. Esta atribuição externa por sua vez aumenta a tendência para agir irritadamente para com os outros.

- **Falso consenso ("false consensus")**: Este viés diz respeito à tendência para considerar que a maior parte dos outros se comporta como nós (Novaco e Welsh, 1989). Prende-se assim com a capacidade de descentração, empatia, e maturidade cognitiva. Para uma correcta percepção do comportamento dos outros, devemos ser capazes de pôr de lado o nosso ponto de vista e reconhecer que os outros vêem as coisas de forma diferente da nossa.
  
- **Efeitos de "ancoragem" ("anchoring effects")**: A ancoragem refere a resistência à mudança dos nossos julgamentos iniciais, mesmo perante nova informação apontando para uma adequada revisão, ou até completo abandono, desses julgamentos (Novaco e Welsh, 1989). Por exemplo, as primeiras impressões nas interações sociais têm um enorme peso na avaliação que fazemos dos outros.
  
- **Predisposição da atenção ("attentional cueing")**: A preocupação e a ruminação constituem processos cognitivos pelos quais as pessoas cronicamente irritadas prolongam reacções de irritabilidade para além dos períodos normais de dissipação (Novaco, 1986). Se observarmos a experiência imediata de provocação constataremos como os dados situacionais terão um impacto diferencial nos sujeitos que a percebem. As necessidades e emoções aumentam a relevância de certas categorias perceptuais, tornando-nos mais atentos a determinados estímulos particulares. Uma pessoa irritada poderá estar mais sensibilizada para sinais de agressão que irão, desse modo, justificar um ataque.
  
- **Harmonia perceptiva ("perceptual matching")**: A experiência prévia de provocação facilitará, hipoteticamente, a percepção de elementos de antagonismo numa situação: quanto mais tivermos sido expostos a estímulos agressivos, mais prontamente perceberemos a agressão. Isto prende-se com a lei gestáltica da "Boa-Forma", conduzindo a que o processo de tomada de decisão possa ser inviesado, pela adopção de

uma categoria particular para representar o estímulo, na ausência de evidência sensorial confirmatória (Novaco e Welsh, 1989). Quanto aos "scripts" também proporcionam economia mental. São programas mentais de sequências de acções envolvendo o sujeito como actor ou como observador. Ou representações cognitivas de sequências de interacção estereotipadas. São relevantes em certas situações e contêm noções de causalidade e de ordem temporal. Tais como os esquemas, os "scripts" tornam os acontecimentos novos rapidamente predizíveis e compreensíveis mas também podem levar a distorções. Onde haja pistas salientes de comportamento agressivo, os "scripts" cognitivos de agressão baseados na experiência anterior podem potenciar comportamentos agressivos (Novaco e Welsh, 1989).

#### *O modelo de Oatley e Johnson-Laird*

Para Johnson-Laird e Oatley (1992), existem 5 emoções básicas: alegria, tristeza, raiva, medo e nojo. Ao admitir que existe um conjunto de emoções básicas inatas (teoria das emoções básicas) rejeita a ideia de que existe uma activação fisiológica comum a todas as emoções e que a emoção experimentada depende da avaliação que é feita (teoria dos componentes). Cada uma das emoções básicas depende de um sinal interno e mental que é inato e universal. Este sinal pode ser elicitado por avaliações cognitivas inferiores ou elementares. Estas avaliações dizem respeito à obtenção de objectivos. Os sinais internos também são percursos de experiência subjectiva, alterações somáticas e planos para a acção. Por outro lado são também percursos de sinais externos, tais como as expressões faciais que comunicam as emoções aos outros.

Um dos aspectos interessantes explorados por Johnson-Laird e Oatley (1992) diz respeito à função das emoções. Que funções têm as emoções? De acordo com os autores, os teóricos têm negligenciado esta questão e uma razão para este esquecimento teria sido a influência de William James. Para James as emoções constituíam percepções de acontecimentos dentro do corpo; percepções do feedback corporal de mudanças

fisiológicas ou de acções que já ocorreram. Portanto as emoções ocorreriam sempre depois das acções e das decisões que levaram a essas acções. As emoções serviriam assim apenas para colorir a experiência. Para Johnson-Laird e Oatley (1992) a função das emoções seria preencher as falhas da racionalidade. Os seres humanos cometem erros de raciocínio, i. e., fazem inferências que não são válidas, que não ocorreriam se o seu pensamento fosse guiado pelas regras formais válidas da inferência. Os sinais emocionais, sem qualquer conteúdo ou estrutura sintática, serviriam de controle das acções em vez de uma função informacional.

O sinal emitido quando um subobjectivo é atingido activa o indivíduo a prosseguir a mesma linha de acção. Quando o objectivo é perdido, é emitido outro sinal. As emoções teriam a função de redistribuir os recursos cognitivos e lidar com as prioridades. Quando ocorre um acontecimento que requer estabelecer prioridades, ocorre uma emoção que ajuda a lidar com a continuidade da acção actual ou a transição para outra sequência de acção. A emoção ajuda a especificar que objectivo será "perseguido", qual abandonado, ou colocado em "standby". As emoções seriam causadas por um sinal interno associado à percepção de certas categorias de acontecimentos: (1) alegria - percepção de progresso na obtenção de um objectivo; (2) tristeza - quando se perde um objectivo; (3) irritabilidade - quando um plano é bloqueado; (4) medo - quando ocorre um conflito de objectivos ou uma ameaça para a auto-preservação; (5) nojo - a percepção de algo que se rejeita ou se pretende evitar.

A irritabilidade tenderia a ocorrer de modo típico quando: (1) Os objectivos do indivíduo são frustrados (com frequência mas não necessariamente por outro agente); (2) o indivíduo percebe essa blocagem; (3) Um sinal básico de irritabilidade propaga-se através do sistema cognitivo que o indivíduo experiencia como um sentimento de irritabilidade; (4) como resultado deste sinal, mecanismos fisiológicos preparam o corpo para a

agressão, a face assume uma expressão em que o sobrolho é carregado, etc.; (5) são feitos planos para remover a blocagem.

**Em síntese**, a novidade dos autores reside no facto de considerarem que as emoções vêm preencher as limitações cognitivas do sujeito. Perante uma situação, é difícil prever todas as possibilidades de acção, qual delas é a melhor, e é também difícil prever os resultados ou consequências da acção. O raciocínio é moroso e existem possibilidades de erro. Em face disso, o sinal emocional colocaria em acção um conjunto de comportamentos restritos, próprios aquela situação. Por exemplo, perante uma ameaça à auto-preservação a emoção activaria a fuga ou defesa. Tudo se passaria com se a emoção em certos momentos substituísse o raciocínio de modo a facilitar um conjunto de comportamentos apropriados à situação. A irritabilidade resultaria do facto de um objectivo ser bloqueado. Em termos funcionais a irritabilidade ajudaria a estabelecer e manter objetivos para perseguir esse objectivo.

### **(2.3) A teoria cognitivo neoassociacionista de Berkowitz**

Berkowitz e Heimer (1989) definem irritabilidade (anger) como uma expressão ou sensação e não como um síndrome incluindo sensação e acção como o faz Averill (1982).

De acordo com Berkowitz os acontecimentos aversivos produzem afectos negativos e este afecto tende a activar automaticamente, directamente, sensações de irritabilidade por um lado e inclinações agressivas por outro. Quando os indivíduos encontram um acontecimento que prefeririam evitar (estímulo aversivo) quer pelas suas propriedades inerentes (calor excessivo ou cheiros desagradáveis) quer pelas avaliações que dele fazem (podem achar que constitui uma frustração ou uma ameaça) inicia-se uma

sequência de reacções que varia com o tempo e os pensamentos que venham a ocorrer sobre as sensações. Primeiro, o estímulo aversivo produz afecto negativo. Este afecto produz automaticamente dois conjuntos de reacções ao mesmo tempo: alterações fisiológicas, sentimentos, ideias e memórias associadas com a fuga do acontecimento desagradável e alterações fisiológicas, sentimentos, ideias e memórias associadas com a agressão. Uma série de factores genéticos, aprendidos e situacionais determinam a preponderância de uma das classes de respostas. A consciência (awareness) dos primeiros sentimentos, pensamentos, memórias e respostas expressivas-motoras produzem uma experiência rudimentar de irritabilidade. De seguida, o sujeito avalia, faz atribuições ou outras cognições que diferenciam, completam ou suprimem os sentimentos e tendências para agir. No entanto, nem sempre estes processos cognitivos de nível mais elevado e relativamente controlados chegam a entrar em operação. Os sentimentos podem mesmo ser afectados como defendem Bower e Cohen (1982) e Leventhal (1984) por regras aprendidas sobre que sentimentos são esperados ou apropriados numa situação particular. Berkowitz e Heimer (1989) propõe que estes processos cognitivos, que regulam a influência do afecto negativo no comportamento subsequente, são activados quando a atenção é focada no self e em especial nos sentimentos do próprio.

A teoria designa-se por neo-associacionista porque assume que existe uma rede associativa ligando certos sentimentos a certos pensamentos, memórias, e também certos tipos de reacções fisiológicas e expressivasmotoras; a activação de um dos componentes da rede tende a activar os outros componentes (Berkowitz, 1990). Os processos associativos, automáticos seriam dominantes numa primeira fase, uma fracção de tempo depois os processos cognitivos começariam a operar em especial se a pessoa pensar sobre o que se passou e quais são as consequências. É nesta fase que o sujeito faz avaliações e atribuições e considera que sentimentos e acções são apropriadas nessas circunstâncias. No entanto, as cognições nem sempre chegam a operar-se. Esta é uma

das grandes diferenças entre esta teoria e as teorias atribucionistas em que o processo cognitivo-atribucionista é um factor necessário, anterior ao afecto.

A ideia de que a irritabilidade surge do afecto negativo resulta essencialmente da frequência com que se encontra experiências de irritabilidade em sujeitos de humor predominantemente negativo. As situações que elicitam tristeza por vezes também elicitam raiva como se pode verificar com as crianças, as crianças que experimentam uma dor ou separação respondem tanto com tristeza como com raiva. A literatura sobre luto também testemunha a ligação entre tristeza e raiva. A investigação sobre depressão atesta a frequência da associação entre depressão e irritabilidade (Berkowitz, 1983). Os sentimentos negativos podem promover a recordação de acontecimentos negativos assim como de outra informação associada a experiências negativas (Bower, 1981; Bower e Cowen, 1982; Brown e Taylor, 1987; Johnson e Magaro, 1987; Snyder e White, 1982) e podem aumentar a assecibilidade de pensamentos com um significado negativo (Rule, Taylor e Dobbs, 1987), enquanto que os sentimentos agradáveis tendem a promover a recordação de acontecimentos agradáveis e aumentar as chances de que ideias positivas sobre o próprio e os outros sejam lembradas (Berkowitz, 1987; Bower, 1981; Isen, 1984; Isen, Shaker, Clark e Karp, 1978). No entanto não existe consistência total nos resultados, as pessoas que estão sob humor negativo tratam com frequência os outros com severidade (Berkowitz, 1983), mas isto nem sempre acontece (Finman e Berkowitz, 1989), e os sentimentos negativos podem mesmo, por vezes estimular comportamento prossocial (Carlson e Miller, 1987). Esta inconsistência sobre os efeitos do afecto negativo pode ser eventualmente explicada pela utilização de sujeitos com diferentes características de personalidade, por condições contextuais, e pelo tipo de pensamentos investigados. Para Berkowitz e Triccoli (1990) uma das razões poderá residir no grau de consciência que os sujeitos fazem dos seus sentimentos desagradáveis. Para os autores os afectos negativos têm mais probabilidade de originar opiniões negativas quando lhes é dada pouca atenção, e dar atenção aos sentimentos negativos pode diminuir ou eliminar

esta avaliação negativa das relações com os outros. Em suma, apesar de existir uma tendência básica para os sentimentos negativos evocarem inclinações agressivas (Berkowitz, 1983) e aumentarem a acessibilidade de ideias negativas ou mesmo hostis (Berkowitz, 1990; Rule et al., 1987), dar atenção ao humor negativo activa processos de regulação que moderam a probabilidade dos afectos negativos levarem à punição severa dos outros.

O estudo de casos clínicos também revela que estes sujeitos expressam irritabilidade com frequência ou são mesmo agressivos. Portanto o humor depressivo tende a gerar irritabilidade, (pelo contrário, os acontecimentos agradáveis podem fazer a pessoa sentir-se melhor e desse modo diminuir o afecto negativo que gera as inclinações agressivas). Os sujeitos a quem é induzido humor depressivo em laboratório também tendem a descrever-se irritados (Hynan e Grush, 1986; Miller e Norman, 1979).

**Em síntese**, para Berkowitz os acontecimentos aversivos provocam afecto negativo e este activa automaticamente pensamentos, sentimentos, memórias, e reacções fisiológicas, expressivas e motoras de fuga ou agressão. A activação de um destes elementos tende a activar os outros elementos da rede. A tomada de consciência de um destes elementos produz uma experiência de irritabilidade. Os processos cognitivos como a avaliação ou atribuição podem não ocorrer. Se ocorrerem vêm a modelar, completar ou suprimir a emoção.

#### **(2.4) Perspectiva sociológica de Terry Warner**

Para Warner (1986) as emoções são vistas como construções sociais e o uso das emoções é governado por expectativas implícitas na ordem moral da sociedade. Estas expectativas referem-se ao que é certo ou errado, apropriado, etc. A irritabilidade é uma

conduta socialmente construída e regulada, embora os sujeitos não a vejam como uma conduta pessoal mas sim como uma consequência de algo ou alguém responsável pela sua irritabilidade.

É uma perspectiva cognitivista no sentido em que admite que algumas emoções (como a irritabilidade) são mediadas cognitivamente, isto é, são provocadas por um julgamento ou cognição sobre as intenções do outro.

A grande curiosidade desta perspectiva reside no facto de pôr em evidência que o sujeito irritado se ilude a si próprio ao pensar que a irritabilidade é causada, provocada, do exterior e que os outros o ajudam a iludir-se. Sentimos a emoção mas estamos certos de que nos foi causada por algo ou alguém. Neste aspecto o sujeito auto-ilude-se e os outros são seus cúmplices. A ilusão está no facto de pensar que a causa da irritabilidade está fora dele. O sujeito acredita que está a responder a uma ameaça exterior, independente dele e da sua vontade. O sujeito acredita ser uma vítima.

Um aspecto importante para o qual esta teoria chama a atenção é o facto da irritabilidade ter um carácter acusatório. Na perspectiva da pessoa irritada o outro está a transgredir, maliciosamente, sem consideração, ou a abusar dos seus interesses, a violar a sua dignidade e o resultado é uma emoção autoprotectiva e acusatória. Ela vê o outro a lidar injustamente (uma questão de direitos) com ela ou em seu desfavor (uma questão de interesses) e portanto é moralmente responsável pela emoção.

Para o sujeito irritado a causa da irritabilidade e objecto da irritabilidade são sinónimos. Quando está irritado o sujeito considera que a responsabilidade da sua irritabilidade é o objecto da sua irritabilidade e não ela própria. A pessoa nunca se considera responsável pela sua irritabilidade. O responsável é aquilo que a faz estar irritada. A pessoa irritada acredita que a causa da sua irritabilidade está fora dela e não nela própria, acredita que é

uma vítima, que está a responder a uma ameaça exterior, que a irritabilidade é um efeito de uma provocação independente. No entanto isto é falso, a irritabilidade não depende de um acto exterior e portanto a conclusão que o autor tira é que o sujeito se está a enganar. Se não vejamos o seguinte exemplo proporcionado por Warner (1986); Imaginemos alguém que não aparece a um encontro depois de nos termos dado a um grande incómodo para nos encontrarmos com ela. À medida que esperamos, cada vez mais incomodados, reexaminamos a nossa relação com ela. Começa a aborrecer-nos, talvez como nunca tenha acontecido anteriormente, o facto de haver tanta coisa no passado que reflecta o seu desrespeito por nós, pelos nossos sentimentos e pelo nosso tempo. Aborrece-nos também o facto de termos sido tão ingénuos ao ponto de não termos notado esta repetida falta de consideração. Estamos certos que chegaria a horas se o quisesse bastante, se isso fosse uma das suas prioridades, se não tivesse sido tão egoísta ou insensível. Recebemos então um recado informando que ele teve um acidente. De repente, o que era irritabilidade em crescendo desaparece, e em seu lugar sentimos vergonha por ter transgredido para com um amigo, por o ter acusado injustamente. Continua a ser verdade que foi inconveniente. Para Warner (1984) a única coisa que muda é a nossa crença, essencial para a irritabilidade, de que o outro transgrediu, nos ofendeu, e portanto é responsável pelo que nós estamos a sofrer.

Se o sujeito deixa de estar irritado ao saber que o outro não teve a culpa, isso significa que a irritabilidade não pode ser contingente a algo exterior - às acções do outro - mas sim contingente ou dependente do julgamento que o sujeito estava a fazer sobre o outro.

De acordo com Warner (1984) se o sujeito acreditasse que a irritabilidade tem origem nele próprio deixava de estar irritado. Assim, é feito um corte entre cognição e emoção, as cognições são nossas as emoções não, são um resultado ou resposta a determinadas cognições ou interpretações que fazemos dos actos dos outros.

Mesmo quando o sujeito admite que se enganou e pede desculpa, pede desculpa de se ter enganado, pensado ou raciocinado erradamente, mas não pede desculpa pelo facto de se ter irritado porque essa irritabilidade era legítima em função do raciocínio ou interpretação que estava a fazer.

Para compreendermos cabalmente esta perspectiva é necessário compreender uma afirmação: Os outros nunca têm culpa da nossa irritabilidade. Então não têm? "Olhe que às vezes acontece-nos cada coisa", ou, "às vezes certas pessoas fazem cada coisa que...", isto é, tendemos a ver a irritabilidade como algo que é provocado em nós; "estás a enervar-me". As pessoas não dizem, "desculpa irritei-me e não devia ter-me irritado". Em vez disso dizem "desculpa-me eu julguei que tu é que tinhas a culpa", e assim a irritabilidade fica legitimada. Além de acusatória a irritabilidade tem um carácter de resistência. O comportamento da pessoa irritada resiste à extinção do que a provocou. Recusa-se a deixar morrer a provocação. O sujeito parece usar a provocação, provocá-la, remoer ou cismar obsessivamente ou rancorosamente a sua condição de ofendido, provocando o outro e deitando achas para a discussão se acha que o outro a está a deixar arrefecer.

**Em síntese**, a grande curiosidade desta perspectiva sociológica de Warner reside no facto de pôr em evidência que o sujeito irritado se ilude a si próprio ao pensar que a irritabilidade é causada, provocada, do exterior e que os outros o ajudam a iludir-se. O sujeito acredita honestamente que não tem a culpa de se irritar, o outro, o que lhe causou a irritação é que tem a culpa, daí o seu carácter acusatório. Por sua vez a expectativa da sociedade, dos outros, é aceitarem, compreenderem, que o sujeito se irrite e que não tenha a culpa. Além disso a irritabilidade tem um carácter resistente, em vez de se dissipar rapidamente, procura tirar desforço.

# **CAPÍTULO IV**

## **IRRITABILIDADE PARENTAL**

Neste capítulo definimos irritabilidade parental e fazemos a revisão bibliográfica sobre este tema à luz do modelo de Theodore Dix sobre as emoções que os pais sentem na sua relação com os filhos.

Se a irritabilidade em geral tem sido pouco estudada, o caso específico da irritabilidade que surge no relacionamento com os filhos ainda menos. Alguns poucos estudos avaliaram a irritabilidade como traço de personalidade, paralelo à depressão, neuroticismo, etc., e a sua relação com o comportamento para com os filhos (Elder et al., 1984; Engfer, 1988; Engfer e Schneewind, 1982); outros, não estudando directamente a irritabilidade parental, utilizaram instrumentos que incluem exemplos de irritabilidade nas relações com os filhos como a escala sobre ambiente familiar (FES) de Moss e Moss (1981) ou a escala de tácticas usadas nos conflitos conjugais (CT), de Strauss (1979). Os únicos casos concretos de instrumentos que avaliam a irritabilidade parental são a subescala de "anger-proneness and helplessness" do Questionário de Atitudes Parentais de Engfer e Schneewind, 1978, (citado em Engfer e Schneewind, 1982); a subescala de impaciência/sobrecarga do questionário sobre "Atitudes e Sentimentos Parentais" (Engfer, 1984, citado em Engfer e Gavranidou, 1986); e a escala de irritabilidade parental de Pires (1992).

A irritabilidade parental poderá ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela (Pires, 1992). A impaciência e irritabilidade são manifestações que caracterizam o comportamento parental menos adequado. A irritabilidade do pai é um importante preditor da arbitrariedade do seu comportamento (Elder et al., 1984), de menos afecto positivo e mais afecto negativo quando interagem com os filhos de idade pré-escolar ou escolar em situações estruturadas (Conger et al., 1984), e contribui para que os pais punam severamente os filhos (Engfer e Schneewind, 1982). Concordantes com estes

resultados são as avaliações que Theodore Dix efectuou sobre os efeitos do humor irritável. As mães de crianças entre os 6 e os 8 anos quando em momentos de humor irritável esperam que os seus filhos actuem de modo mais negativo. Quando as crianças não obedecem as mães fazem atribuições mais negativas sobre as crianças e ficam mais perturbadas (Dix et al., 1990). Por outro lado, a expressão de maior irritabilidade é um elemento entre outros que caracteriza o ambiente familiar de grande parte das famílias que maltratam os filhos (Trickett e Susman, 1988).

Por sua vez, a irritabilidade no relacionamento com os filhos encontra-se associada ou dependente dos vários factores ou determinantes do comportamento parental. De acordo com Jay Belsky o comportamento parental seria influenciado por factores do próprio sujeito, nomeadamente a sua personalidade e a sua história de desenvolvimento, por factores ou características da própria criança e por factores do contexto social, de apoio ou stress, em que a relação pais-criança está inserida: a relação conjugal, a rede de contactos sociais de que faz parte, e o emprego. Os comportamentos parentais seriam determinados por causas múltiplas, não tendo todas o mesmo grau de influência e havendo para além das influências directas, as indirectas (Belsky e Vondra 1989). A irritabilidade, tensão e intolerância parentais encontram-se associadas a maior depressão por parte dos pais, (Colleta, 1983; Field et al., 1985; Belle, 1982), mais stress (Belle, 1982; Heath, 1977), menor apoio social (Belle, 1982; Colleta, 1981); Garbarino, 1976; Crockenberg, 1987) e a histórias de desenvolvimento desfavoráveis (Engfer, e Schneewind, 1982; Crockenberg, 1987).

Theodore Dix (1991) elabora um modelo utilizando os elementos do modelo parental de Belsky mas situando-o nos processos afectivos.

## (1) O AFECTO NAS RELAÇÕES PARENTAIS

Vamos de seguida delinear o modelo de Theodore Dix sobre as emoções que os pais sentem na sua relação com o filhos. O modelo foca tanto o afecto positivo como negativo, no entanto debruçamo-nos mais sobre o afecto negativo e em particular sobre a irritabilidade dos pais por ser um dos objectos centrais deste estudo. Pela mesma razão damos mais atenção à descrição de dois dos elementos desse modelo - os processos de activação e os processos de organização - e em particular à relação da percepção e atribuição social e as suas relações com a emoção. Deste modo, a informação que damos aqui do modelo de Dix tem de ser considerada necessariamente parcial e incompleta.

As emoções ou afecto não são ainda estudadas em psicologia com a mesma frequência que os processos cognitivos ou os comportamentos. Embora a influência entre os três aspectos seja há muito reconhecida não existe um conhecimento sobre a natureza, funcionamento e papel das emoções comparável ao conhecimento alcançado sobre a cognição. A relação parental parece ser um dos contextos privilegiados para reforçar o estudo do afecto.

As emoções parentais reflectem a qualidade das relações parentais. Existe considerável evidência que o ambiente parental caracterizado por emoções positivas é mais favorável para o desenvolvimento da criança. No período da infância, um ambiente familiar caloroso prediz um desenvolvimento positivo enquanto um ambiente hostil prediz um desenvolvimento desfavorável (Ainsworth et al., 1978). Até emoções negativas momentâneas entre adultos podem causar perturbação e agressão em bebés e crianças pequenas (Cohn e Tronick, 1983; Cummings, Iannotti e Zahn-Waxler, 1985). Emoções de forte intensidade também são um acontecimento diário nas relações parentais. Conflitos entre pais e filhos ocorrem entre 3 a 15 vezes em cada hora em famílias com

crianças pequenas (Dunn e Munn, 1985, Lee e Bates, 1985; Minton, Kagan e Levine, 1971). Mesmo em famílias normais os pais relatam níveis elevados de irritabilidade com as crianças, necessidade de técnicas para controlar a irritabilidade e medo de que possam em qualquer altura perder o control e magoar os filhos (Frude e Gross, 1979).

Talvez mais do que qualquer outra variável isoladamente as emoções dos pais reflectem a saúde das relações parentais. As emoções negativas intensas e crónicas por parte dos pais são um sinal de disfuncionamento familiar. Por isso as emoções são o barómetro da qualidade do comportamento parental, do desenvolvimento provável para a criança e do impacto que o stress e apoio ambiental estão a ter na família (Dix, 1990). O stress e apoio provenientes entre outras fontes da ocupação profissional e relações maritais influenciam a qualidade da educação parental porque influenciam as emoções que os pais experimentam ou manifestam nas relações com os filhos (Dix, 1990). Os pais com níveis elevados de stress (Crnic et al., 1983; McLoyd, 1990; Passman e Mulherin, 1977; Weinraub e Wolff, 1983; Zussman, 1980) e com baixos níveis de apoio (Belsky, 1984; Colletta, 1979, Pascoe et al. 1981; Unger e Wandersman, 1988; Weintraub e Wolff, 1983) revelam dificuldades com os filhos, nomeadamente punição severa e inconsistente. As emoções negativas também são um aspecto proeminente nas famílias disfuncionais como o caso das famílias que maltratam os filhos (Lahey et al., 1984; Susman et al., 1985; Trickett e Kuczynski, 1986; Wolfe, 1985) e as mães deprimidas (Longfellow et al., 1982; Pannaccione e Wahler, 1986; Radke-Yarrow 1990; Susman et al., 1985; Weissman e Paykel, 1974). Convem notar que as emoções negativas podem ser adaptativas para o comportamento parental se não forem excessivas ou crónicas (Johnson e McGillicuddy-Delisi, 1983; Zahn-Waxler et al., 1979).

## **(2) O MODELO DE THEODORE DIX**

O modelo de Dix (1991) procura compreender as emoções no âmbito da acção parental. O modelo explica 1) como é que as emoções parentais são activadas, isto é, descreve os processos que determinam quando é que a emoção vai ocorrer, que emoção aparecerá e com que magnitude ela se vai manifestar (processos de Activação); 2) como é que as emoções, uma vez activadas, modificam ou influenciam as cognições, fisiologia, motivação, percepção, tendências comportamentais e expressões faciais e vocais (processos de Participação e Organização "engagement"); e por último, 3) como é que as pessoas avaliam, isto é, compreendem, essa emoção, tentam controlar ou suprimir a sua expressão e avaliam como os outros vão reagir a essas emoções (processos de regulação).

### **(2.1) PROCESSOS DE ACTIVAÇÃO**

Os processos de activação incluem vários aspectos: primeiro os factores parentais: 1) os interesses dos pais; 2) as avaliações que fazem da situação; e 3) os skills comportamentais dos pais. Em segundo lugar 4) as características da criança. Por último 5) os determinantes contextuais. Vamos abordar cada um destes aspectos começando com os interesses.

#### **Efeitos dos interesses e expectativas sobre a emoção**

Os interesses designam todos os resultados que os pais valorizam ou desejam promover nas crianças (Dix, 1991). Vejamos dois exemplos proporcionados por Dix. (1) Um pai é incapaz de confortar a sua bebé. Ele sente-se irritado e frustrado porque o seu choro é

agressivo, e sente uma perturbação empática por vê-la tão infeliz, ao mesmo tempo sente-se preocupado porque teme que ela esteja muito doente. (2) Uma mãe que já está atrasada para um importante compromisso no emprego, diz à sua criança para lavar rapidamente os dentes e calçar os sapatos. Alguns momentos depois fica irritada por ver que a criança, em vez de fazer o que lhe tinham dito, está a ver livros. Nestes dois casos as emoções são activadas porque os resultados das interacções são importantes para os pais, são importantes para os objectivos, valores, planos e outros interesses que os pais querem promover (Dix, 1991). Os interesses incluem planos para ter as coisas feitas como no 2º exemplo, a criança ficar pronta para sair; e valores sobre como as crianças deveriam agir, exemplo as crianças devem ser sensíveis para os outros; e objectivos pessoais que pouco têm a ver com a criança (chegar a horas ao compromisso). Alguns estímulos são de modo inerente dolorosos, atractivos ou desagradáveis como o caso do choro do bebé (Dix, 1991).

Portanto, os pais têm valores, objectivos e planos sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções decorram. Se o comportamento da criança ou a interacção não cumpre esses objectivos ou planos, não promove esses valores, os pais tendem a apresentar emoções negativas de desapontamento ou irritação. Se, pelo contrário, os valores e objectivos forem promovidos ou cumpridos os pais tendem a apresentar emoções positivas como a alegria.

Os interesses podem estar relacionados com elevada emocionalidade negativa e baixa emocionalidade positiva se os pais tiverem expectativas irrealistas sobre o comportamento da criança, expectativas que são mais originadas em interesses pessoais dos pais do que em função das necessidades e interesses da criança. Este desajustamento pode tomar três formas.

Primeiro, alguns pais têm expectativas, planos e objectivos (interesses) sobre o comportamento da criança que são demasiado altos ou irrealistas e que as crianças não podem promover ou cumprir. As mães abusivas, deprimidas e adolescentes têm expectativas irrealistas e esperam que a criança se comporte de modo mais adulto do que as outras mães (Azar et al., 1984; Vasta, 1982; Zelkowitz, 1982; Steele, 1987). As mães abusivas, por exemplo, esperam que crianças de 2 ou 3 anos tomem responsabilidade de irmãos mais novos (Steele, 1987). Estas mães poderão irritar-se com frequência com as crianças porque as suas expectativas irrealistas são com frequência violadas (Dix, 1991).

Segundo, alguns pais estão mais centrados nos seus interesses do que nos da criança, esperam que os seus interesses sejam realizados e aborrecem-se com o facto de a criança prejudicar, dificultar ou interferir na promoção desses interesses. As mães que desenvolvem attachment inseguro são mais centradas nos seus pensamentos e sentimentos do que nas necessidades do bebé (Ainsworth et al., 1978) e tendem a responder menos às crianças e a ficar irritadas com mais frequência com os seus bebés quando estes interferem com os seus interesses. As mães deprimidas também são caracterizadas por autopreocupação, incapacidade para responder às necessidades da criança, e desatenção ao comportamento das crianças (Downey e Coyne, 1990; Susman et al., 1985; Weissman e Paykel, 1974). As mães deprimidas também concordam menos com os pedidos das crianças e respondem de modo menos contingente ao comportamento daquelas (Bettes, 1988; Cox et al., 1987; Kokchanska et al., 1987). Uma parte das mães deprimidas são intrusivas, isto é, ignoram o estado da criança e interferem provocando protestos e evitamento do olhar (Field et al., 1990). As mães abusivas também são mais centradas em si do que nas suas crianças (Crittenden, 1981).

Terceiro, alguns pais fazem uma inversão de papéis e esperam que sejam as crianças a dar-lhes coisas que elas deveriam dar às crianças. Por exemplo, as mães adolescentes esperam que os seus bebés lhes dêem amor e as respeitem. Crockenberg (1985) refere que

as mães que esperam que os seus filhos se adaptem às suas expectativas tenderão a desencadear o conflito quando os filhos por volta de 1/2 anos fizerem mais exigências de autonomia. As mães que não esperam, ou não tencionam, adaptar-se aos seus filhos, irritar-se-ão facilmente com as crianças nestas idades. Neste estudo de Crockenberg (1985) as mães que exprimiam com mais frequência irritação para com os filhos tinham atitudes menos responsivas (questionários) no período prenatal. Por outro lado as crianças ficavam frequentemente perturbadas face à irritabilidade da mãe.

**Em síntese**, os interesses influenciam as emoções. Os pais têm valores, objectivos e planos sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções com ela decorram. Se o comportamento da criança ou a interacção não cumprem esses interesses os pais tendem a apresentar desapontamento ou irritação se estes interesses forem promovidos eles tendem a apresentar alegria. As expectativas também produzem emoções. Os pais podem apresentar emoções negativas, nomeadamente irritabilidade, quando os filhos não cumprem as suas expectativas irrealistas, quando interferem ou dificultam os seus interesses pessoais, e quando as expectativas não podem ser cumpridas pois representam o desejo de uma inversão de papéis entre pais e filhos.

### **Efeitos das avaliações sobre a emoção**

As emoções dos pais dependem das atribuições que eles fazem sobre os motivos que levaram a criança a agir a favor ou contra os seus interesses. O grau de aborrecimento dos pais com os comportamentos negativos dos filhos depende das inferências que eles fazem sobre as intenções da criança e sobre o controle que as crianças têm sobre esses comportamentos (Dix e Grusec, 1985). As mães ficam mais aborrecidas quando pensam que a criança compreende, desejou ou tem controlo sobre o comportamento negativo

que efectuou, e portanto, que estes actos negativos reflectem disposições negativas de personalidade na criança (Dix e Lochman, 1990; Dix e Reinhold, 1991; Dix et al., 1986; 1989).

Este fenómeno tenderá a ocorrer com mais frequência nas famílias disfuncionais. As mães de rapazes agressivos e as mães abusivas tendem a atribuir com mais frequência o comportamento negativo dos filhos a motivações e disposições negativas da criança ao passo que os comportamentos positivos são mais raramente atribuídos a disposições da criança (Baur e Twentyman, 1985; Dix e Lochman, 1990; Larrance e Twentyman, 1983). As mães deprimidas, por seu lado, vêem ou percebem o comportamento dos seus filhos como mais aversivo e desajustado (Brody e Forehand, 1988; Greist et al., 1979; Pannacione e Wahler, 1986; Rickard et al., 1981; Rogers e Forehand, 1983; Schaughency e Lahey, 1985).

Uma vez estabelecidas, estas predisposições cognitivas negativas podem induzir emoções negativas nos pais mesmo quando o comportamento da criança não é particularmente negativo (Brunk e Henggeler, 1984; Mash e Johnston, 1982). Estas atribuições sobre o comportamento negativo dependem das ideias ou ideologias que as mães possuem sobre a criança e sobre a educação (Dix, 1991); As mães com ideologias autoritárias têm mais probabilidade de pensar que as suas crianças compreendem e têm controlo sobre os seus comportamentos negativos (Dix e Reinhold, 1991; Dix et al., 1989). Se as mães pensam que o comportamento negativo da criança se deve à sua própria ineficácia ou outros constrangimentos externos (atribuições externas), tendem a sentir-se menos aborrecidas com as crianças (Dix e Lochman, 1990; Dix et al., 1986).

Além das atribuições outro aspecto que está relacionado com as emoções é a sensação de controlo que os pais sentem sobre os filhos. Os pais experimentam mais emoções negativas se inferem que são incapazes de lidar ou de controlar as interações com os

filhos. Os adultos que pensam que não têm controle sobre as crianças mostram maior activação e reactividade quando interagem com crianças difíceis. Esta sensação de menor controle encontra-se com frequência em famílias disfuncionais. As mães abusivas, por exemplo, pensam que têm menos controle sobre as crianças (Bugental et al., 1989). Neste tipo de famílias os pais poderão desenvolver crenças acerca da criança e da sua ineficácia como pais que alimentam emoções negativas e os levam a comunicar irritabilidade e tristeza, prejudicando ainda mais o seu controlo (Bugental e Schneewind, 1984; Bugental et al., 1989). De acordo com o conceito de auto-eficácia de Bandura, (1977, 1988), seria de esperar que os pais com baixa estimacão da sua eficácia parental, ou seja com pouca confiança na sua habilidade para lidar com as crianças, tenderiam a desistir facilmente, a fazer atribuições internas para os seus falhanços e experimentar um aumento na ansiedade e/ou depressão. Por exemplo, as mães que tenham a crença de que não podem controlar, ou de que não são capazes de controlar o choro do bebé podem experimentar elevada activação e irritabilidade quando ouvem o bebé chorar.

**Em síntese**, as emoções dependem das avaliações que os pais fazem sobre as intenções da criança e do controlo que eles e a criança têm sobre a situação. Por exemplo, os pais sentem-se mais aborrecidos com comportamentos negativos dos filhos se atribuem esse comportamento à intenção da criança, se acham que ela tem controle sobre a situação e se ao inverso eles próprios sentem não ter controle sobre a criança.

### **Os skills comportamentais dos pais**

Alguns pais experimentam níveis elevados de irritabilidade e de tristeza no relacionamento com os filhos porque não possuem skills educativos eficazes para satisfazer as necessidades das crianças e promover ao mesmo tempo os seus interesses.

Os pais que maltratam ou abusam as crianças, e os pais coercivos não prestam suficiente atenção ao comportamento dos filhos e por isso têm dificuldades em coordenar os seus interesses e acções com os interesses das crianças (Wahler e Dumas, 1989). Também não respondem ou actuam de modo positivo e cooperativo com a criança prejudicando assim os planos e interesses das crianças (Burgess e Conger, 1978; Patterson, 1982).

As características interactivas das mães **depressivas** também tendem a não promover os interesses ou necessidades das crianças, e a originar afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, quer na criança, quer na mãe. Os dados indicam que as mães depressivas tendem a ser menos atentas ou disponíveis para a criança, menos responsivas ou mais lentas a responder, mais restritivas ou mesmo hostis ou punitivas ou ainda a ter um comportamento intrusivo. Respondem menos às solicitações das crianças e iniciam mais acções que não têm em conta os interesses das crianças (Cox et al., 1987). As suas respostas são menos consistentes, sensitivas e contingentes (Field et al., 1985; Fleming et al., 1988). Falam mais devagar, de modo menos contingente, positivo e previsível (Bettes, 1988). Adoptam estratégias punitivas que são ineficazes, a sua disciplina é mais hostil e controladora (Cox et al., 1987; Pannaccione e Whaler, 1986). Colleta (1983) observou que as mães depressivas propiciavam às suas crianças um ambiente mais hostil, indiferente e rejeitante. O estudo de Cox et al. (1987) mostra que as interacções das mães deprimidas com os seus bebés eram marcadas por insensitividade para a pistas proporcionadas pela criança e terminavam com frequência em choro por parte desta ou tentativas de controlo por parte da mãe. No estudo de Belle (1982), a relação entre a mãe e a criança parecia sofrer a influência do stress e em particular da depressão. As mulheres referiam que cuidar das crianças era uma das suas tarefas mais difíceis quando estavam deprimidas. As mulheres sob stress, ou ansiosas referiam ser mais exigentes com as crianças, menos tolerantes em relação à desobediência e gritando e punindo mais quando confrontadas com a desobediência. A observação do seu comportamento também revelava menos comportamentos responsivos e carinhosos e mais

comportamentos restritivos e punitivos.

Alguns estudos revelam que as deficiências nos skills dos pais podem estar associados a **histórias de desenvolvimento** desfavoráveis. No estudo de Engfer e Schneewind (1982) a irritabilidade e tensão nervosa (medida pela equivalente alemã do 16PF) eram preditas por experiências desfavoráveis de socialização dos pais, ou seja, uma história de desenvolvimento desfavorável e eram um forte preditor da tendência para se encolerizarem com os filhos (parental anger-proneness). Por sua vez, esta tendência para se encolerizar era um dos melhores preditores da utilização de punição severa. No estudo de Crockenberg (1987) as mães que tinham sofrido rejeição durante a infância exibiam mais irritabilidade e punição para com os filhos de dois anos.

**Em síntese**, os skills parentais podem ser uma fonte de emoções. Quando os pais são menos capazes de satisfazer as necessidades das crianças e promover ao mesmo tempo os seus interesses correm mais riscos de se irritarem, frustrarem ou deprimirem. A deficiência nestes skills significam serem menos atentas, disponíveis, responderem menos às solicitações das crianças, não terem em conta os seus interesses; serem mais restritivas, punitivas, intrusivas, hostis, insensíveis, intolerantes, etc.

### **As características da criança**

Para Dix (1991) as características das crianças que elicitam reacções afectivas nos pais são aquelas que promovem ou pelo contrário prejudicam os interesses e anseios dos pais. As crianças hiperactivas, impulsivas, desobedientes ou com temperamento difícil elicitam mais afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, por parte das mães (Boukydis e Burgess, 1982; Buss, 1981; Lee e Bates, 1985; Mash e Johnston, 1982; Patterson, 1982; Stevens-Long, 1973).

O **temperamento** da criança é outro factor que poderá influenciar a irritabilidade da mãe. No estudo de Crockenberg (1987) a irritabilidade do bebé medida aos três meses, e operacionalizada através do tempo que a mãe demorava a acalmar a criança (facilidade em ser acalmada), não estava relacionada com o comportamento da mãe quando analisada individualmente. No entanto a irritabilidade do bebé aos três meses em conjunção com o comportamento irritável e punitivo da mãe tinha um efeito sobre o comportamento da criança aos dois anos. Quando as crianças irritáveis tinham mães irritáveis e agressivas tendiam a exibir aos dois anos mais irritabilidade, desobediência e menor confiança do que os bebés menos irritáveis que tivessem igualmente mães irritáveis e punitivas.

**Em síntese**, as características das crianças podem originar emoções dos pais. As características que prejudicam ou contrariam os interesses dos pais, como o temperamento difícil, tendem a eliciar afecto negativo, nomeadamente irritabilidade.

### **Os determinantes contextuais**

O contexto em que as famílias vivem não é igual para todas. Algumas vivem em contextos que propiciam o aparecimento de afecto negativo. O contexto associado ao estatuto socio-educativo mais baixo proporciona menos recursos e impõe mais limitações porque do grau de instrução destas pessoas depende o seu emprego, a habitação, os cuidados médicos, a educação que podem proporcionar às crianças, etc. Sem ser factor causal, não é de admirar que estas famílias refiram mais emocionalidade negativa (McLoyd, 1990).

O stress em geral e o **stress profissional** em particular, pode ser incompatível com o relacionamento parental adequado e uma fonte de maior irritabilidade.

Heath (1977) mostrou que quanto mais tempo e energia os pais dedicavam ao seu emprego, mais sentimentos de culpa, irritabilidade e impaciência mostravam nas suas relações com os filhos. Consistente com esta perspectiva é o trabalho de Piotrkowski (1979). Este trabalho mostra como a experiência profissional pode influenciar o que se passa na família através da mediação do estado emocional do adulto que por sua vez influencia a disponibilidade que terá para os membros da família (Bronfenbrenner e Crouter 1983). Quando os adultos se sentiam em stress ou preocupados devido a conflitos, sobrecarga, tédio ou subutilização das suas capacidades vinham para casa fatigados irritáveis e preocupados e procuravam criar ou manter uma "barreira" entre eles e os outros membros da família. Quando os filhos não mantêm esta distância os pais tornam-se irritados e zangados. Pelo contrário, quando o adulto se sentia satisfeito com o seu emprego, tendia a iniciar contactos calorosos, próximos e interessados com os familiares.

A **satisfação profissional** dos pais é outro aspecto associado ao comportamento parental menos adequado. Kemper e Reichler (1976) encontraram uma relação negativa entre a satisfação profissional dos pais e a severidade da punição utilizada pelos pais.

O **apoio social**, pelo contrário, poderá ser um factor que minimize as condições psicológicas adversas. O apoio ou assistência nos cuidados a prestar à criança, o apoio emocional incondicional, e orientações sobre como se pode manter o controlo e autoridade sobre a criança revelaram-se importantes em especial no caso de mães solteiras (Belle, 1982). Esta autora verificou que o número de pessoas que apoiavam a mãe especificamente nos cuidados a prestar à criança e ter alguém a quem pudessem recorrer, mesmo sem ser em situações de necessidade, estavam associados ao bem estar emocional e à qualidade das interações com os filhos. Colleta, (1981) num estudo com mães adolescentes verificou que as mães com níveis elevados de apoio emocional referiam ser menos agressivas e rejeitantes, ralhavam e ameaçavam menos as crianças.

Noutro estudo com mães adolescentes Crockenberg (1987) descobriu que as mães que tinham pouco apoio do companheiro após o parto exibiam mais irritabilidade e punição parental com as suas crianças quando elas tinham dois anos.

**Em suma**, ainda que de modo indirecto, o estatuto sócio-educativo, a rede social com a qual o indivíduo se relaciona e o seu contexto profissional, podem determinar a ocorrência de emoções positivas ou negativas nos pais quando interagem com os filhos.

## **(2.2) PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO**

Uma vez activadas, as emoções vão influenciar, isto é, as emoções vão participar e organizar os processos que os pais necessitam para responder de modo eficaz (Frijda, 1986; Izard et al., 1984; Sherer e Ekman, 1984). Esses processos são quatro: a cognição, a motivação, a expressão das emoções e preparação para a acção. A influência da emoção sobre a cognição passa pela activação e monitorização da atenção, por orientar a cognição para informações relevantes e canalizar e simplificar os processos de decisão. Quanto à motivação, as emoções activam motivações nos pais para manterem ou modificarem o comportamento imediato da criança assegurando ao mesmo tempo que os valores a médio prazo mais importantes dos pais tenham prioridade e sejam promovidos. Também afectam o comportamento expressivo na medida em que moldam as expressões faciais, o tom de voz e os movimentos do corpo revelando como os pais se sentem e como eles querem que os filhos actuem. As emoções também induzem a preparação para a acção porque levam os pais a aproximar-se ou afastar-se dos filhos, e também a confortar, elogiar ou criticar a criança.

Embora as emoções sejam usadas para ajudar os pais a agir de modo eficaz e a promover os seus objectivos elas também podem prejudicar o comportamento parental

pelo menos de duas maneiras. Por defeito e por excesso. Primeiro, se os pais não activarem em determinadas circunstâncias uma certa emoção isso pode resultar num comportamento parental pouco participativo ou organizado. A mãe que não sente suficiente irritação por o seu filho não se despachar quando ela está atrasada não transmite ao filho de modo apropriado as suas intenções. Segundo, as emoções também podem prejudicar o comportamento dos pais se elas forem excessivas e portanto estiverem desajustadas à tarefa do momento. Os pais que se sentem irritados após uma discussão com a esposa sentem com frequência inclinações que dificilmente se ajustam às tarefas educativas (Frijda, 1986). A irritabilidade resultante da relação com a esposa, se trazida para a relação com a criança, interfere com o interesse empático pelas frustrações ou alegrias da criança.

As emoções negativas produzidas por interesses pessoais dos pais fazem com que os pais não respondam às necessidades e interesses dos filhos e prejudicam a promoção dos interesses que os pais querem promover nas crianças.

### **Efeitos da emoção sobre a Percepção e Cognição**

As emoções controlam a sensibilidade e atenção aos estímulos (Derryberry e Rothbarth, 1984; Frijda, 1986; Izard, 1984; Zajonc, e Marcus, 1984); a codificação, armazenamento e recuperação da informação (Blaney, 1986; Bower, 1981; Izard, 1984); o tempo e capacidade de processamento (Derryberry e Rothbarth, 1984; Frijda, 1986); as regras de decisão ou estratégias que as pessoas utilizam (Isen et al., 1982) a percepção do outro (Brody e Forehand, 1988; Greis et al., 1979; Pannaccione e Wahler, 1986; Rickard et al., 1981; Roger e Forehand, 1983, Schaughency e Lahey, 1985); e as atribuições (Bauer e Twentyman, 1985; Dix e Lochman, 1990, Larrance e Twentyman, 1983).

Porque é que as emoções negativas e em especial as fortes emoções negativas afectam as percepções e cognições? Têm sido apresentadas quatro hipóteses explicativas: 1) as emoções criam uma propensão nos pais para terem expectativas e percepções negativas sobre as crianças, e para atribuírem intenção e controlo à criança sobre os seus comportamentos negativos ; 2) as emoções prejudicam a atenção e monotorização; 3) afectam a clareza do raciocínio e a resolução de problemas; 4) impedem o ajustamento entre o nível de activação (arousal) e a complexidade da tarefa cognitiva.

Quanto à primeira hipótese, admite-se que as emoções negativas aumentam as expectativas negativas, assim como as percepções e avaliações e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança (Bugental et al., 1989; Dix e Lochman, 1990; Dix e Reinhold, 1991; Dix et al., 1986; 1989). No entanto a maioria destes estudos ainda não permitiu discernir o que é causa e o que é efeito. O afecto negativo tanto pode ser causa como efeito das percepções e cognições negativas. Menos equívocos são os resultados do estudo de Dix et al. (1990). Os pais avaliaram um comportamento da criança em dois momentos diferentes. Num caso estavam sob o efeito momentâneo de irritabilidade, noutra caso o humor era neutro. Quando momentaneamente irritados, os pais tinham expectativas mais negativas sobre as crianças, faziam mais atribuições negativas para o seu comportamento, e sugeriam respostas parentais mais negativas do que quando sob afecto neutro. Também achavam que os problemas de desenvolvimento dos filhos eram mais graves, e esperavam que as suas crianças se comportassem de modo mais negativo em situações problema.

Quanto à segunda hipótese, existem vários dados que nos permitem dizer que as mães que apresentam com mais frequência afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, não estão tão atentas às suas crianças e portanto não dispõem da atenção requerida para cuidar de modo eficaz das crianças. Primeiro, as mães deprimidas tendem a ser preocupadas e desatentas e a ignorar as solicitações de atenção por parte das crianças fazendo com que

elas façam pedidos com mais intensidade (Cox et al., 1987; Field et al., 1985; Weissman e Paykel, 1974). Segundo, as mães de crianças agressivas e as mães deprimidas ou sob stress tendem a responder às crianças de um modo que não depende das pistas imediatas da criança (Brody e Forehand, 1986; Dumas e Wahler, 1986; Greis et al., 1979; Patterson, 1982). Terceiro, este tipo de mães também revelam menor capacidade para fazer descrições detalhadas e rigorosas dos comportamentos das crianças (Wahler e Dumas, 1989). Também existe evidência de que certas tarefas que exigem elevada atenção induzem um estilo de comportamento parental fortemente controlador, característico dos pais mais perturbados (Zussman, 1980). A explicação para esta menor atenção pode ser de dois tipos. Para alguns autores (Hetherington e Camara, 1984; Patterson, 1982) o stress, as emoções fortes e as tarefas demasiado complexas preocupam tanto os pais que eles se centram sobre si próprios ou sobre o que estão a fazer de tal modo que o tempo e atenção disponíveis para cuidar da criança diminui. Outros (Wahler e Dumas, 1989; Zussman, 1980) propõe que o stress e emoções fortes reduzem a utilização de informação e põe em funcionamento constructos sociais relativamente rígidos para assimilar o comportamento da criança.

A terceira hipótese defende que as emoções negativas prejudicam a resolução de problemas e a habilidade para raciocinar claramente sobre os conflitos com as crianças (Maccoby, 1980; Patterson, 1980). Por exemplo, as mães com maior irritabilidade definem os problemas de modo menos claro, propõe soluções mais pobres, são menos organizadas na discussão destes problemas e têm mais probabilidade de deixar os conflitos por resolver (Forgatch e Wieder, 1982, citado em Patterson, 1982).

A quarta e última hipótese refere que a realização de cada tarefa cognitiva exige uma activação fisiológica específica; quanto maior for a complexidade da tarefa, menos activado tem de estar o sistema fisiológico (Yerkes e Dodson, 1908, citado em Dix, 1991). A pobre resolução de problemas das mães mais irritáveis pode ser um exemplo de

prejuízo do processamento de informação mais complexo devido a excessiva activação.

**Em resumo**, as emoções influenciam os aspectos perceptivos e cognitivos. Por exemplo, as emoções negativas aumentam as expectativas e percepções negativas e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança. As emoções também afectam a atenção. Quando estão sob emoções negativas, nomeadamente irritabilidade, os pais são menos atentos às necessidades da criança.

### **Efeitos da emoção sobre a Motivação**

Uma vez activada, a emoção influencia a motivação. As emoções dos pais levam-nos a confortar, proteger, estimular ou disciplinar as crianças. Por exemplo, a alegria dos pais ao verem o sorriso da criança pode levar os pais a beijá-la ou fazer-lhe festas, enquanto que a irritabilidade pode motivá-los a utilizarem regras mais firmes.

A influência da emoção sobre a motivação pode resumir-se a dois aspectos: influência por defeito e por excesso. No primeiro caso, as mães que não se envolvem emocionalmente poderão activar os esforços parentais com intensidade, frequência ou persistência insuficientes. Por exemplo, as mães em "distress" poderão suprimir ou nunca activar as emoções necessárias para motivar a educação parental eficaz (Dix, 1991). No segundo caso, alguns pais poderão experimentar emoções negativas tão fortes que prejudicam o comportamento parental.

Vejamos o primeiro aspecto. A ideia de que alguns pais não apresentam envolvimento afectivo suficiente para promover uma acção parental eficaz pode ser confirmada numa série de estudos com disfunções familiares. Nas famílias com conflitos conjugais os pais tendem a evidenciar padrões de baixa activação quando interagem com os filhos em

tarefas de ensinar as coisas da escola (Gottman e Katz, 1989). São frios, pouco responsivos mas ao mesmo tempo irritáveis. O comportamento dos pais negligentes (Bousha e Twentyman, 1984; Critenden, 1981; Maccoby e Martin, 1983), mães deprimidas (Field et al., 1990), abusivas (Feshbach, 1987, citado em Dix, 1990) e das mães que desenvolvem attachment inseguro (Egeland e Farber, 1984) também é caracterizado por desinvestimento e falta de disponibilidade emocional, de indiferença ou falta de emoções empáticas necessárias aos esforços de socialização.

Quanto ao segundo aspecto, as emoções negativas fortes podem prejudicar o comportamento parental porque motivam os pais para objectivos pessoais imediatos ou porque os hipersensibilizam aos estímulos aversivos.

Uma razão pela qual as emoções fortes poderão prejudicar o comportamento parental reside na sua tendência a aumentar as motivações a curto prazo e as motivações pessoais em detrimento das motivações a longo prazo e motivações centradas na criança (Maccoby e Martin, 1983). Forte irritabilidade em relação ao choro da criança pode motivar os pais a fazerem parar imediatamente e a qualquer preço esse choro, (uma motivação imediata e centrada nos interesses pessoais dos pais), em vez de a distraírem e procurarem explicar-lhe porque é que os interesses da criança naquele caso não podem ser satisfeitos, (um motivo a longo prazo e centrado na criança porque a ensinaria a comportar-se de outro modo no futuro). Os motivos centrados nos interesses pessoais e a curto prazo são provavelmente eficazes para os pais mas com frequência desadaptados à educação da criança. A ênfase na obediência imediata às ordens dos pais é outro exemplo de comportamento que traduz uma centração em objectivos imediatos e pessoais e uma característica de algumas famílias disfuncionais. Os pais sob stress têm falta de paciência e de tolerância às frustrações (Belsky, 1984). Os pais das crianças agressivas também reagem de maneira que parece servir um objectivo a curto prazo (Patterson, 1982). Para alguns autores esta necessidade de controle imediato leva os pais

a preferir técnicas de disciplina controladoras (Colleta, 1979; Hetherington et al., 1978; Trickett e Kuczynski, 1986). Outros grupos de mães que expressam níveis elevados de afecto negativo (como as mães adolescentes, deprimidas e mães que desenvolvem attachment evitante com as suas crianças) também se caracterizam por elevada autocentração e baixa centração na criança.

Para além de induzir motivos imediatos e pessoais as emoções negativas fortes podem prejudicar o comportamento parental porque os hipersensibilizam aos estímulos aversivos e reduzem a sensibilidade aos estímulos positivos provenientes das crianças. A hipersensibilidade aos estímulos aversivos tem sido proposta como justificação da maior hostilidade e punição utilizada pelos pais abusivos, deprimidos e sob stress (Bauer e Twentyman, 1985; Forehand et al., 1987; Knutson, 1978; Lahey et al., 1984). Forehand et al. (1987) propõe que as diferenças individuais no que diz respeito à capacidade de tolerância dos pais para comportamentos específicos das crianças pode ser influenciada mesmo por níveis ligeiros de depressão que podem ser produzidos por conflitos conjugais, stress profissional ou dificuldades financeiras. A baixa tolerância a estímulos aversivos é uma característica das mães abusivas (Frodi e Lamb, 1980; Wolfe, et al., 1983) que também referem maior aborrecimento nas interações com as crianças (Forehand et al., 1987; Trickett e Kuczynski, 1986). As mães deprimidas também são incapazes de tolerar o barulho das crianças (Weissman e Paykel, 1974) e ao mesmo tempo evitam certas situações de interações com as crianças que habitualmente envolvem confrontação (Kochanska et al., 1987). Por motivar os pais para evitarem ou controlarem as crianças, a hipersensibilidade prejudica uma série de interações difíceis mas importantes para a socialização (Dix, 1991).

**Em resumo**, as emoções influenciam a motivação. O sinal (positivo ou negativo) da emoção, a sua intensidade ou uma combinação destes dois aspectos podem influenciar a motivação. Algumas emoções como a tristeza associada à depressão pode produzir falta

de motivação suficiente para executar as acções de modo eficaz evitando os conflitos com a criança. Por outro lado, fortes emoções negativas, por exemplo de irritabilidade, motivam os pais para objectivos pessoais imediatos ou hipersensibilizam-nos fazendo com que evitem ou controlem as crianças.

### **Efeitos da emoção sobre o Comportamento Expressivo**

As emoções dos pais induzem comportamentos expressivos como gestos, expressões faciais e tons de voz que comunicam à criança a emoção dos pais. Estas expressões comportamentais das emoções regulam a interacção da criança com os pais de diversas maneiras: facilitam a apreensão da informação por parte da criança; informam a criança sobre as intenções dos pais; elicitam afecto recíproco na criança. As expressões afectivas elicitam a atenção da criança e aumentam a sua capacidade para processar as mensagens dos pais. A modelação de expressões afectivas dirigidas ao bebé elicitam a sua atenção e organizam a interacção (Brazelton e Tronick, 1980; Emde, 1980). A falta de expressão, as expressões ambíguas fortemente negativas podem, pelo contrário, prejudicar a apreensão da informação. A falta de expressão afectiva ou a expressão de afecto negativo produzem perturbação e desorganização na criança (Cohn e Tronick, 1983; Zekoski et al., 1987). A expressão de forte emocionalidade negativa como a irritabilidade pode fazer medo à criança e prejudicar o processamento da informação (Hoffman, 1983).

As expressões afectivas dos pais dão informação às crianças sobre quais são os interesses dos pais que estão em jogo nesse momento, quais são as suas expectativas e como é que os pais vão agir (Weiner et al., 1982). A irritabilidade, por exemplo, informa as crianças de que o seu comportamento é inaceitável, que os pais esperam uma alteração no comportamento ou acção e que a criança pode sofrer as consequências daquilo que fez.

Por último, as emoções dos pais tendem a obter emoções recíprocas da criança. O afecto positivo dos pais tende a eliciar afecto positivo por parte das crianças e o afecto negativo com frequência elicit irritabilidade ou desapontamento na criança. Fortes expressões de irritabilidade podem no entanto eliciar medo na criança em vez de irritabilidade.

**Em resumo**, a activação fisiológica e a sensação subjectiva experimentada durante a emoção são acompanhadas por comportamentos expressivos, i. e., gestos, expressões faciais e tons de voz. Estes comportamentos expressivos servem para informar a criança das motivações dos pais e regulam o seu comportamento e expressão de afectos.

### **Efeitos da emoção sobre as Tendências Comportamentais**

Poderá haver uma associação entre determinadas emoções e determinados comportamentos de tal modo que a activação da emoção tenda a desencadear o comportamento. Isto é, os pais poderão ter repertórios de ligações entre emoções e tendências para a acção que têm mais probabilidade de ocorrer se a emoção à qual estão associados for activada (Dix, 1991). Um dos aspectos mais sublinhado até hoje é precisamente esta consistência. Os pais irritados são levados a falar alto, do modo firme, ou severo, e a punir ou bater nas crianças. Os pais alegres são levados a sorrir, ouvir, encorajar e fazer humor. Os pais referem mais vezes preferência pela utilização do poder como técnica de disciplina quando estão irritados do que quando não estão irritados (Dix, 1991); e a sua irritabilidade tende a aumentar as ordens e punições (Patterson, 1982; Vasta, 1982). As emoções também poderiam inibir tendências para acção às quais não estão ligadas ou com as quais são inconsistentes.

As tendências para a acção motivadas pela emoção servem para facilitar a rapidez e organização das respostas. No entanto se essa motivação afectiva for demasiado forte as respostas podem suplantar as tentativas dos pais para as dominar (Vasta, 1982).

**Em resumo**, certos comportamentos tendem a ocorrer associados a certas emoções. A irritabilidade, por exemplo, tende a produzir mais ordens, comportamentos controladores e punição.

### **(2.3) PROCESSOS DE REGULAÇÃO**

A regulação das emoções pelos pais inclui três elementos. Em primeiro lugar a regulação começa pela tomada de consciência e compreensão da emoção. Isto é, por tomarmos consciência de que estamos a experimentar uma emoção e determinarmos que emoção é e porque estamos a senti-la. Em segundo lugar, a regulação envolve avaliar os efeitos que a sua expressão produz. Por exemplo, muitas mães receiam que a sua irritabilidade faça com que magoem a criança (Frude e Goss, 1979) e por isso inibem essa emoção. Os maus tratos de crianças podem reflectir em parte uma deficiência nos processos cognitivos usados para antecipar as consequências destrutivas da irritabilidade. Em terceiro lugar, os pais utilizam estratégias para controlar ou suprimir as emoções. Desenvolvem rotinas cognitivas, como iniciar diálogos internos ( não me quero enervar, acalma-te e fala devagar), contam até dez ou iniciam uma reavalição da situação e dos motivos que levaram a criança a agir de determinada maneira de modo a perceber a criança de modo menos negativo; e rotinas comportamentais como afastar-se da criança ou passar a responsabilidade para a companheira para evitarem gritar, ralhar ou bater.

Existem diferenças entre os pais quanto à sua capacidade para tomar consciência de que estão a experimentar uma emoção e nas atribuições que fazem sobre a causa dessa

emoção; diferenças no grau em que são capazes de antecipar as consequências que as emoções podem ter para as crianças; e ainda nas cognições e comportamentos que utilizam para diminuir ou suprimir as emoções.

**Em resumo**, os processos de regulação incluem tomar consciência e compreender a emoção a que estão sujeitos, avaliar as consequências dessa emoção no próprio e nos outros e tentar suprimir ou controlar a sua expressão.

## **CAPÍTULO V**

### **RELAÇÃO ENTRE IMPACIÊNCIA / IRRITABILIDADE MATERNA E TEMPERAMENTO DA CRIANÇA**

Neste capítulo é revista a escassa bibliografia existente sobre a relação entre o temperamento infantil e a irritabilidade maternal. Ao mesmo tempo o capítulo funciona como formulação do problema na medida em que defende porque é que consideramos que a irritabilidade maternal e a percepção de temperamento podem estar relacionadas.

Existem pelo menos quatro modos pelos quais a percepção de temperamento e a irritabilidade materna podem estar relacionados.

### **(1) O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA AFECTA A EMOÇÃO DA MÃE**

Primeiro, **certas características de temperamento da criança irritam ou impacientam as mães**. O temperamento enquanto avaliação feita pela mãe mede, em parte, características da criança. A variável Chorão/Difícil mede características do choro e é possível que estas irrite ou impacientem as mães.

O choro das crianças difíceis tende a ser visto como exigente pela maioria dos adultos (Boukydis e Burgess, 1982). Frodi e Lamb (1980) avaliaram respostas fisiológicas de pais abusivos e não abusivos ao choro de bebês. Os pais abusivos respondiam com mais frequência com níveis elevados de activação (arousal) e respostas aversivas. No entanto, não são apenas os pais abusivos que apresentam elevação nos níveis de activação fisiológica como se verifica no estudo de Frodi (Frodi, Lamb, Leavitt, Donovan, Neff, e Sherry, 1978). Neste estudo os autores mediram a reacção fisiológica de pais e mães enquanto viam segmentos de video de bebês calmos depois a chorar e novamente calmos. Os bebês eram prematuros ou de termo. O choro elicítava aumentos significativos da pressão sanguínea diastólica, conductância da pele e batimento cardíaco; além disso, as crianças prematuras (que são com frequência caracterizadas por aversivas ou difíceis) elicítavam maior activação do sistema autónomo em todas as medidas

fisiológicas do que os bebês de termo. Noutro estudo, (Frodi, Lamb, Leavitt, e Donovan, 1978) os autores verificaram que os pais que viam o vídeo do bebê (5 meses) a chorar relatavam maior aborrecimento ou desagrado (annoyed), mais irritação, mais "distress", e perturbação e menos contentamento (auto-avaliação de reações emocionais) do que os sujeitos que viram o vídeo do bebê a sorrir. O bebê a chorar também elicitava aumento na pressão sanguínea diastólica e condutância da pele e a elevação destes índices fisiológicos estava associada a auto-avaliação de irritabilidade. Os aumentos de pressão sanguínea diastólica durante os episódios de choro estavam correlacionados positivamente e significativamente com as avaliações de desagrado, irritação e perturbação e negativamente com o contentamento e atenção. A amplitude da condutância da pele também estava relacionada de modo semelhante com o desagrado, irritação, "distress" e contentamento. Os resultados de temperamento, avaliações feitas pelos pais sobre os seus próprios filhos, nas escalas de Broussard et al., 1971 e Carey, 1970, não estavam relacionadas com as auto-avaliações de reações emocionais ou medidas fisiológicas.

Veamos como o modelo homeostático de Rothbart, descrito no capítulo I, pode ser usado para explicar como é que certas características das crianças nomeadamente o choro e imprevisibilidade podem impacientar os pais. Segundo Rothbart, as diferenças individuais na facilidade com que os bebês ficam perturbados influenciará a frequência com que choram. Por outro lado, a facilidade em se acalmarem influenciará a facilidade ou dificuldade da mãe em acalmar a criança quando está a chorar ou acalmá-la quando está demasiado excitada para dormir. Assim, as crianças que choram com mais frequência ou mais difíceis de acalmar têm mais probabilidade de atingir os limites superiores dos pais. Ou seja, as crianças mais difíceis têm mais probabilidade de "submeter" os pais a estímulos aversivos elevando com frequência os seus níveis fisiológicos autónomos associados à irritabilidade. Com a continuação criam disposições cognitivas e comportamentais reagindo de modo irritado para com a criança.

No modelo do "melhor ajustamento" de Thomas e Chess os autores vão mais longe porque mencionam mesmo emoções positivas dos pais como a tolerância ou negativas como a hostilidade como resultado das características temperamentais da criança (Thomas e Chess, 1989). Os autores referem que se a criança tem temperamento fácil, e o processo de socialização decorre suavemente os pais encaram isso como sinónimo de que são bons pais, de que são sensitivos. Este sucesso parental pode aumentar a auto-estima, mesmo que o temperamento da criança também tenha contribuído para este resultado positivo. Este efeito positivo sobre a auto-imagem dos pais também pode, por sua vez, aumentar o afecto que sentem pela criança e a sua tolerância por enganos ou julgamentos incorrectos de menor importância. Se pelo contrário a criança é difícil, o processo de socialização tende a ser agitado, sob stress e dificuldades umas atrás das outras. As mães tenderão a julgar-se como incompetentes, ou até inconscientemente a tornar-se hostis para a criança.

## **(2) AS EMOÇÕES DA MÃE MOLDAM O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA**

Segundo **certas características das mães, como a irritabilidade fazem as crianças chorar mais e ser mais imprevisível**. Ou seja, as mães mais irritáveis produzem crianças choronas/díficeis e imprevisíveis. De acordo com esta perspectiva as mães que se irritam ou impacientam com mais frequência ou intensidade não satisfazem adequadamente as necessidades da criança fazendo com que ela chore mais. Este processo pode ser explicado pelos modelos teóricos sobre a relação entre temperamento da criança e comportamento da mãe revistos num capítulo anterior. De acordo com o Modelo do Melhor Ajustamento de Thomas e Chess poderíamos pensar que os pais mais **impacientes** ou **irritáveis** teriam expectativas, ou desejariam ter filhos pouco chorões e imprevisíveis porque estes comportamentos ou características não se adaptam aos seus desejos pessoais (a maioria dos pais e não só os mais irritáveis teria este desejo). A partir

daí, o feedback dirigido por estes pais às crianças seria negativo, isto é, menos respostas e respostas negativas, no sentido de alterar o comportamento da criança, sempre que o comportamento desta parecesse afastar-se das suas expectativas. Como resultado apareceria uma covariância entre este feedback negativo e as características da criança, quanto mais feedback negativo mais a criança chorava.

O modelo Homeostático de Rothbart (1989) também poderia explicar aquele processo. Os pais mais irritáveis poderão ter limites superiores mais baixos do que a maioria dos pais. Isto é, terem uma tolerância menor em termos de frequência e intensidade de certos comportamentos das crianças entre os quais o choro e as alterações nas rotinas. Não sendo bem sucedidos nas tentativas de acalmar as crianças evitariam a criança não satisfazendo as suas necessidades e fazendo com que ela seja mais chorona ou utilizariam feedback negativo dirigido à criança fazendo com que ela viesse a chorar mais como foi referido no parágrafo anterior.

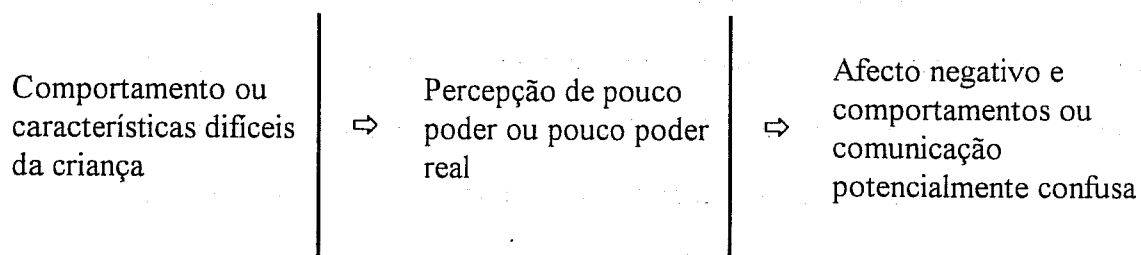
### **(3) A PERCEPÇÃO DA MÃE AFECTA A SUA EMOÇÃO**

**Terceiro, a percepção ou atribuição de características negativas à criança faz as mães ficarem mais impacientes ou irritadas.**

As emoções dos pais dependem das atribuições que eles fazem sobre os motivos que levaram a criança a agir a favor ou contra os seus interesses. O grau de aborrecimento dos pais com os comportamentos negativos dos filhos depende das inferências que eles fazem sobre as intenções da criança e sobre o controle que as crianças têm sobre esses comportamentos (Dix e Grusec, 1985; Bugental, Mantyla e Lewis, 1989). As mães ficam mais aborrecidas quando pensam que a criança compreende, desejou ou tem controlo sobre o comportamento negativo que efectuou, e portanto, que estes actos

negativos refletem disposições negativas de personalidade na criança (Dix e Lochman, 1990; Dix e Reinhold, 1991; Dix et al., 1986; 1989).

O modelo de Bugental e Shennum (1984) debruça-se sobre as atribuições educativas, i. e., crenças acerca das causas de um determinado resultado educativo. As crenças que interessam a estes autores são do tipo, os pais acham que têm controlo sobre uma determinada situação e resultado educativo ou que esse controlo pertence à criança? Bugental e Shennum (1984) criaram o PAT (Parent Attribution Test) para avaliar as crenças dos adultos acerca da sua contribuição e da contribuição da criança para o sucesso ou falhanço de uma interacção. O modelo de Bugental centra-se sobre o efeito moderador que as cognições sociais (atribuições) têm sobre o afecto dirigido aos filhos. De acordo com o modelo é predito que o comportamento difícil da criança elicitaf afecto negativo por parte dos pais, sobretudo dos pais que tendem a atribuir baixo poder a si próprios, isto é, que atribuem pouca responsabilidade a si próprios pelos sucessos educativos e elevada responsabilidade à criança pelos insucessos. Os adultos que acreditam que os insucessos educativos estão sob o controlo da criança podem facilmente reagir com irritabilidade em face de transacções educativas mal sucedidas (Bugental, Mantyla e Lewis, 1989). As mães com um estilo acusatório, i. e., que atribuam elevada responsabilidade à criança pelo insucesso da interacção demonstravam mais afecto negativo e tensão no tom de voz quando interagiam com a criança e sentem-se mais aborrecidas com a criança (Bugental, Blue e Cruzcosa, 1989). Pelo contrário, atribuir elevado controlo a si próprio funciona como atenuador contra os efeitos de uma criança difícil.



A autora interpreta o aborrecimento sentido pelos pais no seu estudo experimental como uma combinação de frustração com a sua própria inabilidade para mudar o comportamento da criança e de irritabilidade com a criança por agir deliberadamente para criar uma situação aversiva (Bugental, Blue e Cruzcosa, 1989).

Por outro lado, Bugental (Bugental, Mantyla e Lewis, 1989) prevê que as atribuições tendem a ter maior poder como variável moderadora em situações ambíguas ou pouco claras. Se o adulto não está certo de que resposta educativa deve utilizar, o comportamento evidenciado terá mais probabilidades de ser mediado pelas atribuições. As cognições sociais são usadas como guias para interpretar as exigências da situação quando a situação ela própria falha em proporcionar pistas claras. Recordemos que o choro nas crianças de poucos meses ocorre com frequência num contexto pouco claro.

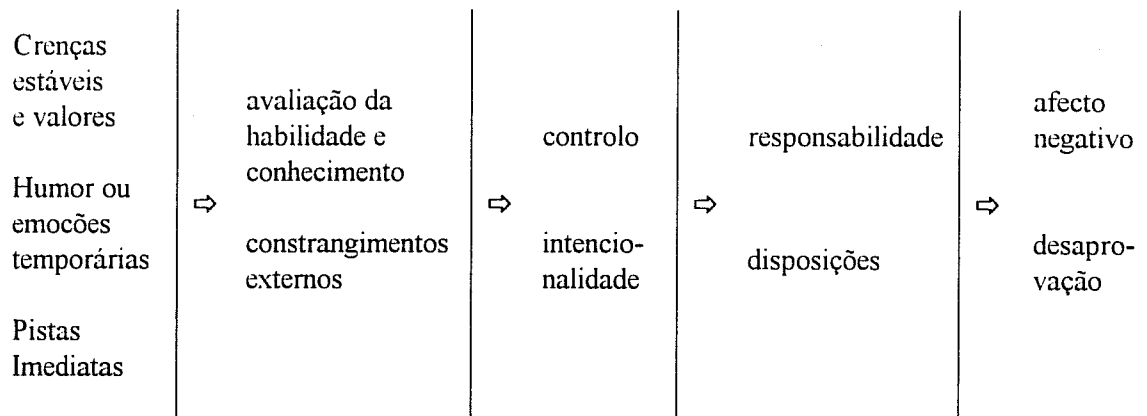
Dix (Dix et al., 1986, 1989, Dix e Reinhold, 1991) constrói um modelo baseado na teoria da atribuição. Aplicada à interação pais-criança, a teoria da atribuição sugere que as respostas dos pais vão ser mediadas pela análise causal que os pais fazem do comportamento da criança. Para o autor a teoria da inferência por correspondência de Jones e Davis sugere que esta análise causal será guiada por uma avaliação da intencionalidade. Para os pais inferirem se houve controlo e intenção avaliam primeiro se a criança compreendeu os efeitos do seu comportamento (conhecimento), se tem habilidade para produzir esses efeitos deliberadamente (habilidade) e se não foi pressionada por constrangimentos externos (Dix et al, 1986). Portanto, na primeira etapa os pais, após a ocorrência do comportamento negativo da criança codificam e interpretam a informação imediata para determinar se houve constrangimentos sobre a criança. Isto é, fazem inferências sobre as pressões situacionais (nomeadamente se houve falta de habilidade parental), ou sobre os conhecimentos e habilidade da criança.

Numa segunda etapa, os pais utilizam as inferências sobre possíveis constrangimentos feitas anteriormente para fazer atribuições sobre as intenções, disposições e responsabilidade pelos comportamentos negativos. A inferência de que constrangimentos significativos limitaram a escolha comportamental da criança devem produzir a atribuição de que a criança não tinha a intenção, ou não o fez devido às suas disposições negativas, não é responsável. Pelo contrário, o facto de inferir que a criança não foi influenciada por falta de habilidade, conhecimentos ou pressão do meio leva os pais a concluir que a criança agiu intencionalmente e que o seu "mau" comportamento é devido a teimosia, preguiça, etc.

Numa terceira etapa, os pais tendem a ficar aborrecidos ou irritados e a pensar que a disciplina punitiva é apropriada se acharam que a criança agiu intencionalmete e/ou devido às suas disposições negativas. Se as mães pensam que o comportamento negativo da criança se deve à sua própria ineficácia ou outros constrangimentos externos (atribuições externas), tendem a sentir-se menos aborrecidas com as crianças (Dix e Lochman, 1990; Dix et al., 1986).

Uma das novidades do modelo de Dix corresponde à atribuição de responsabilidade. O autor considera que a atribuição de responsabilidade é distinta da atribuição de intencionalidade e disposições. Achar que o comportamento foi intencional não é nem necessário nem suficiente para atribuir responsabilidade. Os pais podem achar que a criança é responsável apesar de não ter feito o comportamento intencionalmente. Por ex., os pais podem achar que a criança não tinha a intenção de desarrumar o quarto todo mas ainda assim é responsável.

**Figura V(1): Modelo de Dix sobre a relação entre emoções negativas e atribuições de intenção e disposições**



Também existe a possibilidade da percepção de características negativas se constituir em predisposição cognitiva típica, tal como uma percepção típica ou atribuição típica que a mãe faz da criança. Sendo assim as mães que tivessem uma percepção negativa típica teriam maior predisposição para responder de modo impaciente ou irritado.

Vejamos alguns dados empíricos sobre este aspecto. Uma vez estabelecidas estas predisposições cognitivas negativas podem induzir emoções negativas nos pais mesmo quando o comportamento da criança não é particularmente negativo (Brunk e Henggeler, 1984; Mash e Johnston, 1982). Mash e Johnston compararam a percepção de mães de crianças hiperactivas com a percepção de mães de crianças normais através de "checklists" e entrevistas. Tinham dois grupos de idade, mais novas e mais velhas. Também faziam uma observação do comportamento das crianças e mães em situações estruturadas. Verificaram, que apesar das crianças mais pequenas serem as que menos obedeciam, tinham mais comportamentos negativos, e respondiam menos às directrizes e iniciativas de interacção das mães, eram as mães das crianças mais velhas que tinham a percepção mais negativa das suas crianças. Segundo os autores, experiências negativas ocorridas em idades anteriores poderiam ter um efeito perdurável nas percepções das mães mesmo depois do comportamento negativo da criança ter diminuído (Mash e Johnston, 1982). Existem contudo explicações alternativas, como as diferentes

atribuições feitas pelas mães em função da idade (Dix et al., 1986). O estudo de Brunk e Henggeler (1984) é mais difícil de contestar. Os autores criaram uma situação experimental em que duas crianças de 10 anos eram treinadas a representar ora um papel de criança mal comportada ora o de criança ansiosa e retraída. Na primeira situação a criança era desobediente, agressiva e rejeitava qualquer ordem ou ajuda, etc., embora por vezes obedecesse, na segunda situação a criança evitava olhar para o adulto ou falar-lhe, sentava-se quieta sem tomar a iniciativa e desobedecia passivamente. Os sujeitos do estudo, 32 mães faziam duas interações, uma com uma criança mal educada e outra com uma criança retraída. Os adultos pensavam que o comportamento das crianças era autêntico e a situação era um jogo de xadrez que eles tinham de levar até ao fim. Os resultados revelam que, na condição de "má educação" a obediência da criança elicitava com frequência do adulto uma acção disciplinadora (14.9%) e raramente uma recompensa (4.5%). Pelo contrário, quando interagiam com a criança na situação "ansiedade/retraída" recompensavam com frequência a obediência da criança (31.1%) mas raramente a disciplinavam (1.2%). Quando a criança desobedecia na situação de "mal educada", os adultos disciplinavam 23.7% das vezes e davam ordens indirectas 5.8% das vezes. Na situação de ansiedade/retraimento, a disciplina era usada apenas 4.7% das vezes e as ordens indirectas 20.4% das vezes. Para os autores, os resultados sugerem que os adultos desenvolvem predisposições cognitivas e comportamentais acerca da criança que influenciam o modo como interagem com elas. Na situação de "mau comportamento" mesmo quando as crianças obedeciam ou respondia apropriadamente os adultos com frequência disciplinavam a criança numa tentativa de manter um controlo firme sobre o "mau" comportamento da criança. Em cada uma das situações experimentais os adultos desenvolveram expectativas muito diferentes em relação ao comportamento da criança e reagiam de acordo com essa expectativa. Chapman (1981, citado em Brunk e Henggeler, 1984) propôs que quando os pais têm uma expectativa de mau comportamento, criam uma predisposição cognitiva que resulta em disciplina antecipatória.

#### **(4) A EMOÇÃO DA MÃE AFECTA A SUA PERCEPÇÃO**

**Quarto, as mães impacientes ou irritadas vêm ou acham as suas crianças mais choronas/díficeis e imprevisíveis.**

Os indivíduos com irritabilidade de traço mais elevada poderão tender a atribuir o comportamento de um actor a causas disposicionais (a sua personalidade) em vez de causas situacionais. Para Novaco e Welsh (1989) os sujeitos agressivos poderão fazer de modo rotineiro atribuições disposicionais (erro fundamental de atribuição). Este facto é confirmado por Driscoll (1982, citado em Novaco e Welsh, 1989). O actor colocou sujeitos com valores altos e valores baixos a observarem um vídeo em que ocorria um incidente entre um instigador e uma vítima. A agressividade era avaliada por auto-avaliação de experiências agressivas. Os sujeitos com valores altos de agressividade percebiam maior injúria, reacções negativas e dominação no instigador do que os sujeitos pouco agressivos. Se nos recordarmos da associação estreita que existe entre agressividade e irritabilidade não é difícil de admitir que, pelo menos alguns, sujeitos irritáveis tendam a fazer atribuições disposicionais. Os sujeitos irritados tendem de resto a fazer mais erros de atribuição. Novaco (1986) verificou que: quanto maior é o nível de irritabilidade do sujeito, maior é a probabilidade de fazer erros de atribuição. Para estes sujeitos torna-se muito difícil entender uma mudança de uma explicação disposicional para uma explicação situacional, mesmo que a informação de que dispõem seja do tipo "atenuantes". Para Novaco e Welsh (1989) a elevada activação (arousal) do sujeito irritado pode bloquear a possibilidade de rever uma atribuição original centrada no sujeito.

As emoções afectam a percepção do outro (Brody e Forehand, 1988; Greist et al., 1979; Pannaccione e Wahler, 1986; Rickard et al., 1981; Rogers e Forehand, 1983, Schaughency e Lahey, 1985); e as atribuições (Bauer e Twentyman, 1985; Dix e

Lochman, 1990, Larrance e Twentyman, 1983). Admite-se que as emoções negativas aumentam as expectativas negativas, assim como as percepções e avaliações e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança (Bugental et al., 1989; Dix e Lochman, 1990; Dix e Reinhold, 1991; Dix et al., 1986; 1989). No entanto a maioria destes estudos ainda não permitiu discernir o que é causa e o que é efeito. O afecto negativo tanto pode ser causa como efeito das percepções e cognições negativas. Menos equívocos são os resultados do estudo de Dix et al. (1990). Os pais avaliaram um comportamento da criança em dois momentos diferentes. Num caso estavam sob o efeito momentâneo de irritabilidade, noutro caso o humor era neutro. Quando momentaneamente irritados, os pais tinham expectativas mais negativas sobre as crianças, faziam mais atribuições negativas para o seu comportamento, e sugeriam respostas parentais mais negativas do que quando sob afecto neutro. Também achavam que os problemas de desenvolvimento dos filhos eram mais graves, e esperavam que as suas crianças se comportassem de modo mais negativo em situações problema.

Para Dix, as atribuições causais e de responsabilidade podem ser influenciadas por características dos atribuidores: crenças e valores relativamente estáveis e factores temporários ou transientes como o humor ou afecto (entre os quais o humor irritável). Os pais trazem para a interacção crenças estáveis e valores àcerca das crianças e do modo de educá-las que podem predispor de modo crónico os pais a fazerem determinadas atribuições quando ocorram comportamentos negativos da criança (Dix et al, 1989). No estudo de Dix e Reinhold (1991), as mães mais autoritárias referem atribuições e reacções mais negativas do que as mães não autoritárias. Por outro lado, os pais interagem com frequência com os filhos sob determinados tipos de humor que os podem predispor a fazer determinadas atribuições acerca do comportamento da criança (Dix e Grusec, 1985). No estudo de Dix e Reinhold (1991) verificou-se que as mães sob humor irritável achavam as crianças mais responsáveis do que as mães sob humor neutro.

Existem outros dados que nos permitem admitir que pelo menos nos casos de maior irritabilidade de traço a irritabilidade é anterior à percepção negativa. A explicação pode residir numa predisposição da atenção ("attentional cueing"). A preocupação e a ruminação constituem processos cognitivos pelos quais as pessoas cronicamente irritadas prolongam reacções de irritabilidade para além dos períodos normais de dissipação (Novaco, 1986). As emoções aumentariam a relevância de certas categorias perceptuais, tornando-nos mais atentos a determinados estímulos particulares. Uma pessoa irritada poderá estar mais sensibilizada para certos sinais.

#### **(5) EFEITOS DE INTERACÇÃO**

As quatro relações descritas anteriormente poderão actuar em simultâneo numa mesma população. Por exemplo, enquanto, com alguns grupos existe sobretudo um efeito da impaciência maternal sobre a maneira de perceber a criança, noutros grupos as características da criança poderão sobrecarregar os pais tornando-as exaustas e impacientes. Isto aponta para possíveis efeitos de interacção. Por exemplo, as crianças mais difíceis, choronas, imprevisíveis podem atingir com mais frequência os limites superiores dos pais, mas isto ocorrer apenas ou sobretudo com os pais mais irritáveis. Por outro lado, na mesma díade ocorrem sempre efeitos bidireccionais e, quando muito, poderemos determinar qual é a direcção mais predominante numa dada amostra. Além disso, em vez de relações simples como as que sintetizamos aqui tendem concertemente a existir relações entre o **comportamento** da mãe, o **comportamento/emoções** do bebé, as **emoções** da mãe, e as suas **percepções ou cognições** sobre o seu comportamento e o do bebé.

## **CAPÍTULO VI**

### **OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO E PREDIÇÕES**

Antes de começar propriamente a definir o objectivo deste trabalho vamos fazer um ponto da situação salientando alguns dos aspectos que foram revistos nos capítulos anteriores.

O **temperamento infantil** diz respeito a diferenças individuais no comportamento e aspectos comportamentais da atenção e das emoções. O temperamento **difícil** caracteriza-se, entre outros aspectos, por emocionalidade negativa frequente, e irregularidade nos padrões de sono, alimentação e eliminação. O temperamento infantil poderá ter uma base genética e ser influenciado pelo meio, nomeadamente pela relação com os adultos que cuidam dela, mas é impossível determinar, por enquanto, a grandeza de cada uma daquelas influências para qualquer das medidas de temperamento que se conhecem. Quanto à estabilidade temporal das medidas de temperamento ela é em geral baixa, ou quando muito moderada, e isso poderá ser explicado pela comparação de instrumentos diferentes e pelo facto das dimensões de temperamento variarem de estrutura duma idade para a outra. O temperamento enquanto avaliação feita pelos pais através de questionário pode ser encarado como uma percepção social que a mãe tem sobre o bebé. Isto significa que deve ser concebido como reflectindo, não o comportamento da criança tal e qual, mas como uma síntese de muitas observações, uma visão global que também reflete o modo peculiar e subjectivo da mãe ver o bebé. Percepcionar o outro, é percebê-lo, explicar o seu comportamento. Para os vários modelos teóricos existentes, percepcionar o outro envolve fazer atribuições para o seu comportamento tendo em conta a intencionalidade do actor e as suas disposições e a influência das circunstâncias ou situação. Este processo de atribuição de intencionalidade e disposições inclui comparações do comportamento actual do sujeito com o seu comportamento passado e com o comportamento de terceiros.

A **irritabilidade** corresponde a uma emoção ou afecto e como tal envolve uma activação fisiológica e uma experiência subjectiva de irritabilidade, impaciência,

aborrecimento, contrariedade, ou mesmo fúria e raiva. Pode ser expressa por actos bruscos ou agressivos ou tomar uma forma verbal, ameaça ou insulto, etc. De acordo com algumas teorias da irritabilidade, esta emoção é desencadeada pela atribuição de um resultado negativo ou contrariedade à intenção ou controlo de terceiros. Para outros, os processos cognitivos como a avaliação ou atribuição podem não ocorrer. Os acontecimentos aversivos provocariam afecto negativo e este tende a activar automaticamente, directamente, sensações de irritabilidade por um lado e inclinações agressivas por outro. Algumas perspectivas sociológicas salientam que perante a irritação o sujeito tende a ver a causa da sua irritação fora de si próprio acusando sempre o outro de ser o culpado e a sociedade "ajuda-o" a manter essa ilusão.

A **irritabilidade parental** poderá ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela. As características das crianças que prejudicam ou contrariam os interesses dos pais, como hiperactividade, desobediência e impulsividade tendem a elicitar afecto negativo, nomeadamente irritabilidade e admite-se que o temperamento difícil também possa elicitar irritabilidade. Mas as emoções dos pais podem ser desencadeadas pelas avaliações ou atribuições que eles fazem sobre as intenções da criança. Por exemplo, os pais sentem-se mais aborrecidos ou irritados com comportamentos negativos ou aversivos dos filhos se atribuem esse comportamento à intenção da criança, se consideram que ele reflete disposições da criança, ou se acham que ela tem controlo sobre a situação. As emoções também podem desencadear percepções ou atribuições. Quando momentaneamente irritados os pais têm expectativas mais negativas sobre as crianças, fazem mais atribuições negativas para o seu comportamento e sugerem respostas parentais mais negativas.

As emoções negativas como a irritabilidade, também tornam os pais menos atentos às necessidades da criança e motivam-os para objectivos pessoais imediatos e hipersensibilizam-os fazendo com que evitem ou controlem as crianças.

Após esta síntese sobre a teoria revista anteriormente vamos então definir o objectivo deste trabalho. Saber se as dimensões de temperamento se alteram ou não nos seus componentes ao longo dos primeiros meses (questão de estrutura), e se as crianças continuam com os mesmos valores altos ou baixos aos 6 meses do que tinham aos 3 meses ou com 1 mês (questão de estabilidade temporal) são duas faces da mesma questão geral: saber como se desenvolve o temperamento. Vamos definir cada uma delas em termos de objectivos começando pela estrutura do temperamento. A seguir vamos debruçar-nos sobre a relação entre irritabilidade maternal e percepção de temperamento infantil.

### **(1) ESTRUTURA DO TEMPERAMENTO NOS PRIMEIROS 6 MESES**

Como é que se desenvolve a percepção de temperamento nos primeiros meses? Encontram-se as mesmas dimensões ou factores de temperamento no 1º e 3º mês de vida do que aos 6 meses? Ou os factores que se encontram são tão diferentes que não é possível reconhecer neles as mesmas dimensões? Como se referiu na Introdução deste trabalho existe escassa informação sobre o temperamento nos primeiros 3 meses. O nosso interesse residiu precisamente em saber o que se passa antes dos 4 meses. Esta foi uma das razões pelas quais a escala de Bates foi escolhida para este estudo. Os comportamentos que constituem esta escala de temperamento (características do choro, capacidade para se acalmar, actividade, regularidade nas funções fisiológicas, etc.) podem ser observados desde o período neo-natal e portanto nada impede que os pais formem percepções sobre estes aspectos a partir, pelo menos, das 2 semanas. Tanto

Bates (et al, 1979) como Kohnstamm (1984) estudaram vários grupos de idades diferentes e encontraram conjuntos de itens ligeiramente diferentes para a mesma dimensão ou factor. Por exemplo o factor chorão/difícil da Bates aos 6 meses é composto pelos itens 1, 5, 6, 13, 22 e 24 e aos 13 meses pelos itens 2, 5, 6, 12, 21, 23, 24, 31, e 33. De uma idade para a outra também desaparecem alguns factores e aparecem outros. No estudo de Bates aos 13 meses "desaparecem" os factores Apático e Imprevisível e aparecem os factores Persistente e Associável. Encontra-se uma situação semelhante no estudo de Kohnstamm. Estas alterações ao longo do tempo ocorrem consoante as tarefas de desenvolvimento associadas a cada fase da relação mãe/criança (Engfer, 1986). Como a autora exemplifica, numa fase precoce, o comportamento da criança com o qual a mãe tem mais dificuldade em lidar, parece ser a dificuldade da criança em se acalmar; mais tarde a rabugice, a impaciência e a teimosia tornam-se comportamentos mais problemáticos; quando a criança começa a explorar o ambiente que a rodeia, o controle e supervisão das suas actividades podem tornar-se mais difíceis.

Mas o que dizer de alterações na estrutura do temperamento em espaços de tempo mais curtos e em idades mais precoces? Em face do desconhecimento deste assunto seria importante explorar as variações na estrutura do temperamento antes dos 6 meses. Se as dimensões encontradas nessa fase precoce tivessem origem num instrumento já existente para avaliar o temperamento em fases posteriores isso seria mais vantajoso porque permitiria comparações entre fases precoces e fases posteriores. Vamos fazer estas explorações a partir do questionário de Bates et al., 1979.

## **(2) ESTABILIDADE DO TEMPERAMENTO NOS PRIMEIROS 6 MESES**

Por sua vez, a estabilidade temporal está dependente da estabilidade da estrutura do temperamento. Na revisão de bibliografia que foi feita sobre a Estabilidade do

Temperamento, salientou-se que a baixa estabilidade temporal encontrada nas escalas de temperamento podia ser devida a alterações na estrutura do temperamento de uma idade para outra. Um item pode estar fortemente correlacionado com outros numa determinada idade mas noutra idade diferente estar pouco ou nada correlacionado com esses itens ou estar mais correlacionado com itens de outra dimensão comportamental (Hinde, 1989). É importante comparar uma mesma dimensão de temperamento avaliada em momentos diferentes mesmo se essa dimensão de temperamento é representada em idades diferentes por um conjunto de itens que não é exatamente o mesmo. Mas este aspecto diminui provavelmente o grau de estabilidade temporal dessa variável e seria útil comparar estas medidas com a estabilidade resultante da comparação de instrumentos idênticos para avaliarmos a discrepância introduzida pelos instrumentos.

Por outro lado, existem outros aspectos que contribuem para que a estabilidade temporal seja mais ou menos elevada (Rothbart, 1989) incluindo (a) constrangimentos biológicos, incluindo mudanças maturacionais, (b) alterações na rede de contactos sociais em que decorre o desenvolvimento, (c) consolidação de padrões comportamentais, (d) factores ecológicos como o local físico e influência de factores económicos. Dados todos estes constrangimentos a autora admite que o temperamento nunca venha a revelar uma estabilidade elevada. Por outro lado, embora muitos estudos falem de estabilidade, as correlações embora significativas não ultrapassam .30 ou .40, sendo escassas as que ultrapassam este valor. Isto significa que apenas 10 a 25% da variância das variáveis estudadas é explicada ou predita.

Quanto à estabilidade dos comportamentos incluídos nas dimensões de temperamento aqui estudadas, os dados revistos por nós apontam para maior estabilidade do 1 para o 3 mês do que instabilidade tanto para o choro como para o sorriso e nível da actividade. Por exemplo, Birns e colaboradores (1969) descobriram que o choro e a capacidade para se acalmar revelavam estabilidade desde o período neonatal até aos 4 meses. O

choro neonatal também estava relacionado negativamente com os sorrisos e respostas vocais a estímulos sociais aos 3/4 meses. O nível de actividade também revelava estabilidade entre o 1º e o 4º mês. Moss (1967) descobriu estabilidade das 3 semanas aos 3 meses no sorriso evidenciado pelo bebé durante a interacção.

Portanto, dada a escassa informação existente sobre a estabilidade entre o 1º e o 6º mês de idade e as contradições que se têm encontrado até aqui seria importante avaliar a estabilidade das dimensões de temperamento e ao mesmo tempo avaliar o efeito da não utilização do mesmo instrumento sobre essa estabilidade temporal.

### **(3) RELAÇÃO ENTRE AS CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E OUTRAS VARIÁVEIS DO BEBÉ E DA MÃE E A VARIÁVEL TEMPERAMENTO**

Torna-se hoje em dia inevitável estudar o efeito ou a relação que variáveis como o sexo, a idade ou o estatuto socio-económico têm com as variáveis (sejam elas quais forem) que são o nosso principal objecto de estudo. Assim, é necessário verificar que relação existe entre o temperamento e outras variáveis como o estatuto socio-económico, ou o sexo da criança. Infelizmente a informação sobre a relação entre estas variáveis e o temperamento é praticamente inexistente, havendo apesar de tudo alguns estudos sobre as diferenças em função do sexo.

Buss (1989) refere que uma leitura imparcial nos leva a concluir que ainda não foram estabelecidas diferenças no temperamento em função do sexo na primeira infância (infancy). Por exemplo, Plomin e Defries usando mais de 200 bebés não encontraram diferenças nas avaliações de emocionalidade, sociabilidade ou actividade em função do sexo (Plomin e Defries, 1985). No entanto, Prior et al. (1989) encontram uma diferença, ligeira, nos factores Aproximação e Irritabilidade, sendo os rapazes mais irritáveis e também com valores mais altos de aproximação.

O sexo pode contudo mediar a relação entre o temperamento e outras variáveis como por exemplo o comportamento da mãe. No estudo de Crockenberg e Smith (1982) havia uma associação positiva e significativa entre a irritabilidade do bebé e as respostas ao choro por parte da mãe. No entanto os resultados indicam uma resposta diferente em função do **sexo** da criança; as mães respondiam mais ao choro das raparigas mais irritáveis do que ao choro dos rapazes mais irritáveis.

Uma variável em relação à qual não existe infelizmente informação é o peso da criança à nascença. No entanto, estando o peso à nascença associado à maturação da criança, e estando esta maturação associada ao choro era interessante ter dados sobre estes aspectos já que muitas medidas de emocionalidade negativa nos primeiros meses se baseiam na frequência do choro e nas suas "qualidades".

Três variáveis para as quais existe alguma informação são o estatuto socio-económico a paridade e o parto. No estudo de Bates et al. (1979) o **estatuto socio-económico** e se a criança era **primeiro** ou **segundo filho**, prediziam melhor as avaliações das mães (subescala Chorão/Difícil do ICQ) do que o comportamento da criança (choro). Noutro estudo, Bates et al. (1982) estudaram a relação entre emocionalidade negativa e duas variáveis contextuais - classe social e paridade. A choraminguice do bebé estava associada positivamente a contacto afectuoso da mãe: no caso dos primeiros filhos, e mais no estatuto socioeconómico mais alto do que no médio. No estudo de Zeanah et al., (1986) as mães que tinham referido que o **parto** tinha corrido de modo diferente do que esperavam modificavam com mais probabilidade a sua percepção de temperamento do pré-parto para o 1º mês.

Neste estudo procurámos a relação entre as medidas de temperamento e a idade da mãe, o seu rendimento económico e o do conjugue, sexo da criança e o seu peso à nascença, apgar aos 10 minutos, tipo de parto, e outras variáveis.

#### **(4) RELAÇÃO ENTRE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE MATERNA E TEMPERAMENTO DA CRIANÇA**

É conhecida a relação entre o temperamento e variáveis maternas. Já foram encontradas até agora relações do temperamento com algumas características das mães como por exemplo, entre a percepção negativa da criança e ansiedade (Vaughn et al., 1987; Sameroff et al., 1982). No caso específico do ICQ (de Bates et al. 1979) foi encontrada uma relação entre a dimensão Chorão/difícil e o Estatuto Socioeconómico e Extroversão (Bates et al., 1979) e com a ansiedade e depressão (Bates e Bayles, 1984).

Existem escassos dados sobre a relação entre temperamento e Irritabilidade maternal. Por exemplo, no estudo de Engfer (1986) as crianças que eram difíceis de acalmar (um dos aspectos importantes do temperamento nos primeiros meses) provocavam sentimentos de impaciência e irritabilidade. No entanto existem dados que permitem prever uma relação entre o temperamento da criança e a irritabilidade da mãe. Uma das explicações reside no próprio choro como estímulo aversivo. O choro das crianças difíceis tende a ser visto como exigente pela maioria dos adultos (Boukydis e Burgess, 1982). Frodi et al. mostrou que o choro pode estar associado a uma experiência de irritabilidade, e aumento de índices fisiológicos associados à autoavaliação de irritabilidade. Outras explicações podem residir na irritabilidade como consequência de atribuições de "dificuldade" ou outras características negativas à criança. Fazer atribuições externas, por exemplo, atribuições disposicionais, aumenta a tendência para agir irritadamente (Novaco e Welsh, 1989). Os adultos que acreditam que os insucessos educativos estão sob o controlo da criança podem facilmente reagir com irritabilidade em face de transações mal sucedidas (Bugental et al., 1989). Para Dix os pais tendem a ficar aborrecidos ou irritados se acham que a criança agiu intencionalmente e/ou devido às suas disposições negativas (Dix et al, 1990).

Em face da escassa informação dos dados existente seria importante explorar a relação entre a irritabilidade maternal e o temperamento infantil. Os poucos dados existentes revistos aqui e expostos e explorados em maior detalhe no capítulo V, fazem supor uma relação positiva entre irritabilidade maternal e qualquer tipo de temperamento difícil.

## **(5) SÍNTESE DAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO E PREDIÇÕES**

No sentido de clarificar as nossas questões e predições de investigação resumimo-las a seguir.

1) Como é que se desenvolve a percepção de temperamento nos primeiros meses? Esta questão pode ser traduzida em outras questões mais elementares: Encontram-se as mesmas dimensões ou factores de temperamento no 1º e 3º mês de vida do que aos 6 meses? Que relação existe entre as dimensões precoces e as posteriores?

2) Que estabilidade temporal existe nas dimensões de temperamento entre o 1º ou 3º mês e os 6 meses? E a percepção de Dificuldade e de Imprevisibilidade das mães diminui ou aumenta ao longo do tempo?

3) Que relação existe entre as características demográficas (como o rendimento mensal do pai ou da mãe, as suas habilitações, idade ou nº de anos que estão casados) e outras variáveis do bebé e da mãe (como o tempo de gestação, o tipo de parto, o sexo da criança o seu peso e apgar à nascença e o momento em que a mãe recomeçou a trabalhar), com o temperamento e irritabilidade maternal?

4) Existe uma relação positiva e significativa da Impaciência/Irritabilidade da mãe tanto com a e a percepção de Dificuldade como com a percepção de Imprevisibilidade.

# **CAPÍTULO VII**

## **MÉTODO**

## Visão geral sobre o Metodo

Os sujeitos da amostra são contactados 4 vezes. Uma vez antes do parto e três vezes após o parto. O quadro seguinte apresenta as variáveis estudadas, os instrumentos utilizados para as medir e os momentos de avaliação.

Variáveis	Instrumentos	Momento de Avaliação
Variáveis Demográficas		Pré-parto
Percepção do temperamento da criança	ICQ Bates et al. 1979 - Chorão/Difícil - Imprevisível	1 Mês 3 Mês 6 Mês
Irritabilidade	EMKK Codreanu, 1984, e Engfer, 1984 - Irritabilidade	1 Mês 3 Mês 6 Mês

## Sobre o estudo piloto

O estudo piloto foi precedido de um longo período de pesquisa bibliográfica, planeamento da investigação, tradução de instrumentos, avaliação destas traduções, etc., durante o ano de 1989.

O estudo piloto decorreu entre Janeiro de 1990 e Fevereiro de 1991. As grávidas, no terceiro trimestre de gravidez, foram contactadas na Maternidade Alfredo da Costa e 4 escolas de preparação para o parto e consultórios médicos. Os contactos realizados na

Maternidade Alfredo da Costa foram efectuados durante dois meses, Março e Abril, e posteriormente abandonados como processo de recolha da amostra porque se encontrava uma maioria de grávidas de risco ou que não tinham telefone próprio, viviam com outras pessoas além do marido, ou tinham apenas a 4ª classe. Por outro lado, estas pessoas com menos instrução prestam-se menos a colaborar nestes estudos. Foram ainda tentados outros locais de recolha da amostra como consultórios médicos e serviços de obstetria de Hospitais Civis de Lisboa que depois foram praticamente abandonados por proporcionarem um número escasso de sujeitos em comparação com o tempo dispendido para fazer os contactos. Eram efectuados pelo menos dois a três contactos semanalmente.

De todas as mães contactadas nesta fase (94), 35 foram contactadas por carta no pré-parto, 1º, 3º e 6º mês de vida do bebé. Destas 35, 9 foram contactadas directamente em suas casas.

O estudo piloto serviu para escolher os locais ideais para identificar sujeitos para a amostra; para apreciar como as pessoas interpretavam as perguntas; tomar decisões de detalhe sobre se algumas perguntas deveriam ser acrescentadas ou suprimidas; sobre o modo de elaboração das frases; decisões sobre que questionários ou escalas deveriam ser aplicados nas diferentes fases do estudo - 3º trimestre, 1, 3º ou 6º mês; quais deveriam ser preenchidas na presença da pessoa; que instrumentos podiam ser enviados pelo correio; para ensaiar as observações quer com video quer sem video; e para, após análise dos resultados, fazer uma previsão mais aproximada de quais seriam os resultados finais. Para além disso, o estudo piloto serviu para familiarizar os investigadores com a situação de observação feita em casa e com a entrevista a realizar.

## **Sujeitos**

Os sujeitos são 60 mães primíparas contactadas em escolas de preparação para o parto, de idades entre os 21 e os 35 anos, média 28 anos, maioritariamente (70%) com curso superior e as suas crianças, metade de cada sexo. A maioria das mães (80%) é trabalhadora.

## **Procedimento**

Todas as mães excepto 3 foram contactadas entre Março de 1991 e Setembro de 1992 em escolas de preparação para o parto entre os 6 e os 9 meses de gravidez. O estudo, intitulado "Projecto sobre a gravidez e desenvolvimento do bebé", era apresentado como uma investigação sobre o comportamento e desenvolvimento da criança e sobre a maneira de pensar e sentir das mães.

O processo de selecção da amostra correspondeu a uma auto-selecção. Primeiro, as responsáveis pela preparação pré-parto da escola contactada comunicavam às grávidas em termos gerais o objectivo do estudo.

Segundo, as grávidas que estavam disponíveis a participar informavam o dia e a hora em que gostariam de conversar sobre o assunto com os investigadores. Torna-se impossível neste momento dizer quantas mães não compareceram a esta marcação porque não foi guardado esse registo, mas estimamos que ao longo de todo o processo, cerca de 30 a 40 mães não compareceram. Nestes contactos, quase sempre individuais ou com duas ou três grávidas, os investigadores descreviam com maior detalhe os objectivos do estudo e o procedimento que iria ser utilizado, o número de contactos, onde eles deveriam ser feitos e quanto tempo se previa que demorasse, etc. Se as mães manifestassem mais uma vez disponibilidade para participar no estudo (houve nesta fase uma única recusa) e se se encontrassem dentro das exigências colocadas à partida, isto é, terem entre 20 e 35 anos, viverem na zona da grande Lisboa, e manifestarem a intenção de aí continuar a

viver pelo menos até aos 6 meses de vida do bebé e terem telefone, preenchiam então um questionário sobre dados demográficos e dois outros pequenos questionários sobre variáveis que não são analisadas neste estudo. Nesta conversa com as mães elas eram informadas que seriam contactadas por telefone alguns dias depois para então ser marcado a primeira visita a casa.

Terceiro, as mães eram contactadas por telefone alguns dias depois, neste contacto era perguntado se ainda manifestavam disponibilidade em participar (não houve nenhuma recusa nesta fase) e nesse caso era marcado um dia e uma hora para a primeira visita.

Foram contactadas em escolas de preparação para o parto 127 grávidas. Destas 63 foram escolhidas para fazer parte da amostra e fizeram pelo menos a primeira visita pré-parto em casa. Das 64 restantes, algumas (20) não foi possível contactar telefonicamente antes da data do parto. Com outras (18), a primeira visita não chegou a ser marcada porque o bebé já tinha nascido ou foi marcada a primeira visita mas não chegou a ser efectuada porque o bebé nasceu antes da data prevista. Outras (26) foram postas de parte por diversas razões, 4 por não terem telefone, 4 não viviam na zona da grande Lisboa ou não iam permanecer na zona nos próximos 6 - 9 meses, 3 viviam com outras pessoas além do marido, 9 manifestaram a intenção de recomeçar a trabalhar depois do bebé fazer 5 ou mais meses, 1 tinha apenas a 4ª classe, 2 teriam bebés a fazer um mês num período de férias e não podiam ser contactadas por nenhum dos colaboradores e 3 não trabalhavam, este último critério de selecção acabou por ser abandonado dadas as dificuldades em arranjar sujeitos para a amostra.

Das 63 mães referidas anteriormente 2 não foi possível contactar para fazer a entrevista do 1º mês, em relação a outra só foi feita a entrevista no terceiro trimestre de gravidez porque o bebé morreu no parto.

O conjunto das 60 mães restantes foi contactado pela primeira vez e preencheu o questionário de dados demográficos entre as 24 e as 40 semanas de gravidez, média 36 semanas e DP 3 semanas, portanto maioritariamente entre as 33 e 39 semanas. A primeira entrevista feita em casa foi feita entre as 36 e as 41 semanas, média 38 semanas e DP 1 semana.

Após o parto as mães eram contactadas em 3 momentos diferentes. Foram enviados os questionários de temperamento e de irritabilidade por correio, e preenchidos pelas mães quando o bebé tinha 1 mês (M:32 dias, DD:6 dias); quando tinha 3 meses (M:91 dias, DP:10 dias); e aos 6 meses (M:185 dias, DP:9 dias). Cerca de dois dias depois, em média, as mães eram contactadas para se fazer uma entrevista, uma observação directa e preencher mais alguns questionários; não vamos debruçarnos aqui sobre os dados recolhidos por entrevista ou observação directa.

## **Instrumentos**

### *(1) Escala de Temperamento*

A escala de temperamento utilizada é a Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates e col., (1979) versão dos 6 meses (ver anexo A). Porque escolhemos esta escala? (1) Por um lado, pretendíamos um instrumento aplicável nos primeiros meses. Desejávamos, explorar a percepção de temperamento nos primeiros meses. Existem vários instrumentos de temperamento aplicáveis após os 4 ou 6 meses e muitos estudos em idades acima dos 6 meses, mas o que se passa antes desse período é ignorado. Os três instrumentos aplicáveis nos primeiros meses foram revistos no primeiro capítulo (ponto 2 - medição do temperamento). (2) Por outro lado, estávamos interessados no conceito de temperamento difícil. Este conceito alia ao interesse de investigação um interesse clínico - "a criança difícil". Por exemplo, as avaliações feitas aos 3 e 6 meses nesta escala predizem avaliações de criança problemática aos 3 anos de idade (Bates et

al., citado em Hubert, 1982). No entanto, não estamos interessados no eventual valor predictivo desta escala mas apenas no que podem representar a curto prazo os seus resultados. É aceite que o comportamento dos sujeitos para com os outros se baseia no modo como os vêem ou percebem. Assim, existe razão para pensar que o modo como as mães percebem as crianças, se as acham fáceis ou pelo contrário difíceis e choronas, influencie a sua atitude e comportamento para com a criança, isto é, a sua paciência, comportamento responsivo e afectuoso. Dos dois instrumentos que contêm este conceito, o ICQ e o ITQ, o primeiro é mais simples, foi especificamente delineado para medir este conceito e a sua subescala Chorão-Difícil possui boas características psicométricas. Hubert et al. (1982) referem "nos estudos onde o principal objectivo é encontrar variáveis correlacionadas com o temperamento difícil, o uso do factor Chorão/Difícil do Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) é recomendada devido à qualidade dos dados para esta porção da escala". (3) Por fim, o resultado desta escala constitui uma medida válida de temperamento. Como foi descrito no capítulo 2, ponto 5, as avaliações de dificuldade feitas pelas mães através desta escala estão relacionadas (embora as correlações sejam baixas) com aspectos objectivos do temperamento da criança como a frequência de choro ou características espectrográficas de gravações de choro. De resto a investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates et al., 1979, 1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil.

O ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) foi construído para avaliar o constructo "temperamento difícil". Inclui 24 itens com uma escala de avaliação de 7 pontos, sendo o 1 considerado o temperamento fácil e o 7 temperamento difícil. Através de Análise de Componentes Principais, Bates identificou 4 factores a partir dos quais foram construídas 4 subescalas. A subescala Fussy/difficult (chorão/difícil) contém 6 itens e relaciona-se com a frequência de choro e se a mãe acha a criança difícil. Um item típico

é: Quantas vezes por dia, em média, o seu bebé fica rabugento ou chora? A subescala Unpredictable (Imprevisibilidade) contém 3 itens e mede a imprevisibilidade do bebé quanto a funções fisiológicas. Um item típico é: É fácil ou difícil para si prever quando é que o seu bebé vai adormecer ou acordar? A subescala Dull (Apatia) contém 3 itens e avalia o nível de actividade e a expressão de afectos positivos. Um item típico é: Até que ponto o seu filho sorri e faz sons de satisfação? Finalmente, a subescala Unadaptable (Adaptação lenta) não foi utilizada neste estudo por razões que a seguir se expõe.

Os valores de consistência interna (aos 6 meses) para as 4 escalas no estudo de Bates et al. (1979) são os seguintes: Fussy/Difficult - .79; Unadaptable - .75; Dull - .39; e Unpredictable - .50. Os valores de teste-reteste são os seguintes: respectivamente, .70; .54; .57; .47.

Uma vez que a versão utilizada, a dos 6 meses, foi construída para ser aplicada a partir dos 4 meses era necessário inspecionar os itens para saber se, como pretendíamos, podiam ser aplicáveis no 1 e 3 mês de vida do bebé. Após esta verificação decidiu-se aplicar apenas 17 dos 24 itens da versão dos 6 meses da escala de Bates. Foram excluídos da aplicação os itens 8, 9, 10, 11, 18, e 20 por não serem aplicáveis no 1 mês. Como destes 6 itens, 4 (8;9;10;20) pertencem ao factor Unadaptable decidiu-se também não usar o item 7 pertencente a este factor.

## *(2) Escala de irritabilidade/impaciência*

A escala de irritabilidade utilizada foi extraída das escalas de sentimentos e atitudes maternas (EMKK) de Engfer, 1984 e Codreanu, 1984, citadas em Engfer e Gavranidou, 1986 (designada em língua inglesa por Maternal child-care attitudes and feelings), (ver anexo B).

A escala de irritabilidade/impaciência contém 11 itens e descreve sobretudo sentimentos acerca do comportamento parental e acerca da criança. Descreve a raiva, impaciência e exaustão maternal que a mãe sente ao lidar com o bebé. Um item típico é: "Às vezes tenho grande dificuldade em ser paciente com o meu filho" ou "As vezes fico tão tensa que tenho vontade de gritar e abanar o meu bebé".

A consistência interna da escala é elevada (.79) (Engfer, 1984). Engfer efectuou cálculos de teste-reteste com um intervalo de 14 meses (entre os 4 e os 18 meses) num estudo longitudinal com mães predominantemente da classe média para estas 4 escalas e o valor encontrado para a escala de Irritabilidade foi  $r=.69$ .

### *(3) Questionário sobre dados socio-familiares*

Este questionário foi construído por nós e destina-se a recolher a identificação das pessoas como o nome e a morada, e dados sobre a profissão, habilitações, rendimento económico e estado civil. Também havia algumas questões relacionadas com a gravidez e com o parto (ver anexo C).

Algumas das perguntas permitiam confirmar se os sujeitos inquiridos estavam dentro das características pretendidas por nós como a idade das mulheres, as suas habilitações, o estado civil, e se era o primeiro filho.

Outras questões permitiam-nos resolver problemas de organização da investigação como o sexo previsto da criança (pretendíamos uma amostra dividida igualmente pelos dois sexos) ou a data prevista para o parto (pretendíamos fazer um primeiro contacto em casa das pessoas ainda antes do bebé nascer).

# **CAPÍTULO VIII**

## **RESULTADOS**

Vamos relatar cinco tipos de resultados estatísticos. Em primeiro lugar, vamos apresentar as estatísticas descritivas, isto é, as médias e desvios padrão sobre os dados demográficos da nossa amostra. Em segundo lugar, vamos efectuar uma análise sobre o constructo da variável temperamento através de Análise de Componentes Principais. Em terceiro lugar, uma análise voltada para as características métricas dos instrumentos incluindo a análise da consistência interna e cálculo da estabilidade temporal. Em quarto lugar, vamos referir as estatísticas descritivas para as subescalas de temperamento, e para as escala de irritabilidade. Quanto à escala de temperamento, sempre que for possível, iremos comparar os resultados com os encontrados por Bates (et al., 1979), autor da escala, e com os de Kohnstamm (1984), porque fez uma adaptação da escala à população Holandesa. Em quinto lugar, vamos descrever a relação entre as variáveis de temperamento e a variável de impaciência/irritabilidade.

### **(1) Estatísticas descritivas sobre os dados demográficos**

Os bebés:

Os bebés são 30 rapazes e 30 raparigas com peso médio à nascença igual a 3,300 Kg. Uma criança nasceu com 2.050 kg mas as restantes têm todas mais de 2,500 Kg (ver quadro nº1). 51 crianças apresentavam apgar 10 aos 10 minutos, 2 apgar 9, 2 apgar 8 e não foi possível conhecer o apgar de 5 delas.

As mães:

As mães têm entre 21 e 35 anos, média 28 anos e vivem juntos com companheiro (6) ou o marido (54), em média, há 2 anos e meio (ver quadro nº1). 44 trabalham a tempo inteiro, 6 a meio tempo, 6 estão desempregadas e 4 são estudantes (ver quadro nº2). 18 delas têm o ensino secundário e 42 o ensino superior ou curso médio (ver quadro nº3). Ganham em média entre 75 e 100 mil escudos.

O tempo médio de gestação foi de 40 semanas (ver quadro nº1). A gravidez correu "bem" ou "muito bem" a 50 das mães e com complicações nomeadamente ameaça de aborto a 10 delas (ver quadro nº4). O parto "correu bem" ou "forceps mas bem" a 38 mães, a 11 delas o parto correu "com forceps e mais ou menos bem" ou "com forceps e demorado", 11 foram submetidas a cesariana (ver quadro nº5). A razão porque agrupámos os dados desta maneira são dados a seguir. Tanto no caso da gravidez como no parto preferimos dar mais relevo aos aspectos subjectivos, (isto é, como é que a mãe sente ou diz que decorreu a gravidez ou o parto), do que aos aspectos objectivos ou factuais. Por exemplo, das mães em cujo parto foram usados forceps, umas achavam que apesar disso as coisas tinham corrido bem, enquanto outras preferem acentuar que as coisas tinham sido difíceis, ou que as coisas não tinham corrido bem. No entanto, nenhuma das mães submetida a cesariana achava que o parto tinha corrido bem, o sentimento nunca era de satisfação mas sim de frustração. Assim, a cesariana pareceu-nos uma situação distinta de todas as outras ao passo que os forceps podiam ou não ser valorizados pelas mães.

43 mães recomeçaram a trabalhar entre 1 a 6 meses após o parto, mas maioritariamente entre os 3 e 4 meses, média 3 meses e meio, DP 1 mês.

### Quadro nº 1

Estatísticas descritivas de variáveis do bebé, da mãe, e demográficas.

Variável	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	N
Peso Nasc.	3.33	.40	2.050	4.300	59
T. Gestaç.	40.07	.99	37	42	60
Idade	27.75	3.34	21	35	60
T. Juntos	2.65	1.27	1	8	57

## Quadro nº 2

Estatuto Profissional. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Empregada tempo inteiro	1	44	73.3	73.3	73.3
Empregada tempo parcial	2	6	10.0	10.0	83.3
Desempregada	3	6	10.0	10.0	93.3
Estudante	4	4	6.7	6.7	100.0
	<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	

## Quadro nº 3

Habilitações da mãe. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Ensino Secundário	5	18	30.0	30.0	83.3
Ensino Sup. ou Curso Médio	6	42	70.0	70.0	100.0
	<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	

## Quadro nº 4

Como decorreu a gravidez. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Bem, ou muito bem	1	50	83.3	83.3	83.3
Complicaç., ex. ameaça de ab.	2	10	16.7	16.7	100.0
	<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	

### Quadro nº 5

Tipo de parto. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
normal, forceps mas bem	1	38	63.3	63.3	63.3
forceps e demorado	2	11	18.3	18.3	81.7
cesariana	3	11	18.3	18.3	100.0
	<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	

Os Pais:

Os pais têm maioritariamente (42) cursos superiores, 14 têm o ensino secundário e 2 apenas o ciclo preparatório; de dois deles não foi possível saber a escolaridade (ver quadro nº6). Ganham em média mais de 100 mil escudos.

### Quadro nº 6

Habilitações do pai. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Ciclo preparatório	4	2	3.3	3.4	3.4
Ensino secundário	5	14	23.3	24.1	27.6
Ensino Sup. ou Curso Médio	6	42	70.0	72.4	100.0
	9	2	3.3	MISSING	
	<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	

## **(2) Análise da escala de temperamento: Análise da estrutura factorial**

Realizámos uma Análise de Componentes Principais (A.C.P.) e Rotação Varimax sobre os itens originais da escala de temperamento uma vez que foi este o processo utilizado por Bates et al., (1979) no estudo original quando foi criada a escala. Foi igualmente o processo de análise utilizado por Kohnstamm (1984) na sua aplicação da escala de Bates na Holanda.

Para que a análise factorial fosse realizada com o maior número possível de sujeitos juntaram-se os dados finais com a amostra utilizada no estudo piloto. Assim a análise de componentes principais foi efectuada com 91, 81 e 84 sujeitos respectivamente no 1, 3 e 6 mês.

Encontrou-se quatro factores em todos os momentos de avaliação (ver quadro 7, 7a, 7b e 7c)

## Quadro nº 7

Resumo da distribuição dos itens da escala de temperamento pelos diversos factores de acordo com a Análise de Componentes Principais após Rotação Varimax.

<b>1 mês:</b>	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
	6 15 12 24 22 13	17 16 (5) 19 (1)	2 3 4	23 14
<b>3 mês:</b>	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
	6 24 12 22 13 5 (14)	2 21 3 (1) 4	16 (17) 15 (23)	19
<b>6º mês:</b>	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
	6 22 12 14 19 (5) (13)	4 1 2 21 3	15 17 16	23 (24)

( ) Os itens entre parênteses são itens não discriminativos.

**Quadro 7a)** Matriz dos factores após rotação varimax para os itens da escala de temperamento - 1º mês

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
T6A	.75901	.43636	.11387	.14054
T15A	.71151	-.30602	.12292	.14488
T12A	.68851	.45230	.24500	.15285
T24A	.67849	.38701	.01694	-.16259
T22A	.67629	.04693	.17032	-.08711
T13A	.55853	.34912	.26117	.10845
T17A	.20410	.83918	.05955	-.02229
T16A	-.05554	.76315	.34112	.03573
T5A	.48528	.55041	.02031	.19445
T19A	.19062	.52842	.08855	-.16319
T1A	.38294	.48307	.36764	.11253
T2A	.14637	.12965	.79917	.10027
T3A	.17352	.00683	.74839	-.41027
T4A	.17884	.24556	.71832	.08991
T23A	-.06932	.26870	.15943	-.76868
T14A	.09082	.36457	.27077	.64219

( ) O item 21 não foi utilizado no estudo piloto. Optou-se por não o incluir na Análise Factorial feita com os dados do 1 mês para ter um maior nº de sujeitos.

**Quadro 7b)** Matriz dos factores após rotação varimax para os itens da escala de temperamento - 3º mês

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
T6	.84459	.24105	-.02911	-.12421
T24	.82840	-.02991	-.01484	.10613
T12	.72910	.26405	.12864	.02515
T22	.72612	.16836	.13300	-.10713
T13	.69220	.01128	.02823	-.03836
T5	.68971	.18331	.05240	-.19948
T14	.48196	-.23491	.27708	.42036
T2	.21755	.78868	.07965	.00129
T21	-.16561	.71487	.15876	-.37303
T3	.11292	.71359	-.19017	.28461
T1	.47672	.55442	.10583	.15672
T4	.35692	.51448	.34287	-.10425
T16	.25808	.06757	.71895	.08831
T17	.48681	-.02603	.63416	.14824
T15	.40475	.01767	-.58436	.20502
T23	-.08848	.20859	.46228	.32269
T19	.24434	-.05426	-.10321	-.75974

**Quadro 7c) Matriz dos factores após rotação varimax para os itens da escala de temperamento - 6<sup>o</sup> mês**

	<b>Factor 1</b>	<b>Factor 2</b>	<b>Factor 3</b>	<b>Factor 4</b>
T6	.80267	.25732	.22793	.13157
T22	.78693	.22057	.23465	-.12626
T12	.73358	.34634	.27672	.13135
T14	.58299	.10171	-.06781	-.06626
T19	.53496	-.09250	-.21183	.02763
T5	.48270	.15057	.48146	.11460
T13	.42054	.12638	-.22437	.35245
T4	.24552	.79793	.01806	-.00115
T1	.25716	.76626	-.06969	.03571
T2	.12817	.75876	-.09299	.20475
T21	-.13851	.75030	.29673	.10272
T3	.17764	.67213	.23470	-.12390
T15	.22432	.13913	-.74859	.29981
T17	.28424	.19082	.63397	.24214
T16	.02849	.18257	.61077	.43947
T23	-.13615	-.04238	.13302	.81575
T24	.55807	.17468	.04293	.60003

No **primeiro mês** o 1<sup>o</sup> factor agrupa os itens 6, 15, 12, 24, 22 e 13. Isto é, agrupa - o choro (6), facilidade em se inquietar ou chorar (12), chorar alto (13), nível de actividade (15), variações rápidas ou frequentes no humor, (22), e proporciona uma sensação de dificuldade (24). O que caracteriza este factor é o choro (à sua frequência e outras características) e dadas as semelhanças com o factor 1 encontrado por Bates damos-lhe o nome **Chorão/Difícil/Activo**. A criança Chorona, Difícil e Activa chora mais do que a maioria das crianças (6), tende a perturbar-se com facilidade (12), a chorar alto (13), a ser uma criança activa (15), que muda rapidamente ou com frequência de humor (22), e que seria uma criança difícil para a maioria das mães (24). Pelo contrário, a criança Fácil e Calma chora menos do que a maioria das crianças (6), dificilmente se inquieta (12), chora baixinho (13), é uma criança calma e quieta (15), raramente muda de humor (22), e que seria fácil de lidar pela maioria das mães.

O segundo factor agrupa de modo discriminativo os itens 17, 16 e 19. Isto é, o sorriso e sons de satisfação (16), o humor típico (17) e gostar de estar ao colo (19). As crianças que são menos sorridentes (16) e mais sérias (17) querem estar sempre ao colo (19). As crianças sorridentes (16) e alegres (17) não gostam de estar ao colo (19). O que caracteriza este factor é o humor típico da criança e ser aborrecida com o colo. Por esta razão damos a este factor o nome **Encantadora vs Aborrecida**. Ainda aparecem dois itens associados a este factor de modo não discriminativo; o item (1) dificuldade em acalmar a criança e (5) frequência com que chora por dia. Isto é a criança encantadora além de sorrir, fazer sons de satisfação, ser alegre e raramente querer colo, ainda chora pouco e é fácil de acalmar. A criança aborrecida sorri menos do que a maioria, é uma criança séria, gosta de estar sempre ao colo, e além disso chora com mais frequência e é difícil de acalmar.

O terceiro factor agrupa os itens 2, 3 e 4. Isto é, dificuldade em prever quando é que o bebé vai acordar (2), quando é que ele vai ficar com fome (3), e saber o que é que está a incomodar a criança quando ela chora ou rabuja (4). O que caracteriza este factor é a dificuldade em perceber ou prever o ritmo e as pistas do bebé, sendo assim, e dada a semelhança perfeita com o factor encontrado por Bates damos-lhe o nome de **Imprevisível**.

Aos **3 meses** o 1º factor agrupa de modo discriminativo os itens 6, 24, 12, 22, 13, e 5. O item 5 é um item sobre a frequência de choro pelo que se enquadra perfeitamente com os outros itens dando mais uma vez origem a uma dimensão Chorão/Difícil. Associa-se ainda a este factor de modo não discriminativo o item 14. Assim, a criança Chorona/Difícil não gosta de ser vestida (14).

Aos 3 meses o factor que agrupa os itens 1, 2 e 3 passa a ser o segundo factor e não o terceiro como no 1º mês. O 2º factor agrupa os itens 2, 21, 3 e 4. Ou seja, ao factor

Imprevisível junta-se o item (21), dificuldade em prever quando a criança precisa de mudar a fralda. O item 1 aparece também associado embora de modo não discriminativo. Ou seja, a criança Imprevisível é aquela em relação à qual é difícil prever: quando é que vai adormecer ou acordar (2), quando precisa de mudar a fralda (21) quando vai ficar com fome (3), saber o que é que a incomoda quando chora (4), e é difícil de acalmar (1). Este conjunto de itens transmite uma ideia de desorientação, desorganização ou falta de estrutura e portanto também de dificuldade. Optámos por chamar-lhe **Imprevisível/Difícil**.

O 3º factor agrupa de modo discriminativo os itens 16 e 15. Isto é, a actividade (15) e o sorriso e sons de satisfação (16). Podíamos dizer que a criança sorridente é activa e chamar a este factor novamente **Encantadora vs Apática**. Aparecem associados a este factor de modo não discriminativo os itens (17) humor alegre vs sério e (23) fica excitado e alegre quando as pessoas brincam com ele. Isto significa que a criança Encantadora, além de sorridente e activa é alegre (17) e sociável (23). A criança Apática sorri menos do que a maioria das crianças (16), é uma criança calma (15), o seu humor é sério (17), e fica pouco excitada quando as pessoas brincam com ela. (Neste factor o item 15 tem sinal contrário aos outros itens).

Aos **6 meses** o factor 1 agrupa de modo discriminativo os itens 6, 22, 12, 14 e 19. Isto é choro (6), variações no humor (22), facilidade com que fica inquieto (12), reacção ao vestir (14), e apetência pelo colo (19). Aparecem associadas a este factor de modo não discriminativo os itens (5) frequência do choro e o item (13) chorar alto. O que caracteriza este factor é a susceptibilidade em ficar perturbada, e a emocionalidade negativa. A criança **Lábil**, nome pelo qual designamos este factor, chora mais do que a maioria das crianças (6), tem variações bruscas ou rápidas de humor (22), fica inquieta ou chora facilmente (12), não gosta de se vestir (14), e quer estar sempre ao colo (19). Além disso esta criança ficaria rabugenta com frequência (5) e choraria alto (13). A

criança não Lábil chora menos do que a maioria das outras crianças, raramente tem variações no humor, dificilmente fica perturbada, não chora ou protesta quando a vestem, e não gosta de estar ao colo.

O 2º factor associa de modo discriminativo os itens 4, 1, 2, 21 e 3. Isto é, dificuldade em saber o que está a incomodar a criança (4), dificuldade em acalmá-la (1), dificuldade em saber quando vai acordar ou adormecer (2), prever quando precisa de mudar a fralda (21), e prever quando é que bebé vai ficar com fome (3). Tal como no 1º e 3º mês este factor pode ter a designação de **Imprevisível**. A criança Imprevisível é aquela em relação à qual a mãe tem dificuldade de prever quando é que vai adormecer ou acordar (2), quando vai ficar com fome (3), ou precisar de mudar a fralda (21), o que é que a está a incomodar quando chora (4), e que é difícil de acalmar (1). A criança previsível é fácil de prever quando vai adormecer ou acordar, quando vai ficar com fome, ou precisar de mudar a fralda, ou o que é que a incomoda quando chora, e também é fácil de acalmar.

O 3º factor inclui os itens 15, 17 e 16. Isto é, a actividade (15), o humor típico (17) e o sorriso e sons de satisfação (16). Designamos o factor por **Ecantadora vs Apática**. A criança Encantadora é activa (15), alegre (17), e sorridente e palradora (16). A criança apática é calma, sorri ou fala menos que a maioria das crianças e é mais séria. (Neste factor o item 15 tem sinal contrário aos outros itens).

Assinalamos que nos três momentos de avaliação efectuados aparece ainda um quarto factor apenas com um ou dois itens e nenhum destes itens se mantém sistematicamente neste factor. Por esta razão optámos por não descrever este factor.

### **Comparação com os resultados de Bates e de Kohnstamm**

Refira-se que se o temperamento é encarado como uma disposição comportamental os factores extraídos da A.C.P. podem ser encarados como dimensões gerais de comportamento. Recordemos os factores ou dimensões encontradas por Bates e já descritas anteriormente no capítulo sobre a Medição do Temperamento. O factor **Chorão/Difícil** inclui como itens principais o item 1, 5, 6, 13, 22 e 24 (ver quadro 8). A criança difícil seria chorona (5 e 6), difícil de acalmar (1), chora alto (13), tem variações rápidas ou frequentes de humor (22), e proporciona uma sensação de dificuldade (24). O factor **Imprevisível** inclui os itens 2, 3 e 4. A criança imprevisível é aquela em que a mãe tem dificuldades em prever quando é que ela vai acordar ou adormecer (2), ficar com fome (3) ou saber o que incomoda o bebé quando ele chora (4). O factor **Apático** inclui os itens 15, 16 e 23. A criança apática sorri pouco ou faz poucas vocalizações (16) não fica excitada quando lhe pegam ou brincam com ela (23) e é pouco activa (15).

O que acontece aos 3 factores encontrados por Bates nos 3 momentos de avaliação deste estudo?

Apresentamos os resultados num quadro resumo (quadro 8) e de modo mais detalhado foram apresentados em 3 quadros: 7a, 7b e 7c.

## Quadro nº 8

Distribuição dos itens da escala de Bates et al. (1979) de acordo com a análise de componentes principais após rotação varimax efectuada neste estudo. Apresentam-se os resultados dos estudos de Bates et al., 1979 e de Kohnstamm (1984) para comparação.

J. Bates	Kohnstamm		Pires		
4-7 meses	2-4 mês	5-6 mês	A) 1 mês	B) 3 mês	C) 6 mês
Factor 1: Fussy/Difficult (Chorão/Difícil)					
6 (17)	6	6 (12)	((5))	5 ((1))	( 5)
5 (12)	5	5 (23)	6	6	6
1 (14)	14	14	12	12	12
24	24	24	13	13 (14)	14 (13)
22		13	15	((17))	19
13	21	21	22	22	22
			24	24	((24))
Factor 2: Unpredictable (Imprevisível)					
2 (19)	2	2	2	2 (1)	2 1
3 (21)	3	3	3	3	3
4			4	4	4
				21	21
Factor 3: Dull (Apático)					
					(( 5))
16	15	16	16 (1)	15 (17)	15
15	23	17	17 (5)	16 (23)	16
23			19		17
			23	19	23
			14		(24)

( ) Os itens entre parênteses são itens não discriminativos. (( )) Os itens entre parênteses duplo têm peso superior a .47 neste factor embora o seu peso mais alto recaia noutra factor.

Quanto ao factor 1, **Chorão/Difícil** e no que diz respeito aos itens discriminativos na subescala original de Bates (6; 5; 1; 24; 22 e 13) verifica-se o seguinte:

Os itens discriminativos nos três momentos de avaliação do presente estudo, ou seja no 1, 3 e 6º mês, para o factor Chorão/Difícil (C/D) são: 6; 12; 22 (ver quadro 7a, 7b e 7c); isto é, aparecem sempre associadas a frequência de choro (6), a facilidade em se inquietar ou chorar (12), e as variações rápidas ou frequentes no humor (22).

Dos restantes itens, o item 1 (dificuldade em acalmar o bebé) aparece no 1º mês disseminado pelos 3 primeiros factores mas com maior peso, embora não discriminativo, no factor (Encantador ou Apático). No 3º mês o seu peso já é maior no factor 2 (Imprevisível) que agrupa os itens 2, 3, e 4 embora não seja discriminativo e continue com algum peso no factor 1. No 6º mês continua associado ao factor 2 (Imprevisível) de modo discriminativo. Conceptualmente isto significa que a dificuldade em acalmar o bebé quando ele está a chorar (item 1) aparece no 1º mês associada ao choro (factor 1), à imprevisibilidade (factor 3) e humor (factor 2), para posteriormente, aos 3 meses e de modo mais consistente aos 6 meses aparecer associada à Imprevisibilidade, i. e., dificuldade em prever os ritmos de sono/vigília (item 2), fome (item 3) e perceber a causa do seu choro (item 4).

O item 5 (frequência de choro), no 1º mês aparece disseminado pelos dois primeiros factores mas com peso maior embora não discriminativo no factor dois. No 3º mês aparece associado ao factor 1 (Chorão/Difícil). No sexto mês volta a estar repartido pelo factor 1 (Chorão/Difícil) e pelo factor que contem os itens de Humor (16 e 17).

O item 13 (chorar alto) aparece sempre associado ao factor 1 (Chorão/Difícil) mas não é discriminativo no 6º mês.

O item 24 (grau médio de dificuldade) aparece de modo discriminativo no 1º e 3º mês associado ao factor 1 (Chorão/Difícil). No 6º mês apesar de ter um peso elevado neste factor (.56) aparece mais associado ao factor 4 (ver tabela 7c).

Existem ainda itens que aparecem associados apenas uma ou duas vezes ao factor 1. O item 15 aparece uma vez (1º mês), o item 19 uma vez (6º mês) e o item 14 aparece duas vezes (3º e 6º mês).

Quanto ao **factor 2** e no que diz respeito aos itens discriminativos da subescala "**Imprevisível**" original de Bates (2; 3; 4) verifica-se o seguinte:

Os três itens, (2) "dificuldade em prever quando é que ele vai acordar"; (3) "...ficar com fome"; e (4) "saber o que é que está a incomodar a criança", aparecem associados no factor 2 (Imprevisibilidade) de modo consistente e discriminativo nos três momentos de avaliação (ver quadro 8).

Existem ainda itens que aparecem associados apenas duas vezes ao factor 2 como os itens 1 e 21 no 3º e 6º mês.

No **factor 3, Apático**, é aquele em que existem maiores diferenças em relação à solução original encontrada por Bates. No nosso estudo existe uma associação consistente do 1 para o 6º mês que é a associação dos itens 16 (sorriso e sons de satisfação) e 17 (humor típico). O item 15 (actividade) aparece associado aos itens 16 e 17 no 3º e 6º mês (ver tabela 7a, 7b e 7c). O item 15 aparece sempre com peso de sinal contrário aos restantes itens do factor 3 tal como se verificou no estudo de Bates. O facto do item 15 aparecer associado aos itens 16 e 17 a partir do 3º mês, significa que aos 3 meses já se verifica a relação descrita por Bates, as mães acham que as crianças mais activas são mais divertidas. No 1º mês, uma vez que a criança poucas vezes sorri, as respostas aos itens 16 e 17 podem ser extremamente projectivas. Quanto à associação do item 15 ao 1º factor no 1º mês isso significa que nesta fase precoce as crianças que são vistas como activas são também vistas como choronas/díficeis. O item 23 que no estudo de Bates aparece associado ao item 15 constituindo a 3º factor, só aparece uma vez associado ao item 15 no 3º mês.

Assinalamos que nos três momentos de avaliação efectuados aparece ainda um quarto factor apenas com ou dois itens e nenhum destes itens se mantem sistematicamente neste factor.

**Em síntese**, a primeira constatação que podemos fazer desta análise dos itens da escala de Bates reside no facto de em grande medida se terem confirmado os dados de Bates e de Kohnstamm. Isto é, identificaram-se três factores semelhantes aos factores Chorão/Difícil de Bates ou Fussy/Crying de Kohnstamm, outro semelhante ao factor Imprevisível e outro ainda semelhante ao Apático (ver quadro 8). Isto é, apesar de algumas diferenças, se tivermos em conta não só os itens discriminativos mas também os não discriminativos e aqueles que têm um peso igual ou superior a .47, verificamos que o conjunto dos itens se distribui por três factores que são semelhantes no nosso estudo e nos estudos de Bates e no de Kohnstamm.

### **(3) Análise da escala de temperamento: Consistência interna**

A subescala Chorão/Difícil (C/D) apresenta Alphas de Cronbach elevados, (.87); (.87); e (.75) respectivamente no 1, 3, e 6 mês (veja quadro nº 9). Notemos que os itens da escala utilizada para calcular a consistência interna são os itens discriminativos. Assim, no 1º mês temos os itens 6, 12, 13, 15, 22 e 24.; no 3º mês os itens 5, 6, 12, 13, 22 e 24 e no 6 mês os itens 6, 12, 14, 19 e 22.

A subescala Imprevisível (IMP) apresenta Alphas moderados, (.73); (.73); e (.83) respectivamente no 1, 3 e 6 mês. Os itens utilizados foram, no 1º mês o 2, 3, e 4 ; no 3º mês os itens 2, 3 , 4 e 21; no 6º mês os itens 1, 2, 3, 4 e 21.

A subescala Encantador vs Aborrecido ou Apático apresenta valores de consistência interna baixos, .72, .25 e .58 respectivamente no 1, 3 e 6 mês. Uma vez que esta dimensão não revelou consistência interna satisfatória ela não será analisada posteriormente.

Os valores de consistência interna obtidos neste estudo são quase sempre mais altos que os de Bates e de Kohnstamm (veja quadro nº 9).

### Quadro nº 9

Comparação da consistência interna verificada neste estudo e nos estudos de Bates e de Kohnstamm.

	Chorão/ /Difícil	Apático	Imprevisível
<b>Bates</b>	.79	.39	.50
6 meses (n=196)			
<b>Kohnstamm</b>			
2-4 meses (n=494)	.75		
5-6 meses	.80		
<b>Pires</b>			
1 mês (n=92)	.87	.72	.73
3 meses (n=82)	.87	.25	.73
6 meses (n=84)	.75	.58	.83

#### (4) Análise da escala de temperamento: Estabilidade Temporal

Neste estudo não foi utilizado nenhum procedimento para calcular a consistência teste-reteste, no entanto como foram feitas aplicações com uma relativa proximidade temporal, 1, 3 e 6 meses, comparamos a correlação obtida entre estas aplicações com os cálculos teste-reteste efectuados por Bates e col. (1979) e Kohnstamm (1985).

#### Quadro nº 10

Comparação da estabilidade temporal verificada neste estudo e nos estudos de Bates e de Kohnstamm.

	<b>Chorão/Difícil</b>	<b>Imprevisível</b>
Bates (o reteste foi efectuado 1 mês após o teste)		
6 meses (n=112)	.70	.47
Kohnstamm (o reteste foi recebido entre 4 a 12 semanas após o teste)		
3-6 meses (n=48)	.59	
Pires (são comparados os resultados do 1 e 3 mês portanto o "reteste" foi efectuado cerca de 8/9 semanas após o teste; do 3 e 6 mês, reteste efectuado cerca de 3 meses depois; e do 1 para o 6 mês, cerca de 5 meses depois)*		
do 1 para o 3 mês (n=57)	.73	.61
do 3 para o 6 mês (n=57)	.63	.56
do 1 para o 6 mês (n=57)	.61	.52

\* Os itens utilizados em cada momento de avaliação são os itens discriminativos.

Como se pode constatar a correlação encontrada é comparativamente mais elevada, se atendermos à maior distância temporal, do que as verificadas pelos outros autores.

Kohnstamm (1985) efectuou cálculos de teste-reteste separados para três grupos de diferente escolaridade a com a sua amostra acima dos 7 meses e verificou que o valor de teste-reteste era mais baixo, entre 10 e 20 pontos, no grupo de menos escolaridade do que nos outros dois grupos - escolaridade média e escolaridade média e escolaridade superior. O facto de termos utilizado uma amostra de escolaridade alevada poderá em parte justificar que a consistência teste-reteste encontrada por nós seja mais elevada que as dos estudos de Bates e de Kohnstamm.

Face à polémica sobre a estabilidade temporal das medidas de temperamento, (é com frequência baixa), decidimos verificar até que ponto os resultados da consistência interna podem ser afectados pela comparação de escalas que têm um número de itens diferentes ou uma composição de itens diferentes nos vários momentos de avaliação. Para isso decidimos criar uma escala para o factor Chorão/difícil (e outra para o factor Imprevisível) que tivesse os mesmos itens no 1º, 3º e 6º mês.

Em função dos resultados analisados anteriormente, ver quadro nº 8, optámos por constituir subescalas com itens que estivessem associados nos três momentos de avaliação ao mesmo factor, pelo menos com um peso superior a .47. Assim constituímos as duas seguintes subescalas (ver quadro nº11):

(1) a subescala "Chorão/Difícil" (C/D) composta pelos itens discriminativos nos três momentos de avaliação: 6;12;22 mais os itens 5, 13 e 24.

(2) a subescala "Imprevisível" (IMP) com os itens 2;3;4.

Reconhecemos que, para encontrar uma solução comum para o 1, 3, e 6 mês seria preferível usar uma Análise de Componentes Principais com medidas repetidas mas não dispomos dum programa (p. ex. LISREL) que efectue esse cálculo.

### Quadro nº 11

Opção da distribuição dos itens de temperamento por 2 factores.

Factor 1: Chorão/Difícil	Factor 2: Imprevisível
5	2
6	3
12	4
13	
22	
24	

Como esperávamos a estabilidade temporal obtida é maior quando além de compararmos a mesma dimensão ou variável comparamos exatamente o mesmo instrumento. Os valores obtidos para a escala Chorão/Difícil são .82, .80, e .76 respectivamente para a correlação entre o 1º e 3º mês, 3º e 6º mês e 1º e 6º mês. Os valores obtidos para a escala Imprevisível são .65, .49, .55 respectivamente para a correlação entre o 1º e 3º mês, 3º e 6º mês e 1º e 6º mês. Os valores de estabilidade temporal para a subescala Chorão/Difícil são entre 10 a 15 pontos mais altos que os referidos anteriormente, (ver quadro 10), e os da escala Imprevisível um pouco mais alta ou um pouco mais baixa, podendo os casos de consistência mais baixa ser explicados por um número menor de itens na escala.

**Em síntese**, a estabilidade temporal encontrada para as duas escalas consideradas é moderada e superior à encontrada por Bates e Khonstamm. por outro lado, a estabilidade diminui quando se comparam instrumentos diferentes e aumenta quando se compara o mesmo instrumento. Além disso, o número de itens da escala não é um aspecto irrelevante, a estabilidade temporal tende a ser mais alta se o número de itens for maior pelo menos em instrumentos com poucos itens como as utilizadas por nós.

### **(5) Análise da escala de temperamento: Estatísticas descritivas**

A primeira constatação que fazemos é que o valor médio das duas subescalas, C/D Chorão/Difícil; e IMP - Imprevisível/Difícil, é um valor baixo em todos os momentos de avaliação (ver quadro nº12). Por exemplo, na subescala C/D existem no 1º e 3º mês 6 itens e como cada item tem uma escala que varia de 1 (muito fácil) a 7 (muito difícil), sendo o 4 a "dificuldade média", o total para cada sujeito poderia variar entre 7 e 42 com 24 como valor intermédio. Se a média obtida por nós varia entre 17 e 20 isso significa que a maioria das mães avalia os seus filhos entre fáceis e de dificuldade média.

Quanto à escala IMP as médias estão também entre muito fácil de prever e dificuldade média.

Como segunda constatação, verificamos que a média decresce do 1º para o 3º e do 3º para o 6º mês tanto na subescala CD como na subescala IMP como se pode verificar pelo quadro nº 12. As diferenças (após correcção do efeito produzido pelo nº desigual de itens) são para a variável C/D, chorão/difícil, significativas entre o 1º e o 3º mês,  $t(59)=5.84$ ,  $sig=.000$  e entre o 1º e o 6º mês  $t(56)=4.88$ ,  $sig=.000$ , e não significativa entre o 3º e o 6º mês; para a variável IMP, Imprevisível, são significativas entre o 1º e o 3º mês,  $t(59)=5.02$ ,  $sig=.000$ , e entre o 1º e o 6º mês,  $t(56)=5.61$ ,  $sig=.000$ ; e não significativo entre o 3º e o 6º mês.

### Quadro nº 12

Estatísticas descritivas das variáveis de temperamento nos três momentos de avaliação

Variável	Média	Des.Padr.	Mínimo	Máximo	N	nº itens
C/D1	22.55	6.42	6	39	60	6
C/D3	19.12	5.77	8	36	60	6
C/D6	15.75	4.94	8	25	57	5
IMP1	9.32	2.80	3	18	60	3
IMP3	10.40	3.10	4	19	60	4
IMP6	12.39	3.71	5	23	57	5

C/D1 - Chorão/difícil/activo

C/D3 - Chorão difícil

C/D6 - Lábil

IMP1 - Imprevisível

IMP3 - Imprevisível/difícil

IMP6 - Imprevisível/difícil

### Comparação com os resultados de Bates e Kohnstamm

Vamos proceder agora a uma comparação dos resultados descritivos obtidos neste estudo com os de Kohnstamm e os de Bates. Faremos dois tipos de comparações, das médias das subescalas e das médias dos itens.

#### *(1) Comparação de subescalas*

As análises factoriais proporcionaram subescalas diferentes, no número de itens e tipos de itens que as constituem, embora semelhantes, nos três estudos. Para podermos fazer uma comparação fazemos nos três estudos a média para os itens que constituem a escala Chorão/Difícil proposta no quadro 11. Foi possível estimar essas médias através dos dados da página 47 de Kohnstamm (1984) sobre as médias nos itens do estudo de Kohnstamm e de Bates.

Fazendo a média para os itens que constituem a escala Chorão/difícil obtemos no estudo de Kohnstamm a média 19.36 para os 3-4 meses e 19.02 para os 5-6 meses. Se compararmos com as médias obtidas no nosso estudo verificamos que a média dos 3 meses é idêntica e que a dos 5-6 meses é ligeiramente mais alta que a obtida por nós (veja tabela nº12). No estudo de Bates a média para os 6 meses seria 18.07, portanto semelhante à média obtida por nós aos 6 meses.

## *(2) Comparação dos itens*

Da análise das médias dos itens, ver quadro nº13, e da comparação destes dados com os de Kohntamm e os de Bates fazemos duas constatações. A primeira, é que as médias dos 3 meses no nosso estudo tendem a ser mais baixas que as dos 3-4 meses de Kohnstamm; as médias dos 6 meses são idênticas às dos 6 meses de Bates e mais baixas que as dos 5-6 meses de Kohnstamm.

A segunda constatação consiste no facto de que a quase totalidade dos itens dos 3 meses apresentar uma média mais baixa do que no 1º mês. O mesmo se passa do 3 para o 6 mês. A análise dos dados de Kohnstamm também permite verificar que existem mais itens a diminuir no valor da média do 3-4 mês para o 5-6 mês (ver Kohnstamm, 1984 pag. 47). Este facto traduz-se no decréscimo das medidas das subescalas C/D e IMP referidas anteriormente neste estudo, a média decresce do 1 para o 3 e do 3 para 6 mês e está de acordo com o que se encontra no estudo de Kohnstamm e nos dados de Bates reavaliados por Kohnstamm (Kohnstamm, 1984, pag. 30). Se conjugarmos estes dados com o facto de as crianças a partir dos 6 meses e de acordo com os dados de Kohnstamm serem avaliadas progressivamente como mais difíceis (Kohnstamm fez avaliações aos 3, 6, 9, 12, e 15 meses), no estudo de Bates os valores de Choro/dificuldade também são mais altos aos 12 meses do que aos 6, conclui-se que a

percepção de dificuldade da mãe sofre a seguinte evolução: Diminui do 1 para o 6 mês para depois voltar a aumentar. Esta diminuição encontrada neste estudo pode corresponder a um dos três factores que passamos a descrever e às suas combinações.

(1) Ao facto de as crianças inicialmente chorarem mais. Os bebés vão chorando progressivamente menos ao longo dos primeiros meses. (2) Ao facto de as mães conseguirem um ajustamento passados o primeiro ou primeiros meses e posteriormente, a partir do 6 mês ou talvez principalmente a partir do momento em que a criança começa a andar a criança ser muito mais activa e mais solicitadora e portanto produzir uma sensação de maior dificuldade porque surgem muito mais situações em que ela chora por querer coisas que a mãe não está interessada ou não pode satisfazer. Além disso, nesta idade começa a ser mais difícil convencê-la ou dissuadi-la e portanto é mais difícil calá-la. (3) Os resultados espelham o efeito de uma amostra específica. Isto é, poderá haver no conjunto da população um aumento progressivo, pelo menos depois dos 3 meses, mas em algumas mães, sobretudo mais velhas e com mais escolaridade (como as que utilizámos), a sensação de dificuldade diminuir do 1 para o 6 mês.

### Quadro nº 13

Estatística descritiva dos itens de temperamento no 1, 3 e 6 mês.

item	1 mês			3 mês			6 mês		
	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N
1	3.18	1.21	60	2.67	.97	60	2.49	1.05	57
2	3.23	1.31	60	2.73	1.07	60	2.63	1.01	57
3	2.47	.98	60	2.23	.81	60	2.25	.83	57
4	3.62	1.19	60	3.08	1.14	60	2.84	.96	57
5	2.73	1.10	60	2.42	.77	60	2.25	.61	57
6	2.98	1.52	60	2.70	1.28	60	2.39	1.25	57
12	2.32	1.30	60	3.05	1.17	60	2.70	1.28	57
13	4.35	1.38	60	4.57	1.28	60	4.44	1.30	57
14	2.87	1.38	60	2.18	1.16	60	3.09	1.79	57
15	5.22	1.43	60	5.57	1.31	60	5.68	1.30	57
16	3.43	1.20	60	2.52	1.05	60	2.33	.99	57
17	3.17	1.26	60	2.05	.85	60	1.82	.78	57
19	4.87	1.08	60	4.63	1.48	60	4.82	1.43	57
21	2.78	1.35	60	2.35	1.18	60	2.18	.95	57
22	3.45	1.43	60	3.42	1.50	60	2.75	1.34	57
23	3.58	1.18	60	2.20	.95	60	2.14	.97	57
24	3.23	1.23	60	2.97	1.31	60	2.75	1.30	57

### **(6) Análise da escala de impaciência/irritabilidade: Consistência interna**

A escala de irritabilidade, que aparece no anexo B, apresenta Alphas de Cronbach elevados, (.84); (.85); e (.87) respectivamente no 1, 3, e 6 mês.

### **(7) Análise da escala de impaciência/irritabilidade: Estabilidade temporal**

Como se pode constatar no quadro 14 as correlações teste-reteste encontradas são elevadas. A correlação encontrada por Engfer (1986) não é comparável às encontradas nestes estudos porque o intervalo de tempo é muito maior. Para um intervalo de 14 meses aquela correlação é ainda substancial.

#### **Quadro nº 14**

Valores de teste-reteste para a variável irritabilidade

Engfer (o reteste foi efectuado entre as avaliações do 4 e 18 mês)

(n=43) .69

Pires (são comparados os resultados do 1 e 3 mês portanto o reteste foi efectuado cerca de 8/9 semanas após o teste; do 3 e 6 mês, reteste efectuado cerca de 3 meses depois; e do 1 para o 6 mês, cerca de 5 meses depois).

do 1 para o 3 mês .73  
(n=57)

do 3 para o 6 mês .83  
(n=57)

do 1 para o 6 mês .71  
(n=57)

### (8) Análise da escala de impaciência/irritabilidade: Estatísticas descritivas

A primeira constatação que fazemos é que o valor médio da escala de irritabilidade é um valor baixo em todos os momentos de avaliação (ver tabela nº15). Na escala existem 11 itens e como cada item tem uma escala de 1 (irritabilidade mínima) a 4 (irritabilidade máxima), o total para cada sujeito poderia variar entre 11 e 44 com 27 como valor intermédio. Se a média varia entre 19 e 20 isso significa que a maioria das mães diz sentir-se entre pouco e moderadamente irritada.

As mães mais impacientes/irritadas são mães que perdem a calma por pequenas coisas, por vezes têm dificuldade em ser pacientes com os filhos, admitem ficar por vezes tensas e com vontade de gritar e abanar o bebé e que para elas ouvir o bebé chorar é um castigo; concordam que ficam aliviadas quando a criança dorme, admitem estar muitos dias à beira de um colapso e que por vezes eram capazes de começar a chorar quando a criança não se cala.

Como segunda constatação, verificamos que a média decresce do 1º para o 3º e do 3º para o 6º mês como se pode verificar pelo quadro nº 15: As diferenças são significativas entre o 1º e o 3º mês,  $t(59)=2.40$ ,  $sig=.019$ ; e entre o 1º e o 6º mês  $t(56)=2.84$ ,  $sig=.006$ , e não significativa entre o 3º e 6º mês.

**Quadro nº 15**

**Estatísticas descritivas da variável de irritabilidade nos três momentos de avaliação**

Variável	Média	Des. Padr.	Mínimo	Máximo	N	nº itens
Irr 1	20.52	4.56	11	31	60	11
Irr 3	19.50	4.17	11	26	60	11
Irr 6	19.16	4.56	11	30	57	11

**(9) Relação entre as variáveis demográficas, gravidez, parto e características do recém-nascido, e a impaciência e percepção de temperamento maternas.**

Foram analisadas as seguintes variáveis "demográficas": rendimento mensal do pai e da mãe, habilitações de ambos, nº de anos que estão casados, idade da mãe, o seu estatuto de emprego, quando recomeçou a trabalhar, e ainda, o tempo de gestação, o tipo de parto, o sexo da criança, o seu peso à nascença, e apgar aos 10 minutos.

Verificaram-se as seguintes relações significativas: 42 mães recomeçaram a trabalhar antes dos bebés fazerem 6 meses. A maioria recomeçou a trabalhar aos 3/4 meses, havendo algumas que recomeçaram aos 2 ou aos 5/6 meses. O momento em que recomeçaram a trabalhar está associado à sensação de Imprevisibilidade aos 3 meses ( $r(43)=.39$ , sig <.01). As mães que recomeçaram a trabalhar mais tarde aos 3 meses acham a criança mais imprevisível. Não existem diferenças entre as que recomeçaram a trabalhar até aos seis meses e aquelas que aos seis meses ainda não tinham recomeçado a trabalhar.

O peso à nascença também está relacionado negativamente com a Imprevisibilidade mas no 1 mês,  $r(59) = -.32$ , sig < .01. As crianças que nasceram com o peso mais baixo são descritas pelas mães como mais Imprevisíveis.

Finalmente, o rendimento do marido está relacionado negativamente com a sensação de impaciência da mãe no 1º mês,  $r(60)=-.33$ , sig < .01 e no 6º mês  $r(57)=-.33$ , sig < .01. Ou seja, quanto mais baixo é o rendimento do marido mais impacientes se sentem as mães no 1º e 6º mês de vida do bebé.

### (10) Relação entre a percepção de temperamento e a impaciência/irritabilidade

Da correlação encontrada entre as duas variáveis verificamos que existem vários valores significativos. As correlações são sempre positivas e tendem a ser entre baixa  $r = .24$  e moderada  $r = .51$  entre a Impaciência/Irritabilidade e a escala Chorão/Difícil e baixa (entre  $.19$  e  $.41$ ) para a relação entre a Irritabilidade e a escala Imprevisível. Conclui-se que existe uma relação entre os dois aspectos, quanto mais irritadas e impacientes são as mães mais elas tendem a achar os seus filhos chorões/difíceis e imprevisíveis. No entanto os valores significativos restringem-se quase apenas às medidas concorrentes.

#### Quadro nº 16

Correlação entre a escala Chorão/Difícil e a escala de Irritabilidade

	<b>FD1</b>	<b>FD3</b>	<b>FD6</b>
IRRI1	.43**	.33*	.35*
IRRI3	.19	.25	.29
IRRI6	.23	.23	.37*
	<b>IMP1</b>	<b>IMP3</b>	<b>IMP6</b>
IRRI1	.36*	.35*	.29
IRRI3	.25	.39*	.32*
IRRI6	.20	.34*	.37*

1-tailed Signif: \* - .01 \*\* - .001 (correlação de Spearman)

Estes cálculos não nos permitem, por agora, concluir se esta relação é independente do efeito de terceiras variáveis, e qual é o sentido de causalidade mais importante, isto é, se é o facto da mãe ser irritável que conduz a que ela veja a criança como difícil, ou se é, sobretudo, o facto da mãe achar difícil que faz com que ela tenda a irritar-se.

É possível que a criança que é difícil porque é chorona, chora alto, e tem variações frequentes e rápidas de humor, e que é difícil porque nunca se sabe quando é que vai precisar de comer, de mudar de fralda, ou o que é que a incomoda quando chora e que ainda é difícil de acalmar, acabe por fazer com que a mãe fique impaciente/irritada, isto é, perca a calma, fique tensa e com vontade de gritar à criança, impaciente e se sinta exausta. Por outro lado, é possível que as mães que por características próprias de "personalidade", por consequência do ajustamento e exigências do período pós-parto, ou por conflito com pessoas da sua rede social, se apresentem com menos paciência para o bebé, mais tensa, com menos calma e mais exausta, tenda sob esse humor negativo a estar susceptível e achar com facilidade que a criança chora de mais, a não suportar o choro da criança e achar que ela nunca mais se cala, e não ter paciência para ver o que incomoda o bebé, isto é, percepcionarem-na com temperamento chorão e imprevisível.

# **CAPÍTULO IX**

## **CONCLUSÃO**

Antes de mais queremos recordar que utilizámos uma avaliação de temperamento através de questionários preenchidos pelas mães. De acordo com este processo o temperamento deve ser encarado como uma percepção. Esta percepção é o produto de três factores: características próprias da criança, a subjectividade da mãe e erro psicométrico (Bates, 1980); e não deve ser equacionada como projecção enviesada por parte dos pais (Wolke et St. James-Roberts, 1986).

### **(1) SOBRE A ESTRUTURA DO TEMPERAMENTO**

A primeira constatação que fazemos é que é possível construir questionários de temperamento para os primeiros meses, nomeadamente 1 e 3 meses, com boas características psicométricas, preenchendo uma lacuna que existe entre os instrumentos já existentes para o período neonatal e para os 4-6 meses. A utilização de alguns itens, como o item 16 - Até que ponto o seu filho sorri e faz sons de satisfação? -, no 1º mês é contudo contestável porque o significado das respostas das mães a esta questão têm por enquanto um significado incerto. É certo que alguns bebés sorriem às vezes com esta idade, uma das crianças observadas por nós no estudo piloto sorriu mesmo mais de meia dúzia de vezes durante uma hora de observação, mas a maioria sorri raramente com um mês.

A Análise de Componentes Principais dos itens de temperamento proporciona nos três momentos de avaliação, 1º, 3º e 6º mês, 4 factores. Os três primeiros são idênticos do primeiro ao sexto mês apesar de não serem coincidentes. Dois dos factores relacionam-se com dificuldade mas num é predominante o choro (chorão/difícil) e noutra a previsibilidade do bebé numa série de actividades ou cuidados que a mãe tem de prestar (Imprevisível/difícil). O terceiro factor relaciona emoções positivas e actividade. O quarto factor não é interpretável e inclui apenas 1 ou dois itens no máximo. Apesar de se

poder identificar os mesmos factores nos três momentos de avaliação existem algumas alterações de uns momentos de avaliação para os seguintes. Existe portanto uma descontinuidade da estrutura de temperamento. Um item pode estar fortemente correlacionado com outros numa determinada idade mas noutra idade diferente estar pouco ou nada correlacionado com esses itens ou estar mais correlacionado com itens de outra dimensão comportamental. Este estudo revela que existem alterações do 1º para o terceiro e do 3º para o 6º mês. Alguns itens parecem "migrar" de um factor para outro através do 1º, 3º e 6º mês. Salientamos aqui uma dessas alterações. O nível de actividade (item 15), aparece no primeiro mês associado ao choro/dificuldade. Isto significa que as crianças que são mais activas choram mais e são avaliadas como mais difíceis. A partir do 3º mês o nível de actividade passa a estar menos associado a este factor e mais associado ao factor Encantador vs Aborrecido (ou Apático). Isto é, as crianças mais activas têm ao mesmo tempo um humor mais alegre, são mais sorridentes. Aos 6 meses a relação do nível de actividade com este factor torna-se ainda mais forte e a relação com o factor chorão/difícil mais fraca. Este resultado poderá ser explicado do seguinte modo. Rothbart (1989) refere que no período neonatal a expressão de perturbação ou "distress" (de que o choro é a principal manifestação) está relacionada positivamente com o nível de actividade. Ao fim do 1º mês estes dois aspectos poderão ainda estar bastante associados. Sendo assim, as crianças mais activas atingem com mais frequência estados de sobreexcitação e necessitam portanto mais vezes da intervenção da mãe para se acalmarem. Por outro lado, os bebés com um mês quando choram mexem os braços e a criança que chora muito pode dar à mãe a ideia de que é muito mexida. No 3º mês a criança já agita os braços e pernas em contextos associados a afecto positivo, por exemplo, em resposta ao aparecimento de um adulto, e aos 6 meses já pode estender os braços para ser pegado (além de se virar na cama, começar a sentar-se e a pôr-se de gatas). Estes resultados alertam-nos para a necessidade de explorar em maior profundidade o que significa para as mães a criança ser activa e para a necessidade de prestar mais atenção ao desenvolvimento da criança para compreender o temperamento;

como refere Engfer (1986) estas alterações ao longo do tempo ocorrem consoante as tarefas de desenvolvimento associadas a cada fase da relação mãe/criança.

### **Comparação com os resultados de Bates e Kohnstamm.**

**Como síntese**, referimos que a Análise de Componentes Principais evidencia no nosso estudo um conjunto de 3 dimensões semelhantes às encontradas por Bates e por Kohnstamm (temos de recordar que neste estudo são explorados apenas 17 itens dos 24 da escala original de Bates). As três dimensões globais estão relacionadas com o choro/dificuldade, Imprevisibilidade/dificuldade e Humor sério vs Alegre mais Actividade. Assim as semelhanças são mais salientes que as diferenças entre os três países, E.U.A., Holanda e Portugal.

Em todo o caso existem diferenças entre a solução encontrada neste estudo e nos outros dois estudos. Por exemplo, alguns itens aparecem com maior peso no factor 1 no estudo A do que no estudo B. Tanto neste estudo como no estudo de Bates aparece um factor Encantador vs Aborrecido (ou Apático como Bates o designou) que inclui o nível de acividade (item 15) e a expressão de afectos positivos. No entanto, a expressão de afectos, em vez de ser representada, como no estudo de Bates, pelo item 23, "o seu bebé fica excitado, alegre, quando as pessoas brincam ou falam com ele?", é representada pelos itens 16, (frequência do sorriso) e item 17, (humor alegre vs sério).

## (2) SOBRE A ESTABILIDADE TEMPORAL DO TEMPERAMENTO

A estabilidade temporal encontrada para as duas dimensões de temperamento estudadas tende a ser entre .55 e .70. Os valores são portanto superiores aos encontrados para a maioria dos estudos de dimensões de temperamento (.30 - .40). É contudo difícil dizer se os nossos resultados se devem ao curto intervalo de tempo utilizado (5 meses no máximo, entre o 1º e 6º mês), se ao facto de se terem concentrado nos primeiros seis meses, ou se a especificidade da amostra (70% têm um curso superior ou médio). Como se discutiu anteriormente as dimensões de temperamento sofreram algumas mudanças de estrutura e isso afecta a estabilidade temporal e aponta para a necessidade de explorar a baixa estabilidade temporal de algumas dimensões de temperamento como efeitos do desenvolvimento.

Como prevíamos a estabilidade temporal entre duas medidas tomadas em idades diferentes tende a ser mais alta se utilizarmos um conjunto de itens idêntico nos dois momentos, e menor se os itens avaliados num e noutro momento não forem exatamente os mesmos. Os valores de correlação neste caso passam a ser da grandeza de .50 a .80.

### **Sobre os dados descritivos:**

Quanto aos dados descritivos das dimensões de temperamento, eles indicam-nos que a sensação de dificuldade/choro e de dificuldade/imprevisibilidade diminuem do 1º para o 3º e do 3º para o 6º mês. Isto está de acordo com os resultados de Bates et al. (1979) e de Kohnstamm (1984) encontrados em idades semelhantes. Além disso, os resultados destes autores revelam que a sensação de dificuldade/choro aumenta a partir dos 6 meses. Isto significa que a sensação de dificuldade diminui nos primeiros meses e aumenta a partir da segunda metade do primeiro ano. A explicação para essa variação

poderá estar associada tanto à adaptação inicial da mãe ao bebé, como ao padrão de desenvolvimento de alguns comportamentos como o choro e a actividade motora.

### **(3) RELAÇÃO ENTRE CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E OUTRAS VARIÁVEIS DO BEBÉ E DA MÃE COM O TEMPERAMENTO INFANTIL E A IMPACIÊNCIA MATERNAL**

O **momento** em que as mães **recomeçam a trabalhar** está associada à sensação de bebé **Imprevisível**. As mães que aos 3 meses acham a criança mais Imprevisível recomeçaram a trabalhar mais tarde, i. e., aos 4, 5 e 6 meses. Não existem diferenças entre as que recomeçaram a trabalhar até aos seis meses e aquelas que aos seis meses ainda não tinham recomeçado a trabalhar. É difícil interpretar estes resultados sendo de admitir no entanto que as mães que sentem maior desorganização por parte do bebé, i. e., têm dificuldades em prever quando é que o bebé vai acordar ou adormecer, precisar de comer, o que a incomoda quando chora, e que têm dificuldades em acalmá-la, queiram prolongar um contacto mais estreito com a criança para o sentirem mais estável ou elas próprias se sentirem mais seguras antes de o deixarem diariamente com outras pessoas.

O **peso** à nascença também está relacionado com a **Imprevisibilidade**. As crianças que nasceram com o peso mais baixo são descritas pelas mães como mais Imprevisíveis quando os bebés têm 1 mês. Por agora é impossível saber se este resultado traduz uma associação do peso com a maturação fisiológica e regulação de funções biológicas do bebé, ou uma influência de maior preocupação da mãe sobre o modo de perceber e/ou reagir para o bebé.

O **rendimento do marido** está relacionado com a sensação de **impaciência** da mãe. Quanto mais baixo é o rendimento do marido mais impacientes se sentem as mães no 1º

e 6º mês de vida do bebê. Este resultado parece confirmar que as pressões exercidas por factores socioeconómicos podem traduzir-se em emoções negativas (McLoyd, 1990).

#### (4) RELAÇÃO ENTRE TEMPERAMENTO E IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE

**Como síntese**, referimos que a Impaciência/irritabilidade da mãe em relação à criança está associada à percepção que ela tem do temperamento da criança. As mães mais impacientes acham a criança mais chorona/difícil e imprevisível/difícil. Esta relação observa-se em termos concorrentes, sendo a relação mais forte entre a impaciência e temperamento chorão/difícil verificada no 1º mês. Em termos preditivos quase não existem relações significativas. Se recordarmos que as duas medidas de dificuldade utilizadas estão relacionadas com o choro percebemos que estes resultados confirmam a associação entre choro e a irritabilidade observada anteriormente. Frodi, Lamb, Leavitt e Donovan, (1978) mostraram que os pais relatam maior aborrecimento e irritabilidade, maior perturbação e activação do sistema nervoso quando ouviam bebés a chorar. Por seu lado, os resultados também confirmam a relação entre comportamento **difícil** e impaciência/irritabilidade. No modelo de Bugental e Shennum (1984) é predito que o comportamento **difícil** da criança elicitaf afecto negativo sobretudo se os pais atribuem o controlo da situação à criança (Bugental, Mantyla e Lewis, 1989). Dix et al. (1990) também confirmaram que os pais quando momentaneamente irritados tendem a fazer atribuições negativas para o comportamento dos filhos. O presente estudo não foi contudo delineado para testar qualquer destes modelos mas tão só para verificar a existência de relação significativa entre o temperamento e a impaciência/irritabilidade maternal.

A análise do conjunto das correlações entre as 2 variáveis nos três momentos de avaliação também não revelam um padrão que nos permita concluir qual é o sentido de

causalidade mais importante, isto é, se é o facto da mãe ser irritável que conduz a que ela veja a criança como difícil, ou se é, sobretudo, o facto da mãe achar difícil que faz com que ela tenda a irritar-se.

É possível que a criança que é **difícil** porque é chorona, chora alto, e tem variações frequentes e rápidas de humor, e que é **difícil** porque nunca se sabe quando é que vai precisar de comer, de mudar de fralda, ou o que é que a incomoda quando chora e que ainda é difícil de acalmar, acabe por fazer com que a mãe fique **impaciente/irritada**, isto é, perca a calma, fique tensa e com vontade de gritar à criança, impaciente e se sinta exausta. Por outro lado, é possível que as mães que por características próprias de "personalidade", por consequência do ajustamento e exigências do período pós-parto, ou por conflito com pessoas da sua rede social, se apresentem com menos paciência para o bebé, mais tensa, com menos calma e mais exausta, tenda sob esse humor negativo a estar susceptível e achar com facilidade que a criança chora de mais, a não suportar o choro da criança e achar que ela nunca mais se cala, e não ter paciência para ver o que incomoda o bebé.

**Como último comentário**, acrescentamos que o temperamento tal e qual como ele é avaliado pelo instrumento utilizado por nós, a escala de Bates, pode ser considerado uma percepção social. Como percepção social constitui uma simplificação que os pais fazem a partir de um conjunto vasto e complexo de exemplos de comportamento que observaram na criança em diversas situações e ao longo do tempo (Wolke e St James-Roberts, 1986). Mas como é que as pessoas passam de um ou mais comportamentos a uma representação relativamente estável e global? Como é que as mães, a partir de um ou mais episódios de choro constituem uma representação global do tipo a criança é "difícil" ou é "chorona". As teorias sobre a representação e atribuição sociais existentes não nos dão uma explicação capaz sobre este processo. Isto é, os vários modelos abordam as atribuições para um comportamento concreto mas não explicam como é que

o sujeito passa de atribuições específicas a um comportamento para uma percepção relativamente estável sobre o actor, ou da atribuição de uma disposição num determinado momento para uma atribuição de disposição estável. É certo que nos dão várias pistas como a comparação do comportamento do actor com o seu comportamento passado ou a clarificação dos enviesamentos que as pessoas fazem nas suas atribuições. Por exemplo, a teoria da covariância de Kelly fala-nos da comparação do comportamento do actor com o seu comportamento passado para determinar a distintividade e consistência; e o modelo da atribuição em duas etapas de Trope fala-nos nas pistas apiori. O modelo de Jones dá-nos pistas sobretudo para avaliarmos os vieses que os pais fazem nos processos atributivos. Como salientam St. James-Roberts e Wolke (1986) os processos pelos quais os pais abstraem características de temperamento da criança ainda são desconhecidos. Isto é, como é que se passa de um "processo contínuo" a uma "representação relativamente estável". As mães fazem provavelmente uma avaliação contínua dos processos que estão a utilizar e das tentativas de ajustamento desses processos às necessidades da criança. Isto é, desde o início a mãe vai procedendo aos cuidados da criança, age de acordo com os seus conhecimentos e crenças e de acordo com as necessidades evidenciadas pela criança. Sempre que a criança chora para além das expectativas da mãe ela procura agir de novo ou de modo diferente para ultrapassar essa situação; se o bebé continua a chorar, a mãe faz uma avaliação desse episódio, se este processo se repete com frequência, e portanto o bebé chora com frequência, a mãe tenderá a fazer avaliações dos vários episódios (que decorrem em dias, semanas ou meses) isto é do seu comportamento, do da criança e das consequências ou resultados. Estas avaliações devem diferir de mãe para mãe e ser influenciadas pelo grau de dificuldade apresentado pela criança, e pelas expectativas e atitudes das mães.

Em termos de **investigação futura** seria importante: (1) procurar replicar estes resultados tanto com amostras idênticas como com amostras diferentes da utilizada por nós; (2) efectuar cálculos separados para rapazes e raparigas; (3) avaliar o efeito de

algumas variáveis como o peso da criança à nascença ou o momento em que a mãe recomeça a trabalhar sobre a relação entre percepção de temperamento e impaciência/irritabilidade; (4) Conjugar os dados da percepção de temperamento recolhidos por questionários preenchidos pelos pais com dados de temperamento da criança observado directamente. Por exemplo, gravações audio do choro do bebé, recolha de frequências de choro e outros itens de comportamento do bebé quer observados directamente quer registados em vídeo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S.; Blehar, M. C.; Waters, E. e Wall, S. (1978) Patterns of attachment, Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Allport, G. W. (1937) Personality: A Psychosocial interpretation. New York: Holt.
- Averill, J. (1974) An analysis of psychosocial symbolism and its influence on theories of emotion. *Journal of the Theory of Social Behavior*, 4, 147-190.
- Averill, J. (1982) Anger and aggression: An essay on emotion. New York: Springer-Verlag.
- Averill, J. (1983) Studies on anger and aggression: Implications for theories of emotion. *American Psychologist*, 38, 1145-1160.
- Azar, S. T.; Robinson, D. R.; Hekimian, E. e Twentyman, C. T. (1984) Unrealistic expectations and problem solving ability in maltreating and comparison mothers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52, 687-691.
- Bandura, A. (1977) Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84, 191-215.
- Bandura, A. (1988) Self-efficacy in human agency. *American Psychologist*, 37, 122-147.
- Bates, J. E. (sem data) Information on the Infant Characteristics Questionnaire. Department of Psychology, Indiana University, Bloomington, IN 47405.
- Bates, J. E., (1980) The concept of difficult temperament. *Merrill-Palmer Quarterly*, (26), 4, 299 - 319.
- Bates, J. E. (1987) Temperament in infancy. In J. D. Osofsky (Ed.) *Handbook of infant development* (pp. 1101-1149). New York: Wiley.
- Bates J. E. (1989) Concepts and measures of temperament . In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in Childhood*. Chichester: John Wiley & Sons.

- Bates, J. E. e Bayles, K. (1984) Objective and subjective components in mothers' perceptions of their children from age 6 months to 3 years. *Merril-Palmer Quarterly*, (30), 2, 111-130.
- Bates, J. E., Freeland, C. A. B. e Lounsbury, M. L. (1979) Measurement of infant difficulty. *Child Development*, 50, 794-803.
- Bates, J. E., Olson, S., Pettit, G. e Bayles, K. (1982) Dimensions of individuality in the mother-infant relationship at six month of age. *Child Development*, 53, 446-461.
- Bauer, W. D. e Twentyman, C. T. (1985) Abusing, neglectful, and comparison mothers' responses to child-related and non-childrelated stressors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53, 335-343.
- Bell, R. Q. (1974) Contributions of human infants to caregiving and social interaction. In M. Lewis & L. A. Roseblum (Eds), *The effect of the infant on its caregiver*. New York: Wiley.
- Bell, S. M. e Ainsworth, M. D .S. (1972) Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development*, 43, 1171-1190.
- Belle, D. (1982) Social ties and social support. in Belle (Ed.) *Lives in stress: Women and depression*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Belsky, J. (1984) Determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J. e Vondra, J. (1989) Lessons from child abuse: The determinants of parenting. In D. Cicchetti e V. Carlson (Eds.) *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect*. New York: Cambridge University Press.
- Berkowitz, L. (1983) Aversively stimulated aggression. *American Psychologist*, 38, 1135-1144.
- Berkowitz, L. (1987) Mood, self-awareness, and willingness to help. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 721-729.

- Berkowitz, L. (1990) On the formation and regulation of anger and aggression: A cognitive-neoassociationistic analysis. *American Psychologist*, 45 (4), 494-503.
- Berkowitz, L. e Heimer, K. (1989) On the construction of the anger experience: aversive events and negative priming in the formation of feelings. *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 22 1-37.
- Berkowitz, L. e Triccoli (1990) An examination of the assumptions in the demand characteristics thesis. With special reference to the Velten mood induction procedure. *Motivation and Emotion*, 10, 337-349.
- Bettes, B. A. (1988) Maternal depression and motherhood: Temporal and intonational features. *Child Development*, 59, 1089-1096.
- Birns, B. (1965) Individual differences in human neonates' responses to stimulation. *Child Development*, 6, 249-256.
- Birns, B. Barten, S. Bridger, W. (1969) Individual differences in temperamental characteristics of infants. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, 31, 1071-1082.
- Blaney, P. H. (1986) Affect and memory: A review. *Psychological Bulletin*, 99, 229-246.
- Boukydis, C. F. Z., Burgess, R. L. (1982) Adult psychological response to infant cries: Effects of temperament of infant, parental status, and gender. *Child Development*, 53, 1291-1298.
- Bousha, D. M.; e Twentyman, C. T. (1984) Mother-child interactional style in abuse, neglect, and control groups: natural observations in the home. *Journal of Abnormal Psychology*, 93, 106-114.
- Bower, G. (1981) Mood and memory. *American Psychologist*, 36, 1291-148.
- Bower, G. e Cohen, P. (1982) Emotional influences in memory and thinking: Data and theory. In S. Fiske e M. Clark (Eds.), *Affect and Social Cognition*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Brazelton, T. B. (1973) Neonatal Behavioral Assessment Scale. London: Spastics International Medical Publications.
- Brazelton, T. B. e Tronick, E. Z. (1980) Preverbal communication between mothers and infants. In D. R. Olson (Ed.) *The social foundations of language and thought* (pp. 299-315). New York: Norton.
- Brody, G. H. e Forehand, R. (1986) Maternal perceptions of child maladjustment as a function of the combined influence of child behavior and maternal depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54, 237-240.
- Brody, G. H. e Forehand, R. (1988) Multiple determinants of parenting: Research findings and implications for the divorce process. In E. M. Hetherington e J. D. Arateh (Eds) *Impact of divorce, single parenting, and stepparenting on children* (pp. 117-134) Hillsdale Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U.; Crouter, A. C. (1983) The evolution of environmental models in developmental research. in: P. Mussen (Ed.) *The handbook of child psychology*. New York: Wiley.
- Broussard, E. R., Hartner, M. S. S. (1971) Further considerations regarding maternal perception of the first born. In J. Hellmuth (Ed) *Exceptional infant: studies in abnormality*. vol 2, New York: Brunner/Mazel.
- Brown,, J. D. e Taylor, S. E. (1987) Affect and the processing of personal information: Evidence for mood-activated self-schemata. *Journal of Experimental Social Psychology*, 22, 436-452.
- Brun, J. (1986) *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70.
- Brunk, M. A. e Henggeler, S. W. (1984) Child influences on adult controls: An experimental study. *Developmental Psychology*, 20, 1074-1081.
- Bugental, D. B.; Blue, J. & Cruzcosa, M. (1986) Perceived control over caregiving outcomes: Implications for child abuse. *Developmental Psychology*, 25, 532-539.

- Bugental, D. B.; Mantyla, S. M. e Lewis, J. (1989) Parental attributions as moderators of affective communication to children at risk for physical abuse. In D. Cicchetti e V. Carlson (Eds.) *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (254-279). New York: Cambridge University Press.
- Bugental, D. B. e Shennum, W. A. (1984) Difficult children as elicitors and targets of adult communication patterns: An attributional behavioral transactional analysis. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 49 (1, serial n° 205).
- Burgess, R., e Conger, R. D. (1978) Family interaction in abusive, neglectful, and normal families. *Child Development*, 49, 1163-1173. Buss, D. M. (1981) Predicting parent-child interactions from children's activity level. *Developmental Psychology*, 17, 59-65.
- Buss, A. H (1989) Temperament as personality traits. In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in childhood*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Buss, A. H. e Plomin, R. (1975) *A Temperament theory of personality development*. New York: Wiley Interscience.
- Buss, A. H. e Plomin, R. (1984) *Temperament: early developing personality traits*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Buss, D. (1984) Marital assortment for personality dispositions: Assessment with three different data sources. *Behavior Genetics*, 14, 111-124.
- Campbell, S. (1979) Mother infant interaction as a function of maternal ratings of temperament. *Child Psychiatry and Human Development*, 10, 67-76.
- Carey, W. B. (1970) A simplified method for measuring infant temperament *The Journal of Pediatrics*, 77, 188-194.
- Carey, W. B. (1983) Some pitfalls in infant temperament research. *Infant Behavior and Development*, 6, 247-254.

- Carey, W. B.; McDevitt, S.C. (1978) Revision of the Infant Temperament Questionnaire. *Pediatrics*, 61, 735-739.
- Carlson, M. e Miller, N. (1987) Explanation of the relation between mood and helping. *Psychological Bulletin*, 102, 91-108.
- Chess, S. e Thomas, A. (1989) Issues in the clinical application of temperament In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in Childhood*. Chichester. John Wiley & Sons.
- Cohn, J. F. e Tronick, E. Z. (1983) Three-month-old infants' reactions to simulated maternal depression. *Child Development*, 54, 185-193.
- Colleta, N. D. (1979) Support systems after divorce: Incidence and impact. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 837-846.
- Colleta, N. D. (1981) Social support and the risk of maternal rejection by adolescent mothers. *Journal of Psychology*, (109) 191-197.
- Colleta, N. D. (1983) At risk for depression: a study of young mothers. *The Journal of Genetic Psychology*, 28, 971-928.
- Conger, R.; McCarty, J.; Yang, R.; Lahey, B.; Kropp, J. (1984) Perception of child, childrearing values and emotional distress as mediating links between environmental stressors and observed maternal behavior. *Child Development*, (55) 2234-2247.
- Cox, A.; Puckring, C.; Pound A.; Mills, M. (1987) The impact of maternal depression in young children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 28, 917-928.
- Crittenden, P. M. (1981) Abusing, neglecting, problematic and adequate dyads: Differentiating by patterns of interaction. *Merril Palmer Quarterly*, 27, 201-218.
- Crnicek, K. A.; Greenberg, M. T.; Ragozin, N.; Basham, R. (1983) Effects of stress and social support on mothers and premature and full-term infants. *Child Development*, 54, 209-217.

- Crockenberg, S. B. (1985) Toddlers' reactions to maternal anger. *Merrill-Palmer Quarterly*, 31 (4) 361-373.
- Crockenberg, S. (1986) Are temperamental differences in babies associated with predictable differences in care giving? in J. Lerner e R. L. Lerner (Eds.) *Temperament and social interaction in infants and Children*. New Directions for Child Development, (31) San Francisco: Jossey-Bass.
- Crockenberg, S. (1987) Predictors and correlates of anger toward and punitive control of toddlers by adolescent mothers. *Child Development*, 58, 964-975.
- Crockenberg, S. e Acredolo, C. (1983) Infant temperament ratings: A function of infants, or mothers, or both? *Infant Behavior and Development*, 6, 61-72.
- Crockenberg, S., e Smith, P. (1982) Antecedents of mother-infant interaction and infant irritability in the first three months of life. *Infant Behavior and Development*, 5 105-119.
- Cummings, M.; Iannotti, R. J.; Zhan-Waxler, C. (1985) Influence of conflict between adults on the emotions and aggression of young children *Developmental Psychology*, 21 495-507.
- Daniels, D., Plomin, R. e Greenhalgh, J. (1984) Correlates of difficult temperament in infancy. *Child Development*, 55, 1184-1194.
- Descartes, R. (publicação de 1973) *As paixões da alma*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Derryberry, D. e Rothbart, M. K. (1984) Emotion, attention, and temperament. In Izard, C. E.; Kagan, J. e Zajonc, R. B. (Eds.) *Emotions, cognition, and behavior* (pp. 132-166). Cambridge: Cambridge University Press.
- Dix, T. (1991) The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive process. *Psychological Bulletin*, 1, 3-25.
- Dix, T.; Grusec, J. E. (1985) Parental attribution process in the socialization of children. In I. E. Sigel (Ed) *Parental beliefs systems* (201-234), Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Dix, T.; Lochman, J. (1990) Social cognition and reactions to children: A comparison of mothers of aggressive and non aggressive boys. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 9, 418-438.
- Dix, T.; Reinhold, D. P. (1991) Chronic and temporary influences on mothers' attributions for children's disobedience. *Merrill Palmer Quarterly*, 37, 251-271.
- Dix, T.; Reinhold, D.; Zambarano, R. (1990) Mothers' judgment in moments of anger. *Merrill-Palmer-Quarterly*; Oct Vol 36(4) 465-486.
- Dix, T.; Ruble, D. N.; Grusec, J. E., Nixon, S. (1986) Social cognition in parents: Inferencial and affective reactions to children of three age levels. *Child Development*, 57, 879-894.
- Dix, T.; Ruble, D. N.; Zambarano, R. J. (1989) Mothers' implicit theories of discipline: Child effects, parent effects, and the attribution process. *Child Development*, 60, 1373-1391.
- Donovan, W. L.; Leavitt L. A. e Balling J. D. (1978) Maternal Physiological responses to infant signals. *Psychophysiology*, 1978, 15, 68-74.
- Downey, G. e Coyne, J. C. (1990) Children of depressed parents: An integrative review. *Psychological Bulletin*, 108, 50-76.
- Dumas, J. E. e Wahler, R. G. (1986) Indiscriminant mothering as a contextual factor in aggressive-oppositional child behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 13, 1-17.
- Dunn, J. e Munn, P. (1985) Becoming a family member: Family conflict and the development of social understanding in the second year. *Child Development*, 56, 480-492.
- Egeland, B. e Farber, E. A. (1984) Infant-mother attachment: Factors related to its development and changes over time. *Child Development*, 55, 753-771.

- Elder, G. H.; Jr., Liker, J. K.; Cross, C. E. (1984) Parent-child behavior in the Great Depression: Life course and intergenerational influences. In: P.B. Baltes and O. G. Brim (Eds.). Lifespan development and behavior, (6) New York: Academic Press.
- Emde, R. N. (1980) Emotional availability. A reciprocal reward system for infants and parents with implication for prevention of psychosocial disorders. In P. M. Taylor (Ed.), Parent-infant relationships (pp. 87-115) New York: Grune & Stratton.
- Engfer, A. (1986) Antecedents of perceived behaviour problems in infancy. In G. A. Kohnstamm (Ed.) Temperament Discussed: Temperament and development in infancy and childhood. Lisse (Neth): Swetz e Zeitlinger.
- Engfer, A. (1988) The interrelatedness of marriage and the motherchild relationship in: R. Hinde; J. Stevenson-Hinde. Relationships within families. Mutual influences. New York: Oxford University Press.
- Engfer A., Gavranidou, M. (1984) Sources of stress and support their impact on the mother-child relationship. Paper presented at the Inaugural European Conference on Developmental Psychology: Individual Developmental and Human Welfare, Groningen, Netherlands, August 28-31.
- Engfer, A., & Gavranidou, M. (1986) Antecedents and consequences of maternal sensitivity. A longitudinal study. In H. Rauh & Steinhausen (Eds.) Psychobiology and early development. Amsterdam: North Holland.
- Engfer, A.; Schneewind, K. (1982) Causes and consequences of harsh parental punishment. Child Abuse and Neglect, (6), 129-139.
- Epstein, S. (1984) Controversial issues in emotion theory. In P. Shaver (Ed.) Review of Personality and Social Psychology, vol. 5, 64-88, Beverly Hills, CA: Sage.
- Field, T.; Dempsey, J.; Hallock, N.; e Shuman, H. (1978) The mother's assessment of the behavior of her infant. Infant Behavior and Development, (1), 156-167.

- Field, M. T.; Greenberg, R. (1982) Temperament ratings by parents and teachers of infants, toddlers, and preschool children. *Child Development*, 53, 160-163.
- Field, T. M.; Healy, B.; Goldstein S.; Guthertz, M. (1990) Behavior-state matching and synchrony in mother infant interactions of nondepressed versus depressed dyads. *Developmental Psychology*, 26, 7-14.
- Field, T.; Sandberg, D.; Garcia, R.; Vega-Lahr, N.; Goldstein, S. e Guy L. (1985) Pregnancy problems, postpartum depression, and early mother infant interactions. *Child Development* 21 (6), 1152-1156.
- Finman, R. e Berkowitz, L. (1989) Some factors influencing the effect of depressed mood on anger and overt hostility toward another. *Journal of Research in Personality*, 23, 70-84.
- Fish, M., Crockenberg S. (1981) Correlates and antecedents of nine-month infant behavior and mother-infant interaction. *Infant Behavior and Development*, 4, 69-81.
- Fleming, A. S.; Ruble D. N., Flett, G. L. e Shaul, D.L. (1988) Postpartum adjustment in first-time mothers: Relations between mood, maternal attitudes, and mother-infant interactions. *Developmental Psychology*, 24, 71-81.
- Forehand, R.; McCombs, A.; Brody G. H. (1987) The relationship between parental depressive mood states and child functioning. *Advances in Behavioral Research and Therapy*, 9, 1-20.
- Frijda, N. H. (1986) *The emotions*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Frodi, A. e Lamb, M. E. (1980) Child abusers' responses to infant smiles and cries. *Child Development*, 51, 238-241.
- Frodi, A. M., Lamb, M. E., Leavitt, L.A., Donovan, W.L. (1978) Father' and mothers' responses to infant smiles and cries. *Infant Behavior and Development*, 1, 187-198.

- Frodi, A. M., Lamb, M. E., Leavitt, L.A., Donovan, W.L., Neff, C. e Sherry, D. (1978) Fathers' and mothers' responses to the faces and cries of normal and premature infants. *Developmental Psychology*, 14, 490-498.
- Frude, N.; Goss, A, (1979) Parental anger: A general population survey. *Child Abuse and Neglect*, 3, 331-333.
- Fullard, W.; McDevitt, S. C.; Carey, W. B. (1984) Assessing temperament in one-to-three-year-old children. *Journal of Pediatric Psychology*, (9), 205-216.
- Garbarino, J. (1976) A preliminary study of some ecological correlates of child abuse: The impact of socioeconomic stress on mothers: *Child Development*, (47) 178-185.
- Goldsmith, H. H. (1989) Behavior-Genetics approaches to temperament In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in childhood*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Goldsmith, H.H., Buss, A.H., Plomin, R., Rothbart M. K., Thomas, A., Chess, S., Hinde R. A. e MacCall, R.B. (1987) Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development*, 58, 505-529.
- Goldsmith, H. H. e Campos, O. (1982) Toward a teory of infant temperament. In R. Emde R. Harmon (Eds.) *Attachment and affiliative systems* (pp. 161-193). New York: Plenum.
- Goldsmith, H. H. e Campos, O. (1986) Fundamental issues in the study of infant temperament: The Denver Twin Temperament Study. In M. E. Lamb; A. L. Brown e Rogoff (Eds.), *Advances in Developmental Psychology* vol 4, (pp. 231-283). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Goldsmith, H. H.; Elliott, T. K. e Jaco, K. L. (1986) Construction and initial validation of a new temperament questionnaire. *Infant Behavior and Development*, 9, 144.
- Goldsmith, H. H.; Jaco, K. L. e Elliott, T. K. (1986) Genetic analyses of infant and early childhood temperament characteristics. *Behavior Genetics*, 16, 620.

- Gottman, J. M. e Katz, L. F. (1989). Effects of marital discord on young children's peer interaction and health. *Developmental Psychology* 25, 373-381.
- Greist, D. L.; Wells, K. C. e Forehand, R. (1979) An examination of predictors of maternal perceptions of maladjustment in clinic-referred children. *Journal of Abnormal Psychology*, 88, 277-281.
- Hagkull, B. e Bohlin, G. (1981) Individual stability in dimensions of infant behavior. *Infant Behavior and Development*, 4, 97-108.
- Hagkull, B. e Bohlin, G. (1986) Mother infant interaction and perceived infant temperament. *International Journal of Behavioral Development*, 9, 297-313.
- Heath, D. (1977) Some possible effects of occupation on the maturing of professional men. *Journal of Vocational Behavior* (11). 263-281.
- Heither, F. (1944) Social perception and phenomenal causality. *Psicologia* (1991) VIII, 1, 143-156 (publicado inicialmente em *Psychological Review*, 51, 1944).
- Hetherington, E. M. e Camara, K. A. (1984) Families in transition: The processes of dissolution and reconstituion. In R. D. Parke (Ed.) *the family* (pp. 398-439). Chicago: University of Chicago Press.
- Hinde, R. A. (1989) Temperament as an intervening variable. In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in childhood*. Chichester. John Wiley & Sons.
- Hinde, R. A. & Bateson, P. (1984) Discontinuities versus continuities in behavioral development and the neglect of process. *International Journal of Behavioral Developmental*, 7, 129-143.
- Hoffman, M. L. (1983) Affective and cognitive processes in moral internalization. In E. T. Higgins, D. N. Ruble & W. W. Hartup (Eds.), *Social cognition and social behavior developmental perspectives* (pp. 236-274). Cambridge: Cambridge University Press.

- Hubert, N.; Wachs, T.; Peters-Martin, P.; e Gandour, M. (1982) The study of early temperament: measurment and conceptual issues. *Child Development*, 53, 571-600.
- Hynan, D. e Grush, J. (1986) Effects of impulsivity, depression, provocation, and time on agressive behavior. *Journal of Research in Personality*, 20, 158-171.
- Ingram, R. E. e Kendall, P.C. (1986) Cognitive clinical psychology: Implications of an information processing perspective. In R. E. Ingram (Ed.) *Information processing approaches to clinical psychology*, New York: Academic Press.
- Isen, A. M. (1984) Toward understanding the role of affect in cognition In R. S. Wyer e T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition*, vol. 3 Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Ass. Inc pp 179-236.
- Isen, A. M.; Means B.; Patrick, R. e Nowicki, G. (1982) Some factors influencing decision-making strategy and risk taking. In M. S. Clark e S. T. Fiske (Eds.) *Affect and cognition* (pp. 243-261). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Isen, A. M.; Shalker, T., Clark, M. e Karp, L. (1978) Affect, acessibility of material in memory and behavior: A cognitive loop? *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 1-12.
- Izard, C. E. (1984) Emotion-cognition relationships and human development. In Izard, C. E.; Kagan, J. e Zajonc, R. B. (Eds.) *Emotions, cognition, and behavior*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Izard, C. E.; Kagan, J. e Zajonc, R. B. (1984) *Emotions, cognition, and behavior*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Johnson, M. H. e Magaro, P. A. (1987) Effects of mood and severity on memory processes in depression and mania. *Psychological Bulletin*, 101, 28-40.
- Johnson, J. E.; McGillicuddy-Delisi, A. (1983) Family environment factors and children's knowledge of rules and conventions. *Child Development*, 54, 218-226.

- Johnson-Laird e Oatley (1992). Basic emotions, rationality, and folk theory. In N. L. Stein e K Oatley (Eds.) Basic Emotions. A special issue of *Cognition and Emotion*. Hove: Lawrence Erlbaum Ass.
- Jones E. E. (1990) *Interpersonal perception*. Freeman and Company.
- Kelly, H. H. (1967) Attribution theory in social psychology. *Nebraska symposium of motivation*, 14, 192-241.
- Kelly, H. H. (1971) Attribution in social interaction. In E. E. Jones, D. Kanouse, H. H. Kelly. *Attribution: Perceiving the causes of behavior*. Morristown, N. J.: General Learning Press.
- Kelly, P. (1976) The relation of infant's temperament and mother's psychopathology to interactions in early infancy. In K. F. Riegel e J. A. Meacham (Eds.), *The developing individual in a changing world*. Chicago: Aldine.
- Kemper, T. e Reichler, M. (1976) Fathers work integration an fequences of rewards and punishments administered by fathers and mothers to adolescent sons and daughters. *Journal of Genetic Psychology*, 129, 207-219.
- Klein, P. (1984) The relation of Israeli mothers toward infants in relation to infant's perceived temperament. *Child Development*, 55, 1212-1218.
- Knutson, J. F. (1978) Child abuse as an area of aggression research. *Journal of Pediatric Psychology*, 3, 20-27.
- Kochanska, G.; Kuczynski, L.; Radke-Yarrow, M. e Welch, J.D. (1987) Resolutions of control episodes between well and affectively ill mothers and their young children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 15, 441-456.
- Kohnstamm, G. A. (1984) Bates' Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) in the Netherlands. Paper prepared for the fourth biennial international conference on infant studies. April 4-7 New York.
- Korner, A. F. e Thoman, E. B. (1972) The relative efficacy of contact and vestibular-proprioceptive stimulation in soothing neonates. *Child Development*, 43 443-453.

- Lahey, B. B.; Conger, R. D.; Atkenson, B. M. e Treiber, F. A. (1984) Parenting behavior and emotional status of physically abusive mothers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52, 1062-1071.
- Larrance, D.T. e Twenyman, C.T. (1983) Maternal attributions and child abuse. *Journal of Abnormal Psychology*, 92, 449-457.
- Lee, C., e Bates, J. (1985) Mother-Child interaction at age two years and perceived difficult temperament. *Child Development*, 56, 1314-1325.
- Leventhal, H. (1984) A perceptual-motor theory of emotion. In L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*, vol 17, 117-182, New York: Academic Press.
- Linn, P. e Horowitz, F. (1983) The relationship between infant individual defferences and mother-infant interaction during the neonatal period. *Infant Behavior and Development*, 6, 415-427.
- Longfellow, C.; Zelkowitz, P. e Saunders, E. (1982) The quality of mother-child relationships. In D. Belle (Ed.) *Lives in stress* (163-176) Beverly Hills, CA: Sage.
- Lounsbury, M. L. e Bates, J. E. (1982) The cries of infants of differing levels of perceived temperament difficultness: acoustic properties and effects on listeners. *Child Development*, 53, 677-686.
- Lyon M e Plomin, R. (1980) The measurement of temperament using parental ratings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 21, 1-7.
- Maccoby, E. E. (1980) *Social Development: Psychological growth in the parent-child relationship*. San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich.
- Maccoby, E. E. e Martin, J. A. (1983) Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) e E. M. Hetherington (vol. Ed) *Handbook of child psychology: vol 4. Socialization, personality, and development*. New York: Wiley.

- Mascie-Taylor, C. G. N. (1989) Spouse similarity for IQ and personality and convergence. *Behavior Genetics*, 19, 223-227.
- Mash, E. J. e Johnston, C. (1982) A comparison of the motherchild interactions of younger and older hyperactive and normal children. *Child Development*, 53, 1371-1381.
- Mathney, A. P., Jr Riese, M. L. e Wilson, R. S. (1985) Rudiments of infant temperament: Newborn to nine months. *Developmental Psychology*, 21, 486-494.
- Matheny, A. P., Wilson, R. S. e Thoben, A. S. (1987) Home and mother: relations with infant temperament. *Developmental Psychology*, 23, 323-331.
- McDevitt, S. C. e Carey, W. F. (1981) Stability of ratings vs. perceptions of temperament from early infancy to 1-3 years. *American Journal of Orthopsychiatry*, 51, 342-345.
- McLoyd, V. C. (1990) The impact of economic hardship on black families and children: Psychological distress, parenting and socioemotional development. *Child Development*, 61, 311-246.
- Miller, I. e Norman, W. (1979) Learned helplessness in humans: A review and attribution theory model. *Psychological Bulletin*, 86, 93-118.
- Milliones, J. (1978) Relationship between perceived child temperament and maternal behaviors. *Child Development*, 49, 1255-1257.
- Minton, C.; Kagan, J. e Levine, J. (1971) Maternal control and obedience in the two-year-old. *Child Development*, 42, 1873-1894.
- Moss, H. A. (1967) Sex, age and state as determinants of mother infant interaction. *Merrill-Palmer Quarterly*, 13, 19-36.
- Moss, R. H. e Moss, B. (1981) *Revised Family Environment Scale*. Palo Alto, CA: Consulting Psychology Press.

- Novaco, R. (1985) Anger and its therapeutic regulation. In C. Margaret e R. Rosenman (Eds.) Anger and hostility in cardiovascular and behavioral disorders New York: Hemisphere.
- Novaco, R. (1986) Anger as a clinical and social problem. In R. Blanchard e C. Blanchard (Eds.) Advances in the study of aggression. vol. 2 New York: Academic Press.
- Novaco, R. e Welsh, W. (1989) Anger disturbances: Cognitive mediation and clinical prescriptions. in: K. Howells and C. Hollin (Eds.) Clinical approaches to violence. John Wiley and Sons.
- Panaccione, V. F. e Whaler, R. G. (1986) Child behavior, maternal depression, and social coercion as factors in the quality of child care. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 14, 263-278.
- Pascoe, J. M.; Loda, F. A.; Jeffries, V. e Easp, J. A. (1981) The association between mothers' social support and the provision of stimulation to their children. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 2, 15-19.
- Passman, R. H. e Mulherin, R. K. (1977) Maternal punitiveness as affected by situational stress: An experimental analogue of child abuse. *Journal of Abnormal Psychology*, 86, 565-569.
- Peters-Martin, P. e Wachs, T. (1984) A longitudinal study of temperament and its correlates in the first 12 months. *Infant Behavior and Development*, 7, 285-298.
- Patterson, G. R. (1980) Mothers: the unacknowledged victims. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 45 (5, serial n° 186).
- Patterson, G. R. (1982) *Coercive family process*. Eugene, OR: Castalia.
- Pettit, G. e Bates, J. (1984) Continuity of individual differences in the mother-infant relationship from 6 to 13 months. *Child Development*, 55, 729-739.
- Piotrkowski, C. S. (1979) *Work and the family system: A naturalistic study of working-class and lower-middle class families*. New York: The Free Press.

- Pires A. P. (1992) A irritabilidade nas relações parentais. *Análise Psicológica*, 1, (X), 91-103.
- Platão (publicação de 1982) *Diálogos IV*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Plomin, R. (1981) Heredity and temperament: A comparison of twin data for self-report questionnaires, parental ratings, and objectively assessed behavior. In L. Gedda, P. Parisi e W. E. Nance (Eds.) *Twin Research 3. Proceedings of the Third International Congress on Twin Studies June 16 - 20 Jerusalem, 1980*.
- Plomin, R. (1986) *Development, genetics and Psychology*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Plomin, R. e Defries, J. C. (1985) *Origins of individual differences in infancy: The Colorado Adoption Project*. New York: Academic Press.
- Plomin, R. e Rowe D.C. (1977) Genetic and environmental etiology of social behavior in infancy. *Developmental Psychology* 15, 107113.
- Price, R. A. e Vandenberg, S. G. (1980) Spouse similarity in American and Swedish couples. *Behavior Genetics*, 10, 59-71.
- Prior, M.; Sanson, A.; Oberklaid, F. (1989) The Australian temperament project. In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in Childhood*. Chichester. John Wiley & Sons.
- Radke-Yarrow, M. (1990) Family environments of depressed and well parents and their children. *Issues of research methods*. In G. R. Patterson (Ed.) *Depression and aggression in family interaction* (169-184) Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rickard, K. M., Forehand, R.; Wells K. C.; Greist, D. L. e McMahon, R. J. (1981) Factors in the referral of children for behavioral treatment: A comparison of mothers of clinic-referred deviant, clinic referred non-deviant, and non clinic children. *Behavioral Research and Therapy*, 19, 201-205.
- Riese, M. L. (1987) Temperamental stability between the neonatal period and 24 months. *Developmental Psychology*, 23, 216-222.

- Rogers, T. R. e Forehand, R. (1983) The role of maternal depression in interaction between mothers and their clinicreferred children. *Cognitive Therapy and Research*, 7, 315-324.
- Rothbart, M. K. (1981) Measurement of temperament in infancy. *Child Development*, 52, 569-578.
- Rothbart, M. K. (1986) Longitudinal observations of infant temperament. *Developmental Psychology*, 22, 356-365.
- Rothbart, M. K. (1987) A psychobiological approach to the study of temperament. In G. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed*. Amsterdam: Swetz e Zeitlinger.
- Rothbart, M. K. (1988) Temperament and the development of inhibited approach. *Child Development*, 59, 1241-1250.
- Rothbart, M. K. (1989) Temperament and development. In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in childhood*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Rothbart, M. K. e Derrberry, D. (1981) Development of individual differences in temperament. In M. E. Lamb & A. L. Brown (Eds.) *Advances in Developmental Psychology*, vol. 1 Hillsdale , NJ: Erlbaum.
- Rule, B. G.; Taylor, B. e Dobbs, A. R. (1987) Priming effects of heat on aggressive thoughts. *Social Cognition*, 5, 131-144.
- Rutter, M. (1987) Continuities and discontinuities from infancy: In Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development*. New York: Wiley.
- Rutter M. (1989) Temperament: Conceptual issues and clinical implications. In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in childhood*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Sameroff, A. J.; Seifer , R. Elias, P. K (1982) Sociocultural variability in infant temperament ratings. *Child Development*, 53, 164-173.

- Sander, L. W. (1962) Issues in early mother-child interaction. *Journal of American Academy of Child Psychiatry*, 1, 141-166.
- Sander, L. W. (1969) The longitudinal course of early mother-child interaction: Cross case comparison in a sample of mother-child pairs. In B. M. Foss (Ed.), *Determinants of Infant Behavior*, vol, IV. London: Methuen.
- Sanson, A.; Prior, M.; Garino E.; Oberklaid, F. e Sewell, J. (1987) The structure of infant temperament: Factor analysis of the Revised infant Temperament Questionnaire. *Infant Behavior and Development*, 10, 97-104.
- Schachter, S. (1964) The interaction of cognitive and physiological determinants of emotional state. In L. Berkowitz (Ed.) *Advances in experimental social psychology* vol. 1, New York: Academic Press.
- Schachter, S. e Singer, J. (1962) Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. *Psychological Review*, 69, 379-399.
- Schaughency, E. A. e Lahey, B. B. (1985) Mothers' and fathers' perceptions of child deviance: Roles of child behavior, parental depression, and marital satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53, 718-723.
- Sherer, K. R. e Ekman, P. (1984) *Approaches to emotion*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Snyder, M. e White, P. (1982) Moods and memories: Elation, depression and remembering of the events of one's life. *Journal of Personality*, 50, 149-167.
- Spielberger, C. D.; Jacobs, G. e Russel, S. (1983) Assessment of anger: The State-Trait Anger Scale. In *Advances in Personality Assessment*, vol. 2 In J. N. Butcher e C. D. Spielberger, (Eds.) Hillsdale, N.J. Lea.
- Spielberger, C. D.; Johnson, E. H. ; Russell, S. F., Crane, R. J.; Jacobs, G. A. e Worden, T. J. (1985) The experience and expression of anger: Construction and validation of an anger expression scale. In M. A. Chesney e R. H. Rosenman, (Eds.) *Anger and Hostility in Cardiovascular and Behavioral Disorders*. New York: Hemisphere/McGraw-Hill.

- Spielberger, C. D.; Krasner, S. e Solomon, E. (1988) The experience, expression and control of anger. In M. P. Janisse (Ed.) Individual differences and stress. New York: Springer Verlag Publishers.
- Steele, B. (1987) Psychodynamic factors in child abuse (81-114). In R. Helfer e R. S. Kempe (Eds.) The battered child. Chicago: The University of Chicago Press.
- Stevens-Long, J. (1973) The effects of behavioral context on some aspects of adult disciplinary practice and affect. *Child Development*, 44, 476-484.
- St. James-Roberts, I. e Wolke, D. (1986) Bases for a socially referenced approach to temperament. In G. A. Kohnstamm (Ed.) *Temperament discussed: Temperament and development in infancy and childhood*. Lisse (Neth): Swetz e Zeitlinger.
- Strauss, M. A. (1979) Measuring intrafamilial conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 75-88.
- Susman, E. J., Trickett, P. K.; Iannotti, R. J.; Hollenbeck, B. E. e Zahn-Waxler, C. (1985) Child-rearing patterns in depressed, abusive and normal mothers. *American Journal of Orthopsychiatry*, 55, 237-251.
- Thomas, A. e Chess, S. (1977) *Temperament and Development*. New York: Brunner/Mazel.
- Thomas, A. e Chess, S. (1989) Temperament and personality. In G. Kohnstamm, Bates R. e Rothbart M. K. (Eds.) *Temperament in childhood*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Thomas, A., Chess, S. e Birch, H. G. (1968) *Temperament and Behavioral disorders in children*. New York: New York University Press.
- Thomas, A., Chess, S., Birch, H., Hertzig, M. e Korn, S. (1963) Behavioral individuality in early childhood. New York: New York University Press.
- Thomas, A.; Chess, S. e Korn, S. J. (1982) The reality of difficult temperament. *Merrill-Palmer Quarterly*, 28, 1-20.

- Thorgensen, A. M. e Kringlen, E. (1978) Genetic aspects of temperamental differences in twins. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 17, 433-444.
- Trickett, P. K. e Kuczynski, L. (1986) Children's misbehaviors and parental discipline strategies in abusive and nonabusive families. *Developmental Psychology*, 22, 115-123.
- Trickett, P. K. e Susman, E. J. (1988) Parental perceptions of child-rearing practices in physically abusive and nonabusive families. *Developmental Psychology*, 24, 270-276.
- Trope, Y. (1986) Identification and inference process in dispositional attribution. *Psychological Review*, 93, 239-257.
- Unger, D. G. e Wandersman, L. P. (1988) The relation of family and partner support to the adjustment of adolescent mothers. *Child Development*, 59, 1056-1060.
- Vasta, R. (1982) Physical child abuse: A dual-component analysis. *Developmental Review*, 2, 125-149.
- Vaughn, B.; Bradley, C. F.; Joffe, L. S.; Seifer, R. e Barglow, P. (1987) Maternal characteristics measured prenatally are predictive of ratings of temperamental "difficult" on the Carey Temperament Questionnaire. *Developmental Psychology*, 23, 152-161.
- Vaughn, B. E.; Taraldson, B. J. ; Crichton, L. e Egeland, B. (1981) The assessment of infant temperament: A critique of the Carey Infant Temperament Questionnaire. *Infant Behavior and Development*, 4, 1-17.
- Wahler, R. G. e Dumas, J. E. (1989) Attentional problems in dysfunctional mother-child interactions: An interbehavioral model. *Psychological Bulletin*, 105, 116-130.
- Warner, T. (1986) Anger and similar delusions. In R. Harré (Ed.) *The social construction of emotions*. Oxford: Basic Blackwell.

- Weiner, B. (1982) The emotional consequences of causal attributions. In M. C., Clark e S. T. Fiske (Eds.) *Affect and cognition*, 185-209 Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Weiner, B. (1985) An attribution theory of achievement motivation and emotion. *Psychological Review*, 92, 548-573.
- Weiner, B. (1986) *An attribution theory of motivation and emotion*. New York: Springer-Verlag.
- Weiner, B.; Graham, S. e Chandler, C. (1982) Pity, anger and guilt: An attributional analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 8, 226-232.
- Weiner, B.; Graham, S.; Stern, P. e Lawsen, M. E. (1982) Using affective cues to infer causal thoughts. *Developmental Psychology*, 18, 278-286.
- Weinraub, M. e Wolff, B. M. (1983) Effects of stress and social support on mother-child interaction in single and two-parent families. *Child Development*, 54, 1297-1311.
- Weissman, M. M. e Paykel, E. S. (1974) *The depressed woman*. Chicago: University of Chicago Press.
- Windle, M. e Lerner, R. (1986) The "goodness of fit" model of temperament-context relations: interaction or correlation? In J. V. Lerner e R. M. Lerner (Eds.) *Temperament and social interaction in infants and children*. *New Directions for Child Development*, 31. San Francisco: Jossey-Bass.
- Wolfe, D. A. (1985) Child abusive parents: An empirical review and analysis. *Psychological Bulletin*, 97, 467-482.
- Wolff, P. H. (1987) *The development of behavioral states and the expression of emotions in early infancy*. Chicago: University of Chicago Press.
- Wolke, D. e St James-Roberts, I. (1986) Maternal affective-cognitive process in the perception of newborn difficultness. In G. A. Kohnstamm (Ed.) *Temperament discussed: Temperament and development in infancy and childhood*. Lisse (Neth): Swetz e Zeitlinger.

- Zahn-Waxler, C.; Radke-Yarrow, M. e King, R. A. (1979) Childrearing and children's prosocial initiations towards victims of distress. *Child Development*, 50, 319-330.
- Zajonc, R. B. e Markus, H. (1984) Affect and cognition: The hard interface. In Izard, C. E.; Kagan, J. e Zajonc, R. B. (Eds.) *Emotions, cognition, and behavior*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Zeanah, C.; Keener, M. e Anders, T. (1986) Developing perceptions of temperament and their relation to mother and infant behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 27, 4, 499-512.
- Zekoski, E. M., O'Hara, M. W. e Wills, K. E. (1987) The effects of maternal mood on mother-infant interaction. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 15, 361-378.
- Zelkowitz, P. (1982) Parenting philosophies and practices. In D. Belle (Ed.) *Lives in stress* (154-163) Beverly Hills, CA: Sage.
- Zussman, J. (1980) Situational determinants of parental behavior: effects of competing cognitive activity. *Child Development* (51), 792-800.

## **ANEXO A:**

QUESTIONÁRIO DE TEMPERAMENTO

(INFANT CHARACTERISTICS QUESTIONNAIRE, Bates et al., 1979)



5. Quantas vezes por dia, em média, o seu bebé fica rabugento ou irritado?

- 1  nunca  
 2  1/2 vezes por dia  
 3  3/4 vezes  
 4  5/6 vezes  
 5  7/9 vezes  
 6  10/14 vezes  
 7  mais do que 15

6. Em geral, o seu bebé chora e rabuja:

- 1  muito pouco; bastante menos do que a maioria das crianças  
 2   
 3   
 4  tanto como a maioria das crianças  
 5   
 6   
 7  muito; bastante mais do que a maioria das crianças

12. Com que facilidade é que o seu bebé fica inquieto ou chora?

- 1  dificilmente fica perturbado  
 2   
 3   
 4  moderada  
 5   
 6   
 7  perturba-se facilmente

13. Quando o seu bebé rabuja ou chora (por exemplo, antes de comer, ao mudar as fraldas, etc.), fá-lo com vigor, chora alto?

- 1  chora muito baixinho  
 2   
 3   
 4  moderado  
 5   
 6   
 7  muito alto; é de uma pessoa fugir

14. Como é que o seu bebé reage quando o está a vestir?

- 1  bem, gosta  
 2   
 3   
 4  moderado  
 5   
 6   
 7  não gosta nada

15. O seu bebé é uma criança activa?

1  muito calma e quieta      2       3       4  moderada      5       6       7  muito activa e vigorosa

16. Até que ponto o seu filho sorri e faz sons de satisfação?

1  muito pouco: bastante menos do que a maioria das crianças      2       3       4  tanto como a maioria das crianças      5       6       7  muito: bastante mais do que a maioria das crianças

17. Como é o humor habitual do seu bebé?

1  muito alegre      2       3       4  nem sério nem alegre      5       6       7  sério

19. O seu bebé gosta que lhe peguem?

1  não gosta de estar ao colo      2       3       4  às vezes gosta, outras não      5       6       7  muito: quer estar sempre ao colo

21. É fácil ou difícil para si prever quando é que o bebé vai precisar de mudar a fralda?

1  muito fácil      2       3       4  dificuldade média      5       6       7  difícil

22. Até que ponto o humor do seu bebê é variável?

- 1  2  3  4  5  6  7   
raramente muda; muda devagar moderado muda com frequência e rapidamente

23. O seu bebê fica excitado, alegre, quando as pessoas brincam ou falam com ele?

- 1  2  3  4  5  6  7   
muito excitado moderado não fica excitado

24. Por favor, avalie o grau médio de dificuldade que o seu bebê representaria para a maior parte das mães.

- 1  2  3  4  5  6  7   
muito fácil normal; alguns problemas muito difícil

## **ANEXO B**

**ESCALA DE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE**

(EMKK, Codreanu, 1984; e Engfer, 1984)

### SOBRE A CRIANÇA (1)

(assinale uma cruz no centro de 1 dos 4 quadrados)

		Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
3	Ainda que procure fazer tudo certo, tenho dificuldades com o meu filho.				
18	Há muitos dias em que sinto estar à beira de um colapso.				
33	Pode acontecer que eu perca a calma mesmo por pequenas coisas.				
48	Quando o meu filho chora sem parar, eu sacudo-o para que haja sossego.				
63	Por vezes eu era capaz de desatar a chorar quando a minha criança recomeça a chorar.				
78	Eu fico aliviada quando o meu filho dorme e eu enfim tenho sossego.				
87	Às vezes tenho grande dificuldade em ser paciente com o meu filho.				
98	Ouvir o meu filho chorar é um castigo para mim.				
103	Às vezes fico tão tensa que tenho vontade de gritar e abanar o meu bebé.				
114	Por vezes, quando estou fora de mim, agarro no meu filho com mais força do que devia fazer.				
120	Às vezes estou tão fora de mim que bato no meu filho.				

## **ANEXO C:**

**QUESTIONÁRIO SOBRE DADOS SOCIO-FAMILIARES**

**DADOS SOCIO-FAMILIARES**

Data de Preenchimento \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

nome _____
local _____

**IDENTIFICAÇÃO**

nome \_\_\_\_\_

idade \_\_\_\_\_

**ESTATUTO PROFISSIONAL**1. empregada  
a tempo \_\_\_\_\_  
inteiro \_\_\_\_\_2. empregada  
a tempo \_\_\_\_\_  
parcial \_\_\_\_\_

3. desempregada \_\_\_\_\_

4. estudante \_\_\_\_\_

PROFISSÃO \_\_\_\_\_

**HABILITAÇÕES LITERÁRIAS**

1. analfabeto \_\_\_\_\_

2. sabe ler e escrever \_\_\_\_\_

3. 4ª classe \_\_\_\_\_

4. ciclo preparatório \_\_\_\_\_

5. ensino  
secundário \_\_\_\_\_6. ensino superior  
ou curso médio \_\_\_\_\_**ESTADO CIVIL**

1. solteira \_\_\_\_\_

2. casada \_\_\_\_\_

3. vivem juntos \_\_\_\_\_

Há quanto tempo vivem juntos? \_\_\_\_\_

**AGREGADO FAMILIAR**

1. é o seu primeiro filho? sim \_\_\_\_\_ não \_\_\_\_\_

2. vivem em sua casa outras pessoas para  
além de você e do seu companheiro? sim \_\_\_\_\_ não \_\_\_\_\_

Quem? especifique as relações de parentesco se as houver \_\_\_\_\_

RENDIMENTO MENSAL (indique apenas o seu rendimento)

até 35 _____	35-55 _____	55-75 _____
75-100 _____	100-125 _____	mais de 125 _____

RENDIMENTO MENSAL DO CONJUGE OU COMPANHEIRO

até 35 _____	35-55 _____	55-75 _____
75-100 _____	100-125 _____	mais de 125 _____

PROFISSÃO DO CONJUGE OU COMPANHEIRO \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DO CONJUGE OU COMPANHEIRO

1. analfabeto _____	2. sabe ler e escrever _____
3. 4ª classe _____	4. ciclo preparatório _____
5. ensino secundário _____	6. ensino superior ou curso médio _____

Quando pensa recomeçar a trabalhar depois do seu filho nascer? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tempo de gravidez? em meses \_\_\_\_\_ em semanas \_\_\_\_\_

O bebé é: um rapaz \_\_\_\_\_ uma rapariga \_\_\_\_\_ não sei \_\_\_\_\_

Para quando prevê o parto? \_\_\_\_\_

Local previsto para o parto \_\_\_\_\_

Como tem decorrido a gravidez? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Código \_\_\_\_\_

Telefone casa \_\_\_\_\_ emprego \_\_\_\_\_

Outro contacto \_\_\_\_\_

Muito obrigado pela sua colaboração

## **ANEXO D:**

### **DADOS BRUTOS**

## LISTA DOS ITENS DE TEMPERAMENTO

1A	T1B	T1C	"DIFICULDADE EM ACALMAR A CRIANÇA NO 1º 3º E 6º Mês"
2A	T2B	T2C	"DIFIC. EM PREVER QD VAI ACORDAR OU ADORMECER NO 1º 3º E 6º"
3A	T3B	T3C	"DIFIC. EM PREVER QUANDO VAI FICAR COM FOME NO 1º 3º E 6º Mês"
4A	T4B	T4C	"DIFIC. EM SABER O QUE A ESTÁ A INCOMODAR NO 1º 3º E 6º Mês"
5A	T5B	T5C	"FREQUÊNCIA DE CHORO OU RABUJICE POR DIA NO 1º 3º E 6º Mês"
6A	T6B	T6C	"SE CHORA OU RABUJA MUITO POR DIA NO 1º 3º E 6º Mês"
12A	T12B	T12C	"FACILIDADE COM QUE FICA INQUIETO NO 1º 3º E 6º Mês"
13A	T13B	T13C	"SE CHORA ALTO OU BAIXINHO NO 1º 3º E 6 Mês"
14A	T14B	T14C	"REACÇÃO AO VESTIR, GOSTA VS NÃO GOSTA NO 1º 3º E 6º Mês"
15A	T15B	T15C	"ACTIVA, CALMA VS ACTIVA E VIGOROSA NO 1º 3º E 6º Mês"
16A	T16B	T16C	"SORRI E FAZ SONS DE SATISFAÇÃO NO 1º 3º E 6º Mês"
17A	T17B	T17C	"HUMOR HABITUAL, ALEGRE VS SÉRIO NO 1º 3º E 6º Mês"
19A	T19B	T19C	"SE GOSTA QUE A PEGUEM AO COLO NO 1º 3º E 6º Mês"
21A	T21B	T21C	"DIFIC. PREVER QD PRECISA DE MUDAR A FRALDA NO 1º 3º E 6º"
22A	T22B	T22C	"VARIAÇÕES BRUSCAS OU RÁPIDAS NO HUMOR NO 1º 3º E 6º Mês"
23A	T23B	T23C	"SE FICA EXCITADO OU ALEGRE QUANDO BRINCAM COM ELE"
24A	T24B	T24C	"DIFIC. QUE REPRESENTA PARA A MAIORIA DAS MÃES NO 1º 3º E 6"

## ITENS DO 1º Mês

LIST T1A TO T6A T12A TO T17A T19A T21A TO T24A  
 FORMAT NUMBERED.

T	T	T															
1	2	3															
A	A	A	T4A	T5A	T6A	T12A	T13A	T14A	T15A	T16A	T17A	T19A	T21A	T22A	T23A	T24A	
7	7	4	7	6	6	6	6	4	7	4	4	4	4	6	4	4	
2	5	5	5	2	1	2	4	4	7	2	2	4	2	2	4	1	
5	5	2	4	4	5	6	7	4	7	1	4	7	2	4	5	5	
3	2	3	4	2	2	3	2	1	6	4	3	4	2	3	3	4	
3	3	3	3	3	5	3	6	5	6	2	3	5	2	5	3	6	
3	5	3	4	4	4	4	5	5	4	5	4	6	4	3	4	4	
3	2	3	4	4	4	4	6	2	6	6	3	5	6	5	4	4	
4	5	2	4	3	4	4	6	6	4	6	4	5	5	6	4	4	
2	1	3	2	3	2	3	3	1	6	1	2	5	1	5	6	3	
2	2	2	3	3	1	4	5	2	6	5	2	6	3	2	5	3	
5	2	2	3	6	7	6	7	1	6	4	6	5	1	6	3	7	
3	4	2	3	3	2	2	4	2	7	3	3	3	3	3	4	4	
3	4	2	3	5	3	4	6	1	6	4	4	5	3	5	3	4	
4	5	4	4	4	5	6	6	5	6	4	3	4	2	4	3	5	
2	2	1	2	2	4	4	5	2	7	3	3	4	3	4	3	3	
6	2	2	2	3	5	5	5	3	5	4	5	5	2	3	3	5	
2	3	2	2	2	3	2	3	1	4	2	2	4	1	2	4	2	
3	3	3	6	6	6	6	6	2	7	4	6	7	2	6	5	6	
2	3	2	3	2	3	4	4	4	4	4	5	4	2	1	3	4	
3	3	2	4	2	1	2	5	3	4	3	2	4	2	3	4	2	
1	4	4	3	3	2	3	3	2	7	2	2	4	3	4	3	3	
2	1	3	3	2	2	2	2	2	6	1	1	7	3	3	2	2	
3	3	4	2	3	2	1	2	3	1	5	2	2	4	1	2	2	
4	3	4	5	6	3	3	4	4	4	4	4	5	4	4	5	4	
5	4	4	2	3	3	4	3	5	2	3	5	6	2	2	7	3	

26	4	4	1	4	3	3	3	4	3	6	4	3	3	1	4	4
27	2	2	1	2	4	4	4	5	5	7	4	4	5	2	5	3
28	4	3	3	3	2	1	3	2	1	5	4	3	6	4	4	4
29	4	4	3	5	2	4	4	5	4	7	3	2	6	4	5	3
30	3	3	2	3	2	3	4	4	5	4	4	4	5	3	4	4
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	3	3	2	5	4	4	4	5	3	7	4	3	6	2	3	3
33	3	6	3	3	2	3	4	5	3	4	4	4	5	4	1	7
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	3	5	4	4	2	1	2	6	1	4	4	2	5	4	2	4
36	1	2	2	2	2	1	1	2	1	4	1	2	2	1	1	4
37	2	3	2	4	2	3	4	3	4	4	4	4	6	4	4	2
38	2	2	2	3	4	2	3	4	2	4	4	3	4	4	2	4
39	3	3	2	3	3	4	4	5	4	5	2	2	5	2	3	3
40	2	4	4	3	3	2	2	5	4	5	4	2	6	3	4	4
41	1	2	1	2	2	1	2	1	1	7	2	1	3	2	3	1
42	2	2	2	4	1	1	1	4	4	6	4	3	5	1	1	2
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	4	4	4	2	2	4	4	5	3	7	3	3	6	5	3	3
45	2	3	2	4	3	4	4	4	2	6	4	6	4	2	4	4
46	4	3	4	5	2	4	3	5	1	6	4	3	6	7	6	2
47	4	3	2	4	2	4	2	4	1	4	4	4	6	2	4	3
48	4	3	1	3	2	3	4	4	2	6	3	5	6	2	4	2
49	3	2	2	3	2	3	3	3	3	4	2	3	3	2	2	3
50	3	2	2	4	3	2	3	4	2	4	4	4	5	2	3	4
51	4	4	3	4	2	3	4	4	3	6	5	3	4	2	4	2
52	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	4	1	1	4
53	4	1	1	4	2	1	1	4	4	5	2	2	6	4	1	4
54	3	2	3	4	2	3	4	4	3	6	4	3	4	2	4	2
55	4	3	2	5	2	2	3	5	2	4	4	3	4	3	3	6
56	3	4	3	5	2	1	3	4	4	3	3	3	5	4	4	4
57	5	7	4	5	3	5	5	6	4	7	4	5	6	4	5	3
58	2	3	2	3	2	1	2	3	3	3	3	2	4	2	2	3
59	4	3	3	5	2	1	3	3	4	6	4	3	5	2	4	5
60	4	3	1	5	3	3	3	4	3	5	3	1	4	4	4	3
61	5	4	2	4	5	5	4	6	4	4	5	4	6	2	5	3
62	2	3	2	4	3	3	4	4	5	5	3	3	5	3	4	4
63	4	3	2	2	1	2	1	6	4	2	4	2	5	6	1	2

LISTA DOS ITENS DO 3º Mês

LIST T1B TO T6B T12B TO T17B T19B T21B TO T24B /FORMAT=NUMBERED.

	T	T	T														
se	B	B	B	T4B	T5B	T6B	T12B	T13B	T14B	T15B	T16B	T17B	T19B	T21B	T22B	T23B	T24B
1	4	4	2	7	4	4	4	6	4	6	4	4	4	4	4	4	5
2	3	6	5	2	3	3	2	4	3	7	3	2	5	4	4	2	2
3	1	4	2	2	3	5	5	6	1	7	2	1	7	2	4	2	6
4	3	1	3	3	2	2	2	4	1	6	3	2	2	2	1	1	2
5	3	4	2	3	4	4	5	6	5	7	2	2	4	2	6	2	5
6	2	2	2	2	3	2	2	4	4	3	2	2	5	2	1	2	2
7	2	2	2	2	2	2	3	5	2	5	2	2	2	2	4	2	4

3	3	2	4	2	3	4	5	1	4	1	2	4	4	5	2	2	2
2	2	1	2	2	1	2	4	1	6	1	6	5	5	5	2	2	1
2	3	2	4	1	1	1	3	1	6	2	6	6	6	2	2	1	
3	3	2	2	2	4	2	5	1	7	1	7	3	5	5	1	4	
4	2	2	1	4	1	3	3	1	7	2	6	5	6	2	3	3	
3	3	2	4	2	4	5	6	4	7	3	7	4	6	4	2	4	
4	3	4	5	5	4	2	6	2	7	3	6	4	4	4	2	5	
3	2	1	2	2	2	4	6	2	6	4	6	5	2	2	1	6	
3	3	2	4	2	3	2	6	2	7	1	6	7	4	4	2	6	
2	2	2	4	2	3	4	5	4	5	3	5	4	4	2	4	5	
2	4	2	4	4	1	2	4	3	7	2	4	4	6	4	2	2	
2	4	4	3	4	2	4	4	1	6	1	4	6	3	2	1	1	
1	2	1	3	2	1	2	5	4	4	2	5	4	2	4	4	4	
2	2	2	2	2	4	4	6	3	7	3	6	7	5	4	4	4	
4	5	4	6	3	2	4	4	4	6	3	4	4	4	4	3	4	
3	2	2	4	3	3	3	6	2	7	3	6	2	1	4	4	4	
3	2	2	4	3	4	4	4	3	4	4	4	2	2	2	2	3	
4	4	2	4	4	5	4	2	1	7	2	5	6	2	3	2	4	
4	4	2	3	3	4	4	3	2	9	9	9	9	9	9	9	9	
9	9	9	9	9	9	9	9	9	7	2	7	7	7	4	2	2	
2	4	3	3	3	4	4	5	1	4	2	4	9	4	4	3	1	
4	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	5	4	4	9	9	
5	2	3	4	2	1	2	4	1	5	3	6	4	4	2	4	2	
3	1	2	2	3	2	3	3	3	3	2	3	1	2	2	1	3	
7	2	1	3	4	2	3	6	2	4	4	4	5	4	4	3	1	
3	3	4	4	3	3	2	6	4	7	1	7	5	4	2	2	2	
9	2	2	3	2	2	2	5	2	6	2	6	4	2	2	1	1	
0	2	2	3	2	2	2	2	2	7	2	7	4	2	2	2	2	
1	2	1	3	2	2	2	4	2	6	2	6	5	2	3	1	3	
2	2	2	3	2	1	2	9	9	9	9	9	9	6	4	9	9	
3	9	9	9	9	4	4	5	1	7	1	7	7	6	2	1	3	
4	5	4	3	3	4	2	4	2	6	2	6	7	4	4	2	4	
5	3	4	4	4	4	3	4	1	7	3	7	6	2	5	1	3	
6	2	3	2	4	4	3	6	2	6	3	6	5	4	2	2	3	
7	3	4	4	4	3	3	4	4	5	3	5	6	1	4	4	4	
3	2	2	2	2	2	2	6	4	6	2	5	6	2	2	2	3	
9	1	2	2	2	2	2	3	2	3	2	3	5	2	2	2	2	
0	3	2	3	3	3	4	4	2	6	3	4	4	2	4	2	3	
1	4	4	4	3	4	2	5	3	7	4	5	6	2	5	2	2	
2	1	1	1	1	1	1	2	2	6	2	2	7	1	1	2	2	
3	2	1	2	2	2	4	5	1	5	1	4	5	3	2	3	2	
4	3	3	3	3	2	2	5	2	4	2	7	4	2	3	2	2	
5	3	3	2	2	2	4	6	4	5	3	5	6	2	4	1	3	
6	2	2	2	3	2	4	5	2	6	2	6	6	1	4	2	4	
7	2	3	3	3	2	1	5	2	6	2	5	4	4	2	3	2	
8	3	3	2	3	2	1	3	1	5	2	2	6	4	2	2	2	
9	4	3	2	2	4	2	4	2	6	2	5	2	2	4	2	4	
0	4	2	3	4	4	4	4	4	4	4	4	6	6	6	2	5	
1	5	4	2	4	5	5	6	4	5	4	5	4	2	4	2	4	
2	2	2	1	2	3	4	5	4	6	2	6	6	1	4	2	4	
3	2	4	3	3	1	4	6	1	6	4	4	4	4	3	1	1	

ITENS DO 6º Mês

LIST T1C TO T6C T12C TO T17C T19C T21C TO T24C  
/FORMAT NUMBERED.

Case	T T T			T4C	T5C	T6C	T12C	T13C	T14C	T15C	T16C	T17C	T19C	T21C	T22C	T23C	T24C
	1	2	3														
1	4	4	4	4	3	4	4	4	3	6	3	3	4	4	4	3	
2	2	3	3	2	2	3	4	4	1	5	2	1	5	2	4	3	
3	2	3	2	3	2	4	4	6	2	6	6	2	6	2	4	1	
4	2	1	2	2	2	1	1	5	1	6	2	2	3	1	2	4	
5	4	4	3	4	3	4	4	5	6	6	2	2	3	3	3	2	
6	4	4	3	4	2	1	1	4	2	7	2	2	6	4	2	2	
7	2	2	4	3	2	2	2	5	6	7	2	1	6	1	4	2	
8	3	3	3	5	2	3	4	3	5	5	2	2	6	3	4	2	
9	2	2	2	3	2	1	1	5	1	7	3	1	6	3	2	2	
10	1	4	3	3	2	2	2	4	1	6	2	1	5	2	2	2	
11	4	2	2	2	2	2	3	4	5	7	1	1	5	2	4	1	
12	3	3	3	3	2	3	3	3	4	6	3	1	2	3	3	3	
13	2	4	2	3	3	4	5	6	5	6	3	2	5	2	5	2	
14	2	2	3	4	3	4	5	5	6	6	3	2	4	2	4	3	
15	1	1	1	1	2	1	2	4	4	7	1	1	3	1	1	2	
16	5	3	2	4	2	4	5	6	1	6	2	3	5	1	4	2	
17	1	1	1	2	2	1	1	4	1	2	3	2	4	2	1	2	
18	2	2	2	3	4	4	3	5	1	7	1	2	6	2	5	2	
19	3	2	3	3	2	3	4	4	3	6	2	3	6	3	1	2	
20	2	3	1	3	2	1	2	4	2	5	3	2	4	3	2	2	
21	3	3	2	4	2	1	2	3	3	7	2	1	3	4	2	3	
22	1	2	1	1	2	1	1	3	5	7	1	1	6	1	1	2	
23	2	3	3	2	2	2	3	2	2	4	3	3	4	2	3	2	
24	4	4	3	4	3	2	3	4	4	4	3	2	4	4	2	4	
25	3	5	2	3	2	3	3	6	5	7	4	3	4	2	2	2	
26	3	3	1	3	2	2	2	5	2	6	2	1	4	2	2	2	
27	2	2	2	3	4	4	4	4	4	6	4	3	5	1	1	4	
28	2	2	2	3	2	1	4	4	5	5	3	2	4	2	4	3	
29	4	3	3	3	2	4	2	6	6	7	2	1	3	2	3	3	
30	2	3	3	3	2	2	4	4	4	4	2	2	6	2	4	1	
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	
32	2	2	1	3	2	4	4	4	4	7	1	1	7	1	4	2	
33	2	3	4	3	4	4	3	5	7	4	2	3	7	4	4	2	
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	
35	2	3	2	3	2	2	2	6	2	5	3	3	9	9	9	9	
36	2	2	2	2	2	2	2	4	4	4	3	2	5	3	2	3	
37	2	1	2	2	3	3	4	3	3	4	3	4	2	2	2	2	
38	3	3	3	3	3	2	4	7	1	4	3	2	7	2	4	1	
39	2	2	1	3	2	1	2	4	2	7	1	1	4	3	4	2	
40	2	2	3	2	2	1	1	3	2	6	2	2	5	1	3	1	
41	1	1	2	2	2	1	1	4	2	6	3	1	4	2	2	1	
42	2	2	2	3	2	1	1	5	6	7	2	1	6	2	1	2	
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	
44	6	4	3	6	3	5	5	6	6	7	3	3	6	4	3	2	
45	2	4	2	2	3	4	4	4	4	6	2	1	7	2	2	4	

46	3	4	2	3	3	4	3	6	2	6	4	3	7	3	6	2
47	4	3	3	4	1	1	1	4	3	5	2	1	2	4	1	1
48	2	2	1	4	2	2	2	2	2	5	3	1	4	2	2	2
49	2	2	2	2	2	2	2	6	2	6	1	1	4	1	1	1
50	3	2	1	2	2	2	1	2	3	6	2	2	5	2	2	2
51	3	1	2	2	2	4	3	4	2	5	2	2	2	2	4	2
52	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	4	1	1	1
53	1	1	1	1	2	1	1	6	1	5	1	1	7	1	1	2
54	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
55	2	3	2	3	2	3	2	4	1	7	2	2	4	2	2	1
56	3	3	3	3	2	3	3	5	2	5	2	2	6	2	4	1
57	2	4	2	2	2	2	3	6	4	6	3	2	6	2	4	2
58	4	3	2	3	2	1	1	6	1	6	1	1	7	1	2	2
59	3	3	3	3	2	1	2	3	2	6	1	2	3	1	2	3
60	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
61	2	2	3	3	2	4	4	5	6	6	3	2	6	1	5	2
62	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
63	2	4	2	2	1	1	4	7	1	7	2	2	5	3	1	1

## LISTA DOS ITENS DE IMPACIÊNCIA

\*VAR LABEL A3A A3B A3C "TER DIFICULDADES COM A CRIANÇA"\*  
 \*A18A A18B A18C "SENTIR-SE A BEIRA DE UM COLAPSO"\*  
 \*A33A A33B A33C "PERDER A CALMA"\*  
 \*A48A A48B A48C "SACUDIR A CRIANÇA QUANDO ELA CHORA"\*  
 \*A63A A63B A63C "DESATAR A CHORAR"\*  
 \*A78A A78B A78C "FICAR ALIVIADA QUANDO A CRIANÇA DORME"\*  
 \*A87A A87B A87C "TER GRANDE DIFICULDADES EM SER PACIENTE COM O BÉBÉ"\*  
 \*A98A A98B A98C "OUVIR O MEU FILHO CHORAR É UM CASTIGO PARA MIM"\*  
 \*A103A A103B A103C "SENTIR-SE TENSA E TER VONTADE DE GRITAR..."  
 \*A114A A114B A114C "SENTIR-SE FORA DE SI E AGARRAR O BEBÉ COM FORÇA"\*  
 \*A120A A120B A120C "SENTIR-SE FORA DE SI E BATER NO BEBÉ".\*

## LISTA DOS ITENS DO 1º Mês

LIST A3A A18A A33A A48A A63A A78A A87A A98A A103A A114A A120A  
 /FORMAT=NUMBERED.

Case	A3A	A18A	A33A	A48A	A63A	A78A	A87A	A98A	A103A	A114A	A120A
1	3	3	3	2	3	3	2	2	2	2	1
2	1	1	1	1	2	3	1	1	1	1	1
3	3	2	2	2	3	3	3	1	2	1	1
4	2	3	3	1	3	3	2	2	1	2	1
5	2	2	2	2	2	3	2	2	2	1	1
6	3	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2
7	3	1	2	1	1	3	1	1	1	1	1
8	3	2	2	2	2	3	3	2	1	1	1
9	3	2	2	1	1	3	1	1	1	1	1
10	3	2	2	2	2	2	2	1	2	2	1
11	3	3	4	2	3	4	3	3	3	2	1
12	2	2	3	1	2	3	2	3	1	1	1
13	3	3	3	1	3	3	2	2	1	2	1
14	3	3	3	2	3	2	2	2	1	1	1
15	2	1	2	1	2	2	1	2	1	1	1
16	2	2	3	1	2	3	2	2	1	1	1
17	2	1	2	2	1	2	2	2	1	1	1
18	3	3	3	1	3	3	3	3	3	2	1
19	2	1	3	1	1	2	2	1	1	1	1
20	1	2	1	1	2	3	2	1	1	1	1
21	2	1	3	2	3	1	2	1	1	1	1
22	2	1	1	1	2	2	1	3	1	1	1
23	1	1	2	2	1	2	1	1	1	2	1
24	3	2	2	3	3	3	3	2	2	2	1
25	2	3	3	3	3	3	2	2	3	3	2
26	2	1	3	1	2	2	1	1	1	2	1
27	2	2	3	2	2	2	2	1	1	1	1
28	3	3	3	1	3	3	2	3	1	1	1
29	3	2	3	1	2	2	2	2	2	1	2
30	3	2	3	3	2	2	2	2	1	1	1
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	3	2	2	2	3	3	2	2	3	3	2
33	3	3	3	1	3	2	1	1	1	1	1

34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	1	1	2	2	1	2	1	1	1	1	1
36	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
37	1	1	2	1	2	2	2	2	2	2	1
38	2	1	2	1	2	3	2	2	1	1	1
39	2	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1
40	2	2	3	2	2	3	2	2	2	1	1
41	1	1	2	1	1	2	1	2	1	1	1
42	3	3	3	1	3	2	1	1	3	2	1
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	3	2	3	1	3	3	2	2	2	2	1
45	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
46	2	2	2	1	3	3	2	3	1	1	1
47	3	2	3	2	2	3	3	2	2	2	1
48	3	1	2	1	1	3	1	1	1	1	1
49	2	2	2	2	2	3	2	2	1	1	1
50	2	1	3	1	2	3	1	1	2	1	1
51	2	2	3	1	2	2	2	2	2	1	1
52	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
53	2	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1
54	2	1	2	2	2	2	2	3	1	2	1
55	3	3	3	1	3	3	3	2	3	2	1
56	2	1	1	2	2	2	1	1	1	1	1
57	2	3	3	2	3	2	2	1	1	2	2
58	2	2	1	2	3	2	2	2	2	3	2
59	3	2	3	1	2	3	2	1	1	1	1
60	3	2	3	2	2	3	2	2	2	2	1
61	3	2	4	3	3	4	4	2	2	2	1
62	2	2	2	1	3	3	1	2	1	2	1
63	1	2	3	1	1	3	1	2	1	1	1

## LISTA DOS ITENS DO 3º Mês

LIST A3C A18C A33C A48C A63C A78C A87C A98C A103C A114C A120C  
/FORMAT=NUMBERED.

Case	A3C	A18C	A33C	A48C	A63C	A78C	A87C	A98C	A103C	A114C	A120C
1	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
2	4	3	3	4	3	2	4	2	4	4	4
3	3	3	3	3	4	2	2	4	4	4	4
4	3	2	2	4	2	2	3	4	3	3	4
5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4
6	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
7	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4
8	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4
9	3	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4
10	3	4	3	4	4	3	3	3	4	4	4
11	2	2	2	3	3	2	3	2	2	4	4
12	3	2	3	4	3	2	3	3	4	3	3
13	2	3	2	4	3	3	3	4	3	3	4
14	3	2	3	3	2	3	3	3	4	3	4
15	3	4	3	4	3	3	3	4	4	4	4
16	4	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4
17	3	4	3	3	4	3	3	2	4	4	4
18	2	2	2	4	3	2	3	2	4	4	4
19	3	4	3	4	3	3	3	4	3	3	4
20	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4
21	3	4	2	3	2	3	3	4	4	3	4
22	3	4	4	4	3	4	4	3	4	4	4
23	3	4	3	3	4	3	3	3	3	3	4
24	3	3	3	3	3	2	2	3	3	2	3
25	3	2	2	3	2	2	3	3	2	3	4
26	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4
27	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4
28	4	3	3	4	3	2	3	2	4	4	4
29	3	3	3	4	3	2	3	3	3	3	4
30	2	3	2	3	3	3	3	3	4	3	4
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	3	3	2	3	3	2	2	3	3	3	3
33	2	3	2	4	3	3	3	1	4	3	3
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	3	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4
36	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
37	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3
38	3	4	3	3	3	3	3	2	3	3	3
39	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	3
40	3	3	3	4	3	2	3	2	4	4	4
41	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
42	3	3	3	3	2	3	3	3	4	4	4
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	4
45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
46	3	3	3	3	3	2	2	3	3	2	4
47	2	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3
48	3	3	3	4	4	2	4	4	4	4	4

49	3	3	3	2	3	2	3	2	3	3	4
50	3	3	3	4	3	3	4	4	4	4	4
51	3	3	2	4	3	3	3	3	4	3	4
52	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
53	4	3	2	3	2	2	4	2	4	4	4
54	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3
55	3	3	3	4	3	2	3	3	3	3	4
56	3	3	4	4	4	3	4	4	4	4	4
57	3	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4
58	2	3	3	3	3	2	3	2	3	2	4
59	3	3	3	4	3	3	3	4	4	3	4
60	3	3	2	3	3	2	3	3	3	3	4
61	3	3	2	3	3	2	2	4	3	3	4
62	4	4	3	4	4	2	3	3	4	4	4
63	3	3	2	4	3	3	3	2	2	3	4

## LISTA DOS ITENS DO 6º Mês

LIST A3C A18C A33C A48C A63C A78C A87C A98C A103C A114C A120C  
/FORMAT=NUMBERED.

Case	A3C	A18C	A33C	A48C	A63C	A78C	A87C	A98C	A103C	A114C	A120C
1	2	3	2	3	3	3	3	3	4	3	4
2	4	3	3	4	2	3	4	2	4	4	4
3	3	3	3	4	3	3	3	3	4	3	4
4	3	2	2	4	2	3	3	3	2	3	4
5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
6	2	3	3	3	3	3	2	4	4	3	4
7	3	4	3	4	4	2	2	4	4	4	4
8	3	4	4	4	3	4	3	3	3	3	3
9	3	3	3	4	3	2	4	4	4	3	4
10	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4
11	3	2	2	3	2	2	1	2	1	3	4
12	3	3	2	3	3	2	3	3	4	3	3
13	3	3	2	4	3	3	2	3	3	2	3
14	3	3	2	4	2	3	3	3	3	2	4
15	3	4	3	4	3	3	4	3	4	4	4
16	3	4	3	4	4	3	3	3	3	3	4
17	4	2	3	4	4	3	4	3	4	4	4
18	3	3	3	4	4	4	3	3	4	4	4
19	3	3	3	4	4	3	2	4	4	3	4
20	4	4	4	4	4	3	4	3	1	4	4
21	3	3	3	4	3	3	3	4	4	4	4
22	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4
23	4	4	3	4	4	3	4	4	4	4	4
24	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3
25	2	2	2	3	2	2	3	2	2	2	4
26	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4
27	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4
28	3	3	3	4	3	2	3	3	4	4	4
29	3	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4
30	3	4	2	4	3	3	3	3	4	4	4
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	2	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3
33	2	4	2	4	3	3	2	3	4	4	4
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	4	4	3	4	4	3	4	4	4	3	4
36	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4
37	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
38	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	3
39	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
40	4	2	2	4	3	2	3	2	3	3	4
41	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
42	3	3	3	4	3	3	3	3	4	3	4
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	3
45	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3
46	3	3	3	4	3	3	2	3	3	3	4
47	2	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3
48	3	3	3	4	4	2	4	4	4	4	4
49	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	4

50	4	4	3	3	3	2	3	4	4	4	4
51	4	3	2	4	3	3	4	4	4	4	4
52	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
53	4	3	3	4	3	2	4	1	4	4	4
54	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
55	4	3	3	4	3	2	3	3	3	3	4
56	3	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4
57	4	4	3	4	3	3	3	3	4	4	3
58	2	2	3	3	3	2	3	3	2	2	2
59	3	3	3	3	4	3	3	4	4	4	4
60	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
61	3	3	2	4	3	2	2	3	3	4	4
62	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
63	3	3	3	4	3	3	3	2	2	3	4

## LISTA DOS ITENS DOS DADOS DEMOGRÁFICOS

NO "NUMERO DE ORDEM"  
 PESON "PESO A NASCENÇA"  
 APGAR1 "APGAR AOS 5 MINUTOS"  
 APGAR2 "APGAR AOS 10 MINUTOS"  
 TG "TEMPO DE GESTAÇÃO"  
 PARTO "COMO DECORREU O PARTO"  
 RT "QUANDO RECOMEÇOU A TRABALHAR, EM MESES"  
 IDADE "IDADE DA MÃE"  
 EP "ESTATUTO PROFISSIONAL"  
 HBM "HABILITAÇÕES DA MULHER"  
 EC "ESTADO CIVIL"  
 TJ "HA QUANTO TEMPO VIVEM JUNTOS"  
 RMM "RENDIMENTO DA MULHER"  
 RMH "RENDIMENTO DO MARIDO"  
 HBH "HABILITAÇÕES DO MARIDO"  
 SC "SEXO DA CRIANÇA"  
 GRAV "COMO DECORREU A GRAVIDEZ".

LIST PESON APGAR2 TG PARTO RT IDADE EP HBM EC TJ RMM RMH HBH SC GRAV  
 /FORMAT=NUMBERED.

Case	PESON	APGAR2	TG	PARTO	RT	IDADE	EP	HBM	EC	TJ	RMM	RMH	HBH	SC	GRAV
1	2.050	10	40	1	5	34	1	5	2	3	5	7	6	1	1
2	2.850	10	42	1	0	29	3	6	2	3	6	7	6	2	2
3	2.950	10	41	2	0	27	4	6	2	5	4	4	6	2	1
4	3.150	99	40	1	0	21	3	5	2	2	1	4	5	2	1
5	2.640	10	40	1	0	22	4	6	3	1	1	7	6	2	1
6	3.350	10	40	2	5	32	1	5	2	9	6	6	6	1	1
7	2.850	10	40	3	3	27	1	6	2	3	6	7	6	2	1
8	3.580	10	40	3	3	27	2	6	2	1	6	7	6	1	1
9	3.450	10	42	1	0	28	3	6	2	3	1	7	6	2	1
10	3.650	10	40	1	3	25	2	6	2	3	2	7	5	1	1
11	3.450	10	40	1	3	27	1	6	2	2	7	7	5	1	1
12	3.260	10	42	1	9	28	1	6	2	3	4	7	6	1	1
13	3.400	10	40	1	0	29	3	6	2	4	1	7	5	2	1
14	3.700	99	42	1	3	26	1	5	2	9	4	7	9	2	2
15	3.650	10	40	1	3	28	1	6	2	2	5	7	6	2	1
16	3.100	10	40	1	1	24	1	6	2	1	5	7	6	1	1
17	3.500	10	40	2	3	24	1	6	2	2	7	7	9	1	1
18	3.220	10	41	3	1	24	1	6	2	2	5	6	6	1	1
19	3.400	10	38	1	4	35	2	6	3	1	7	7	6	1	1
20	3.200	10	40	1	4	31	1	6	2	8	6	5	6	1	2
21	3.450	10	39	1	4	31	1	6	2	5	7	7	6	1	1
22	3.650	10	40	1	9	24	1	6	2	2	5	7	5	1	1
23	3.240	10	40	2	3	28	1	5	2	2	4	6	6	1	1
24	3.070	10	39	3	6	28	1	5	2	3	3	5	6	2	1
25	3.350	10	40	1	4	30	1	6	3	1	6	3	5	2	1
26	3.550	10	40	2	4	30	1	6	2	3	6	7	6	1	1
27	3.800	10	41	1	4	30	1	6	2	2	5	6	6	1	1
28	3.450	10	39	2	5	29	1	6	3	4	6	6	6	2	1
29	4.000	10	40	1	4	30	1	6	2	3	6	7	6	2	2
30	3.300	10	41	2	2	32	1	6	2	3	1	6	6	1	2

31	9.9999	99 99	9 9	99 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9
32	9.9999	99 40	1 3	33 1	5 2	4 3	4 3	5 2	4 3	4 3	5 2	4 3	5 2	4 3
33	3.300	10 40	3 4	27 2	6 2	2 2	5 6	6 2	2 2	5 6	6 2	2 2	5 6	6 2
34	9.9999	99 99	9 9	99 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9
35	3.230	10 39	1 0	23 3	5 2	3 1	5 4	2 3	1 5	5 4	1 1	1 1	1 1	1 1
36	3.420	10 40	1 3	24 1	5 2	3 5	5 5	2 3	5 5	5 5	2 2	1 1	1 1	1 1
37	2.790	10 41	3 0	27 4	6 2	2 2	5 6	2 2	5 6	6 2	2 2	1 1	1 1	1 1
38	3.200	10 39	1 3	35 1	6 2	3 7	7 7	2 3	7 7	6 1	1 1	1 1	1 1	1 1
39	3.270	9 40	2 3	26 1	6 2	3 7	7 7	2 3	7 7	6 1	2 2	1 1	1 1	1 1
40	3.400	10 40	1 3	26 1	6 2	1 6	7 6	2 1	6 7	6 1	2 2	1 1	1 1	1 1
41	3.740	99 40	1 3	24 1	6 2	3 6	7 6	2 3	6 7	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
42	4.170	99 41	1 4	27 1	6 2	2 4	5 5	2 2	4 5	5 1	1 1	1 1	1 1	1 1
43	9.9999	99 99	9 9	99 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9	9 9
44	3.470	10 40	1 4	27 1	5 2	1 6	3 5	2 1	6 3	5 2	1 1	1 1	1 1	1 1
45	2.640	10 40	2 3	26 1	5 2	4 7	7 6	2 4	7 7	6 1	1 1	1 1	1 1	1 1
46	2.990	10 39	1 3	33 1	6 3	4 6	7 6	3 4	6 7	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
47	4.300	10 40	1 0	26 1	5 2	2 2	5 7	2 2	5 7	6 1	1 1	1 1	1 1	1 1
48	3.750	10 41	1 9	29 1	6 2	9 5	6 6	2 9	5 6	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
49	2.965	10 40	1 3	26 1	6 2	3 5	7 6	2 3	5 7	6 2	2 2	1 1	1 1	1 1
50	2.750	10 40	1 4	26 2	6 2	1 7	7 6	2 1	7 7	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
51	3.300	10 42	3 3	30 1	6 2	2 2	5 7	2 2	5 7	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
52	3.450	9 37	1 0	30 3	5 2	2 2	1 7	2 2	1 7	5 1	1 1	1 1	1 1	1 1
53	3.950	10 39	3 3	28 1	6 2	2 2	7 7	2 2	7 7	6 1	1 1	1 1	1 1	1 1
54	3.390	10 40	3 3	32 1	6 2	4 7	7 6	2 4	7 7	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
55	2.850	8 38	2 4	31 2	6 2	3 6	7 6	2 3	6 7	6 1	2 2	1 1	1 1	1 1
56	3.820	8 40	1 0	29 1	5 2	2 2	5 7	2 2	5 7	6 1	1 1	1 1	1 1	1 1
57	3.200	10 40	3 0	27 4	6 2	2 2	1 5	2 2	1 5	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
58	3.350	10 40	1 6	25 1	5 3	2 2	5 5	3 2	5 5	6 1	2 2	1 1	1 1	1 1
59	2.880	10 40	1 3	33 1	6 2	3 7	7 6	2 3	7 7	6 2	1 1	1 1	1 1	1 1
60	3.920	10 41	3 0	26 1	5 2	5 3	5 5	2 5	3 5	5 1	1 1	1 1	1 1	1 1
61	3.150	10 39	2 6	23 1	5 2	2 2	5 4	2 2	5 4	4 2	1 1	1 1	1 1	1 1
62	3.330	10 42	1 0	21 1	5 2	1 4	6 5	2 1	4 6	5 2	1 1	1 1	1 1	1 1
63	3.360	10 39	1 3	25 1	5 2	3 6	5 5	2 3	6 5	5 2	1 1	1 1	1 1	1 1